

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Christiane Maria Nunes de Souza

**PODER E SOLIDARIEDADE NO TEATRO
FLORIANOPOLITANO DOS SÉCULOS XIX E XX:
UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS FORMAS DE
TRATAMENTO**

Florianópolis

2011

Christiane Maria Nunes de Souza

**PODER E SOLIDARIEDADE NO TEATRO
FLORIANOPOLITANO DOS SÉCULOS XIX E XX: UMA
ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS FORMAS DE
TRATAMENTO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho

Florianópolis

2011

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nunes de Souza, Christiane Maria
Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos
séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas
de tratamento [dissertação] / Christiane Maria Nunes de
Souza ; orientadora, Izete Lehmkuhl Coelho -
Florianópolis, SC, 2011.
272 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Linguística.

Inclui referências

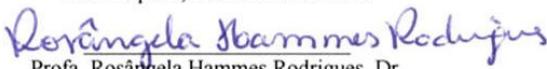
1. Linguística. 2. Formas de tratamento. 3.
Sociolinguística. 4. Peças de teatro. 5. Diacronia. I.
Coelho, Izete Lehmkuhl . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

Christiane Maria Nunes de Souza

**PODER E SOLIDARIEDADE NO TEATRO FLORIANOPOLITANO DOS SÉCULOS XIX
E XX: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DAS FORMAS DE TRATAMENTO**

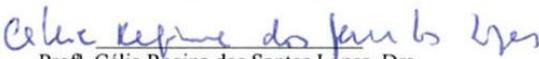
Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

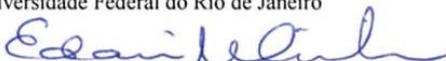
Florianópolis, 23 de maio de 2011.

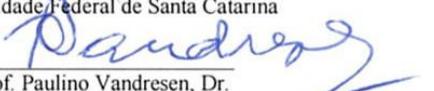

Profª. Rosângela Hammes Rodrigues, Dr.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:


Profª. Izete Lehmkuhl Coelho, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina


Profª. Célia Regina dos Santos Lopes, Dra.
Universidade Federal do Rio de Janeiro


Profª. Edair Maria Görski, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina


Prof. Paulino Vandresen, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina/ Universidade Católica de Pelotas

Aos pescadores, oleiros e rendeiras
de quem descendo
Dedico.

AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora, Izete Lehmkuhl Coelho, pela orientação, pela delicadeza, por me apresentar o VARSUL, por compreender meu ritmo de trabalho, por SEMPRE acreditar em mim e, principalmente, pelo exemplo.

À professora e amiga Edair Maria Görski, pela orientação informal, pelas leituras, pelo incentivo, pela crítica construtiva.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC, pelo que me ensinaram, por ouvirem minhas perguntas.

Às professoras Dra. Célia Regina dos Santos Lopes e Dra. Edair Maria Görski, por suas contribuições quando da qualificação do projeto.

Aos professores Dra. Célia Regina dos Santos Lopes, Dra. Edair Maria Görski, Dr. Paulino Vandresen e Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, por me concederem a honra de tê-los como banca examinadora.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por me proporcionar, desde 2004, ensino público, gratuito e de qualidade.

Ao CNPq, pelo fomento.

Aos colegas das disciplinas denominadas informalmente Variação Estilística I, II e III, pelas discussões, pela coautoria informal dessa dissertação.

Aos meus queridos amigos do Projeto VARSUL, Adriana de Oliveira Gibbon, Bruno Cardoso, Carla Regina Martins Valle, Diana Liz Reis, Fernanda Lima Jardim, Guilherme Henrique May, Ivelã Pereira, Patricia Floriani Sachet, Tatiana Pimpão e Wagner Saback Dantas, pela convivência, por dividirem um espaço tão especial.

Ao meu irmão Luiz, à amiga Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e à professora Vera Collaço, pela ajuda na busca por autores florianopolitanos.

À Patricia, por tudo.

À minha família e aos "agregados", por compreenderem minha ausência, por me incentivarem, cada um a seu jeito.

Agradeço.

[...] Lá no quintal estão tomando sol os Pronomes Fulano, Sicrano, Você, Vossa Senhoria, Vossa Excelência, Vossa Majestade e outros.

[...] O Pronome Você havia entrado do quintal e sentara-se à mesa com toda a brutalidade, empurrando o pobre Pronome Tu do lugarzinho onde ele se achava. Via-se que era um Pronome muito mais moço que Tu, e bastante cheio de si. Tinha ares de dono da casa.

Monteiro Lobato
Enília no país da gramática

*Eu vim para confundir, não para
explicar.*

José Abelardo Barbosa de Medeiros,
o Chacrinha

RESUMO

Com o aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])), o objetivo desta pesquisa é identificar as formas de tratamento utilizadas em 12 peças de teatro florianopolitanas dos séculos XIX e XX e sua relação com as dimensões de poder e solidariedade, teorizadas por Brown e Gilman (2003 [1960]). Os dois séculos são divididos em quatro períodos de 50 anos, e cada período é representado por três peças de teatro. Após a identificação das formas de tratamento, são destacadas as formas mais frequentes em cada período de 50 anos para se proceder a uma análise estatística multidimensional e revelar que grupos de fatores eram mais significativos na escolha por uma ou outra forma de tratamento. A tendência indicada pela análise dos grupos de fatores deve apontar que forma, dentre as duas ou três mais frequentes em cada período de 50 anos, estaria mais associada à dimensão de solidariedade e qual estaria mais associada à dimensão de poder. Como resultados, na primeira metade do século XIX, destacam-se como variáveis independentes significativas as ‘relações de intimidade’, a ‘faixa etária’, as ‘relações familiares’, a ‘audiência’ e as ‘relações profissionais’. A correlação entre os fatores e variável dependente indicam que a forma de tratamento TU, nesse período, estava mais associada à dimensão de solidariedade, e a forma O SENHOR estava mais relacionada à dimensão de poder. Na segunda metade do século XIX, os grupos de fatores relevantes são as ‘relações de intimidade’, a ‘classe social’, as ‘relações profissionais’ e a ‘faixa etária’. Os resultados parecem indicar que, nesse período, novamente a forma de tratamento TU estava mais associada à dimensão de solidariedade, ao passo que a forma O SENHOR estava mais relacionada à dimensão de poder. Na primeira metade do século XX, as variáveis independentes selecionadas pelo programa estatístico GoldVarb como mais relevantes são ‘ambiente’, ‘classe social’, ‘faixa etária’, ‘relações familiares’, ‘relações de intimidade’, ‘audiência’, ‘relações profissionais’ e ‘sexo/ gênero’. A correlação entre os fatores e as formas variantes parece indicar que, nesse período, a forma de tratamento TU estava mais associada à dimensão de solidariedade, a forma O SENHOR à dimensão de poder, e a forma VOCÊ estaria fluando entre as duas dimensões.

Na segunda metade do século XX, foram selecionadas como variáveis significativas as ‘relações familiares’, a ‘faixa etária’, o ‘ambiente’, o ‘sexo/ gênero’, as ‘relações de intimidade’, a ‘audiência’ e a ‘classe social’. Acredita-se que, nesse período, as formas TU e VOCÊ estivessem mais associadas à dimensão de solidariedade, enquanto O SENHOR estaria mais relacionada à dimensão de poder. Neste estudo ainda são brevemente suscitadas questões com relação ao papel dos grupos de fatores linguísticos, ao papel dos grupos de fatores socioestilísticos, à noção de *neutralidade*, teorizada por Cook (1994, 1997), à possibilidade de se considerarem as formas de tratamento como não sendo variantes de uma mesma variável e aos cinco problemas empíricos relacionados à mudança linguística, postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

Palavras-chave: Formas de tratamento; Sociolinguística; Peças de teatro; Diacronia.

ABSTRACT

Based on the theoretical and methodological support of the Theory of Linguistic Variation and Change (Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])), the aim of this piece of research is to identify the forms of address used in 12 plays written by authors born in Florianópolis in the 19th and 20th century and their relation to the dimensions of power and solidarity, theorized by Brown and Gilman (2003 [1960]). The two centuries are divided in four periods of 50 years, and each period is represented by three plays. After the identification of the forms of address, the most frequent forms in each period of 50 years are detached from the other forms and submitted to a multidimensional statistical analysis to reveal which groups of factors are more relevant in the choice for one or another form of address. The tendency shown by the analysis of the groups of factors must indicate which one, between the two or among the three most frequent forms of address in each period of 50 years, is more associated to the dimension of solidarity and which one would be more associated to the dimension of power. As a matter of results, in the first half of the 19th century, the independent variables 'relations of intimacy', 'age group', 'family relations', 'audience' and 'professional relations' are considered significant. The correlation between the factors and the dependent variable indicates that, in this period of time, the form of address TU was more associated to the dimension of solidarity, and the form O SENHOR was more related to the dimension of power. In the second half of the 19th century, the groups of factors 'relations of intimacy', 'social class', 'professional relations' and 'age group' were selected by the statistical program. The results seem to show that, in this period of time, the form of address TU was more related to the dimension of solidarity, while the form O SENHOR was more related to the dimension of power. In the first half of the 20th century, the independent variables 'place', 'social class', 'age group', 'family relations', 'relations of intimacy', 'audience', 'professional relations' and 'sex/ gender' are selected by the program. The correlation between the factors and the variants seems to indicate that, in this period of time, the form of address TU was more related to the dimension of solidarity, the form O SENHOR was related to the dimension of power, and the form VOCÊ would be floating between the

two dimensions. In the second half of the 20th century. The groups of factors 'family relations', 'place', 'sex/gender', intimacy relations', 'audience' and 'social class' are considered significant by the statistical program. These results indicate that, in this period, the pronouns TU and VOCÊ were more related to the dimension of solidarity, and the form of address O SENHOR was associated with the dimension of power. Besides that, in this study some questions are briefly discussed: the role of the linguistic groups of factors, the role of the social and stylistic groups of factors, the notion of *neutrality*, theorized by Cook (1994, 1997), the possibility of treating the forms of address as not being values of the same variable and the five empirical problems related to the linguistic change, postulated by Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]).

Keywords: Forms of address; Sociolinguistics; Plays; Diachrony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Avaliação dos pronomes de tratamento TU e VOCÊ por informantes de Florianópolis, segundo Ramos (1989).....	50
Figura 2.1: Árvore de decisão (reprodução de LABOV, 2001, p. 93)	104
Figura 2.2: Sistema bidimensional (poder e solidariedade) em equilíbrio (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960]).....	110
Figura 2.3: Sistema bidimensional em conflito (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960])	111
Figura 2.4: Díades sociais nas quais o conflito do sistema bidimensional seria sentido (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960])	112
Figura 2.5 Díades sociais em equilíbrio no sistema unidimensional (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960])	112
Figura 2.6: Amostra do questionário aplicado por BROWN e GILMAN (2003 [1960]) a seus informantes	115
Figura 3.1: Redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX	164

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.1: Reprodução do quadro de pronomes de tratamento encontrado em Cunha (2008, p. 170-171)	43
Quadro 1.2: Distribuição das formas de tratamento segundo as relações sociais em cartas do Rio de Janeiro do século XVIII, de acordo com Rumeu (2004)	69
Quadro 1.3: Distribuição das formas de tratamento segundo as relações sociais em cartas do Rio de Janeiro do século XIX, de acordo com Rumeu (2004)	70
Quadro 1.4: Distribuição das formas de tratamento em relações simétricas em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX, de acordo com Machado (2006)	73
Quadro 1.5 Distribuição das formas de tratamento em relações assimétricas ascendentes em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX, de acordo com Machado (2006)	74
Quadro 1.6: Distribuição das formas de tratamento em relações assimétricas descendentes em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX, de acordo com Machado (2006)	75
Quadro 1.7: Planos do sistema de tratamento do PE e suas respectivas formas (adaptado de CINTRA, 1972, p. 14-15)	80
Quadro 1.8: Resumo das hipóteses gerais	90
Quadro 2.1: Levantamento do número de imigrantes açorianos e madeirenses chegados à Ilha de Santa Catarina, segundo Mosimann (2010)	127
Quadro 2.2: Relação das peças de teatro que compõem a amostra analisada	140
Quadro 3.1: Resumo dos resultados	243

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.1:** Uso percentual das formas de tratamento de segunda pessoa do singular em Florianópolis, segundo Ramos (1989)48
- Tabela 1.2:** Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, segundo LOREGIAN (1996, p. 20)52
- Tabela 1.3:** Resultados gerais da distribuição de TU/VOCÊ nos dados do VARSUL para o estado de Santa Catarina, de acordo com Loregian-Penkal (2004)55
- Tabela 1.4:** Resultados gerais da distribuição de TU/VOCÊ nos dados do VARSUL para o estado do Rio Grande do Sul, de acordo com Loregian-Penkal (2004)55
- Tabela 1.5:** Frequência e probabilidade de uso do possessivo TEU segundo a variável ‘relações simétricas/ assimétricas entre os interlocutores’, de acordo com Arduin (2005)59
- Tabela 1.6:** Frequência e probabilidade de uso do possessivo TEU segundo a variável ‘pessoa do discurso reportado’, de acordo com Arduin (2005)60
- Tabela 1.7:** Distribuição dos pronomes TU e VOCÊ em Santa Catarina segundo a variável ‘século’, de acordo com Coelho e Görski (no prelo)61
- Tabela 1.8:** Cruzamento entre as variáveis ‘relações entre os interlocutores’ e ‘século’ como condicionadores do uso de TU/ VOCÊ em Santa Catarina, segundo Coelho e Görski (no prelo)62
- Tabela 1.9:** Distribuição das formas de tratamento VOCÊ, CÊ e TU em Santos, segundo a variável ‘monitoramento’, de acordo com Modesto (2006)64

Tabela 1.10: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR em Belém (PA), de acordo com Soares e Leal (1980, apud LUCCA, 2007)	65
Tabela 1.11: Efeito de fatores sociais sobre o uso do pronome TU no Distrito Federal, segundo Lucca (2005, apud LUCCA, 2007)	66
Tabela 1.12: Distribuição dos pronomes TU e VOCÊ nas amostras CENSO-PEUL, BID-PEUL e Paredes 96, coletadas na cidade do Rio de Janeiro, segundo Paredes Silva (2003)	67
Tabela 1.13: Uso do pronome TU no Rio de Janeiro segundo a variável ‘sexo/ gênero’, de acordo com Paredes Silva (2003)	67
Tabela 1.14: Uso do pronome TU na cidade do Rio de Janeiro segundo a variável ‘faixa etária’, de acordo com Paredes Silva (2003)	68
Tabela 1.15: Distribuição das formas de tratamento em cartas dos séculos XVIII e XIX, de acordo com Lopes e Duarte (2007)	72
Tabela 3.1: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da primeira metade do século XIX	166
Tabela 3.2: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘relações de intimidade’	170
Tabela 3.3: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘faixa etária’	171
Tabela 3.4: Frequência de uso da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’	172
Tabela 3.5: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’	173
Tabela 3.6: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘audiência’	174

Tabela 3.7: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘relações profissionais’	175
Tabela 3.8: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘relações familiares’	175
Tabela 3.9: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da segunda metade do século XIX	176
Tabela 3.10: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘relações de intimidade’	181
Tabela 3.11: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘classe social’	182
Tabela 3.12: Frequência de uso da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘classe social’	183
Tabela 3.13: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘relações profissionais’	184
Tabela 3.14: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘faixa etária’	184
Tabela 3.15: Frequência de uso da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’	185
Tabela 3.16: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’	186
Tabela 3.17: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX segundo a variável ‘relações familiares’	187
Tabela 3.18: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da primeira metade do século XX	188

Tabela 3.19: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’	192
Tabela 3.20: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘classe social’	193
Tabela 3.21: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’	194
Tabela 3.22: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações familiares’	194
Tabela 3.23: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações de intimidade’	195
Tabela 3.24: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘audiência’	195
Tabela 3.25: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’	198
Tabela 3.26: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações profissionais’	198
Tabela 3.27: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘sexo’	199
Tabela 3.28: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’	199
Tabela 3.29: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’	202
Tabela 3.30: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’	203

Tabela 3.31: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações profissionais’	203
Tabela 3.32: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’	204
Tabela 3.33: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’	205
Tabela 3.34: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’	207
Tabela 3.35: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’	208
Tabela 3.36: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações profissionais’	209
Tabela 3.37: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da segunda metade do século XX	211
Tabela 3.38: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’	214
Tabela 3.39: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘relações familiares’	215
Tabela 3.40: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’	216
Tabela 3.41: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’	216
Tabela 3.42: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’	219

Tabela 3.43: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’	220
Tabela 3.44: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘sexo/ gênero’	220
Tabela 3.45: Frequência de uso da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘sexo/ gênero’ e ‘faixa etária’	221
Tabela 3.46: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘relações de intimidade’	222
Tabela 3.47: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘audiência’	222
Tabela 3.48: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘classe social’	223
Tabela 3.49: Frequência de uso da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘faixa etária’ e ‘classe social’	224
Tabela 3.50: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘relações familiares’	227
Tabela 3.51: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’	228
Tabela 3.52: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘sexo/ gênero’	228
Tabela 3.53: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’	229

Tabela 3.54: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na segunda metade do século XX, segundo a variável 'faixa etária'231

Tabela 3.55: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na segunda metade do século XX, segundo a variável 'faixa etária'232

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 2.1:** Variação estilística e social da realização de /th/ na fala de Nova Iorque (reprodução da figura 4.1 de Labov (1972, p. 122))103
- Gráfico 3.1:** Porcentagem de uso das formas de tratamento em períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX163
- Gráfico 3.2:** Porcentagem de não concordância em ocorrências com a forma de tratamento TU ao longo dos quatro diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX235
- Gráfico 3.3:** Porcentagem de preenchimento do sujeito na amostra, ao longo dos quatro diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX236
- Gráfico 3.4:** Percentual de uso das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR ao longo dos quatro períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX255

LISTA DE MAPAS

Mapa 2.1: Rota do povoamento açoriano em Santa Catarina, segundo Piazza (1970, apud FLORES, 2000, p. 59)	126
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	39
CAPÍTULO I – O FENÔMENO EM ESTUDO	41
1.1 DEFINIÇÃO DO OBJETO	41
1.2 O PONTO DE PARTIDA: O QUE FOI DITO SOBRE FORMAS DE TRATAMENTO.....	44
1.2.1 Estudos realizados na região Sul do Brasil	45
1.2.2 Estudos realizados em outras regiões do Brasil	63
1.2.3 Uma breve descrição do sistema de tratamento do português europeu.....	77
1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES.....	82
1.3.1 Objetivos.....	83
1.3.2 Questões.....	83
1.3.3 Hipóteses gerais	84
CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	93
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 1972)	93
2.1.1 Pressupostos básicos	94
2.1.2 Labov e o lugar da variação estilística	99
2.2 OS PRONOMES DE PODER E SOLIDARIEDADE (BROWN; GILMAN, 2003 [1960])	106
2.2.1 Poder, solidariedade e neutralidade (COOK, 1994, 1997).....	119

2.3 UM PEDACINHO DE TERRA E UM POUCO DE HISTÓRIA: DOS COLONIZADORES AOS TURISTAS	124
2.4 A AMOSTRA.....	139
2.5 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO	142
2.5.1 A variável dependente	142
2.5.2 As variáveis independentes.....	147
2.6 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO.....	155

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO

DOS RESULTADOS	161
3.1 RESULTADOS GERAIS	161
3.2 RESULTADOS PARA A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.....	165
3.2.1 Sobre TU e O SENHOR	167
3.3 RESULTADOS PARA A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.....	177
3.3.1 Sobre TU e O SENHOR	178
3.4 RESULTADOS PARA A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	188
3.4.1 Sobre VOCÊ e TU	190
3.4.2 Sobre VOCÊ e O SENHOR.....	197
3.4.3 Sobre TU e O SENHOR	201
3.4.4 Sobre TU, VOCÊ e O SENHOR	206
3.5 RESULTADOS PARA A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.....	211
3.5.1 Sobre VOCÊ e TU	213
3.5.2 Sobre VOCÊ e O SENHOR.....	218
3.5.3 Sobre TU e O SENHOR	225
3.5.4 Sobre TU, VOCÊ e O SENHOR	230

3.6 (RE)VENDO ALGUMAS QUESTÕES: O QUE DIZEM	
OS RESULTADOS?.....	233
3.6.1 Os grupos de fatores linguísticos	234
3.6.2 Os grupos de fatores socioestilísticos.....	237
3.6.3 A questão da neutralidade	249
3.6.4 Formas de tratamento: variantes de uma mesma variável?	250
3.6.5 Retomando os cinco problemas	252
CONSIDERAÇÕES FINAIS	257
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	263
ANEXOS	271
ANEXO 1: A DISTINÇÃO T-V EM DIVERSAS LÍNGUAS.....	271
ANEXO 2: BREVE SINOPSE DAS PEÇAS DE TEATRO UTILIZADAS COMO AMOSTRA.....	278

INTRODUÇÃO

As formas de tratamento têm sido objeto de estudo de alguns trabalhos variacionistas, em especial na última década (MENDES, 1998; LOPES e DUARTE, 2003, 2007; PAREDES SILVA, 2003; LUCCA, 2005, 2007; MACHADO, 2006; MODESTO, 2006; LOPES, 2008; RUMEU, 2008; TEIXEIRA, 2008, entre outros). Na região Sul do Brasil, entretanto, poucos têm se dedicado a esse objeto, e os que o fazem, (como GUIMARÃES, 1979; ABREU, 1987; RAMOS, 1989; MENON, 2000 e MENON E LOREGIAN-PENKAL, 2002) à exceção de Coelho e Görski (no prelo), adotam uma perspectiva sincrônica.

Dada a escassez de estudos diacrônicos sobre esse tema na região Sul e, mais precisamente em Florianópolis, e dada a variação que o português falado nessa cidade conhecidamente apresenta na expressão de segunda pessoa do singular, com TU e VOCÊ “disputando” esse lugar, neste trabalho são propostas uma identificação das formas de tratamento utilizadas no período compreendido entre os séculos XIX e XX, por meio de dados encontrados em textos escritos de 12 peças de teatro de autores florianopolitanos, e uma análise dessas formas a partir de sua correlação com fatores linguísticos e extralinguísticos.

Procura-se, ainda, situar as formas de tratamento na distinção T-(N)-V¹ e verificar como e a partir de que fatores sociais disponíveis nas peças de teatro se daria a constituição das dimensões de poder e solidariedade na sociedade florianopolitana em 4 diferentes períodos de 50 anos dos séculos em questão. Este estudo contribuirá, portanto, para a identificação de formas linguísticas ainda não analisadas e se somará a outros estudos sobre as formas de tratamento realizados no português brasileiro (doravante PB), com outros *corpora*.

A fim de se atingirem os objetivos descritos acima, são adotadas como aporte teórico-metodológico a Teoria da Variação e Mudança, postulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), e a proposta para análise estilística dos pronomes de segunda pessoa do singular de Brown e Gilman (2003 [1960]), complementada pelas considerações e os acréscimos de Cook (1994, 1997).

Esta pesquisa está assim organizada. No capítulo I, é definido o objeto de estudo e são retomados trabalhos variacionistas acerca do

¹ A distinção T-(N)-V será apresentada em detalhes na seção 2.2. Por ora, pode-se dizer que, no que diz respeito às formas de tratamento, T tem a ver com informalidade e intimidade, V está relacionado à formalidade e cerimônia e N estaria associado à *neutralidade*.

tema. Ainda nesse capítulo são introduzidos os objetivos, as questões e as hipóteses desta pesquisa. No capítulo seguinte, são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos em que se baseia este estudo. O capítulo II tem início com a apresentação dos pressupostos básicos da Teoria da Variação e Mudança, passa pela proposta de análise de Brown e Gilman (2003 [1960]), *Os pronomes de poder e solidariedade*², pelo delineamento de um perfil sócio-histórico da cidade de Florianópolis, pela delimitação da amostra de peças de teatro utilizada e do envelope de variação, e é finalizado com a descrição do tratamento estatístico realizado com as ocorrências de formas de tratamento. No capítulo III, são apresentados, analisados e discutidos os resultados. Por fim, são apresentadas algumas considerações, a título de conclusão desta pesquisa.

² Título no original: The pronouns of power and solidarity.

CAPÍTULO I – O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo, é delimitado o objeto de estudo desta pesquisa e é apresentada uma revisão de trabalhos que já abordaram o tema, divididos entre aqueles realizados na região Sul do Brasil, aqueles realizados em outras regiões do Brasil e uma breve descrição do sistema de tratamento do português europeu. Além disso, são apontados os objetivos deste estudo e as questões que se pretendem com ele responder, assim como são delineadas, com base nos estudos anteriores e em análises empíricas preliminares, as hipóteses gerais que aqui são testadas.

1.1 DEFINIÇÃO DO OBJETO

As formas de tratamento, como o nome sugere, são “palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir à outra pessoa” (SILVA, 2003, p. 170). Pode-se inferir, portanto, que sejam indicadores da relação entre os interlocutores e de seus papéis sociais, tanto os que desempenham na sociedade de maneira mais geral, como aqueles que se constroem em contextos mais específicos de comunicação. Sobre a estreita relação entre as formas de tratamento e a estrutura social, Faraco (1996) afirma que “mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais” (p. 52). Segundo esse autor,

[A] dinâmica inter-relação entre fatores sociais e verbais pode ser particularmente visível no sistema de tratamento do interlocutor, já que esse sistema representa talvez da forma mais direta alguns dos fundamentos axiológicos da organização do *status* social. Assim, se uma sociedade passou ou está passando por rápidas mudanças que se refletem nas relações interpessoais possíveis, pode-se esperar que mudanças lingüísticas na área do tratamento venham a ocorrer, com possíveis conseqüências para outros aspectos da estrutura da língua. (FARACO, 1996, p. 57)

A história das formas de tratamento tem longa data – de acordo com Cook (1997), já no Império Romano, além dos pronomes latinos *tu* e *vos*, se utilizava a forma *Uestra Maiestas* no tratamento para com o imperador. Com relação à língua portuguesa, Faraco (1996) salienta que formas de tratamento com a estrutura *Vossa + N*, como VOSSA MERCÊ, VOSSA SENHORIA, VOSSA ALTEZA, VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA MAJESTADE começaram a aparecer no século XIV. Mesmo tendo atravessado mudanças sociais e linguísticas, elas conservaram um uso estável o bastante para ser incorporado às gramáticas normativas.

Na perspectiva dessas gramáticas, é comum que as formas de tratamento sejam apresentadas como “pronomes de tratamento”, normalmente trazidos separadamente dos pronomes pessoais (cf. CUNHA e CINTRA, 2001; CUNHA, 2008; CEGALLA, 2008), e referidos como “certas palavras e locuções que valem como verdadeiros pronomes pessoais” (CUNHA, 2008, p. 170). De maneira geral, gramáticas desse tipo dedicam a seção “pronomes de tratamento” a definir formas de se endereçar a autoridades, como VOSSA MAGNIFICÊNCIA, para reitores de universidades, e VOSSA MAJESTADE, para reis e imperadores, além de elencarem alguns títulos profissionais e honoríficos, como GENERAL e PRESIDENTE. O quadro 1.1, a seguir, é uma reprodução do quadro encontrado em Cunha (2008, p.170-171), e ilustra a abordagem das gramáticas normativas em relação às formas de tratamento na língua portuguesa.

ABREVIATURA	TRATAMENTO	USADO PARA
V.A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V.Em. ^a	Vossa Eminência	Cardeais
V.Ex. ^a	Vossa Excelência	Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas
V.Mag. ^a	Vossa Magnificência	Reitores das Universidades
V.M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V.Ex. ^a Rev. ^{ma}	Vossa Excelência Reverendíssima	Bispos e Arcebispos
V.P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V.Rev. ^a V.Rev. ^{ma}	Vossa Reverência/ Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V.S.	Vossa Santidade	Papa
V.S. ^a	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia

Quadro 1.1 Reprodução do quadro de pronomes de tratamento encontrado em Cunha (2008, p. 170-171)

Já sob a perspectiva dos estudos científicos da linguagem que se baseiam em dados observáveis na língua em uso, a classificação das formas de tratamento parece diferir da apresentada nas gramáticas normativas. Andrade (2007, p. 521), por exemplo, descreve da seguinte forma a organização do sistema de tratamento no português:

- a) formas pronominais: os pronomes pessoais (tu, vós);
- b) formas pronominalizadas: termos com valor de pronomes pessoais (você, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria e suas variações);
- c) formas nominais: nomes próprios, pronomes, nomes de parentesco ou equivalentes, ou uma variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento.

Essa classificação parece mais adequada porque é mais abrangente, incluindo o quadro anterior e dando conta de tratamentos como “compadre”, “o professor” e “o pai”, entre outras, que sem dúvida são formas de se referir ao interlocutor, sem que, no entanto, sejam classificadas como “pronominais” ou “pronominalizadas”. Por conta

dessa classificação é que se adotou, nesta pesquisa, a terminologia *formas* de tratamento, e não *pronomes* de tratamento³.

Além das formas apresentadas na classificação de Andrade (2007)⁴, também é considerado como uma das variantes deste estudo o tratamento ZERO, definido como

[o] uso, sem pronome sujeito, de uma *forma verbal não-marcada*, idêntica à empregada com os pronomes *você/ o(a) senhor (a)* e com o pronome *tu* quando não aparece o morfema de segunda pessoa, como em (01):
(01) Pode me dizer as horas? (MENON e LOREGIAN-PENKAL, 2002)

Como será visto no capítulo seguinte, o tratamento ZERO foi encontrado em alguns dos estudos revisados (como ABREU, 1987 e RAMOS, 1989) e, quando controlado, se mostrou numericamente bastante expressivo em relação às demais formas de tratamento.

1.2 O PONTO DE PARTIDA: O QUE FOI DITO SOBRE FORMAS DE TRATAMENTO

A fim de localizar este objeto de estudo no panorama das pesquisas de abordagem variacionista, nas próximas páginas serão retomados resultados de outros trabalhos. A revisão desses estudos é importante para que se identifique o ponto de partida desta pesquisa, bem como para que se visualizem possíveis tendências no uso das formas de tratamento e se norteiem algumas das hipóteses que serão levantadas.

Os resultados retomados estão divididos entre aqueles provenientes de estudos realizados com dados da região Sul do Brasil e aqueles de estudos realizados fora dessa região, mas ainda dentro do país. Há, ainda, uma breve descrição do sistema de tratamento do

³ Nesta pesquisa são considerados *pronomes* de tratamento apenas as formas TU, VOCÊ e VÓS.

⁴ São consideradas nesta pesquisa as formas de tratamento descritas por Andrade (2007); contudo, não é levada em conta a *classificação* que a autora faz. Cada forma de tratamento, aqui, é abordada particularmente, sem inclusão em grupos. Somente as formas nominais são agrupadas sob um único rótulo, por conta do tratamento estatístico, como será observado na seção 2.5.

português falado em Portugal. Ficará mais claro, no decorrer desta revisão, que os resultados obtidos a respeito das formas de tratamento em uma determinada área geográfica não são necessariamente generalizáveis para outras áreas. Mesmo dentro da região Sul do Brasil, é possível notar diferenças expressivas nas formas de tratamento de um estado para outro, e até de uma cidade para outra dentro de um mesmo estado.

1.2.1 Estudos realizados na região Sul do Brasil

Devido ao baixo número de trabalhos sobre as formas de tratamento de maneira mais geral nessa região, aqui são retomados, também, estudos sobre os pronomes pessoais referentes à segunda pessoa do discurso, TU e VOCÊ, visto que esses pronomes são um subgrupo significativo das formas de tratamento. Da mesma forma, são relatados os resultados de um estudo sobre pronomes possessivos, uma vez que seu uso, em determinadas áreas, parece estar associado às dimensões de poder e solidariedade que regem a relação entre locutor e interlocutor (cf. MENON, 1995 e ARDUIN, 2005).

O primeiro texto a respeito da variação entre as formas TU e VOCÊ de que se tem notícia na região Sul é o de Guimarães (1979)⁵, realizado em Porto Alegre (RS). A autora analisou 960 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular em textos escritos de 120 informantes de três níveis de escolaridade: 6ª série do Ensino Fundamental, 1ª série do Ensino Médio e 1º ciclo universitário. Os resultados foram equilibrados: 59 alunos usaram somente a forma TU, 60 alunos usaram somente a forma VOCÊ e um aluno usou ambas as formas. Estatisticamente, os resultados foram computados como 49,17% de TU e 50 % de VOCÊ. A autora também sugere, baseada no controle do nível de escolaridade, que os mais jovens preferiram a forma VOCÊ, uma vez que 60% dos informantes da 6ª série usaram essa forma, enquanto que 52,5% dos informantes do Ensino Médio e 55% dos universitários tiveram a mesma preferência.

Abreu (1987) estudou as formas de tratamento do dialeto oral urbano de Curitiba (PR). A autora mostrou aos seus 96 informantes 18

⁵ Devido ao difícil acesso à dissertação de Guimarães (1979), as informações acerca do trabalho dessa autora foram obtidas a partir de outros textos, como Furlan (1989) e Menon e Loregian-Penkall (2002).

fotografias de pessoas entre 20 e 60 anos, de diversos níveis sociais. De acordo com Abreu (1987), o nível social da pessoa que aparecia na foto era sugerido por sua aparência, sua postura, seu vestuário e pelo local onde foi fotografada, sendo que 13 das 18 fotografias foram tiradas em locais de trabalho. Os informantes deveriam pedir alguma informação ou algum favor à pessoa fotografada.

Os informantes foram divididos em quatro níveis de escolaridade: os que concluíram a 4ª série do Primário (a quem a autora chamou “alfabetizados”), os que concluíram o Ensino Fundamental, os que concluíram o Ensino Médio e os que concluíram o Ensino Superior. Em alguns momentos os dois primeiros grupos foram amalgamados, assim como os dois últimos, totalizando dois grupos. Além disso, os informantes também foram estratificados por sexo/ gênero (masculino e feminino) e por faixa etária: entre 22 e 29 anos, entre 30 e 39 anos, entre 40 e 49 anos e entre 50 e 59 anos.

Como resultado geral, dentre as 1714 ocorrências, 839 foram de tratamento ZERO (49%), 530 foram de VOCÊ (30,9%) e 345 foram de O SENHOR (20,1%). Chama a atenção a grande preferência pelo tratamento ZERO, que, segundo Abreu (1987), seria uma forma de o locutor evitar uma descortesia ou um (in)formalismo inadequado para com seu interlocutor.

Além disso, a autora pontua que o uso de VOCÊ aumenta com a escolaridade e com a idade, ao passo que o uso de O SENHOR diminui com a escolaridade e a idade. Não é difícil elaborar uma hipótese que justifique esses resultados: quando o informante é mais jovem, a probabilidade de a pessoa que aparece na fotografia ser mais velha do que ele é maior, o que aumenta suas chances de usar a forma O SENHOR; quando o informante tem menos escolaridade, tende a se considerar inferior à pessoa da fotografia (levando-se em consideração as forças sociais que fazem com que se estabeleçam relações simétricas ou assimétricas, como força física, riqueza material etc. (cf. BROWN e GILMAN, 2003 [1960])) e a usar um pronome de maior formalidade com seu interlocutor. Ressalte-se que o tratamento ZERO teve porcentagens sempre altas e se manteve estável, não sofrendo influência das variáveis ‘escolaridade’ e ‘idade’.

Embora tenha se baseado na proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]), que leva em conta a relação entre *duas* pessoas, a autora pouco considerou as características dos interlocutores (ou seja, das pessoas fotografadas) para justificar seus resultados, e optou por tratar com

maior detalhamento apenas a estratificação de seus 96 informantes. Abreu (1987) controlou somente o sexo/ gênero das pessoas que apareciam nas fotos para estipular se haveria uma relação simétrica ou assimétrica com cada um de seus informantes, deixando de lado grupos de fatores como a profissão e a idade dos fotografados. Nas fotos anexadas à sua dissertação, entre as pessoas fotografadas há, por exemplo, um policial, um professor numa sala de aula e pessoas de idade mais avançada, o que poderia suscitar, por parte de seus informantes, um tratamento mais respeitoso. É provável que a profissão e a idade dos fotografados (ainda que presumidas), se controladas, se revelassem grupos de fatores significativos para a escolha da forma de tratamento.

Ramos (1989) foi, possivelmente, a primeira pesquisadora a estudar as formas de tratamento em Santa Catarina, em sua dissertação de mestrado intitulada *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dado o caráter pioneiro de seu trabalho, sua rica revisão de literatura foi dedicada a resenhar estudos realizados majoritariamente em outras línguas que não o português a respeito das formas de tratamento, além da visão tradicional do tratamento encontrada em gramáticas normativas. Seguindo a tendência dos estudos que resenhou, procurou identificar as *relações de poder e solidariedade*, segundo a proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]), no falar de Florianópolis.

A metodologia utilizada por Ramos (1989) foi semelhante à utilizada na dissertação de Abreu (1987). Para eliciar os dados, Ramos (1989), além de realizar entrevistas face-a-face, mostrou aos seus 36 informantes 10 fotografias de pessoas jovens com diferentes profissões em seu local de trabalho ou andando na rua e orientou aos informantes que pedissem determinada informação à pessoa da foto. Os resultados gerais obtidos por Ramos (1989) são reproduzidos na tabela 1.1, a seguir.

FORMAS DE TRATAMENTO		TOTAL DE OCORRÊNCIAS DAS FORMAS	PORCENTAGEM	
TU	TU com flexão verbal	18	04%	20%
	TU sem flexão verbal	27	06%	
	Flexão verbal sozinha	44	10%	
VOCÊ		130	31%	
ZERO		171	40%	
O SENHOR		37	09%	
TOTAL		427	100%	

Tabela Erro! Nenhum texto com o estilo especificado foi encontrado no documento. **1.1:** Uso percentual das formas de tratamento de segunda pessoa do singular em Florianópolis, segundo Ramos (1989).

Não se sabem exatamente quantas perguntas cada informante fez às pessoas das fotografias, e é provável que nem todos os informantes tenham feito o mesmo número de perguntas⁶. Entretanto, os resultados gerais de Ramos (1989) chamam a atenção, entre outros motivos, pela tendência ao *tratamento ZERO*, com 40% das ocorrências. De maneira semelhante ao que fez Abreu (1987), Ramos (1989) justificou esse tipo de tratamento como uma estratégia de *neutralidade* por parte do informante, para não se colocar nem numa relação de poder, nem de solidariedade com seu interlocutor. Note-se que tanto na dissertação de Abreu (1987) quanto na de Ramos (1989), o tratamento ZERO atingiu altas porcentagens (49% e 40%, respectivamente) e superou o uso de VOCÊ, O SENHOR e TU (sendo que o pronome TU apareceu somente nos dados de Florianópolis (cf. RAMOS, 1989), e não nos de Curitiba (cf. ABREU, 1987)).

Surpreendente, também, é que, em segundo lugar na preferência dos informantes de Ramos (1989), está o uso de VOCÊ, com 31% dos

⁶ Visto que 427 (o número total de ocorrências) não é múltiplo de 36 (o número de informantes).

dados. Os próprios informantes, nascidos e residentes em zonas urbanas de Florianópolis, se referem ao TU como marca ilhoa, mas apenas 20% das ocorrências se deram com esse pronome⁷. É interessante notar que a maioria das ocorrências de TU não se deu pela explicitação do pronome, mas sim pela marca morfêmica de segunda pessoa do singular presente no verbo. De acordo com Loregian-Penkal (2004), seria a marca de concordância, e não a explicitação do pronome TU, que se constitui como uma marca de identidade do falar florianopolitano.

Ressalte-se, ainda, que o uso da forma O SENHOR foi de pouca ocorrência (9%), possivelmente em virtude das características das pessoas fotografadas, que eram, em sua maioria, jovens. O uso mais significativo de O SENHOR se deu exatamente em relação a duas fotos específicas: a de uma pessoa um pouco mais velha que as demais, e a de uma policial fardada – o que levou a autora a concluir que a idade e a profissão do interlocutor são fatores que contribuem para o uso do tratamento mais formal ou cerimonioso.

Visando a uma análise mais abrangente, a autora ainda perguntou aos informantes sobre sua consciência e avaliação a respeito das formas de tratamento. Os resultados gerais associam o pronome TU a um uso mais informal e ao dialeto ilhéu, e o pronome VOCÊ a um uso formal e relacionado a pessoas que vêm de fora para morar em Florianópolis e turistas. A opinião geral dos informantes aponta as direções esboçadas no diagrama a seguir. Além disso, a leitura dos depoimentos individuais (anexados à dissertação de Ramos, 1989) leva a identificar, com certa surpresa, dois extremos dessa escala: um informante chega a atribuir ao pronome TU a característica *rude*, e outro atribui a VOCÊ o traço *esnobe*. A seguir, na figura 1.1, apresenta-se uma reprodução do diagrama de Ramos (1989, p.46).

⁷ Observe-se que Ramos (1989) não controlou a etnia de seus informantes. Esse aspecto será problematizado adiante, ainda nesta subseção, quando se comparam os resultados de Ramos (1989) aos de Loregian-Penkal (2004).

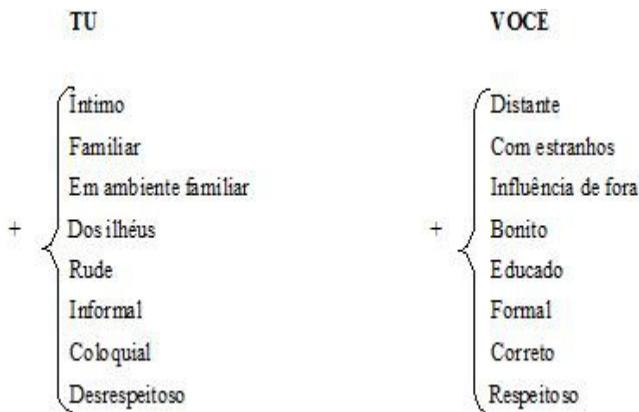


Figura 1.1: Avaliação dos pronomes de tratamento TU e VOCÊ por informantes de Florianópolis, segundo Ramos (1989).

Comparando a avaliação dos informantes com relação às formas de tratamento com o uso que fizeram delas na coleta de Ramos, pode-se concluir que houve uma interpretação da situação de coleta de dados como uma situação mais formal, o que favoreceu o uso das formas ZERO (40%) e VOCÊ (31%).

No mesmo ano, Furlan (1989) publica seu estudo a respeito da influência açoriana no português falado em Santa Catarina, em que afirma, corroborando a análise de Ramos (1989):

“No açoriano-catarinense, o tuteamento é a forma típica e geral de tratamento entre familiares, amigos e colegas de profissão. Por **voce** são tratados os interlocutores que não se acham incluídos nesse âmbito social; **voce** guarda, pois, resíduos da conotação cerimoniosa de **vossa mercê**; o uso de **voce** no trato familiar atesta que o falante não é de ascendência açoriana” (FURLAN, 1989, p. 151, grifos do autor).

Certamente, as grandes contribuições de Ramos (1989) estão: i) no mapeamento do sistema de tratamento no falar de Florianópolis no fim da década de 1980, que se constitui, nas palavras da autora, como um “sistema quaternário” (p.78) – ZERO x VOCÊ x TU x O SENHOR;

e ii) na avaliação dos informantes, que atribuem ao uso do TU um caráter mais informal, familiar e próprio de Florianópolis, e ao VOCÊ um caráter mais formal, distante e típico de quem vem de fora da cidade.

Vale ressaltar, ainda, o pioneirismo do trabalho de Ramos (1989), sua sensibilidade ao procurar uma avaliação das formas de tratamento por parte dos informantes e, de maneira mais relacionada aos interesses desta pesquisa, o fato de ter realizado um estudo na mesma comunidade de onde advêm os dados analisados aqui.

Entre os resultados relevantes dos trabalhos de Guimarães (1979), Abreu (1987) e Ramos (1989), estão:

- a) A ausência do pronome de segunda pessoa TU na cidade de Curitiba (ABREU, 1987);
- b) A alternância entre TU e VOCÊ Porto Alegre (GUIMARÃES, 1979) e em Florianópolis (RAMOS, 1989);
- c) A preferência pela forma VOCÊ entre os informantes mais jovens de Porto Alegre (GUIMARÃES, 1979);
- d) A percepção dos informantes de que, em Florianópolis, O TU é usado em situações mais familiares e de menos formalidade e de que VOCÊ é utilizado em situações mais formais (RAMOS, 1989);
- e) A preferência, em Curitiba e em Florianópolis, pelo tratamento ZERO (ABREU, 1987 e RAMOS, 1989).

Anos mais tarde, Loregian (1996) realizou um estudo a respeito da concordância verbal com o pronome TU nas zonas urbanas de Porto Alegre e Florianópolis (com dados do Banco de dados VARSUL⁸) e no Ribeirão da Ilha, uma zona não urbana relativamente isolada do centro de Florianópolis (com dados do Banco Brescancini⁹). Apesar de as formas de tratamento não serem o objeto de estudo da dissertação de Loregian, a autora fez um mapeamento do uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular nas três capitais do Sul (entretanto, sem considerar a forma ZERO), a fim de justificar a exclusão da cidade de

⁸ O Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) conta com um banco de dados de informantes de quatro cidades de cada um dos três estados da região Sul, sempre incluindo a capital, totalizando 288 entrevistas - além de outros bancos que se formaram posteriormente e foram incorporados ao VARSUL. Atualmente, o Banco de dados VARSUL é parcialmente disponibilizado à comunidade acadêmica através do endereço <http://varsul.cce.ufsc.br>.

⁹ O Banco Brescancini foi coletado por Cláudia Brescancini em 1996, para servir como *corpus* à sua dissertação de mestrado. Esse banco também está parcialmente disponibilizado no site do VARSUL.

Curitiba em sua análise sobre a concordância com TU. A seguir, na tabela 1.2, apresenta-se uma reprodução do mapeamento de Loregian (1996, p. 20).

	VOCÊ	VOCÊ E SENHOR/SENHORA	TU	TU E VOCÊ	TU E SENHOR/SENHORA	MISTURA DE FORMAS	TOTAL
Curitiba	23	1	-	-	-	-	24
Porto Alegre	1	-	18	4	-	1	24
Florianópolis	-	-	11	7	1	5	24

Tabela 1.2: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre, segundo LOREGIAN (1996, p. 20).

Observando o mapeamento realizado por Loregian (1996), fica claro por que a autora não incluiu a capital do Paraná em sua análise – porque, novamente, não foram verificadas ocorrências de TU na fala dos informantes do VARSUL de Curitiba (o que já havia sido evidenciado na dissertação de Abreu (1987), que utilizou outro *corpus* da mesma cidade). Daí, já se pode perceber um corte entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e o estado do Paraná no que tange ao uso das formas de tratamento.

Sabendo-se que o Banco de dados VARSUL foi formado na década de 1990 e o banco de Ramos (1989) no fim da década de 1980, é possível traçar uma análise comparativa considerando-se os dados como da mesma sincronia e perceber uma diferença no uso de VOCÊ e TU, especialmente. No estudo de Loregian (1996), entre os dados de Florianópolis, não há sequer um informante que use categoricamente a forma VOCÊ (apesar de haver outros 13 que alternam diferentes formas), que teve 31% de preferência no estudo de Ramos (1989). A partir daí, pode-se pensar em formas de relativizar esses resultados, no que diz respeito a essa localidade.

É possível que a diferença entre metodologias possa ter favorecido o uso de uma forma de tratamento ou de outra. Em Ramos (1989), com a amostragem de fotografias, a entrevista sendo realizada no ambiente profissional dos informantes, e dispondo de pouco tempo para a coleta – uma situação não só de artificialidade (falar com uma fotografia), como de formalidade (no ambiente de trabalho) –, os informantes preferiram o tratamento ZERO e o pronome VOCÊ, que

refletiriam neutralidade ou abstenção na escolha da forma de poder ou de solidariedade e preferência por um tratamento formal, respectivamente¹⁰; e as poucas ocorrências de O SENHOR se deram com fotografias de pessoas mais velhas ou cuja profissão inspirasse respeito, como foi o caso da foto da mulher policial. Já em Loregian (1996), as entrevistas face-a-face, apesar de não serem totalmente informais, são mais interativas e criam um clima de maior familiaridade, o que pode ter favorecido o uso de TU. Além disso, para compor o Banco de dados VARSUL, era necessário que o informante fosse de ascendência portuguesa/açoriana, enquanto que na amostra de Ramos (1989) não houve esse controle – é possível que informantes de diferentes etnias tendam a usar formas diferentes de tratamento.

Ainda com base na tabela de Loregian (1996), nota-se, nas três capitais, pouco uso da forma O SENHOR. Há uma possibilidade de que, novamente, o método tenha sido responsável por essa escolha. Os pesquisadores que realizaram as entrevistas para o Banco de dados VARSUL eram, em sua maioria, jovens, e, além disso, tinham por tarefa tornar a interação o mais natural possível¹¹. Nesse contexto, é pouco cabível o informante usar a forma O SENHOR. Outra ressalva que se pode fazer é que, no levantamento de Loregian (1996), não está mapeado a quem o informante está se dirigindo ao usar essas formas de tratamento. É possível, portanto, que esse uso de O SENHOR faça parte de um discurso reportado ou de uma fala a um interveniente¹², e não necessariamente tenha sido dirigido ao entrevistador. Observa-se, também, que nenhum informante fez uso somente da forma O SENHOR, que apenas aparece alternada com TU e/ou com VOCÊ.

Em 2004, Loregian-Penkal, seguindo os primeiros achados de sua dissertação de 1996 e a linha de seu estudo com Menon (MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002), (re)analisa a concordância verbal com o pronome TU, bem como a alternância entre TU e VOCÊ, na comunidade e nos indivíduos, estendendo seu interesse para, além de Florianópolis e Porto Alegre, as cidades catarinenses de Chapecó,

¹⁰ A classificação de ZERO como uma forma de neutralidade é de Abreu (1987) e Ramos (1989); a classificação de VOCÊ como um tratamento formal advém da opinião dos informantes de Ramos (1989), reproduzida na figura 1.1.

¹¹ O objetivo de uma entrevista face-a-face, na metodologia da Sociolinguística Variacionista, é incentivar o informante a usar seu *vernáculo*, ou seja, o estilo em que menor atenção é prestada à fala (cf. LABOV, 1972).

¹² *Interveniente*, nas entrevistas do Banco de dados VARSUL, é qualquer pessoa cuja fala tenha sido gravada no momento da entrevista, que não seja nem o informante e nem o entrevistador.

Blumenau e Lages, e as cidades gaúchas de Panambi, Flores da Cunha e São Borja, incluindo também uma amostra do Ribeirão da Ilha, localidade florianopolitana já mencionada anteriormente¹³. Os dados do estado do Paraná foram excluídos por conta da baixa ocorrência do pronome TU, constatada anteriormente nos levantamentos de Loregian (1996), para a capital, e de Godoy (1999)¹⁴, para as cidades do interior.

Os resultados gerais¹⁵ de Loregian-Penkak (2004) com relação à alternância entre os pronomes TU e VOCÊ podem ser visualizados nas tabelas¹⁶ 1.3 e 1.4, a seguir.

¹³ Os dados do Loregian-Penkak (2004) são provenientes do Banco de dados VARSUL e do Banco Brescancini, já descritos nas notas de rodapé 8 e 9, respectivamente.

¹⁴ De acordo com os dados encontrados na tabela 10 de Godoy (1999, p. 153), dos 1026 dados de segunda pessoa do singular coletados em Irati, apenas 3 são de TU e os demais são de VOCÊ; em Londrina, dos 1046 dados, 6 são de TU e 1040 são de VOCÊ; e em Pato Branco, entre 485 dados, 25 são de TU e 460 são de VOCÊ.

¹⁵ Como a autora fez três rodadas estatísticas separadas, aqui será impossível se fazerem comparações utilizando o valor dos pesos relativos, uma vez que pesos relativos somente são comparáveis quando fazem parte de uma mesma rodada estatística.

¹⁶ No controle das células sociais do Projeto VARSUL, foram adotadas as seguintes legendas: F = informantes do sexo/gênero feminino; M = informantes do sexo/gênero masculino; A = informantes com idade entre 25 e 50 anos; B = informantes com mais de 50 anos.

Santa Catarina															
Informante	Florianópolis			Ribeirão da Ilha			Lages			Blumenau			Chapecó		
	tu	Você	t + v	Tu	you	t + v	Tu	you	t + v	tu	you	t + v	tu	you	t + v
FA	05	-	01	03	-	-	-	-	06	01	-	05	03	-	03
FB	02	-	04	01	-	02	01	02	03	-	01	05	01	-	05
Subtotal	07	-	05	04	-	02	01	02	09	01	01	10	04	-	08
MA	04	-	02	02	-	01	-	02	04	01	-	05	-	-	06
MB	02	01	03	01	-	01	-	02	04	-	03	02	02	02	02
Subtotal	06	01	05	03	-	02	-	04	08	01	03	07	02	02	08
Total	13	01	10	07	-	04	01	06	17	02	04	17	06	02	16

Tabela 1.3: Resultados gerais da distribuição de TU/VOCE nos dados do VARSUL para o estado de Santa Catarina, de acordo com Loregian-Penkal (2004).

Rio Grande do Sul												
Informante	Porto Alegre			Flores da Cunha			Panambi			São Borja		
	tu	Você	t + v	tu	Você	t + v	tu	you	t + v	tu	you	t + v
FA	05	-	01	05	-	01	02	-	04	06	-	-
FB	05	-	01	04	-	02	03	-	03	04	-	02
Subtotal	10	-	02	09	-	03	05	-	07	10	-	02
MA	02	01	03	03	-	03	-	-	04	03	-	01
MB	02	-	04	01	-	04	02	-	03	01	01	03
Subtotal	04	01	07	04	-	07	02	-	07	04	01	04
Total	14	01	09	13	-	10	07	-	14	14	01	06

Tabela 1.4: Resultados gerais da distribuição de TU/VOCE nos dados do VARSUL para o estado do Rio Grande do Sul, de acordo com Loregian-Penkal (2004).

Comparando-se as duas tabelas, certamente chama a atenção a distribuição do pronome VOCÊ nesses estados. Por um lado, há apenas dois informantes nas cidades do estado gaúcho que usam categoricamente a forma VOCÊ – e a autora aponta para o fato de que esses dois usos categóricos são de informantes do sexo/ gênero masculino –, e por outro, 48 informantes usam categoricamente TU (34 do sexo/ gênero feminino e 14 homens). Já em Santa Catarina, há 13 informantes que usam categoricamente VOCÊ, e desses, 12 são homens. Além disso, há 17 mulheres usando categoricamente a forma TU, contra 12 homens, somando 29 informantes que usam somente TU. A autora sugere que sejam, então, os homens os responsáveis pela entrada do pronome VOCÊ nas comunidades que usam TU.

Entretanto, é possível fazer uma outra leitura e pensar que, já que a maioria dos entrevistadores do banco VARSUL são mulheres, isso poderia gerar uma dimensão de solidariedade na relação com as informantes do sexo/ gênero feminino, o que levaria ao uso do pronome TU, uma vez que, de acordo com a avaliação dos informantes de Ramos (1989), esse é o pronome mais fortemente influenciado pela dimensão da solidariedade em Florianópolis. Há uma possibilidade de que esse padrão de distribuição TU-solidariedade/VOCÊ-poder se aplique às demais comunidades em que esses pronomes coexistem¹⁷.

É possível ressaltar, ainda, o que não se vê nessas tabelas. As células de Blumenau (com 23 informantes), Flores da Cunha (também com 23), Panambi (com 21) e São Borja (também com 21 informantes) não fecham os 24 informantes que compõem a amostra por cidade do Banco de dados VARSUL porque esses 8 informantes que não constam nas tabelas fizeram uso de uma outra estratégia de tratamento, o ZERO (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004, p. 123). Além disso, como essa variante não foi controlada, é de se considerar que alguns dos informantes possam ter alternado as formas TU/ZERO, VOCÊ/ZERO e mesmo TU/VOCÊ/ZERO, e terem sido classificados como usuários categóricos de TU e de VOCÊ e oscilantes no uso de TU/VOCÊ, respectivamente. Esse é mais um indício de que essa estratégia deve, sim, ser controlada num estudo sobre formas de tratamento, já que se trata de um recurso recorrente nas amostras de Abreu (1987), Ramos (1989) e Loregian-Penkhal (2004).

¹⁷ Fica a sugestão para os próximos pesquisadores que estudarem fenômenos de variação estilística para que controlem o sexo/ gênero do entrevistador, assim como outras variáveis sociais.

Dos números dessas tabelas, ainda é possível ressaltar os altos índices de informantes que alternam as formas TU/VOCÊ – 48 no Rio Grande do Sul e 64 em Santa Catarina. Nesse caso, a diferenciação por sexo/gênero não se mostra tão relevante, mas é exatamente estudando a variação na fala desses indivíduos que Loregian-Penkall (2004) faz suas maiores contribuições.

Quando a autora realiza rodadas por localidade, ou seja, uma rodada estatística para cada cidade, consegue incluir os informantes como um grupo de fatores, e, com essa estratégia, controlar a variação no indivíduo. Considerando somente os indivíduos que alternaram as formas TU e VOCÊ nas 9 localidades controladas, é de extrema relevância o fato de que o grupo de fatores '(in)determinação do discurso' não tenha se mostrado significativo apenas em Lages (onde há maior uso de VOCÊ). Nas demais cidades, a determinação do sujeito sempre se mostra favorável ao uso do pronome TU. A leitura que se pode fazer, partindo-se dos resultados de Loregian-Penkall (2004) por localidade, é de que a indeterminação do sujeito pode se constituir como um dos caminhos que o pronome VOCÊ pode percorrer ao adentrar uma comunidade de TU.

No ano seguinte, Arduin (2005) se propôs a fazer uma análise da distribuição dos pronomes possessivos de segunda pessoa TEU e SEU na região Sul. Apesar de não ter focado seu estudo nos pronomes pessoais retos e tampouco nas formas de tratamento de maneira geral, o trabalho dessa autora é de grande relevância para esta pesquisa porque lida com as dimensões de poder e solidariedade e sua influência na escolha de TEU ou de SEU. É possível que uma análise na variação dos pronomes possessivos revele tendências na escolha de TU ou VOCÊ, e mesmo que mostre padrões de formalidade/informalidade e intimidade/distância não extensíveis a esses pronomes, dado que mesmo em comunidades em que o TU não ocorre, como Curitiba, TEU e SEU se alternam como pronome possessivo (cf. MENON, 1995).

Arduin (2005) encontrou 415 ocorrências de possessivos de segunda pessoa nas 288 entrevistas da amostra-base do Banco de dados VARSUL. Dentre elas, 356 eram de TEU e 69 eram de SEU, correspondendo estatisticamente a 86% e 14% do total de ocorrências, respectivamente. Por ordem de relevância, as quatro primeiras variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL foram: 'paralelismo formal', 'relações simétricas/ assimétricas entre os interlocutores', 'sexo/gênero' e 'pessoa do discurso reportado'.

Controlando a variável ‘paralelismo formal’, a autora procurou mostrar que um falante que usa mais a forma TU tenderá a usar mais a forma possessiva TEU, ao passo que um falante que prefere o pronome VOCÊ tenderá a fazer maior uso do possessivo SEU. De fato, em 99% dos casos em que o TU apareceu próximo a um pronome possessivo de segunda pessoa, esse pronome era TEU, e não SEU. Já com o pronome VOCÊ, TEU foi usado em 80% dos casos. Essa diferença não parece muito expressiva quando se olham somente as porcentagens, mas, quando se trata dos pesos relativos, fica clara a relevância desse grupo de fatores: a probabilidade de TEU aparecer próximo a TU na fala de um informante é de 0,90; e a probabilidade de o possessivo TEU aparecer próximo a VOCÊ é de 0,19. Ressalte-se que essa foi a única variável linguística significativa, o que, segundo a autora, indica que o que está em jogo na escolha dos pronomes possessivos são fatores estilísticos e sociais (cf. ARDUIN, 2005).

Ainda no controle do ‘paralelismo formal’ a autora identificou que, quando os informantes optaram pelo tratamento ZERO, fizeram pouco uso de TEU (PR = 0,23). Ela justifica essa escolha amparando-se na explicação de Abreu (1987), sugerindo que o falante usa essa forma quando não sabe ao certo que tratamento escolher, e complementa que é provável que o informante recorra ao possessivo mais formal SEU nesse tipo de situação, já que TEU revelaria uma intimidade não desejada. Ao fazer essa justificativa, pode-se inferir que Arduin (2005) esteja considerando o pronome possessivo SEU como uma estratégia de neutralidade.

A variável ‘relações simétricas/ assimétricas entre os interlocutores’ somente foi controlada nas ocorrências de discurso reportado. Os resultados para essa variável são particularmente interessantes para esta pesquisa, e estão relatados na tabela 1.5, a seguir.

FATORES	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Superior > inferior	87/96	91%	.65
Entre iguais	62/68	91%	.56
Inferior > superior	11/25	44%	.05
Total	160/189	85%	

Tabela 1.5: Frequência e probabilidade de uso do possessivo TEU segundo a variável ‘relações simétricas/ assimétricas entre os interlocutores’, de acordo com Arduin (2005).

Pelos resultados mostrados na tabela acima, pode-se perceber que o pronome possessivo TEU é preferido nas relações assimétricas de superior para inferior e nas relações entre iguais¹⁸. Na distinção T-V proposta por Brown e Gilman (2003 [1960])¹⁹, a forma TEU corresponderia, como naturalmente se esperava, à forma T, e o possessivo SEU à forma V.

Pelo controle da variável ‘sexo/ gênero’, percebeu-se que as informantes mulheres da amostra usaram mais a forma TEU do que os homens. 93% dos dados de pronomes possessivos de segunda pessoa do singular produzidos por mulheres foram de TEU (PR = 0,61), ao passo que 75% das ocorrências desse tipo de pronome entre os homens foram de TEU (PR = 0,34). A autora associa essa preferência com a tendência apresentada por Labov (2003) a respeito da variável ‘sexo/ gênero’. De acordo com o autor, as mulheres, em geral, estariam mais inclinadas do que os homens a fazerem uso de variantes de maior prestígio social. Pode-se considerar que essa foi uma interpretação equivocada dos dados, pois contradiz os resultados apontados pelo controle da variável ‘relações simétricas/ assimétricas entre os interlocutores’. Uma hipótese possível para essa variável seria a de que, porque a maioria dos

¹⁸ Como exemplo de relação assimétrica de superior para inferior, Arduin (2005) cita um pai se dirigindo a seu filho; como exemplos de relação simétrica entre iguais, a autora cita a relação entre amigos, entre irmãos e entre primos; e como exemplo de relação assimétrica de inferior para superior, é citado um filho se dirigindo a seu pai.

¹⁹ Essa análise é aprofundada na seção 2.2.

entrevistadores do Banco VARSUL são mulheres, poderia-se gerar uma relação de solidariedade entre entrevistadora e informante do sexo/gênero feminino, levando ao uso do pronome TEU – constatado anteriormente como forma relacionada à solidariedade.

Outra variável controlada por Arduin (2005) de grande relevância para esta pesquisa é ‘pessoa do discurso reportado’. Os resultados são os apresentados na tabela 1.6.

	APLIC./TOTAL	PERCENTUAL	PESO RELATIVO
Discurso de pessoa próxima	51/53	96%	.76
Discurso do próprio informante	67/76	88%	.59
Discurso de pessoa não próxima	42/60	70%	.19
	160/189	85%	

Tabela 1.6: Frequência e probabilidade de uso do possessivo TEU segundo a variável ‘pessoa do discurso reportado’, de acordo com Arduin (2005).

Nota-se, novamente, uma tendência ao uso do pronome TEU nas relações mais solidárias, como no discurso de pessoa próxima. Segundo a autora, o discurso de pessoa não próxima é o ambiente menos favorecedor para o aparecimento de TEU, sendo que as únicas exceções são discursos bíblicos reportados. Fica em evidência, portanto, que o que está em jogo na variação dos possessivos de segunda pessoa são os aspectos de simetria social e proximidade: relações assimétricas de inferior para superior, assim como o discurso de pessoas próximas, mostram uma tendência ao uso do pronome possessivo de segunda pessoa do singular TEU em relação a SEU.

Utilizando uma amostra formada por peças de teatro de autores catarinenses dos séculos XIX e XX, Coelho e Görski (no prelo) fazem um estudo diacrônico da alternância entre os pronomes TU e VOCÊ em Santa Catarina, “com o intuito de compreender a natureza e a extensão do encaixamento dos dois pronomes *tu* e *você* no sistema lingüístico dessa comunidade” (p. 01). As autoras buscam traçar o caminho que

essas duas formas têm percorrido em Santa Catarina e as consequências que o uso de um ou outro pronome pode trazer para o sistema linguístico desse estado.

Coelho e Görski (no prelo) fazem uma retomada de boa parte dos resultados de trabalhos já apresentados nesta pesquisa, em especial aqueles que dizem respeito às cidades de Florianópolis e Lages. Essa opção tem a ver com o fato de que o litoral – onde se localiza Florianópolis – é considerado a porta de entrada do TU em Santa Catarina, ao passo que o planalto serrano – onde fica a cidade de Lages – é tido como o canal de acesso do VOCÊ no estado.

A reprodução dos resultados gerais das autoras, divididos por século, pode ser visualizada na tabela 1.7, a seguir.

Formas de tratamento segundo a variável ‘século’	TU		VOCÊ	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Século XIX	100/112	89%	12/112	11%
Século XX	17/265	06%	248/265	94%
Total	117/377	31%	260/377	69%

Tabela 1.7: Distribuição dos pronomes TU e VOCÊ em Santa Catarina segundo a variável ‘século’, de acordo com Coelho e Görski (no prelo).

Os resultados por século apontam para uma espécie de “inversão” no uso: no século XIX, a grande maioria dos dados de pronome de segunda pessoa do singular são de TU (89%), enquanto que no século XX a preferência é pelo pronome VOCÊ (94%).

Outro controle de extrema relevância para esta pesquisa é o que as autoras fizeram com relação à variável ‘relação entre os interlocutores’. Os resultados para essa variável fazem mais sentido quando cruzados com a variável ‘século’, conforme mostra a tabela 1.8, a seguir.

Formas de tratamento segundo a variável <i>relações entre os interlocutores</i>	TU		VOCÊ	
	XIX	XX	XIX	XX
Relações assimétricas (de superior para inferior e de velho para jovem)	18/100 18%	10/17 58%	7/12 58%	75/248 30%
Relações simétricas (entre iguais)	76/100 76%	3/17 18%	0/12 0%	117/248 47%
Relações assimétricas (de inferior para superior e de jovem para velho)	6/100 6%	4/17 24%	5/12 42%	56/248 23%

Tabela 1.8: Cruzamento entre as variáveis ‘relações entre os interlocutores’ e ‘século’ como condicionadores do uso de TU/ VOCÊ em Santa Catarina, segundo Coelho e Görski (no prelo).

Nota-se que o pronome TU, usado no século XIX preferencialmente nas relações simétricas (76%), muda de *status* no século XX e passa a figurar com maior frequência nas relações assimétricas descendentes. Já o pronome VOCÊ, que atingiu maiores índices nas relações assimétricas descendentes no século XIX, no século XX passa a ser usado preferencialmente nas relações simétricas. Esse cruzamento entre variáveis revela, além de uma inversão no *uso*, também uma inversão no *valor social e estilístico* desses pronomes.

De maneira resumida, pode-se dizer que os três últimos estudos resenhados nesta revisão apontam as seguintes tendências:

a) Dentre os dados do VARSUL, a localidade catarinense onde há mais falantes de VOCÊ como segunda pessoa do singular *exclusivamente* é Lages; as cidades de Blumenau e Chapecó apresentam maior número de informantes que alternam o uso de TU e VOCÊ; Florianópolis apresenta maior número de falantes de TU *exclusivamente*; e no Ribeirão da Ilha não há falantes que usem VOCÊ com exclusividade (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004);

b) No Banco de dados VARSUL, dentre os 48 entrevistados catarinenses e gaúchos, há 8 informantes que não fazem uso nem de VOCÊ e nem de TU, optando por tratar seu interlocutor pela forma ZERO (cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004);

c) O uso dos pronomes possessivos TEU e SEU, no Banco de dados VARSUL, é condicionado por fatores de simetria social e proximidade: relações assimétricas de inferior para superior, assim como o discurso de pessoas próximas, apresentam uma tendência ao uso do pronome TEU em relação a SEU (cf. ARDUIN, 2005);

d) Nos dados de peças de teatro catarinenses, a virada do século XIX para o século XX traz consigo tanto uma inversão no uso como no valor socioestilístico das formas TU e VOCÊ: o pronome TU, superior em ocorrências no século XIX e usado preferencialmente nas relações simétricas, passa a figurar, no século XX, nas relações assimétricas descendentes, e em menor porcentagem; já o pronome VOCÊ, que atingiu maiores índices nas relações assimétricas descendentes no século XIX, sendo inferior no número geral de ocorrências, no século XX passa a ter maior frequência e a ser usado preferencialmente nas relações simétricas.

1.2.2 Estudos realizados em outras regiões do Brasil

Os estudos sobre as formas de tratamento realizados em outras regiões do país são, naturalmente, em maior número do que os realizados na região Sul. Uma comparação entre eles precisa, no entanto, ser relativizada, uma vez que a natureza dos dados é diferente de uma pesquisa para outra, bem como o controle das variáveis independentes. Apesar da grande quantidade de trabalhos, ainda é mais provável se encontrarem aqueles dedicados apenas à variação entre TU e VOCÊ, e não às formas de tratamento de maneira mais geral.

Mendes (1998) buscou identificar que formas de tratamento se destacavam em 25 horas de gravação de 10 mesas-redondas e debates subsequentes na Universidade Federal de Minas Gerais, a respeito do tema “problemas da universidade atual”. Os interlocutores eram professores de diversas categorias, alunos de graduação e pós-graduação, dirigentes universitários e visitantes – políticos, jornalistas, sindicalistas e altos dirigentes do Ministério da Educação. Apesar de a gravação ter ocorrido em Minas Gerais, não é mencionada a naturalidade de seus informantes.

A autora registrou 283 ocorrências de formas de tratamento. A preferência geral foi pelo pronome VOCÊ e seu correspondente plural VOCÊS, com 221 dados (78%). As demais ocorrências computadas por

Mendes foram caracterizadas como formas “de respeito ou cortesia” (MENDES, 1998, p. 140), dentre as quais se enquadram O(S) SENHOR(ES), A(S) SENHORA(S), VOSSA EXCELÊNCIA e formas como O PROFESSOR, O SENADOR e O REITOR. A autora destaca, ainda, que não computou no resultado geral 11 ocorrências de tratamento ZERO.

Os resultados de Mendes (1998) sugerem uma alta preferência pela forma VOCÊ em ambientes formais. Essa preferência pode indicar que o pronome VOCÊ não esteja ocupando somente o extremo inferior da distinção T-(N)-V, como sugere Cook em seu texto de 1997 – explorado mais adiante, na subseção 2.2.1 – mas possa, sim, se revelar como uma estratégia de neutralidade, atuando tanto na esfera T como na esfera V.

Com o objetivo de investigar a variação estilística no uso das formas TU, VOCÊ e CÊ na comunidade santista, Modesto (2006) analisou 10 inquéritos de conversações que o autor classificou como “espontâneas”, entre falantes santistas, sendo 5 secretas e 5 não secretas. Modesto (2006) salienta que teve o cuidado de procurar elementos que favorecessem uma situação mais informal – os informantes, todos acima de 18 anos, ou eram amigos, ou parentes, ou tinham afinidades, a mesma idade etc.

O autor relacionou as gravações não secretas com o traço [+monitoramento] e as secretas com [-monitoramento]. Os resultados de Modesto (2006) são reproduzidos na tabela 1.9, a seguir.

Forma de Tratamento	VOCÊ	CÊ	TU	Monitoramento
Gravações não Secretas	39%	54%	7%	[+monitoramento]
Gravações secretas	37%	30%	33%	[-monitoramento]

Tabela 1.9: Distribuição das formas de tratamento VOCÊ, CÊ e TU em Santos, segundo a variável ‘monitoramento’, de acordo com Modesto (2006).

Os resultados indicam que a forma VOCÊ é uma opção de tratamento tanto nas situações de maior monitoramento (39%) como nas situações de menor monitoramento (37%). Surpreendentemente, a variante CÊ, que tende a ser reconhecida como mais coloquial, apresentou índices mais altos (54%) nas situações de [+monitoramento].

Impossível ignorar, ainda, o crescimento do uso de TU ao passar de uma situação mais monitorada (7%) a uma menos monitorada (33%).

Lucca (2007) revisou diversos trabalhos ao realizar um levantamento do estatuto do pronome TU nas cinco regiões brasileiras. O primeiro estudo retomado pela autora é o de Soares e Leal (1993). Nele, as autoras analisam a fala de 38 informantes de Belém do Pará, divididos por classe social e faixa etária. A classe social era refletida na profissão dos informantes: alguns eram professores da Universidade Federal do Pará e outros eram funcionários da mesma universidade. Foram analisadas as interações entre esses sujeitos e seus filhos. Os resultados são mostrados na tabela 1.10, a seguir.

Grupo	DE FILHO PARA PAI						Grupo	DE PAI PARA FILHO			
	Tu		Você		Senhor			Tu		Você	
	N	%	N	%	N	%		N	%	N	%
Filho de professor	44	67,7	13	20,0	8	12,3	Pai professor	96	74,4	33	25,6
Filho de funcionário	40	37,7	8	7,5	58	54,7	Pai funcionário	196	79,0	52	21,0
Filho adolescente	39	39,8	20	20,4	39	39,8	Pai de adolescente	168	86,2	27	13,8
Filho criança	45	61,7	01	1,4	27	37,0	Pai de criança	124	68,1	58	31,9
TOTAL	84	49,1	21	12,3	66	38,6	TOTAL	282	76,8	85	23,2

Tabela 1.10: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR em Belém (PA), de acordo com Soares e Leal (1980, apud LUCCA, 2007).

Os resultados apontam que os pais belenenses apresentam uma tendência, independentemente de sua classe social, a chamarem seus filhos por TU. Os comportamentos linguísticos mais interessantes são apresentados pelos filhos em relação aos pais: filhos de professores tendem a chamar seus pais por TU, enquanto que filhos de funcionários preferem chamar seus pais por O SENHOR – e essa norma parece ser aprendida na adolescência, uma vez que os filhos crianças ainda registram o pronome TU como o preferido para se dirigirem a seus pais.

Lucca (2007), a partir dos trabalhos que revisou, considera que o pronome TU seja a forma de tratamento preferida nas relações simétricas na região Nordeste, apenas apresentando variação no que

tange à concordância verbal: em alguns lugares faz-se concordância canônica e em outros a forma não marcada é mais usada. A autora destaca o estudo de Soares (1980), realizado em Fortaleza (CE), que constatou em seus dados um predomínio do pronome VOCÊ no tratamento em situações mais formais.

Lucca (2005) também realizou um estudo no Distrito Federal, onde se notou que os informantes adotaram o TU como pronome de tratamento solidário – segundo a autora, essa escolha reflete a influência da cultura nordestina dos primeiros habitantes. Os resultados dessa pesquisa são os que seguem, na tabela 1.11.

Fatores	Frequência		Peso Relativo
	N	%	
Gênero			
Falas reais masculinas	300/380	78	.55
Falas masc. retomadas p/ rapazes	20/38	55	.40
Falas fem. retomadas p/ rapazes	3/18	16	.18
Falas reais femininas	4/17	23	.09
Posicionamento dos interlocutores entre si			
- Distanciamento	292/369	79	.57
+ Distanciamento	35/84	42	.22
Total	327/453	72	<i>input:.77</i>

Tabela 1.11: Efeito de fatores sociais sobre o uso do pronome TU no Distrito Federal, segundo Lucca (2005, apud LUCCA, 2007).

Os números apontam para uma tendência um pouco maior de os informantes do sexo/ gênero masculino usarem o pronome TU em relação aos resultados referentes às mulheres. Da mesma forma, os falantes que têm menor distanciamento entre si apresentam considerável frequência de uso do TU, resultado que mais uma vez coloca esse pronome como uma forma de tratamento fortemente influenciada pela dimensão de solidariedade.

Paredes Silva (2003), buscando investigar o retorno do pronome TU ao dialeto da cidade do Rio de Janeiro, coletou dados de 12 informantes em interações entre duas ou três pessoas. As gravações foram realizadas, em sua maioria, na casa dos sujeitos, e a autora

utilizou um gravador oculto, de forma que os informantes somente depois da coleta é que foram avisados de que tinham tido sua fala gravada. A amostra, denominada pela autora *Paredes96*, é constituída por 8 gravações de 20 minutos cada. Como resultado, Paredes Silva (2003) encontrou 368 ocorrências de referências pronominais ao sujeito de segunda pessoa, que comparou com as amostras Censo-PEUL e BID-PEUL da mesma cidade, conforme mostra a tabela 1.12, a seguir.

	CENSO-PEUL	BID-PEUL	Paredes96
Você	664 = 94%	168 = 97%	133 = 35%
Tu	42 = 6%	5 = 3%	235 = 65%
Total	686	173	368

Tabela 1.12: Distribuição dos pronomes TU e VOCÊ nas amostras CENSO-PEUL, BID-PEUL e Paredes 96, coletadas na cidade do Rio de Janeiro, segundo Paredes Silva (2003).

É surpreendente a diferença na porcentagem de uso do pronome TU da amostra Paredes96 em relação às demais. É possível que essa diferença seja justificada pela natureza dos dados: os dados do CENSO-PEUL são provenientes de entrevistas sociolinguísticas, e os do BID-PEUL também são de natureza interacional, mas ambas as amostras foram gravadas com autorização prévia dos informantes, ao passo que os dados da amostra Paredes 96 são os mais informais. Novamente, a forma TU aparece nos resultados como um pronome usado no tratamento informal.

A variável ‘sexo/ gênero’ foi a primeira selecionada pelo programa estatístico VARBRUL. Os resultados para essa variável podem ser verificados na tabela 1.13.

	N/TOTAL	%	P.R.
Homens	32/192	69%	.57
Mulheres	103/176	59%	.43
Total	235/368	68%	

Tabela 1.13: Uso do pronome TU no Rio de Janeiro segundo a variável ‘sexo/ gênero’, de acordo com Paredes Silva (2003).

Nota-se uma preferência maior ao uso do pronome TU pelos informantes do sexo/ gênero masculino em relação aos do sexo/ gênero

feminino, tanto nos números de porcentagem como nos de peso relativo. Esses resultados, somados a outros levantados por Paredes Silva (2003), levaram a autora a concluir que o retorno do pronome TU à fala carioca é um fenômeno relacionado preferencialmente aos homens.

A influência da faixa etária sobre o uso dos pronomes também foi controlada pela autora. Os resultados estão na tabela 1.14, a seguir.

	N/Total	%	P.R.
10-19	69/106	65%	.50
20-29	130/185	70%	.60
30-39	36/77	47%	.28
TOTAL	235/368	68%	

Tabela 1.14: Uso do pronome TU na cidade do Rio de Janeiro segundo a variável ‘faixa etária’, de acordo com Paredes Silva (2003).

Os números parecem indicar que uso de TU está relacionado à faixa etária jovem, sendo maior entre os informantes de 20-39 anos, seguidos dos informantes de 10-19 anos. É necessário, entretanto, relativizar esses números, pois as células sociais não têm o mesmo tamanho: há 6 informantes na faixa de 20-29 anos, apenas 3 com idade de 10-19 anos e outros 3 com 30-39 anos.

Os estudos que abordam as formas de tratamento na sincronia atual (contando-se de 1993 até o tempo presente) parecem apontar as seguintes direções:

a) Ao contrário do que têm divulgado muitos materiais normativistas (como CUNHA e CINTRA, 2001), e mesmo estudos de base empírica (como PAREDES SILVA, 2003), o pronome TU está presente em todas as regiões do Brasil, como apontam os trabalhos de Soares e Leal (1993, apud LUCCA, 2007), Modesto (2006), Lucca (2005), Lucca (2007) e Paredes Silva (2003), além das pesquisas realizadas com dados da região Sul, cujos resultados foram apresentados na subseção 1.2.1;

b) O pronome VOCÊ parece estar associado a situações de maior monitoramento, maior distanciamento e maior formalidade, ao passo que o pronome TU parece estar relacionado a contextos de menor monitoramento, menor distanciamento, menor formalidade, e em relações simétricas e relações assimétricas de superior para inferior (cf. SOARES E LEAL (1993, apud LUCCA, 2007); MENDES, 1998;

PAREDES SILVA, 2003; LUCCA, 2005; MODESTO, 2006 e LUCCA, 2007);

c) A forma O(A) SENHOR(A) estaria confinada a contextos de maior formalidade e no tratamento em relações assimétricas de inferior para superior (cf. SOARES e LEAL, 1993 e MENDES, 1998);

d) O uso de TU estaria levemente associado à fala masculina (cf. PAREDES SILVA, 2003 e LUCCA, 2005).

Dentre os trabalhos de abordagem diacrônica, destaca-se o de Rumeu (2004). A autora analisa as formas de tratamento usadas em cartas oficiais e não oficiais no Rio de Janeiro da metade final do século XVIII e do século XIX. Foram encontrados 551 dados no total, sendo que 371 (67%) das ocorrências eram do século XVIII e 180 (33%) eram do século XIX. Rumeu (2004) se ampara na proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]), *Os pronomes de poder e solidariedade*, para organizar seus achados. Uma reprodução dos resultados da autora pode ser visualizada nos quadros 1.2 (século XVIII) e 1.3 (século XIX).

TIPOS DE RELAÇÕES SOCIAIS PERCEPTÍVEIS EM CARTAS MANUSCRITAS NO RIO DE JANEIRO COLONIAL (SÉCULO XVIII)								
TIPOS DE RELAÇÕES SOCIAIS		FORMAS PRONOMINAIS E NOMINAIS DE TRATAMENTO					TOTAIS	
		V. Ex.ª	V. M.ª	S.ª	Você	Tu		
A S S I M E T R I A	RELAÇÕES SOCIAIS DE INFERIOR PARA SUPERIOR	138/195 (71%)	-	11/34 (32%)	-	01/12 (08%)	150/371 (40%)	256/371 (69%)
	RELAÇÕES SOCIAIS DE SUPERIOR PARA INFERIOR	-	18/49 (37%)	12/34 (35%)	76/81 (94%)	-	106/371 (29%)	
S I M E T R I A	RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE MEMBROS DE UM MESMO GRUPO SOCIAL (CLASSE ALTA)	57/195 (29%)	31/49 (63%)	12/34 (32%)	05/81 (06%)	11/12 (92%)	115/371 (31%)	
TOTAIS		195/371 (53%)	49/371 (13%)	34/371 (09%)	81/371 (22%)	12/371 (03%)	371/371 (100%)	

Quadro 1.2: Distribuição das formas de tratamento segundo as relações sociais em cartas do Rio de Janeiro do século XVIII, de acordo com Rumeu (2004).

Destacam-se, entre os resultados de Rumeu (2004) para o século XVIII, o alto índice de uso de VOSSA EXCELÊNCIA nas relações assimétricas ascendentes (71%) e, contrariamente, o baixíssimo uso de TU nessas mesmas condições (8%). Nota-se, contudo, que a preferência pelo TU se dá nas relações simétricas (92%). Impressiona, ainda, a porcentagem de uso de VOCÊ, muito alta nas relações assimétricas descendentes (94%), e nas relações simétricas pouco significativa (apenas 6%) – o que pode indicar que esse pronome, na segunda metade do século XVIII, possivelmente era avaliado como uma forma desrespeitosa.

Um outro número bastante relevante é a alta frequência da forma de tratamento VOSSA EXCELÊNCIA no cômputo geral da amostra de Rumeu (2004) do século XVIII. Das 372 ocorrências verificadas pela autora nesse século, 195, ou seja, 53% eram dessa forma. Os 47% restantes da amostra se dividiam entre as demais formas de tratamento controladas nesse estudo.

TIPOS DE RELAÇÕES SOCIAIS PERCEPTÍVEIS EM CARTAS MANUSCRITAS NO RIO DE JANEIRO IMPERIAL (SÉCULO XIX)									
TIPOS DE RELAÇÕES SOCIAIS	FORMAS PRONOMINAIS E NOMINAIS DE TRATAMENTO								TOTAIS
	V. Ex.*	V. M**	S.*	V. S.*	V. Maj.*	Você	TU	Vós	
RELAÇÕES SOCIAIS DE INFERIOR PARA SUPERIOR (ASSIMETRIA)	18/46 (39%)	-	11/23 (48%)	22/41 (54%)	06/06 (100%)	-	-	-	57/180 (32%)
RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE MEMBROS DE UM MESMO GRUPO SOCIAL (CLASSE ALTA) (SIMETRIA)	28/46 (61%)	27/27 (100%)	12/23 (52%)	19/41 (46%)	-	18/18 (100%)	13/13 (100%)	06/06 (100%)	123/180 (68%)
TOTAIS	46/180 (26%)	27/180 (15%)	23/180 (13%)	41/180 (22%)	06/180 (03%)	18/180 (10%)	13/180 (07%)	06/180 (07%)	180/180 (100%)

Quadro 1.3: Distribuição das formas de tratamento segundo as relações sociais em cartas do Rio de Janeiro do século XIX, de acordo com Rumeu (2004).

Já nos resultados de Rumeu (2004) para o século XIX, nota-se que VOCÊ passou a ser usado em relações simétricas (100%) entre membros da classe alta, o que eleva o *status* desse pronome na distinção T-(N)-V (apresentada na seção 2.2). O pronome TU, seu concorrente, permanece sendo preferido nas relações simétricas e não encontra

nenhum dado em relações assimétricas. Chama a atenção o uso de formas de extrema cortesia – como VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA – e de VÓS entre membros de uma mesma classe, ainda que essa classe seja a alta, e o de SENHOR transitando em ambos os tipos de relação.

Nos dados de Rumeu (2004) para o século XIX, observa-se que a forma de tratamento VOSSA EXCELÊNCIA, maioria absoluta entre as ocorrências do século XVIII, já não se destaca como antes, embora ainda seja a forma preferida no cômputo geral do século XIX, com 26% da amostra. Nesse período, essa forma é seguida de perto por VOSSA SENHORIA, com 22% das ocorrências.

Lopes e Duarte (2003), usando como *corpus* peças teatrais populares escritas em Portugal e no Brasil dos séculos XVIII e XIX, buscaram não apenas identificar as formas de tratamento em jogo nessa amostra, como também analisar o processo de gramaticalização/pronominalização de *Vossa Mercê* > *Você*. Os resultados das autoras para as peças brasileiras apontam o seguinte:

i) Na primeira metade do século XVIII, estão em distribuição equilibrada as formas TU (29%), VOSSA MERCÊ (33%) e VÓS (25%), e a forma VOCÊ aparece com um índice mais baixo do que as demais (12%);

ii) O pronome TU, na segunda metade do século XVIII tem seu uso aumentado significativamente (68%) e chega a 90% na primeira metade do século XIX, voltando à faixa de 60% no final desse século;

iii) A forma VOCÊ mantém valores baixos na segunda metade do século XVIII e na primeira do século XIX, apresentando valores próximos de 10%, mas passa a competir equilibradamente com o pronome TU na segunda metade do século XIX;

iv) Formas como VOSSA MERCÊ e VÓS começam a decair no final do século XVIII e passam o século XIX com índices próximos a zero.

Utilizando uma amostra constituída por cartas dos séculos XVIII e XIX escritas no Paraná, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e na Bahia, Lopes e Duarte (2007) procuraram identificar as formas de tratamento usadas em diferentes tipos de relações hierárquicas entre emissor e destinatário. Os resultados das autoras em relação a essa variável podem ser verificados na tabela 1.15, a seguir.

Tipo de relação entre informantes	Você	Vossa Mercê	Tu	Outras formas	Total
De superior para inferior (avô-neto, pai-filho)	28 – 50%	-	28 – 48%	1 – 2%	58
De inferior para superior (dirigida ao rei, tio, pai etc.)	-	78 – 68%	-	36 – 32%	114
Membros de um mesmo grupo social (entre amigos, primos etc.)	09 – 06%	32 – 22%	46 – 32%	57 – 40%	144

Tabela 1.15: Distribuição das formas de tratamento em cartas dos séculos XVIII e XIX, de acordo com Lopes e Duarte (2007).

Os resultados apresentados acima sugerem que tratamentos como VOSSA MAJESTADE, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA (incluídos no rótulo “outras formas”), assim como VOSSA MERCÊ, sejam preferidos nas relações assimétricas de inferior para superior, o que evidencia uma relação de distanciamento ([–solidariedade]) e hierarquização ([+poder]). Já as variantes TU e VOCÊ competem no contexto das relações assimétricas descendentes, e deixam de competir pela preferência nas relações simétricas, em que VOCÊ alcança baixos índices (6%); e TU passa, então, a competir com VOSSA MERCÊ e as demais formas de cortesia citadas acima.

Machado (2006) buscou verificar que formas de tratamento eram utilizadas em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX. Uma das formas de apresentação de seus resultados foi a divisão das ocorrências segundo a variável ‘tipo de relação’. Os resultados da autora são os que seguem, nos quadros 1.4, 1.5 e 1.6.

A DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS NAS RELAÇÕES SIMÉTRICAS (ENTRE IGUAIS)					
Peças em análise	você	tu	vós	formas nominais	total
<i>Quebranto</i> (1908)	13/330 (04%)	125/330 (38%)	0/330 (00%)	192/330 (58%)	330/3302 (10%)
<i>O simp... Jeremias</i> (1918)	90/386 (23%)	103/386 (27%)	10/386 (03%)	183/386 (47%)	386/3302 (12%)
<i>O hásp... Quarto 2</i> (1937)	163/395 (41%)	0/395 (00%)	0/395 (00%)	232/395 (59%)	395/3302 (12%)
<i>Dona Xepa</i> (1952)	137/319 (43%)	20/319 (06%)	0/319 (00%)	162/319 (51%)	319/3302 (10%)
<i>Tôda... fera</i> (1962)	372/503 (74%)	36/503 (07%)	0/503 (00%)	95/503 (19%)	503/3302 (15%)
<i>C. de bens</i> (1980)	597/967 (62%)	87/967 (09%)	0/967 (00%)	283/967 (29%)	967/3302 (29%)
<i>Intensa Magia</i> (1995)	82/121 (68%)	12/121 (10%)	0/121 (00%)	27/121 (22%)	121/3302 (04%)
<i>C. do leque</i> (1995)	95/281 (34%)	92/281 (33%)	00/281 (00%)	94/281 (33%)	281/3302 (08%)
Total	1549/3302 (47%)	475/3302 (14%)	10/3302 (00%)	1268/3302 (39%)	3302/3302 (100%)

Quadro 1.4: Distribuição das formas de tratamento em relações simétricas em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX, de acordo com Machado (2006).

No cômputo geral dos dados da autora, chama a atenção que 47% de suas 3302 ocorrências em relações simétricas sejam de VOCÊ. Essa forma é seguida, na ordem de preferência, pelas FORMAS NOMINAIS, com 39% dos dados. Destaca-se, entre as relações simétricas, o baixíssimo, quase nulo uso da forma VÓS, que parece já estar obsoleta no século XX. O uso de VOCÊ começa com um índice baixo em 1908 (4%), chega ao ápice em 1962 (74%) e permanece oscilante, chegando ao final do século XX ainda com um uso considerável (34% ou 68%).

O uso de TU começa o século XX com um índice mediano (38%) e vai decaindo com o passar das décadas, até atingir 00% em 1937; a

partir daí, começa a subir paulatinamente e chega ao final do século com 33% de uso em uma das peças de 1995. As formas nominais²⁰ parecem mais usadas na primeira metade do século, quando atingem índices próximos a 50%; já na segunda metade, têm seu uso reduzido, oscilando de 19% a 33%.

A DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS NAS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS ASCENDENTES (DE INFERIOR PARA SUPERIOR)					
Peças em análise	você	tu	vós	formas nominais	total
<i>Quebrantado</i> (1908)	0/30 (00%)	0/30 (00%)	0/30 (00%)	30/30 (100%)	30/465 (06%)
<i>O simp... Jeremias</i> (1918)	7/118 (06%)	3/118 (2,5%)	3/118 (2,5%)	105/118 (89%)	118/465 (25%)
<i>O hosp... Quarto 2</i> (1937)	2/31 (07%)	0/31 (00%)	0/31 (00%)	29/31 (93%)	31/465 (07%)
<i>Dona Xepa</i> (1952)	5/86 (06%)	1/86 (01%)	0/86 (00%)	80/86 (93%)	86/465 (19%)
<i>Tôda... Fera</i> (1962)	3/81 (04%)	4/81 (05%)	0/81 (00%)	74/81 (91%)	81/465 (17%)
<i>C. de bens</i> (1980)	-	-	-	-	-
<i>Intensa Magia</i> (1995)	26/112 (23%)	8/112 (07%)	0/112 (00%)	78/112 (70%)	112/465 (24%)
<i>C. do leaque</i> (1995)	2/7 (29%)	1/7 (14%)	0/7 (00%)	4/7 (57%)	7/465 (02%)
Total	45/465 (10%)	17/465 (03%)	3/465 (01%)	400/465 (86%)	465/465 (100%)

Quadro 1.5 Distribuição das formas de tratamento em relações assimétricas ascendentes em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX, de acordo com Machado (2006).

Nas relações assimétricas de inferior para superior, nota-se uma grande preferência pelas formas nominais ao longo de todo o século XX. O pronome VOCÊ parece aumentar sutilmente sua frequência nessas

²⁰ Machado (2006) considera como formas nominais: “títulos genéricos (senhor, senhora), designações de parentesco (papai, mamãe, vovó), designações de relações diversas (o amigo, a patroa) e metáforas (minha vida, meu anjo). Adicionou-se, ainda, à análise, designações genéricas (homem, mulher), designações de título, patente ou profissão (doutor, coronel), expressões estrangeiras (mr., mademoiselle)” (MACHADO, 2006, p. 70).

Nesta pesquisa as formas nominais serão tratadas separadamente das ocorrências de O SENHOR, conforme será especificado na seção 2.5.

circunstâncias ao final desse século, enquanto o uso da forma TU permanece sempre com índices muito baixos e do pronome VÓS constantemente próximo a zero.

A DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS NAS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DESCENDENTES (DE SUPERIOR PARA INFERIOR)				
Peças em análise	você	tu	formas nominais	total
<i>Quebranto</i> (1908)	4/77 (05%)	69/77 (90%)	4/77 (05%)	77/1107 (07%)
<i>O simp... Jeremias</i> (1918)	140/310 (45%)	73/310 (24%)	97/310 (31%)	310/1107 (28%)
<i>O hõsp... Quarto 2</i> (1937)	41/61 (67%)	0/61 (00%)	20/61 (33%)	61/1107 (05%)
<i>Dona Xépa</i> (1952)	58/117 (50%)	19/117 (16%)	40/117 (34%)	117/1107 (11%)
<i>Tõda... fera</i> (1962)	83/138 (60%)	10/138 (07%)	45/138 (33%)	138/1107 (12%)
<i>C. de bens</i> (1980)	-	-	-	-
<i>Intensa Magia</i> (1995)	165/241 (69%)	15/241 (06%)	61/241 (25%)	241/1107 (22%)
<i>C. do leque</i> (1995)	67/163 (41%)	41/163 (25%)	55/163 (34%)	163/1107 (15%)
Total	558/1107 (50%)	227/1107 (21%)	322/1107 (29%)	1107/1107 (100%)

Quadro 1.6: Distribuição das formas de tratamento em relações assimétricas descendentes em peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do século XX, de acordo com Machado (2006).

No que diz respeito às relações assimétricas de superior para inferior, as formas nominais permanecem com seu uso estável, em torno de 30%, ao longo de todo o século XX. O pronome TU começa o século XX com um índice bem alto de uso (90%), depois tem seu uso reduzido consideravelmente, e fecha o século com índices variando entre 6% e 25%, dependendo da peça de teatro que se toma para análise. Já a forma

VOCÊ inicia o século 20 com porcentagem de uso bastante modesta (5%), depois salta para 45% na peça de 1918, vai até 69% em uma das peças de 1995, contrastando com os 41% apresentados no outro texto de mesma data.

A partir da revisão de estudos realizados com amostras de diferentes textos escritos nos séculos XVIII, XIX, e XX, podem-se fazer as seguintes generalizações:

a) Na primeira metade do século XVIII, as formas TU, VÓS e VOSSA MERCÊ apresentavam certa equivalência no uso, atingindo, cada uma, índices em torno de 30%; ao passo que VOCÊ apresentava uma porcentagem de uso de 12% (cf. LOPES e DUARTE, 2003);

b) Na segunda metade do século XVIII, cresce o índice de uso do pronome TU (68%), e VOCÊ continua mantendo valores baixos; o uso das formas VOSSA MERCÊ e VÓS entra em declínio no final do século XVIII (cf. LOPES e DUARTE, 2003);

c) Ao longo do século XVIII, a forma VOSSA EXCELÊNCIA foi preferida em relações assimétricas ascendentes; a forma VOCÊ foi mais utilizada nas relações assimétricas descendentes; o pronome TU foi preferido nas relações simétricas da classe alta; e O SENHOR tem seu uso distribuído equilibradamente entre relações ascendentes, descendentes e entre iguais da classe alta (cf. RUMEU, 2004);

d) Na primeira metade do século XIX, o uso do pronome TU cresce ainda mais, chegando à porcentagem de 90%; VOCÊ ainda mantém valores próximos a 10%; e VOSSA MERCÊ e VÓS ficam com valores próximos a zero (cf. LOPES e DUARTE, 2003);

e) Na segunda metade do século XIX, a preferência pelo pronome TU cai a 60% e essa forma passa a competir com VOCÊ; enquanto isso, VOSSA MERCÊ e VÓS continuam com valores próximos a zero (cf. LOPES e DUARTE, 2003);

f) Ao longo do século XIX, TU e VOCÊ são preferidos em relações simétricas; VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA e VÓS são mais usados em relações simétricas da classe alta e o uso de O SENHOR fica distribuído equilibradamente entre relações assimétricas ascendentes e relações simétricas da classe alta (cf. RUMEU, 2004);

g) Ao longo do século XX, nas relações simétricas, o pronome VÓS apresenta um uso quase nulo; o pronome TU inicia o século com porcentagem relativamente baixa (38%), chega a zero em meados do século e retorna à faixa dos 30% ao final do período; o pronome VOCÊ

inicia o século com baixo uso e aumenta paulatinamente (cf. MACHADO, 2006);

h) Ao longo do século XX, nas relações assimétricas ascendentes predomina o uso de formas nominais, incluindo O SENHOR; VOCÊ aumenta sutilmente seu uso, enquanto que TU e VÓS apresentam índices muito baixos (cf. MACHADO, 2006);

i) Ao longo do século XX, nas relações assimétricas descendentes, as formas nominais regulam seu uso em torno de 30%; o pronome TU inicia o século com índices bem altos (90%) e decai consideravelmente ao longo do período; e VOCÊ, contrariamente ao que acontece com TU, inicia o século com índices baixíssimos de uso (5%) e chega até 69% em uma das contagens do final do século XX (cf. MACHADO, 2006).

Os resultados revisados nesta seção são de grande relevância, mesmo com a ressalva de que as formas de tratamento variam de uma região para outra. É possível que se encontrem resultados discrepantes para o português de Florianópolis, mas algumas hipóteses já podem ser idealizadas a partir as direções apontadas por esses estudos, como será visto na seção 1.3.

1.2.3 Uma breve descrição do sistema de tratamento do português europeu

Os estudos realizados sobre as formas de tratamento no português europeu (doravante PE) aqui apresentados carecem de um pressuposto básico da área em que este trabalho se insere: a fundamentação em dados empíricos. Ainda assim, optou-se por apresentá-los, confiando apenas na intuição linguística de seus autores. Chama a atenção que o sistema idealizado por eles em muito coincida com a análise de Ramos (1989), resenhada na subseção 1.2.1, que descreve o sistema de tratamento do português falado em Florianópolis como quaternário, em que as formas TU, ZERO, VOCÊ e O SENHOR se opõem, sendo usadas preferencialmente como estratégias de

intimidade, neutralidade, nível intermediário entre a informalidade e a formalidade, e formalidade, respectivamente²¹.

Cintra (1972), ao descrever o uso das formas de tratamento no PE, inicia seu texto reconhecendo a profunda relação entre a estrutura social e o sistema de tratamento. O autor critica a posição de estudiosos que defendem que o sistema de tratamento do PE é tão somente um “reflexo de estruturas sociais arcaicas, de um sistema de relações humanas desactualizado e anacrônico na segunda metade do século XX” (CINTRA, 1972, p. 08). Entretanto, parece compreender esse ponto de vista e discordar apenas da opinião de que o sistema de tratamento do PE seja *somente* um reflexo de uma estrutura social peculiar, e acrescenta, patrioticamente, que o sistema é *também* um conjunto rico e valioso de possibilidades de que o falante dispõe “para sugerir e estabelecer a distância desejada [de seu interlocutor]” (CINTRA, 1972, p. 09).

Em sua obra *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*, Cintra (1972) pontua que o sistema de tratamento que descreve corresponde “à linguagem das camadas cultas (ou semicultas) das grandes cidades de Portugal” (p.10), tratando apenas das formas usadas na posição de sujeito, e não como vocativos ou outras funções, o que, garante o autor, ampliaria consideravelmente sua análise.

Partindo dessas restrições, Cintra apresenta o sistema do PE como dotado das seguintes formas de tratamento:

1º Tratamentos pronominais do tipo de *tu, você, vocês*, *V. Ex.^a, V. Ex.^{as}*: <<Tu *queres?* **Vocês *querem?***>> **V. Ex.^a *quer?***>>

2º Tratamentos nominais do tipo de: a) *o senhor, a senhora, os senhores, as senhoras*; b) *o senhor Dr., o senhor Ministro*; c) *o pai, a mãe, o avô*; d) *o António, a Maria*; e) *o meu amigo, o patrão*, etc. Exemplos: <<o *senhor quer?*>>; <<**os senhores *querem?***>>; <<o **senhor Dr. *quer?***>>; <<o **senhor Ministro *quer?***>>; <<a **mãe *quer?***>>; <<o **António *quer?***>>; <<a **Maria *quer?***>>; <<o **meu amigo *quer?***>>; <<o **patrão *quer?***>>.

²¹ Além disso, a descrição do sistema de tratamento do PE aqui apresentada coincide com a opinião geral de pessoas, leigas e linguistas, consultadas informalmente ao longo desta pesquisa, acerca do sistema de tratamento do português falado em Florianópolis.

3º Tratamentos verbais ou seja, a simples utilização da desinência do verbo como referência ao interlocutor-sujeito: <<Queres?>>, <<Quer?>>, <<Querem?>>. (CINTRA, 1972, p. 11-12, grifos do autor)

Observe-se que, apesar de sua visão idealizada da língua, o autor já reconhece a forma VOCÊ como pronominal, diferentemente do que fazem, ainda hoje no Brasil, algumas gramáticas tradicionais.²² Além disso, é perspicaz ao perceber as formas verbais, em que o sujeito de fato é omitido, embora possa ser retomado pela desinência verbal (ou pela ausência de desinência), também como formas de tratamento.

O autor pontua como primeira característica do sistema português “a extraordinária variedade e frequência de emprego dos tratamentos de tipo nominal” (p. 13), e enfatiza que em outras línguas, como o francês, as formas nominais também são constitutivas do sistema de tratamento (por exemplo, a forma *monsieur*), mas não se apresentam como formas tão regulares quanto na língua portuguesa falada em Portugal.

A segunda característica do sistema europeu evidenciada por Cintra (1972) é sua própria estruturação, que o autor descreve como constituída por três planos – no singular. Desse modo, haveria um contraste entre o PE e o francês, com seu sistema binário (*tu x vous*), e entre o PE e o inglês, com seu sistema universal (*you*). Os três planos e suas formas correspondentes podem ser visualizados no quadro 1.7, a seguir.

²² Para melhores informações sobre a pronominalização da forma VOCÊ, consultar Lopes e Duarte (2003).

Sistema de tratamento do português europeu (CINTRA, 1972)	
Planos	Formas correspondentes
Formas próprias da intimidade	Tu
Formas usadas no tratamento de igual para igual (ou de superior para inferior) e que não implicam intimidade	Você
Formas chamadas <<de reverência>> – <<de cortesia>> –, por sua vez repartidas por uma série muito variada de níveis, correspondentes a distâncias diversas entre os interlocutores	V. Ex. ^a , o senhor, o senhor Dr., o António, a Maria, o Sr. António, a Sr. ^a Maria, a D. Maria, etc.

Quadro 1.7: Planos do sistema de tratamento do PE e suas respectivas formas (adaptado de CINTRA, 1972, p. 14-15).

Observe-se a semelhança entre o sistema do PE descrito por Cintra (1972) e o sistema do português de Florianópolis descrito por Ramos (1989). Em ambos, TU e as formas de reverência (para Ramos, O SENHOR) operam nos extremos da informalidade/ intimidade e da formalidade/ cerimônia, respectivamente, tendo como forma intermediária, destituída do caráter de intimidade, o pronome VOCÊ. A diferença é que para Cintra (1972), VOCÊ ainda carrega uma nuance negativa, podendo ser usado não somente na relação entre iguais, mas também na relação de “superior” para “inferior”; já para Ramos (1972), VOCÊ é uma forma de respeito, um pouco menos cerimoniosa do que O SENHOR. Infelizmente, Cintra (1972) não situa nos três planos do seu sistema a forma de tratamento ZERO, a que o autor chama “tratamento verbal”²³.

Cintra (1972) enumera, ainda, 4 tendências “actualmente mais ativas”²⁴, segundo seu ponto de vista, no sistema de tratamento do PE:

²³ De fato, a forma de tratamento que aqui se denomina ZERO é um subgrupo dos “tratamentos verbais” descritos por Cintra (1972). O autor considera formas verbais os tratamentos sem sujeito explícito, com ou sem desinência verbal que o identifique; nesta pesquisa, o tratamento ZERO é apenas a forma verbal sem sujeito explícito mas também sem desinência verbal que o identifique, conforme especificado na seção 1.1.

²⁴ Ressalte-se que a “actualidade” a que Cintra se refere remete à década de 1970, quando sua obra foi publicada.

1) A progressiva eliminação, especialmente na língua falada, da forma de tratamento VOSSA EXCELÊNCIA, que deve ter seu uso preservado somente em determinados ambientes, como academias e tribunais;

2) A progressiva expansão de uso do pronome TU entre falantes de diferentes idades e gêneros/ sexos, o que contribui para destituir essa forma de seu caráter de intimidade, embora deva preservar, ainda, sua capacidade de reduzir a distância entre os interlocutores, alcançada pelo uso de formas de terceira pessoa;

3) A progressiva ampliação do emprego do tratamento VOCÊ, que, para Cintra, perdeu quase inteiramente seu caráter negativo e tende a se tornar um pronome ainda mais afetuoso e íntimo do que a forma TU;

4) A progressiva eliminação, no que diz respeito às formas nominais, características do sistema de tratamento do PE, das formas que acentuam diferenciação social. Como exemplo, o autor observa que a forma *Senhora Maria*, que, segundo ele, designa um interlocutor “inferior”, deve ser substituída pela forma *Senhora D. Maria*, que, conforme Cintra, designa um interlocutor “superior”.

A respeito das 4 tendências apontadas por Cintra (1972), Oliveira (data desconhecida) acredita que, no início do século XXI, 30 anos após o lançamento da obra de Cintra, todas elas se confirmaram, com especial destaque para a de número 1 e a de número 4. A autora pontua ainda que o PE continua, face às demais línguas europeias, a se caracterizar por suas múltiplas formas de tratamento, e alega que “muito dificilmente poderia ser de outro modo, já que as formas de tratamento são consideradas, do século XVI aos nossos dias (e por nós próprios), uma <<preocupação nacional>>” (OLIVEIRA, p. 18, grifos da autora).

Sobre a eliminação da forma VOSSA EXCELÊNCIA (tendência 1), Oliveira observa que esse tratamento, de fato, ficou relegado a uma “formalidade protocolar a que se recorre, sobretudo, na língua escrita” (p. 18). Com relação à expansão de uso do pronome TU (tendência 2), a autora pontua que, realmente, essa forma parece ter tido seu uso ampliado. No entanto, atenta para o fato de que sua expansão não aboliu a fronteira entre o uso do TU, demasiado íntimo, e o uso da 3ª pessoa verbal com ou sem forma nominal expressa. Relata, além disso, que quando a forma nominal expressa é o pronome VOCÊ, seu uso é percebido, ainda, em muitos casos, como “uma forma de tratamento

pouco educada, própria de pessoas com pouca cultura” (OLIVEIRA, p. 19)²⁵.

No que diz respeito à ampliação de uso da forma VOCÊ (tendência 3), Oliveira sugere que seja mais apropriado tratá-la como “a generalização consolidada do tratamento verbal na 3ª pessoa” (p. 20)²⁶, embora a expansão de uso do pronome, segundo a autora, não deixe de ser um fato. Por último, com relação à eliminação de formas de tratamento que acentuam uma diferença social (tendência 4), a autora observa que, como resultado da “evolução recente da sociedade portuguesa” (p. 18), está se generalizando o uso de formas que remetem à profissão do interlocutor, normalmente desacompanhadas da forma O SENHOR/ A SENHORA. Ela cita como exemplos: *Engenheiro Rui de Carvalho, Doutora Margarida Oleiro, Arquitecto António Braga* etc. Já quando não se sabe a profissão do interlocutor, tem-se optado, segundo Oliveira, pela forma O SENHOR para os homens e DONA para as mulheres (mais do que SENHORA ou SENHORA DONA). Por exemplos, a autora cita *Senhor João Antunes e Dona Ana Silvestre*.

1.3 OBJETIVOS, QUESTÕES E HIPÓTESES

Tendo como ponto de partida os resultados de estudos anteriores resenhados na seção 1.2 e uma análise preliminar de dados empíricos, esta pesquisa visa a atingir os objetivos listados na seção 1.3.1, responder às questões apresentadas em 1.3.2 e testar as hipóteses elencadas em 1.3.3.

²⁵ A autora observa que, no Centro e no Norte de Portugal, a forma VOCÊ ainda é muito mal avaliada, e que, em seu lugar adota-se, no tratamento singular, a forma O SENHOR, e no plural, a forma VÓS (OLIVEIRA, p. 19).

²⁶ Em outras palavras, uma generalização consolidada da forma de tratamento reconhecida nesta pesquisa como *ZERO*.

1.3.1 Objetivos

1.3.1.1 Objetivo geral

Investigar e mapear os uso de diferentes formas de tratamento em uma amostra de 12 peças de teatro de autores florianopolitanos representativas dos século XIX e XX.

1.3.1.2 Objetivos específicos

1. Identificar as formas de tratamento utilizadas nas falas de personagens do teatro florianopolitano em diferentes períodos de 50 anos do século XIX e do século XX;

2. Identificar que formas de tratamento se destacam por sua alta frequência nas falas de personagens do teatro florianopolitano em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX;

3. Controlar grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que possam estar condicionando a ocorrência das formas de tratamento mais frequentes em peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos do século XIX e do século XX;

4. Com base na teoria de Brown e Gilman (2003 [1960]), verificar como são constituídas as relações de poder e de solidariedade através de diferentes elementos sociais, correlacionados aos grupos de fatores elencados nesta pesquisa, em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX;

5. Identificar que formas de tratamento, dentre aquelas destacadas como mais frequentes nas peças de teatro florianopolitanas, estariam mais fortemente relacionadas às dimensões de poder e de solidariedade em diferentes períodos de 50 anos do século XIX e do século XX.

1.3.2 Questões

1. Quais as formas de tratamento utilizadas nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos do século XIX? E do século XX?

2. Quais formas de tratamento se destacam por sua alta frequência nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX?

3. Que grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, dentre os elencados nesta pesquisa, estariam condicionando a ocorrência das formas de tratamento mais frequentes nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX?

4. Com base na teoria proposta por Brown e Gilman, que elementos sociais, recriados através dos grupos de fatores elencados, estariam constituindo as dimensões de poder e de solidariedade em peças de teatro florianopolitanas representativas de diferentes períodos de 50 anos do século XIX? E do século XX²⁷?

5. Dentre as formas de tratamento destacadas como mais frequentes nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX, quais estariam mais fortemente relacionadas à dimensão de poder? E à dimensão de solidariedade?

1.3.3 Hipóteses gerais²⁸

1. Com relação às formas de tratamento utilizadas nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas nos diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX:

- Nas peças de teatro representativas da primeira metade do século XIX, devem ser encontradas as formas de tratamento TU, VOCÊ, VOSSA MERCÊ, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA, VÓS, O SENHOR e FORMAS NOMINAIS (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; e RUMEU, 2004; COELHO e GÖRSKI, no prelo);

- Nas peças relativas à segunda metade do século XIX, as formas TU, VOCÊ, VOSSA MERCÊ, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA, VÓS, O SENHOR e FORMAS NOMINAIS devem ser utilizadas (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; RUMEU, 2004; e COELHO e GÖRSKI, no prelo);

²⁷ Essa questão será melhor compreendida quando resenhada a teoria de Brown e Gilman, na seção 2.2.

²⁸ As hipóteses específicas serão tratadas na subseção 2.5.2, quando serão elencadas as variáveis independentes deste estudo.

- Na primeira metade do século XX, as obras devem apresentar as formas de tratamento TU, VÓS, VOCÊ e O SENHOR, além das FORMAS NOMINAIS (cf. resultados de MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo).

- Na metade final do século XX, espera-se que nas peças de teatro sejam encontrados os tratamentos TU, VOCÊ, ZERO e O SENHOR, além das FORMAS NOMINAIS (cf. resultados e análises de ABREU, 1987; FURLAN, 1989; RAMOS, 1989; COOK, 1994; LOREGIAN-PENKAL, 2004, MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo, entre outros).

2. Com relação às formas de tratamento que se destacam por sua alta frequência nessas peças em cada um dos diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX:

- Espera-se que, nas peças de teatro representativas da primeira metade do século XIX, se destaquem por sua alta frequência as formas de tratamento TU, VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; RUMEU, 2004; e LOPES e DUARTE, 2007);

- Há expectativa de, nas obras relativas à segunda metade do século XIX, se destacarem por sua alta frequência os tratamentos TU, VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; RUMEU, 2004; e LOPES e DUARTE, 2007);

- Para a primeira metade do século XX, é esperado que se destaquem por sua alta frequência as formas TU, VOCÊ e O SENHOR (cf. resultados de MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo);

- Nas peças representativas da metade final do século XX, espera-se que se destaquem por sua alta frequência as formas de tratamento TU, VOCÊ, ZERO e O SENHOR (cf. resultados e análises de ABREU, 1987; FURLAN, 1989; RAMOS, 1989; COOK, 1994, 1997; LOREGIAN-PENKAL, 2004, MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo, entre outros).

3. Com relação aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que estariam condicionando a ocorrência das formas de tratamento mais frequentes nas peças de teatro florianopolitanas em cada período de 50 anos dos séculos XIX e XX, cabe, inicialmente, um esclarecimento com relação à opção metodológica a que se recorre nesta

pesquisa. Relações que autoras como Rumeu (2004), Machado (2006), Lopes e Duarte (2007) e Coelho e Görski (no prelo) controlaram como grupos de fatores complexos, classificadas como *simétricas*, *assimétricas ascendentes* e *assimétricas descendentes*, são desdobradas, aqui, em grupos de fatores socioestilísticos²⁹ mais simples, como classe social, faixa etária, relações de intimidade, relações familiares e relações profissionais.

Especula-se que um movimento de ida e volta dos dados às variantes e às variáveis independentes seja necessário para se dizer quais das relações determinadas pelos grupos de fatores socioestilísticos³⁰ são, de fato, simétricas ou assimétricas. Há a expectativa, com base em análises empíricas preliminares, de que as relações familiares de pai para filho e vice-versa, por exemplo, sejam mais assimétricas ao longo do século XIX; ao passo que no século XX, por conta das sucessivas mudanças por que têm passado a família e a sociedade (cf. BROWN e GILMAN, 2003 [1960]), devem se tornar mais simétricas.

Acredita-se, portanto, que não se pode estabelecer *a priori* que as relações familiares de pai para filho e vice-versa são assimétricas, como normalmente se faz em pesquisas cujo objeto de estudo são as formas de tratamento, porque as relações familiares, assim como as relações entre diferentes classes sociais, por exemplo, se modificaram substancialmente na virada do século XIX para o século XX, especialmente no que diz respeito às sociedades ocidentais democratizadas. Ainda assim, as hipóteses com relação aos grupos de fatores socioestilísticos levam em consideração os resultados de estudos anteriores.

Tendo feito essa observação, sobre os grupos de fatores extralinguísticos e sua relação com as formas de tratamento destacadas como mais frequentes em 4 diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX, espera-se que:

²⁹ A terminologia “sociestilístico” aqui adotada decorre da dificuldade, por conta da abordagem tomada como base teórica, *Os pronomes de poder e solidariedade* (BROWN e GILMAN, 1003 [1960]), de se estabelecerem fronteiras entre os fatores sociais e os fatores estilísticos. Nessa abordagem, a variação no indivíduo (ou seja, a variação estilística) decorre de grupos de fatores sociais aplicáveis a sua *relação* com o interlocutor. Ou seja, são controlados não apenas fatores sociais que estratificam o locutor e o interlocutor, mas também fatores que estratificam sua *relação*.

³⁰ Os grupos de fatores socioestilísticos controlados nesta pesquisa são ‘sexo/ gênero’, ‘faixa etária’, ‘classe social’, ‘relações de intimidade’, ‘relações familiares’, ‘relações profissionais’, ‘ambiente’ e ‘audiência’. Eles serão detalhados na subseção 2.5.2.2.

- Nas peças de teatro florianopolitanas dos dois períodos de 50 anos que compõem o século XIX, relações simétricas e assimétricas descendentes, no que diz respeito aos grupos de fatores ‘faixa etária’, ‘classe social’, ‘relações familiares’ e ‘relações profissionais’, levem ao uso do pronome TU (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; e RUMEU, 2004; COELHO e GÖRSKI, no prelo). Com base em análises empíricas preliminares, espera-se que relações entre pessoas íntimas, relações entre pessoas do mesmo sexo/ gênero, ambientes informais e a ausência de audiência levem ao uso da forma TU;

- Nas peças de teatro florianopolitanas dos dois períodos de 50 anos que compõem o século XIX, relações assimétricas descendentes, no que diz respeito aos grupos de fatores’, ‘faixa etária’, ‘classe social’, ‘relações familiares’ e ‘relações profissionais’, levem ao uso das formas VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; RUMEU, 2004; e LOPES e DUARTE, 2007). Com base em análises empíricas preliminares, espera-se que relações entre pessoas não íntimas, entre pessoas de sexos/ gêneros diferentes, ambientes formais e a presença de audiência levem ao uso dos tratamentos VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA;

- Nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX, relações simétricas e assimétricas descendentes, no que diz respeito aos grupos de fatores ‘faixa etária’, ‘classe social’, ‘relações familiares’ e ‘relações profissionais’, levem ao uso dos pronomes TU e VOCÊ (cf. resultados de MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo). Com base em análises empíricas preliminares, espera-se que relações entre pessoas íntimas, entre pessoas do mesmo sexo/ gênero, ambientes informais e a ausência de audiência levem ao uso das formas TU e VOCÊ;

- Nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX, relações assimétricas ascendentes, no que diz respeito aos grupos de fatores ‘faixa etária’, ‘classe social’, ‘relações familiares’ e ‘relações profissionais’, levem ao uso da forma de tratamento O SENHOR (cf. resultados de MACHADO, 2006). Com base em análises empíricas preliminares, espera-se que relações entre pessoas não íntimas, entre pessoas de sexos/ gêneros diferentes, ambientes formais e a presença de audiência levem ao uso da forma O SENHOR.

- Nas peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX, relações simétricas e assimétricas descendentes, no que diz respeito aos grupos de fatores ‘faixa etária’, ‘classe social’, ‘relações

familiares' e 'relações profissionais', levem ao uso do pronome VOCÊ (cf. resultados de MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo). Com base em análises empíricas preliminares, espera-se que relações entre pessoas íntimas, entre pessoas do mesmo sexo/ gênero, ambientes informais e a ausência de audiência levem ao uso da forma VOCÊ;

- Nas peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX, relações assimétricas ascendentes, no que diz respeito aos grupos de fatores 'faixa etária', 'classe social', 'relações familiares' e 'relações profissionais', levem ao uso da forma de tratamento O SENHOR (cf. resultados e análises de RAMOS, 1989; MACHADO, 2006). Com base em análises empíricas preliminares, espera-se que relações entre pessoas não íntimas, entre pessoas de sexos/ gêneros diferentes, ambientes formais e a presença de audiência levem ao uso da forma O SENHOR.

- Nas peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX, espera-se que o tratamento ZERO apareça em todos os tipos de relações.

Com relação aos grupos de fatores linguísticos, espera-se que em todos os períodos o preenchimento do sujeito seja maior com formas de tratamento que carregam consigo uma forma verbal não marcada, como as FORMAS NOMINAIS, O SENHOR e a forma VOCÊ; diferentemente do que deve acontecer com o pronome TU, que deve apresentar mais ocorrências de sujeito nulo, já que sua forma verbal carrega desinência própria e o preenchimento do sujeito seria, portanto, uma redundância de marcas linguísticas. Com relação à concordância verbal, não se espera encontrar ocorrências, em nenhum dos períodos, de não concordância com as formas VOCÊ, ZERO, O SENHOR, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA e FORMAS NOMINAIS, pois elas não têm marca verbal exclusiva. Já com a forma TU, espera-se que, se houver dados de não concordância, que eles ocorram a partir da primeira metade do século XX, quando o pronome TU começa a “competir” com a forma VOCÊ pela segunda pessoa do singular e os falantes possam “misturar” formas relativas a um ou outro pronome.

4. Com relação aos elementos sociais que constituiriam as dimensões de poder e solidariedade em cada período de 50 anos, espera-se que esses elementos se reflitam nos grupos de fatores socioestilísticos controlados nesta pesquisa. Desse modo, a expectativa é de que em

todos os diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX os elementos sociais que constituem as dimensões de poder e solidariedade sejam sexo/ gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares, relações profissionais, ambiente e presença/ ausência de audiência. No entanto, na virada do século XIX para o século XX, espera-se que alguns desses grupos, por conta da democratização da sociedade florianopolitana, tenham menor peso³¹, como sexo/ gênero, faixa etária, classe social e relações familiares.

5. Com respeito à relação entre as formas de tratamento destacadas como mais frequentes em cada diferente período de 50 anos dos séculos XIX e XX e as dimensões de poder e solidariedade, espera-se que:

- Nas peças de teatro florianopolitanas representativas da primeira metade do século XIX, as formas VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA estejam relacionadas à dimensão de poder e a forma TU esteja relacionada à dimensão de solidariedade (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; e RUMEU, 2004; e COELHO e GÖRSKI, no prelo);

- Nas peças de teatro florianopolitanas representativas da segunda metade do século XIX, as formas VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA estejam relacionadas à dimensão de poder e a forma TU esteja relacionada à dimensão de solidariedade (cf. resultados de LOPES e DUARTE, 2003; e RUMEU, 2004; e COELHO e GÖRSKI, no prelo);

- Nas peças de teatro florianopolitanas representativas da primeira metade do século XX, a forma O SENHOR esteja relacionada à dimensão de poder e as formas TU e VOCÊ à dimensão de solidariedade (cf. resultados de MACHADO, 2006; e COELHO e GÖRSKI, no prelo);

- Nas peças de teatro florianopolitanas representativas da segunda metade do século XX, a forma O SENHOR esteja relacionada à dimensão de poder e a forma VOCÊ à dimensão de solidariedade (cf. resultados de RAMOS, 1989; MACHADO, 2006; COELHO e GÖRSKI, no prelo). Espera-se, ainda, que nesse período a forma ZERO esteja relacionada às duas dimensões, se enquadrando, portanto, na

³¹ Na seção 2.6, será especificado como se verificará o peso de cada elemento social na constituição das dimensões de poder e solidariedade. Por ora, pode-se adiantar que esse peso será medido pelo peso relativo e a significância dos grupos de fatores sociais, calculados pelo pacote estatístico GoldVarb (ROBINSON, LAWRENCE e TAGLIAMONTE, 2001).

dimensão da neutralidade (cf. resultados e análises de ABREU, 1987; RAMOS, 1989; e COOK, 1994, 1997).

As hipóteses elencadas nesta subseção podem ser visualizadas de forma resumida no quadro 1.8, a seguir.

Período	Formas de tratamento utilizadas	Formas de tratamento mais frequentes	Grupos de fatores condicionadores	Elementos sociais que constituem as dimensões de poder e solidariedade	Relação entre as formas de tratamento e as dimensões de poder e solidariedade
Primeira metade do século XIX	TU, VOCÊ, VOSSA MERCÊ, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA, VÓS, O SENHOR e FORMAS NOMINAIS	TU	Relações simétricas e assimétricas descendentes, relações entre íntimos, ambientes informais e ausência de audiência	Sexo/ gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares, relações profissionais, ambiente e presença de audiência	TU – SOLIDARIEDADE
		VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA	Relações assimétricas ascendentes, relações entre não íntimos, ambientes formais e presença de audiência		VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA – PODER
Segunda metade do século XIX	TU, VOCÊ, VOSSA MERCÊ, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA, VÓS, O SENHOR e FORMAS NOMINAIS	TU	Relações simétricas e assimétricas descendentes, relações entre íntimos, ambientes informais e ausência de audiência	Sexo/ gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares, relações profissionais, ambiente e presença de audiência	TU – SOLIDARIEDADE
		VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA	Relações assimétricas ascendentes, relações entre não íntimos, ambientes formais e presença de audiência		VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA – PODER

Período	Formas de tratamento utilizadas	Formas de tratamento mais frequentes	Grupos de fatores condicionadores	Elementos sociais que constituem as dimensões de poder e solidariedade	Relação entre as formas de tratamento e as dimensões de poder e solidariedade
Primeira metade do século XX	TU, VÓS, VOCÊ e FORMAS NOMINAIS, incluindo O SENHOR	TU e VOCÊ	Relações simétricas e assimétricas descendentes, relações entre íntimos, ambientes informais e ausência de audiência	Sexo/ gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares, relações profissionais, ambiente e presença de audiência, com menor peso para sexo/ gênero, faixa etária, classe social e relações familiares	TU e VOCÊ – SOLIDARIEDADE
		O SENHOR ³²	Relações assimétricas ascendentes, relações entre não íntimos, ambientes formais e presença de audiência		O SENHOR – PODER
Segunda metade do século XX	TU, VOCÊ, ZERO e O SENHOR	VOCÊ e ZERO	Relações simétricas e assimétricas descendentes, relações entre íntimos, ambientes informais e ausência de audiência	Sexo/ gênero, faixa etária, classe social, relações de intimidade, relações familiares, relações profissionais, ambiente e presença de audiência, com menor peso para sexo/ gênero, faixa etária, classe social e relações familiares	VOCÊ e ZERO – SOLIDARIEDADE
		O SENHOR e ZERO	Relações assimétricas ascendentes, relações entre não íntimos, ambientes formais e presença de audiência		O SENHOR E ZERO – PODER

Quadro 1.8: Resumo das hipóteses gerais

³² Cabe aqui uma ressalva, para que esse quadro não seja mal entendido. Na virada do século XIX para o século XX, espera-se que passem a figurar entre as formas de tratamento mais frequentes VOCÊ e O SENHOR. Não se espera, entretanto, que a forma O SENHOR adentre o sistema de tratamento florianopolitano tão abruptamente quanto a forma VOCÊ. Para o século XIX, são esperados pouquíssimos dados de VOCÊ, diferentemente do que deve ocorrer com a forma O SENHOR, que, apesar de não ser uma forma esperada como uma das mais frequentes (essas devem ser TU, VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA), deve apresentar um número de ocorrências muito mais significativos do que o número de ocorrências com a forma de tratamento VOCÊ. O aparecimento da forma O SENHOR como uma das mais frequentes no século XX não deve se configurar, portanto, tão surpreendente quanto o aparecimento da forma VOCÊ.

CAPÍTULO II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo é apresentada a abordagem teórico-metodológica deste estudo. As próximas três seções são dedicadas a apresentar sua base teórica. Na primeira delas, são expostos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança que permitem enquadrar o estudo sob essa perspectiva teórica. Ainda na mesma seção, ganha enfoque a abordagem de William Labov, principal representante da teoria, para a *variação estilística*. Na seção seguinte, é apresentada a perspectiva sob a qual se tratará a variação nas formas de tratamento de Florianópolis nesta pesquisa: os pronomes de poder e de solidariedade, de Brown e Gilman (2003 [1960]). Em complemento à proposta de Brown e Gilman (2003 [1960]), introduz-se a noção de *neutralidade* na análise das formas de tratamento, teorizada por Cook (1994;1997).

Em seguida, o foco passa a ser a metodologia utilizada. Na seção 2.3, é delineado um perfil sócio-histórico da cidade de Florianópolis, local de nascimento dos autores das obras que compõem a amostra. Em seguida, são evidenciadas características da amostra utilizada neste estudo. Por fim, são destacados o tratamento estatístico dos dados e o envelope de variação, que abarca a variável dependente e as variáveis independentes.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 1972)

A Teoria da Variação e Mudança surgiu na década de 1960 como uma reação a duas das principais correntes de estudos linguísticos do século XX: o Estruturalismo, cuja figura central foi o suíço Ferdinand de Saussure, e o Gerativismo, que tem como mais reconhecido representante o norte-americano Noam Chomsky. O texto inaugural dessa nova perspectiva de estudo chama-se *Empirical foundations for a Theory of Linguistic Change*, e foi apresentado por Uriel Weirich, William Labov e

Marvin Herzog (doravante WLH) em 1966 e publicado em 1968¹⁰⁸.

A teoria proposta por WLH (2006 [1968]) é também conhecida por *Sociolinguística Laboviana* – por conta de seu maior expoente, William Labov –, por *Sociolinguística Variacionista* – porque seu princípio mais básico é o de que toda língua varia e muda – e por *Sociolinguística Quantitativa* – pois sua abordagem metodológica pressupõe uma boa quantidade de dados e um tratamento estatístico. Apresenta, portanto, uma metodologia própria de pesquisa, coerentemente imbricada a seus pressupostos teóricos básicos.

A seguir, são apresentados os preceitos elementares que orientam os estudos nessa área. Em seguida, ganha destaque a *variação estilística* sob o ponto de vista de William Labov.

2.1.1 Pressupostos básicos

Uma das concepções fundamentais do Estruturalismo Saussuriano contestadas pela Teoria da Variação e Mudança é a correspondência entre *sistematicidade* e *homogeneidade*. Não há dúvidas de que a aceitação da linguagem como campo para estudo científico em muito se deve ao trabalho de Saussure, e em especial por sua percepção de que a língua é um sistema, dotado, portanto, de regras. A associação entre sistematicidade e homogeneidade não permite, entretanto, que se enxerguem variações nesse sistema. Na proposta de WLH (2006 [1968]), o rompimento dessa associação resulta na interpretação da língua como *sistema heterogêneo*: sistema, porque é organizada e dotada de regras; heterogêneo, porque o sistema apresenta *variações* e é composto por regras categóricas e regras *variáveis*.

A *variação* ocorre, por definição, quando duas formas linguísticas, as *variantes*, competem pelo mesmo contexto, tendo o mesmo significado ou valor de verdade. As variações na língua

¹⁰⁸ No Brasil, a tradução para a língua portuguesa, utilizada nesta pesquisa, foi realizada por Marcos Bagno e publicada em 2006, sob o título *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*.

podem ser de ordem social (diatrática), regional (diatópica), estilística¹⁰⁹ e há, também, a variação entre a fala e a escrita (diamésica)¹¹⁰. Da mesma forma, a variação pode ocorrer em todos os níveis linguísticos: lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo – além dos fenômenos variáveis situados em interfaces, como os de natureza morfofonológica e os de natureza morfossintática, que é o caso das formas de tratamento. Em termos metodológicos, ao fenômeno variável dá-se o nome de *variável dependente*; aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variável dependente dá-se o nome de *variáveis independentes*.

Ao postular que a variação linguística é condicionada também por fatores externos à língua, a Teoria da Variação e Mudança se posiciona contra mais um dos princípios do Estruturalismo Saussureano: a *imanência*. Diferentemente do que propõem WLH (2006 [1968]), na visão de Saussure, as mudanças internas à estrutura da língua somente poderiam ser explicadas por fatores linguísticos, e não por fatos extralinguísticos – como região, classe social, sexo/ gênero, nível de escolaridade etc.

Ainda no campo das contestações ao modelo saussureano, a teoria proposta por WLH (2006 [1968]) se opõe aos conceitos de *langue* e *parole*. A *langue* seria homogênea e ao mesmo tempo social, um construto coletivo dos falantes, mas um construto abstrato; é ela o objeto de estudo da linguística. Já a *parole* seria a manifestação concreta da *langue*, a fala do indivíduo, e estaria sujeita, portanto, à heterogeneidade. Desses dois conceitos resulta o que é chamado *Paradoxo Saussureano*. Nas palavras de Labov, o *paradoxo* encontra-se no fato de que “[...] o aspecto social da língua [isto é, a *langue*] é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual [ou seja, a *parole*] somente pela observação da língua em seu contexto social” (LABOV, 2008 [1972], p. 218).

¹⁰⁹ A próxima subseção é dedicada a destacar o lugar que ocupa a *variação estilística* na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança.

¹¹⁰ Este último tipo de variação é, normalmente, tratado com cuidada relativização, uma vez que a escrita e a fala são meios distintos e apresentam particularidades que ampliam consideravelmente o conceito de *variação*.

A questão da *homogeneidade* da língua também é um ponto questionado por WLH (2006 [1968]) na Teoria Gerativa. Na perspectiva chomskiana, os dados linguísticos analisáveis partem dos julgamentos pessoais do pesquisador, falante-ouvinte ideal, representante de uma comunidade de fala homogênea. O objeto de estudo da linguística é, para o Gerativismo, abstrato. Num estudo variacionista, os dados linguísticos analisáveis partem do uso dos falantes, falantes-ouvintes reais, representantes de uma comunidade de fala heterogênea. O objeto de estudo da linguística, para a Sociolinguística, é concreto e observável.

A última dicotomia saussuriana contestada por WLH (2006 [1968]) é a oposição entre a *sincronia*, que seria um “recorte” da língua em determinado tempo, e a *diacronia*, uma sucessão de estados da língua. A *diacronia*, assim como a *parole*, são relegadas por Saussure a um segundo plano; desse modo, juntamente à *langue*, a *sincronia* seria o terreno ideal para se estudar a língua. A Teoria da Variação e Mudança aproxima essas duas perspectivas, a sincronia e a diacronia, ao postular que todas as línguas variam e mudam, e que permanecem estruturadas enquanto mudam, o que permite que se estude a mudança linguística enquanto ela ocorre.

WLH (2006 [1968]) propõem, então, cinco questões fundamentais das quais uma teoria da mudança linguística deve dar conta. Essas questões estão relacionadas aos cinco *problemas empíricos* formulados pelos autores em seu texto de 1968, elencados abaixo.

1) O problema dos fatores condicionadores (restrição)

– Qual o conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para mudanças que venham a ocorrer em uma determinada língua?

Para solucionar o problema de restrição e responder à questão acima, é necessário que se elenquem grupos de fatores condicionadores para o fenômeno em análise, tanto linguísticos como extralinguísticos. O tratamento estatístico irá revelar, dentre os grupos elencados, quais se mostraram relevantes para o estudo da mudança em questão.

No caso das formas de tratamento, é provável que os grupos de fatores extralinguísticos relevantes sejam aqueles que dizem respeito à relação locutor-interlocutor, como relações de intimidade, relações familiares, relações profissionais, classe social, faixa etária e sexo/ gênero. Esse problema está tão diretamente relacionado com o seguinte, o *encaixamento*, que Labov (1982), em revisita à proposta de 1968, sugere que eles sejam tratados conjuntamente.

2) O problema do encaixamento – Como as mudanças estão encaixadas na estrutura linguística e na estrutura social?

O que vai dizer de que forma determinado fenômeno está encaixado na estrutura linguística e na estrutura social serão exatamente os fatores que se mostrarem relevantes em sua análise. As pesquisas sobre diferentes fenômenos em variação numa mesma língua e o controle de fatores linguísticos e extralinguísticos podem levar, ainda, à outra faceta do problema do encaixamento, a identificação de *mudanças em cadeia* – que é o caso da entrada do VOCÊ no sistema pronominal do PB. De acordo com Duarte (1995), entre outros autores, a entrada do VOCÊ no sistema levou a um maior preenchimento do sujeito pronominal, uma vez que, tendo VOCÊ (um pronome de segunda pessoa), ELE (um pronome de terceira pessoa) e A GENTE (um pronome de primeira pessoa) a mesma conjugação verbal, apenas através da explicitação formal do pronome na posição de sujeito é que seria possível identificar o sujeito das orações.

No que diz respeito às formas de tratamento, é provável que mudanças na língua e na sociedade tenham levado o sistema de tratamento do português de Florianópolis a se reorganizar. A entrada de VOCÊ no paradigma dos pronomes pessoais (e das formas de tratamento) certamente é um fator linguístico a ser levado em consideração; mas também as mudanças sociais que levaram à entrada da forma VOCÊ nesse paradigma devem ser relevantes para o estudo da mudança no sistema de tratamento florianopolitano.

3) O problema da transição – Como as mudanças passam de um estágio a outro e de uma comunidade a outra?

Para Lucchesi (2004), a Sociolinguística, ao equacionar o problema da transição através de um “*continuum* ininterrupto de variação e mudança” (p. 174, grifos do autor), se opõe ao preceito estruturalista de que a mudança linguística ocorre em “blocos” homogêneos. À primeira vista, esse problema parece um obstáculo à análise de fenômenos variáveis. Sabendo-se que uma mudança não acontece de maneira abrupta e que pode levar anos, décadas, séculos para se implementar, como analisar um fenômeno que ainda está em transição? como identificá-lo?

A partir dessa consideração acerca do aspecto dinâmico do problema da transição, uma saída possível para responder as perguntas acima seria procurar as “trilhas” que o fenômeno traça, através de dados diacrônicos, e controlar, por meio da delimitação de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, de que forma determinado fenômeno se expande através de uma comunidade, de indivíduo a indivíduo, de geração a geração, de localidade a localidade, e os mecanismos de que a língua dispõe para frear ou mesmo acelerar sua transmissão.

Com relação às formas de tratamento, o problema da transição poderá ser observado através de dados dos séculos XIX e XX, divididos em diferentes períodos de 50 anos, nos quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos podem se mostrar como propulsores ou inibidores de mudanças relacionadas a esse objeto. Espera-se que seja possível visualizar, por meio da distribuição dos resultados por período, o *continuum* ao qual Lucchesi (2004) se refere.

4) O problema da avaliação – Como as mudanças são avaliadas por seus efeitos na estrutura linguística e na estrutura social?

O problema da avaliação está relacionado à consciência que os falantes têm sobre as formas da língua e ao poder que sua atitude pode vir a exercer no processo de mudança linguística. De maneira geral, se os falantes fazem uma avaliação positiva de uma forma, tanto do ponto de vista de seu valor social como da

carga funcional que essa forma carrega, a mudança em direção a essa forma tende a ser acelerada. Já se os falantes tiverem uma avaliação negativa, é possível que a mudança seja freada.

Para detectar a avaliação dos falantes com relação às formas de tratamento, nesta pesquisa são utilizados dados de outros estudos, nos quais os informantes atribuem determinados valores a algumas formas de tratamento; com a mesma finalidade, são revisadas conclusões de outros autores a respeito desse objeto de estudo. Nos resultados atingidos aqui, a preferência por uma ou outra forma de tratamento em cada período também deve dar indícios da avaliação que os falantes fazem (ou fizeram) dessas formas.

5) O problema da implementação – Do que depende uma mudança para ser implementada? Por que uma mudança ocorre numa dada língua numa dada época e não em outra língua ou em outra época?

Os próprios autores reconhecem que a resposta a essa pergunta deverá surgir posteriormente à implementação de uma mudança, mas ressaltam que através do controle de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, seria possível prever determinados caminhos para uma dada mudança.

A respeito das formas de tratamento, é possível que se encontrem algumas respostas com relação a formas já extintas da língua ou usadas em contextos muito específicos – ou seja, formas *especializadas* –, como VOSSA SENHORIA e VÓS, que, por certo ponto de vista, representam uma mudança já implementada; e que outras, que ainda não foram extintas ou não chegaram a uma especialização, como TU e VOCÊ, possam ser analisadas apenas sob a perspectiva dos grupos de fatores, como sugerem os autores.

2.1.2 Labov e o lugar da variação estilística

Em seu texto de 1966, *Some sociolinguistic principles*, Labov apresenta uma série de princípios que devem nortear a

análise sociolinguística. O primeiro deles é “não existem falantes de estilo único” (p. 234)¹¹¹, o que indica que a variação estilística parece ocupar um papel importante na Teoria da Variação e Mudança. O autor complementa:

Isso significa que todo falante mostrará alguma variação nas regras fonológicas e sintáticas de acordo com o contexto imediato no qual está falando. Nós podemos demonstrar que tais trocas estilísticas são determinadas: (a) pelas relações do falante, interlocutor, e audiência, e particularmente as relações de poder ou solidariedade entre eles; (b) pelo contexto social mais amplo ou “domínio”: escola, trabalho, casa, vizinhança, igreja; (c) pelo tópico. (LABOV, [1966] 2003, P. 234)¹¹²

Esse princípio, assim como os fatores determinantes da variação estilística elencados acima, parecem ser aceitos pelos sociolinguistas em geral, embora as perspectivas dos estudiosos acerca da variação estilística se difiram em muitos aspectos¹¹³. O próprio William Labov, apesar de considerar a influência dos fatores (a), (b) e (c), acima, parece ter optado por uma abordagem que não os contempla plenamente. Sua perspectiva de análise da variação estilística leva em consideração somente o *grau de atenção* prestada à fala pelo informante em seu discurso, controlado através dos artifícios metodológicos descritos a seguir.

¹¹¹ No original: There are no single-style speakers. (LABOV, 2003 [1966], p. 234).

¹¹² No original: By this we mean that every speaker will show some variation in phonological and syntactic rules according to the immediate context in which he is speaking. We can demonstrate that such stylistic shifts are determined by (a) the relations of the speaker, addressee, and audience, and particularly the relations of power and solidarity among them; (b) the wider social context or “domain”: school, job, home, neighborhood, church; (c) the topic. (LABOV, 2003 [1966], p. 234).

¹¹³ Diferentes perspectivas de estudo da variação estilística podem ser conhecidas na publicação organizada por Penelope Eckert, *Style and sociolinguistic variation*, de 2001, e no texto de Nathalie Schilling-Estes, *Investigating stylistic variation*, de 2003.

Em seu estudo de 1966, publicado em 1972, *Sociolinguistic patterns*, Labov explorou a realização de cinco variáveis¹¹⁴ por falantes novaiorquinos nativos. Para controlar os contextos de formalidade e informalidade nas entrevistas sociolinguísticas que realizou com seus informantes, o autor criou quatro categorias, subdivididas em outras nove. Os contextos A1 a A5 são de fala casual e os de B a D' são de fala cuidada, sendo que, de cima para baixo, os contextos vão do extremo de casualidade para o extremo de cuidado – ou seja, o grau de atenção à fala deve aumentar do contexto A1 ao contexto D'.

Contexto A1: Fala fora da entrevista, antes ou depois dela;

Contexto A2: Fala com terceiros (com filhos, vizinhos ou ao telefone);

Contexto A3: Fala que não responde exatamente ao que foi perguntado – quando o informante divaga ou direciona a conversa para um assunto sobre o qual esteja mais interessado;

Contexto A4: Parlendas e rimas infantis (segundo Labov, nesse contexto a fala espontânea tem grande chance de ocorrer¹¹⁵);

Contexto A5: Fala sobre risco de vida – a pergunta “clássica” da entrevista sociolinguística, em cuja resposta o informante tende a se emocionar e produzir seu *vernáculo*, estilo em que menor grau de atenção é prestado à fala;

Contexto B: Fala monitorada – quando o falante responde perguntas que são reconhecidamente partes da entrevista;

Contexto C: Leitura de textos – o falante lê dois textos de estilo coloquial que concentram as variáveis analisadas no estudo de Labov;

¹¹⁴ As variáveis estudadas por Labov foram: a realização do /r/ (presença vs. ausência de constrição); a realização da vogal /eh/, com cinco variantes, numa escala que vai desde a realização de a vogal alta [I] até a vogal central [a]; a realização da vogal /oh/, com seis variantes, numa escala que vai desde a realização de a vogal alta [u] até a vogal central [a]; e a realização das consoantes /th/ e /dh/, com três variantes cada uma, a fricativa interdental, a africada e a oclusiva dental fraca.

¹¹⁵ Embora se possa pensar que nesses contextos o informante vai reproduzir uma fala planejada (decorada), o que descaracteriza a fala casual.

Contexto D: Leitura de lista de palavras – o informante lê uma lista de palavras isoladas que concentram as variáveis analisadas;

Contexto D': Leitura de pares mínimos – o informante lê uma lista de palavras que sejam pares mínimos, ou seja, que se difiram por um único fonema (normalmente, o fonema correspondente à variável em estudo).

Além de criar essa classificação de contextos, Labov (1972) ainda identificou as *pistas do canal*, elementos paralinguísticos que poderiam dar sinais ao pesquisador de momentos de maior ou menor descontração ou atenção por parte do informante. São elas: mudança no ritmo da conversa, mudança no volume da voz, mudança na altura da voz, riso e mudança na velocidade da respiração.

Através da análise de casos individuais, os quais são descritos com riqueza de detalhes, Labov (1972) consegue uma generalização em seus resultados, na qual os falantes, mesmo não atingindo os mesmos índices numéricos de realização das variantes, desenham todos a mesma curva, em maior ou menor proporção, nos gráficos que o autor elaborou para ilustrar a variação estilística de seus informantes. Por mais que tenham números diferentes em relação ao *uso* das variantes, os falantes parecem mostrar que fazem uma *avaliação* semelhante a respeito delas.

Um fato ainda mais interessante acerca das curvas produzidas pela fala dos informantes é que elas são uma espécie de “espelho” dos gráficos que o autor veio a construir quando representou a influência dos fatores sociais no uso das mesmas variáveis que controlou nos casos individuais. Essa correspondência pode ser verificada no gráfico 2.1¹¹⁶, a seguir, que é uma reprodução do apresentado por Labov (1972) para a variável /th/.

¹¹⁶ Legenda:

SEC = “classe socioeconômica”; 0-1 = Classe baixa; 2-4 = Classe operária; 5-6 e 7-8 = Classe média-baixa; 9 = Classe média-alta.

A = fala casual; B = fala cuidada; C = leitura; D = lista de palavras.

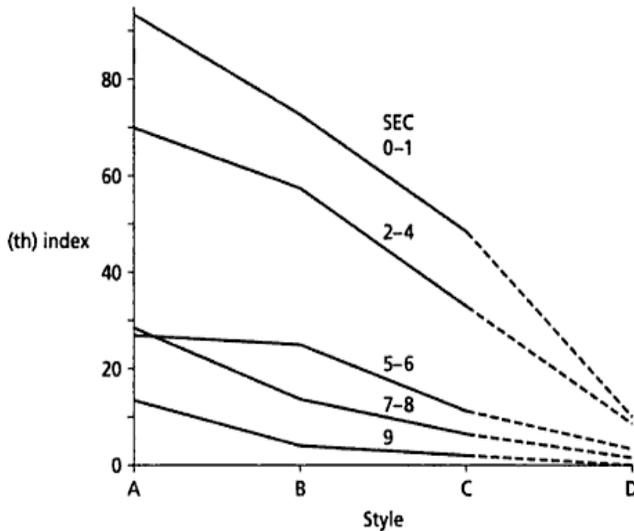


Gráfico 2.1: Variação estilística e social da realização de /th/ na fala de Nova Iorque (reprodução da figura 4.1 de Labov (1972, p. 122)).

Observando-se o gráfico 2.1, é possível perceber que as variantes usadas em situações mais formais correspondem às variantes usadas em maior grau pelas classes mais altas; ao passo que variantes usadas nos contextos mais informais são utilizadas com maior frequência pelas classes menos prestigiadas. Essa constatação é, certamente, uma grande contribuição de Labov ao estudo da variação estilística.

No seu estudo de 2001, Labov retira de sua análise os dados de leitura e passa a trabalhar somente com dados advindos da entrevista sociolinguística. Ao analisar três fenômenos em variação¹¹⁷ na fala de mais de 300 informantes da Filadélfia, o autor substitui a classificação dos quatro contextos de formalidade pela *árvore de decisão*, uma espécie de guia de

¹¹⁷ São eles: a forma de realização do /dh/ (alternância de consoantes plosivas, fricativas e africadas), a forma de realização do sufixo (-ing) (alternância de consoantes apicais e velares) e a concordância negativa (presença vs. ausência de partículas negativas precedendo *ever*, *either* ou *any*).

assuntos e formatos textuais que tendem a ser tratados pelo informante como mais ou menos informais. A seguir, na figura 2.1, encontra-se uma reprodução da árvore de decisão de Labov (2001).

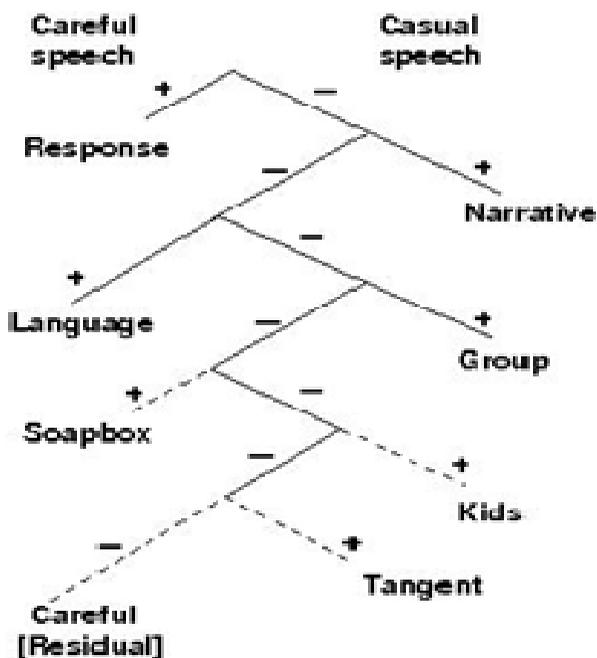


Figura 2.1: Árvore de decisão (reprodução de LABOV, 2001, p. 93).

Dessa forma, toda vez que o falante entrasse nos assuntos “linguagem” ou “amenidades”¹¹⁸, ou quando estivesse respondendo imediatamente ao que lhe foi perguntado, estaria automaticamente no contexto de fala cuidada. Já se entrasse nos assuntos “grupos [sociais]” ou “crianças”, quando narrasse algum fato ou tangenciasse o tema proposto pelo entrevistador, estaria

¹¹⁸ Tradução livre de *soapbox*.

num contexto de informalidade. Na categoria “residual” ficariam os dados que não se enquadraram em nenhuma das outras sete categorias.

Neste estudo, as oito categorias presentes na árvore foram reagrupadas sob os rótulos de “fala cuidada” e “fala casual”. Os resultados apontam que a realização da variável /dh/ apresenta maior grau de troca de estilo entre a fala casual e a fala cuidada, ao passo que a realização da variável (-ing) mostra-se menos sensível à troca de estilo. Já a variável ‘concordância negativa’ apresenta os mais baixos índices de troca de estilo – entretanto, o autor ressalta que esse resultado pode se dever ao fato de que muitos falantes da classe média nunca fazem concordância negativa, independentemente do contexto de formalidade.

Baugh (2001) reelabora a árvore de decisão de Labov (2001), refinando alguns critérios. Ele cria as categorias “formal” e “informal” para cada um dos ramos da árvore, abrindo a possibilidade da haver uma fala mais ou menos formal dentro de um assunto sobre o qual a fala já seria pré-considerada como “casual” ou “cuidada”. Ou seja, ao falar de “crianças”, um assunto pré-estabelecido como informal, o informante ainda poderia ter uma fala mais ou menos informal.

As críticas estabelecidas ao modelo laboviano de análise da variação estilística, em especial ao fato de o autor não dar conta dos fatores citados por ele próprio no seu texto de 1966, não serão retomadas aqui. Cabe ressaltar, somente, a importância de se apresentar a abordagem laboviana para o estudo da variação estilística dentro da Sociolinguística, uma vez que Labov é um dos precursores e é o principal representante da Teoria da Variação e Mudança. O enfoque desse autor não será aplicado nesta pesquisa por conta da natureza dos dados; a análise será feita sobre dados encontrados em textos escritos de peças de teatro, e não em entrevistas sociolinguísticas. A perspectiva adotada será apresentada em detalhes a seguir, na seção 2.2.

2.2 OS PRONOMES DE PODER E SOLIDARIEDADE (BROWN; GILMAN, 2003 [1960])

Em 1960, Roger Brown e Albert Gilman publicaram um artigo que ainda hoje é aproveitado pelos sociolinguistas que se dedicam a estudar a variação estilística. Ao se estabelecer qualquer que seja a crítica ao trabalho desses autores, é importante ter em mente o pioneirismo de suas ideias, a relevância que elas tiveram para o estudo da variação estilística e o valor dos indícios científicos de um provável universal estilístico sobre o qual muitos falantes podem intuir, mas poucos cientistas se propuseram a analisar: a distinção T-V¹¹⁹.

Antes de se apresentarem as ideias de Brown e Gilman (2003 [1960]), serão introduzidos alguns conceitos adotados pelos autores, para que seja plenamente compreendida a sua proposta de análise:

a) *Semântica*: covariação entre o pronome usado e a relação objetiva existente entre falante e interlocutor.

b) *Semântica do poder*: é não recíproca e assimétrica: o superior diz T e recebe V.

c) *Semântica da solidariedade*: é recíproca e simétrica: o falante diz T e recebe T ou diz V e recebe V.

d) *T*: Designador genérico do pronome singular familiar em qualquer língua.

e) *V*: Designador genérico do pronome singular respeitoso em qualquer língua.

Os autores introduzem seu texto com uma reflexão acerca do uso do pronome *you* no inglês atual. Nessa língua, há somente um pronome de segunda pessoa, *you*, que serve tanto à segunda pessoa do singular como à segunda pessoa do plural, e é utilizado como segunda pessoa do singular tanto em situações de maior formalidade como em situações de menor formalidade. No entanto, no inglês antigo e no francês, alemão, italiano e espanhol

¹¹⁹ Na subseção seguinte, por motivos que ficarão claros, a distinção T-V passa a ser chamada *distinção T-(N)-V*.

atuais, entre outras línguas mais próximas ao inglês, há dois pronomes de singular¹²⁰. O que há de interessante sobre esses pronomes, de acordo com Brown e Gilman (2003 [1960]), é sua estreita associação com duas dimensões aplicadas para a análise de toda a vida social: as dimensões de poder e solidariedade.

Uma relação em que a dimensão do poder tem mais peso é não recíproca no sentido de que duas pessoas não podem ter poder uma sobre a outra na mesma área do comportamento. A semântica do poder é igualmente não recíproca: o superior diz T e recebe V. Pode-se dizer que uma pessoa tem poder sobre outra na medida em que ela é capaz de controlar o comportamento dessa outra pessoa. De acordo com os autores, o poder pode se manifestar de diferentes formas: força física, riqueza, idade, sexo/gênero, papel institucionalizado na igreja, no Estado, no exército ou na família etc.

Uma relação de solidariedade, por sua vez, é uma relação simétrica. Frequentar a mesma escola, ter os mesmos pais e ter a mesma profissão são relações de solidariedade. Em princípio, segundo Brown e Gilman (2003 [1960]), não havia regra que diferenciasse o tratamento entre iguais, mas muito gradualmente foi desenvolvida uma distinção chamada de T de intimidade e V de formalidade. A dimensão que rege as relações simétricas é chamada de dimensão da solidariedade.

Em termos gerais, a forma V estaria relacionada com diferenças entre as pessoas. Porém, nem todas as diferenças entre pessoas implicam uma diferença de poder: diferenças de poder fazem emergir V numa direção de tratamento; diferenças não relacionadas com poder fazem V emergir em ambas as direções. Já numa relação simétrica ou recíproca de solidariedade, V se torna mais provável à medida que a solidariedade decai.

Segundo Brown e Gilman (2003 [1960]), um estudo histórico dos pronomes revelaria que a semântica não recíproca do poder estaria associada com uma sociedade relativamente estratificada, na qual haja posições de poder únicas para cada indivíduo e esse poder seja adquirido de berço, não estando

¹²⁰ Em anexo, encontra-se uma lista com a distinção T-V nas mais variadas línguas.

sujeito a uma redistribuição. Esse seria o caso do sistema feudal, cuja estrutura social estratificada ainda era acompanhada pelos ensinamentos da Igreja, que pregava que todo homem tinha sua posição e não deveria desejar ascender a outra. A semântica da solidariedade teria crescido com a democratização das sociedades, com a possibilidade de mobilidade social e com a ideologia igualitária. Como evidências a favor dessa tese, os autores apresentam os seguintes casos:

- Na França, a semântica não recíproca do poder foi dominante até a Revolução Francesa (que aconteceu no século XVIII, no ano de 1789), quando o Comitê de Segurança Pública condenou o uso de V como um resquício feudal e ordenou o uso universal do T recíproco. O pronome escolhido para ser universal foi o T e não o V porque o V era o pronome da classe dominante e o T era o pronome usado entre os *sans culotes* – esse, então, tinha que ser o pronome da Revolução. Nos anos seguintes, entretanto, a solidariedade decaiu e as diferenças de poder que sempre existiram em todo lugar foram expressas novamente.

- No francês da África, era comum expressar a diferença entre africanos e europeus através do uso não recíproco dos pronomes: os europeus diziam T e esperavam receber de volta V dos africanos. Em 1957, Robert Lacoste, então ministro francês que morava na Argélia, considerou esse costume como injusto e revoltante e pediu que os cidadãos evitassem essa prática.

- Na Inglaterra do século XVII, os pronomes *thou* e *you*¹²¹, do inglês, foram envolvidos explicitamente numa controvérsia social. A Sociedade Religiosa dos Amigos¹²²

¹²¹ De acordo com Brown e Gilman (2003 [1960]), na Inglaterra, antes da Conquista Normanda (que ocorreu no século XI, em 1066), *ye* era a forma de segunda pessoa do plural, *thou* era a forma do singular e *you* era o acusativo de *ye*, mas com o tempo passou a ser nominativo plural e depois veio a substituir *thou* como singular. Os primeiros usos de *ye* como singular respeitoso (ou seja, como V) aconteceram no séc. XIII, e parecem ter sido copiados da nobreza francesa. Os autores afirmam que a progressão semântica desses pronomes corresponde aos estágios gerais verificáveis em outras línguas, exceto pelo fato de que o inglês parece sempre se mover mais livremente de uma forma para outra do que as demais línguas da Europa.

¹²² *Religious Society of Friends* foi uma sociedade protestante criada em 1752, na Inglaterra, em reação à Igreja Anglicana.

(Quakers), fundada por George Fox, optou por usar *thou* com todos, sob o argumento de que Deus teria pedido para que eles não distinguíssem “ricos ou pobres, grandes ou pequenos”. Fox ainda sugeriu, num panfleto, que o Papa, por vaidade, teria introduzido a prática “corrupta e ilógica” de dizer V para uma única pessoa. Farnsworth, outro Quaker, escreveu também um panfleto dizendo que, na Bíblia, Deus e Adão e Deus e Moisés não eram orgulhosos e diziam e recebiam T. Alguns membros dessa sociedade atualmente usam *thee* tanto como nominativo quanto como acusativo (que era a sua função primeira). Interessantemente, alguns usam *you*. Esses parecem ter reservado *thee* para uso entre Quakers e *you* para quem é de fora do grupo. Esse caso, de acordo com os autores, parece ser um “sobrevivente” da semântica da solidariedade.

- Na Iugoslávia¹²³, segundo os informantes, por um curto período após o estabelecimento do Comunismo (o que ocorreu logo após a II Guerra Mundial, ou seja, em 1945), houve um uso universal do T de solidariedade. De acordo com Brown e Gilman (2003 [1960]), na época em que escreveram seu artigo, o espírito revolucionário havia decaído e o uso do V retornado.

- Os informantes de línguas afrikaans da África do Sul, do gujerati e de outras línguas hindus preservaram 8 distinções de poder no questionário¹²⁴ aplicado por Brown e Gilman (2003 [1960]), com destaque para as relações familiares e as distinções entre cliente e garçom e entre chefe e empregado, que foram relações quase nunca assinaladas como de poder pelos franceses, italianos, alemães etc. Eles preservaram o padrão assimétrico das díades ilustradas na figura 2.5, adiante, o que sugere uma sociedade mais estática e menos desenvolvida em termos de igualdade étnica. Os autores pontuam, contudo, que a sociedade hindu está mudando rapidamente e que, com a mudança social, as

¹²³ Vale lembrar que a Iugoslávia não existe mais como país. Em 1992, Eslovênia, Croácia, Macedônia e Bósnia e Herzegovina se emanciparam; em 2003 seu nome passou a ser Sérvia e Montenegro e, em 2006, Sérvia e Montenegro se separaram. Além disso, Kosovo se considera um estado independente da Sérvia, embora essa posição não seja reconhecida por esse país.

¹²⁴ Detalhes sobre o questionário aplicado por Brown e Gilman são encontrados ainda nesta seção.

normas de uso dos pronomes também estariam sendo reformuladas. Uma evidência dessas mudanças seria o fato de que jovens hindus “progressistas” fazem uso mútuo de T entre esposo e esposa.

De acordo com os autores, a dimensão da solidariedade pesaria no sistema como um meio de tratamento entre pessoas iguais em poder; e a dimensão do poder orientaria o tratamento entre pessoas diferentes em poder. Enquanto a solidariedade estava confinada a este nível, o sistema bidimensional estava em equilíbrio (figura 2.2).

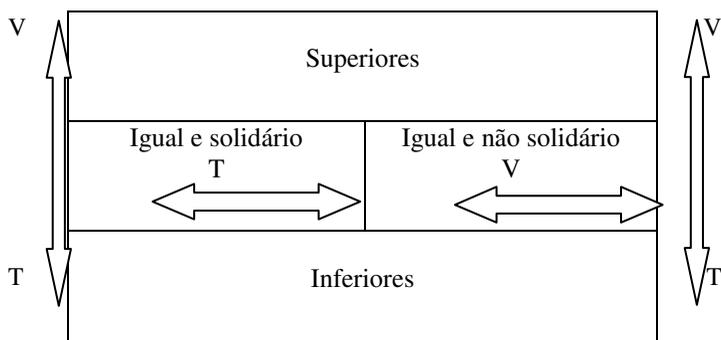


Figura 2.2: Sistema bidimensional (poder e solidariedade) em equilíbrio (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960]).

Parece que o sistema bidimensional continuou em equilíbrio por um tempo considerável em todas as línguas. Segundo Brown e Gilman (2003 [1960]), é por conta do longo reinado da semântica bidimensional que T tem seu sentido mais associado a condescendência e/ou intimidade e V a reverência e/ou formalidade. Essas definições ainda são correntes, mas o uso foi, de fato, além disso. Os autores se perguntam por que a mudança não se estabilizou nesse ponto, e a conclusão a que chegam é que o desenvolvimento de sociedades abertas, com ideologias igualitárias, atuou contra a semântica não recíproca do poder e em favor da solidariedade.

O sistema se desestabiliza da seguinte forma: a dimensão da solidariedade pode ser aplicada a qualquer interlocutor – pessoas superiores em poder podem ser solidárias ou não solidárias, e pessoas inferiores em poder podem, igualmente, ser ou não solidárias. A extensão da dimensão da solidariedade cria seis categorias de pessoas definidas a partir de sua relação com o falante (figura 2.3). As regras de tratamento entram em conflito para as pessoas da parte de cima e à esquerda da figura e para as pessoas da parte de baixo e à direita.

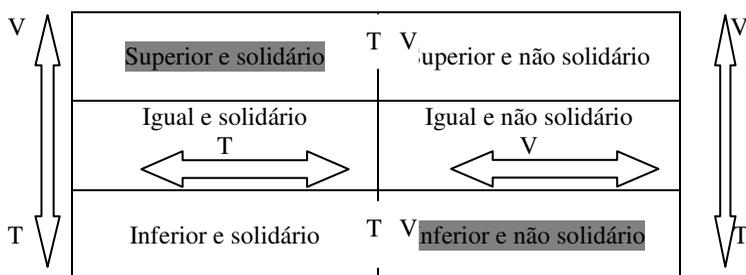


Figura 2.3: Sistema bidimensional em conflito (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960]).

Diferentemente do que ocorre em uma sociedade estática, numa sociedade democrática, a expressão das diferenças de poder através dos pronomes deve ser mais onerosa e pode gerar uma “crise de tratamento”. As pessoas que estariam no lado esquerdo superior da figura 2.3 sentiriam o peso da dimensão de poder porque são superiores, mas sentiriam em igual proporção o peso da dimensão de solidariedade, pois são iguais solidárias. De maneira semelhante, as pessoas no lado direito inferior da figura 2.3 seriam influenciadas pela dimensão de solidariedade porque são inferiores, mas também seriam influenciadas pela dimensão de poder porque são não solidárias. O conflito abstrato descrito na figura 2.3 é particularizado na figura 2.4, com amostras de díades sociais nas quais ele seria sentido.



Figura 2.4: Díades sociais nas quais o conflito do sistema bidimensional seria sentido (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960]).

No século XIX a semântica do poder prevaleceu e garçons, soldados comuns e empregados eram chamados T e pais, patrões e irmãos mais velhos eram chamados V. Entretanto, segundo os autores, há evidências consistentes que indicam que no século XX a semântica da solidariedade ganhou supremacia. As díades mostradas na figura 2.4 agora usariam mutuamente o mesmo tratamento. Os tratamentos conflituosos teriam sido resolvidos a fim de se encontrar um tratamento inequívoco. O resultado abstrato é um sistema unidimensional com T recíproco de solidariedade e V recíproco de não solidariedade (figura 2.5).



Figura 2.5 Díades sociais em equilíbrio no sistema unidimensional (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960]).

De acordo com Brown e Gilman (2003 [1960]), a prática de meados do século XX seria reinterpretar atributos de poder

como relações simétricas de solidariedade. Assim, relações como ‘mais velho que’ e ‘pai de’ seriam reinterpretadas como relações simétricas de ‘pertencer à mesma família que’ etc. Como indício recente¹²⁵ dessa mudança em direção à solidariedade, os autores mencionam que a partir da II Guerra Mundial o exército francês adotou o regulamento de oficiais dizerem V a soldados. Eles propõem ainda uma nova direção da semântica: uma vez estabelecida a regra da solidariedade, as relações tendem a se tornar solidárias o suficiente para que se use somente o T mutuamente, e não mais o V.

Pode-se esperar, contudo, que essa nova direção da semântica leve muito tempo para se tornar regra, pois a norma de se terem dois pronomes de segunda pessoa do singular numa mesma língua, um relacionado à dimensão de poder e o outro associado à dimensão de solidariedade, já vem de longa data. Segundo os autores, a distinção T-V existe desde o latim. A forma *vos*, originalmente um pronome de segunda pessoa do plural, foi pela primeira vez utilizada como pronome de segunda pessoa do singular com o imperador, no Império Romano. As hipóteses de Brown e Gilman (2003 [1960]) são várias:

i) no séc. IV, havia dois imperadores no Império Romano, e as palavras destinadas a um eram, por extensão, destinadas a dois, gerando a forma plural;

ii) um imperador é sempre plural porque pessoas no poder muitas vezes referem-se a si mesmas como *nós* e, reciprocamente, recebem *vós*;

iii) a pluralidade é uma metáfora já antiga e muito comum para ‘poder’, e, dessa forma, o uso de *vos* poderia ser diretamente inspirado pelo poder do imperador.

Independentemente da confirmação de qualquer uma dessas hipóteses, fato é que o uso de *vos* para designar singular no latim se estendeu do imperador para outras pessoas de poder. Entretanto, os autores ressaltam que esse padrão semântico nem

¹²⁵ Considerando-se que o texto de Brown e Gilman foi publicado pela primeira vez em 1960.

sempre foi inequívoco e que houve flutuações inexplicáveis no uso de T e V no francês antigo, no espanhol, no italiano e no português, de acordo com os *corpora* em que pesquisaram. Eles acrescentam, ainda, que há outras formas, verbais e não verbais, de se expressar diferenças de poder nas relações, como tirar o chapéu, chamar pelo primeiro nome, chamar por sobrenome, chamar por títulos ou formas de tratamento nominais etc.

Em seu artigo, Brown e Gilman (2003 [1960]) advertem que cada seção do texto tem suas evidências descritas em detalhes, mas as generalizações são feitas a partir de algumas fontes, as quais chamam de “fontes secundárias”. Entre elas, estão histórias gerais da língua(gem) – pouco aproveitadas devido a seu foco na mudança fonética, e não semântica –; um pequeno número de monografias e teses descrevendo em detalhes a semântica dos pronomes em uma ou outra língua (às vezes ao longo da história, às vezes ao longo de um único século, às vezes pela obra de um único autor); como evidências de uso no passado foram usadas peças, documentos legais e cartas; como evidências do uso atual, os autores usaram a literatura e tiveram longas conversas com falantes nativos do francês, do italiano, do alemão e do espanhol nos Estados Unidos e na Europa.

Sua melhor fonte de informação vem de questionários respondidos por estudantes estrangeiros em visita a Boston nos anos de 1957 e 1958: 50 franceses, 20 alemães, 11 italianos, dois espanhóis, dois argentinos, dois chilenos, dois dinamarqueses, dois noruegueses, dois suecos, dois israelenses, dois sul-africanos, dois indianos, dois suíços, dois holandeses, dois austríacos e dois iugoslavos. Apesar de os informantes serem de vários países, os autores dizem que suas informações mais precisas são sobre o inglês, o francês, o italiano, o espanhol e o alemão e o que eles têm a dizer é fundamentado nessas cinco línguas, já que informantes e documentos de outras línguas indo-europeias não lhes foram acessíveis.

Talvez as conclusões mais objetivas do estudo de Brown e Gilman (2003 [1960]) sejam extraídas da seção 3 de seu artigo, em que descrevem as respostas de franceses, italianos e alemães ao questionário, e exploram as diferenças entre suas respectivas

línguas no que diz respeito ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular e aos elementos sociais que fundamentam as dimensões de poder e de solidariedade em cada uma delas. Embora T e V tenham passado pela mesma sequência semântica geral no francês, no alemão e no italiano, os autores pontuam que há diferenças no uso somente detectadas nas respostas aos questionários, e não nas conversas com os falantes nativos.

Os informantes dessa pesquisa eram homens residentes em Boston no outono de 1957, que estavam nos EUA há um ano ou menos, vindos de cidades com mais de 300 mil habitantes, bem distribuídas ao longo do país em questão. Foram 50 franceses, 20 alemães e 11 italianos, todos provenientes da classe média alta e cujas famílias tinham empregos que necessitavam de alta qualificação e/ou de alto nível de estudo.

O questionário foi elaborado e respondido em inglês. No início do questionário há um parágrafo explicando aos sujeitos que as perguntas se referem aos pronomes de segunda pessoa do singular de suas línguas maternas. São 28 itens com o mesmo formato do exemplo a seguir.

<p>1. a Que pronome você usaria ao falar com a sua mãe?</p> <p>T (definitivamente) _____</p> <p>T (provavelmente) _____</p> <p>Possivelmente T, possivelmente V _____</p> <p>V (provavelmente) _____</p> <p>V (definitivamente) _____</p>	<p>1. b Que pronome ela usaria ao falar com você?</p> <p>T (definitivamente) _____</p> <p>T (provavelmente) _____</p> <p>Possivelmente T, possivelmente V _____</p> <p>V (provavelmente) _____</p> <p>V (definitivamente) _____</p>
--	--

Figura 2.6: Amostra do questionário aplicado por BROWN e GILMAN (2003 [1960]) a seus informantes.

Segundo Brown e Gilman (2003 [1960]), as questões dizem respeito ao uso que o sujeito faz dos pronomes quando fala com sua mãe, seu pai, seu avô, sua esposa, um irmão mais novo que ainda é uma criança, um irmão mais velho já casado, a esposa desse irmão, um primo distante e uma empregada de idade que ele conheça desde a infância. Há perguntas sobre o uso dos

pronomes entre o informante e colegas estudantes da universidade em casa, entre o informante e um estudante de seu país visitando-o nos Estados Unidos, e entre o informante e alguém com quem ele tenha estudado alguns anos antes. Outros itens são relacionados ao uso dos pronomes entre o sujeito e um garçom num restaurante, entre funcionários de um escritório, entre soldados companheiros no exército, entre chefe e empregado e entre um soldado do mais baixo escalão do exército e um general. Há, ainda, itens mais elaborados que pedem aos informantes para se imaginarem em uma situação social cuidadosamente detalhada e dizerem que pronome usariam.

Os autores pontuaram as respostas de 0 a 4, sendo que “definitivamente V” valia 0 e “definitivamente T” valia 4. Foi feito um teste aproximado sobre a significância das diferenças entre as três línguas em cada questão. Os autores amalgamaram as respostas em dois grupos: a) todas as respostas foram “definitivamente T” ou “provavelmente T”; b) todas as respostas foram “definitivamente V” ou “provavelmente V” ou “possivelmente V, possivelmente T”.

Usando o teste do qui-quadrado com a correção de Yates para pequenas frequências, os autores determinaram, para cada comparação, a probabilidade de se obter ao acaso uma mesma diferença ou uma diferença maior do que a realmente obtida. Mesmo com amostras pequenas, de acordo com Brown e Gilman (2003 [1960]), há poucas diferenças significativamente improváveis de ocorrer ao acaso e a margem de erro é pequena.

No cômputo geral dos resultados, as respostas, segundo os autores, dão indícios da mudança da semântica em direção à solidariedade, anteriormente mencionada: os franceses usaram somente em 11% dos casos respostas não recíprocas; os alemães em 12%; e os italianos em 27%. Em todas as outras respostas, houve uso mútuo de um mesmo pronome.

Resultados mais específicos mostraram que os alemães foram mais propensos do que os franceses a dizer T ao seu avô, à mulher de seu irmão mais velho e à antiga empregada da família. Os franceses estavam mais inclinados do que os alemães a dizer T a um colega estudante, a um estudante de seu país em visita aos

EUA, a um colega funcionário num escritório e a um colega com quem haviam estudado. Os italianos foram mais propensos que os franceses a dizer T para uma colega estudante e também a uma garota atraente a quem eles tinham recentemente sido apresentados. Os italianos estavam mais inclinados do que os alemães a dizerem T para as pessoas descritas acima e, além delas, a um colega estudante e a um estudante de seu país em visita aos EUA. Em nenhuma questão franceses ou alemães mostraram uma tendência significativamente maior a dizer T do que os italianos.

A leitura que se pode fazer desses resultados é que o T alemão é mais confiavelmente usado dentro da família do que o T francês; além dos maiores índices de T para avô e esposa do irmão mais velho, há diferenças menores mostrando um índice mais alto de T alemão para pai, mãe, esposa, irmão mais velho casado e primo distante. Já o T francês não é automaticamente usado para parentes distantes, mas é mais provavelmente usado com colegas estudantes, colegas funcionários, colegas no exterior e entre colegas soldados do que o T alemão. Em geral, pode-se dizer que a solidariedade expressa pela T alemão é uma solidariedade atribuída às relações de família. O T francês, em grande medida, expressa uma solidariedade adquirida, não baseada nas relações de família. O T italiano quase iguala o alemão em solidariedade familiar e ultrapassa o francês em camaradagem. A camaradagem do homem italiano se estende à mulher italiana; diferentemente dos franceses ou alemães, os italianos dizem T a uma colega quase tão prontamente quanto dizem T a um colega estudante.

A principal conclusão que se pode tirar dessa seção do estudo de Brown e Gilman é que há uma regra abstrata na escolha dos pronomes que é a mesma para o italiano, o francês e o alemão: o uso do T em direção à solidariedade e do V em direção ao poder. Entretanto, o que faz gerar a relação de solidariedade nessas línguas é o que difere: para alemães, as relações de família são um importante atributo; para italianos e franceses, as relações adquiridas têm maior peso.

A noção de “estilo” para os autores parece ainda não formalizada. Eles associam a identificação de um estilo com a identificação de uma certa *constância*. De acordo com Brown e Gilman (2003 [1960], p.168), “estilos diferentes são formas diferentes de se ‘fazer a mesma coisa’, e então sua identificação demanda alguma designação da variedade de performances que serão reconhecidas como ‘a mesma coisa’”¹²⁶.

Embora o conceito de estilo ainda esteja em construção em seu texto de 1960 (e parece que está em construção ainda hoje entre os sociolinguistas), os autores também apresentam uma face fundamental da noção de estilo por eles adotada: o estilo é uma representação conjunta da língua e da relação entre os falantes. Segundo Brown e Gilman (2003 [1960], p. 169), “estilos linguísticos são potencialmente expressivos quando há covariação entre as características da performance linguística e as características dos falantes. Quando os estilos são ‘interpretados’, o comportamento linguístico é funcionalmente expressivo.”¹²⁷ A área das formas de tratamento seria, então, um terreno fértil para as análises de estilo, pois são formas linguísticas que representam a relação entre interlocutores.

Entre as principais contribuições de Brown e Gilman (2003 [1960]), podem-se citar:

a) As dimensões de poder e de solidariedade regem todas as relações sociais, em todas as línguas e sociedades;

b) As dimensões de poder e de solidariedade não são constituídas pelos mesmos elementos em todas as línguas/sociedades. Exemplo disso que é que no alemão as relações familiares é que são mais fortemente regidas pela dimensão de solidariedade, ao passo que no francês são as relações adquiridas que sofrem maior influência dessa dimensão;

¹²⁶ No original: Different styles are different ways of ‘doing the same thing’, and so their identification waits on some designation of the range of performances to be regarded as ‘the same thing’ (BROWN e GILMAN, 2003 [1960], p. 168).

¹²⁷ No original: Linguistic styles are potentially expressive when there is covariation between characteristics of language performance and characteristics of the performers. When styles are ‘interpreted’, language behavior is functionally expressive (BROWN e GILMAN, 2003 [1960], p. 169).

c) A dimensão de poder tem mais peso nas sociedades estáticas, de pouca mobilidade social, em que cada indivíduo tem seu papel social fixo; a dimensão de solidariedade ganha espaço em sociedades democratizadas e com maior mobilidade social;

d) Em sociedades democratizadas, há uma tendência à “crise de tratamento”, pois os indivíduos não têm um papel social fixo. A cada situação de comunicação, o falante precisa reanalisar a conjuntura social e o papel de seu interlocutor, e renegociar sua relação com ele para escolher uma forma de tratamento.

e) O sistema bidimensional de tratamento em conflito (figuras 2.3 e 2.4) tende a se resolver em favor da solidariedade, ainda que essa solidariedade seja um tratamento mútuo V-V, e não T-T¹²⁸; os autores esperam, contudo, que a dimensão da solidariedade ganhe tanto espaço nas sociedades que o sistema caminhe para um tratamento mútuo T-T na maioria das situações.

2.2.1 Poder, solidariedade e neutralidade (COOK, 1994, 1997)

Manuela Cook não rejeita a ideia de que nas línguas e nas sociedades estejam em jogo as dimensões de poder e solidariedade propostas por Brown e Gilman (2003 [1960]). A autora faz uma leitura muito inteligente do texto de 1960, compreendendo que as dimensões de poder e solidariedade não são forças paralelas, que se excluem uma à outra, mas sim dimensões que operam sobre eixos que podem vir a se cruzar (como ocorre no sistema bidimensional em conflito representado na figura 2.3). De acordo com Cook (1994, p. 47),

Estes elementos [o poder e a solidariedade] estarão sempre presentes, embora em graus e combinações diversos. Deste modo, é provável que uma criança tenha em relação aos pais tanto sentimentos de submissão – portanto,

¹²⁸ Manuela Cook, cujas ideias são apresentadas na subseção 2.2.1, sugere que esse conflito seja resolvido através da *neutralidade*.

Poder negativo (–Poder) – como sentimentos de afinidade – portanto, Solidariedade positiva (+Solidariedade). Em relação aos filhos é provável que os pais sintam tanto +Poder como +Solidariedade. Entre estranhos, – Solidariedade combinar-se-á com ou +Poder ou –Poder. Entre iguais verificar-se-á uma anulação do vector Poder, ficando apenas o elemento de Solidariedade, o qual será de natureza positiva ou negativa conforme a qualidade do relacionamento existente.

Apesar de tomar a proposta de análise bidimensional de Brown e Gilman (2003 [1960]) como ponto de partida, em sua perspectiva a autora acredita, no entanto, que as formas nominais de tratamento, a morfologia verbal e a entrada de VOCÊ no paradigma dos pronomes pessoais tenham licenciado uma nova situação na língua portuguesa.

Segundo Cook (1997), o português recebeu do latim, como se sabe, os pronomes TU e VÓS como formas de segunda pessoa, acompanhados de suas respectivas desinências verbais. Paralelamente à regra de se adotar o pronome de segunda pessoa do plural para designar um único interlocutor em situações cerimoniais, corria também a prática de se dirigir ao interlocutor por um substantivo abstrato acompanhado do pronome possessivo de segunda pessoa. Formas como *Vossa Mercê* são datadas já do século XIV como maneiras de se dirigir ao monarca português (cf. MATTOSO CÂMARA, 1972 apud COOK, 1997).

Cook (1997) sustenta que a introdução de um sujeito nominal como tratamento semelhante ao descrito acima conduziu o verbo para a terceira pessoa. Esse formato se solidificou na língua portuguesa à medida que o uso de honoríficos foi estendido do tratamento ao rei para o tratamento de outras pessoas das partes mais altas da pirâmide social, como membros da aristocracia, do clero e mesmo da burguesia. Dessa maneira, a esfera V da distinção T-V proposta por Brown e Gilman (2003

[1960]) passaria a ser ocupada por duas fórmulas de tratamento: o sujeito pronominal VÓS acompanhado de sua desinência verbal de segunda pessoa do plural; e o sujeito sintagma nominal acompanhado de sua desinência verbal de terceira pessoa do singular.

A autora pontua que o sintagma *Vossa Mercê*, ao evoluir para a forma VOCÊ, não apenas deixou de ocupar a esfera V e passou a ocupar a esfera T, como em alguns contextos passou a figurar como uma forma de tratamento “descerimonioso”¹²⁹. A fórmula [sujeito sintagma nominal + verbo na terceira pessoa] estaria, portanto, nos dois extremos da distinção T-V. Observe-se que a crescente substituição de honoríficos de fórmula [pronomes possessivos + sintagma nominal] (i.e., *Vossa Senhoria*, *Vossa Mercê* etc.) pela forma O SENHOR, verificada atualmente na esfera V da língua portuguesa, não perturbou essa generalização, pois a forma de preferência atual também opera com o verbo na terceira pessoa.

Segundo Cook (1997, p. 453),

A generalização aos pólos opostos da dualidade V-T da forma de tratamento em formato sujeito nominal + verbo na terceira pessoa resultou, morfológica e sintacticamente, na abertura da possibilidade para a evolução da forma de neutralidade, a qual se tornou obtível pela simples omissão do sujeito pronominal.

Dessa maneira, com a concordância canônica de terceira pessoa figurando tanto na esfera V como na esfera T, a forma de neutralidade é gramaticalmente obtida através da omissão do sujeito. Essa omissão criaria uma espécie de “vácuo” na

¹²⁹ Ressalte-se que as observações de Cook (1994, 1997) foram feitas, em sua maioria, acerca da língua portuguesa falada em Portugal. É possível que o estatuto de VOCÊ não seja o mesmo no Brasil, embora tenham sido encontrados dados que se encaixam nessa análise por Coelho e Górski (2011), em dados catarinenses do século XIX.

identificação da distinção T-V. Segundo Cook (1997), embora a possibilidade de omissão do sujeito como geradora de neutralidade estivesse disponível na língua portuguesa já há muito tempo, ela só veio a ser explorada quando as mudanças na estrutura social requereram essa estratégia. Numa sociedade rigidamente estratificada, não faria sentido o falante se utilizar de uma estratégia de neutralidade para se dirigir a seu interlocutor. Cook (1997, p. 458) pontua que

Ao procurar-se um esquema de interpretação para as formas de tratamento em português, um aspecto fundamental a ter em conta é o facto de ser possível subtrair a produção social de sentido V-T através da omissão do denotador de sujeito. Trata-se de um fenómeno que excede os limites da teorização de Brown e Gilman. Focalizando um formato binário de escolhas V e T, o modelo é insuficiente para o caso português, onde também está em causa uma dimensão de neutralidade. O modelo de Brown e Gilman é um útil instrumento de análise em relação ao primeiro período que considera, até fins do século passado [século XIX], em que o contexto social de realização das formas de tratamento era de rígida estratificação e hierarquização social, mas encontra os seus limites quando se procuram analisar as formas de tratamento num contexto social com uma mais ampla margem para negociação de modo de interrelacionamento.

A introdução da dimensão de neutralidade na análise das formas de tratamento da língua portuguesa representa uma outra maneira de se resolver o sistema bidimensional em conflito, representado pelas díades da figura 2.4. Brown e Gilman (2003 [1960]) resolvem o conflito em favor da solidariedade, ao passo

que Cook (1994, 1997) resolve o conflito em favor da neutralidade. Para a autora, a estrutura das sociedades ocidentais atuais não torna possível que se determine com precisão a posição social de cada indivíduo, o que faz com que as posições tenham que ser renegociadas a cada situação comunicacional.

As perspectivas de análise de Brown e Gilman e Cook não são opostas, mas se complementam. Cook (1994, p. 463) pondera que

Num contexto social altamente estruturado as fórmulas V-T apoiam pontos de fixação de poder já existentes em disreciprocidade de relacionamento. Num contexto social mais aberto as opções V-T são instrumento de jogo de papéis em que pontos de fixação de linhas de força se revêem, modos de relacionamento se negociam e identidades se definem; e onde N [neutralidade] fornece um palco em que os papéis melhor se desempenham.

A análise de Cook (1994, 1997), que acrescenta uma terceira dimensão ao estudo das formas de tratamento, a *neutralidade*, se dá majoritariamente acerca do português falado em Portugal, mas é muito provável que possa ser aplicada ao português brasileiro – e, neste caso ao português florianopolitano –, uma vez que dados encontrados nas pesquisas de Abreu (1987), Ramos (1989), Mendes (1998) e Loregian-Penkall (2004) parecem se enquadrar nessa definição.

Cabe verificar como essa análise poderia se desenvolver no português de Florianópolis, posto que, baseado na avaliação dos informantes de Ramos (1989), pode-se inferir que a forma VOCÊ não tenha alcançado o extremo inferior da escala T-(N)-V e figure ainda como uma forma associada ao tratamento cerimonioso. Em outras palavras, se for confirmado que o pronome VOCÊ opera tanto na esfera T como na esfera V, ele terá obrigatoriamente (na perspectiva teórica adotada nesta

pesquisa) que ser considerado uma forma de neutralidade; do mesmo modo, se o tratamento ZERO não aparecer em ambas as esferas, mas em apenas uma delas, não poderá ser classificado como estratégia de neutralidade. A associação entre ZERO e neutralidade é um ponto de partida ainda intuitivo, sem comprovação científica.

A seguir, é delineado um breve perfil sócio-histórico da cidade de Florianópolis, local de nascimento dos autores das peças teatrais que compõem a amostra desta pesquisa.

2.3 UM PEDACINHO DE TERRA E UM POUCO DE HISTÓRIA: DOS COLONIZADORES AOS TURISTAS

A perspectiva teórica adotada nesta pesquisa prevê que a língua deva ser estudada em seu contexto social. Com base nesse pressuposto, aqui é apresentado um breve perfil sócio-histórico da cidade de Florianópolis, local de nascimento dos autores das peças de teatro que compõem a amostra utilizada neste estudo. São enfatizadas a colonização pelos açorianos, no século XVIII, porque acredita-se que as marcas linguísticas dos florianopolitanos sejam, em grande parte, herança dessa colonização; e a história referente aos séculos XIX e XX, por se tratar do período correspondente à data de nascimento dos autores das obras analisadas.

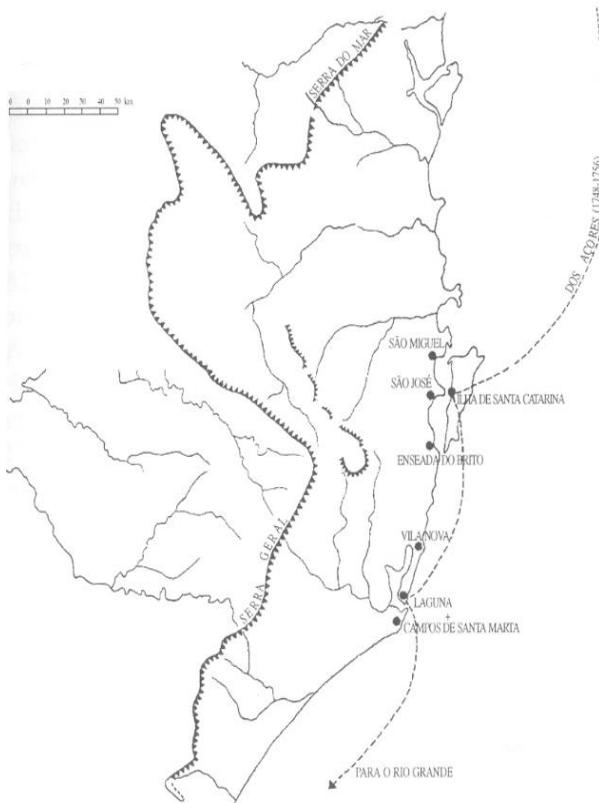
De acordo com Santos (2004), as disputas político-militares entre Portugal e Espanha foram o motivo do povoamento açoriano na Ilha de Santa Catarina, que ocorreu entre os anos de 1748 e 1756, e foi o mais significativo dessa região¹³⁰. Nesse período, açorianos também colonizaram parte do Litoral Catarinense, a fronteira continental com a Ilha e a região de Rio

¹³⁰ Estudos em geral apontam que os primeiros ocupantes da Ilha de Santa Catarina, ainda no período anterior ao “descobrimento” do Brasil, eram índios carijós de origem tupi-guarani; no início do século XVI, embarcações aportavam na Ilha para abastecimento de água; em 1675, bandeirantes comandados por Francisco Dias Velho chegaram à Ilha; e em 1737, a já *Vila* de Nossa do Desterro seria ocupada militarmente.

Grande, no Rio Grande do Sul¹³¹. O povoamento da então Vila de Nossa Senhora do Desterro garantiria a infraestrutura necessária aos avanços militares da política expansionista portuguesa e asseguraria mão-de-obra para a construção de fortes; da mesma forma, aliviaria os problemas relativos à superpopulação, à falta de terras cultiváveis e à conseqüente miséria nas Ilhas dos Açores¹³², também colônias de Portugal. A seguir, no mapa 2.1, pode ser visualizada a rota do povoamento açoriano em Santa Catarina.

¹³¹ Acrescente-se que os açorianos também foram responsáveis pelo povoamento de Viamão e Porto Alegre (na época *Porto dos Casais*), no estado do Rio Grande do Sul.

¹³² O Arquipélago dos Açores situa-se no Oceano Atlântico e compõe-se das ilhas de São Jorge, Pico, Faial, Flores, Corvo, Terceira, São Miguel, Graciosa e Santa Maria. Segundo Santos (2004), as Ilhas foram descobertas em 1432 e tiveram seu território povoado por portugueses a partir de então.



Mapa 2.1: Rota do povoamento açoriano em Santa Catarina, segundo Piazza (1970, apud FLORES, 2000, p. 59).

Vieram para a Ilha cerca de 5.000 açorianos e algumas dezenas de madeirenses¹³³. A seguir, é reproduzido o

¹³³ De acordo com Mosimann (2010), até pouco tempo atrás se acreditava que mais de 500 madeirenses tivessem chegado à Ilha de Santa Catarina (vide última leva apresentada no quadro 2.1). O autor ressalta que Walter Piazza, em pesquisa histórica que realizou entre os anos de 1979 e 1986 em diversas fontes de Lisboa e nos arquivos distritais das Ilhas dos Açores, constatou que a leva de 520 imigrantes da Ilha da Madeira que deveria chegar a Santa Catarina por volta de 1759 acabou naufragando, e que de fato só chegaram ao Brasil os 59 madeirenses embarcados em abril de 1749.

levantamento de Mosimann (2010) acerca da imigração açoriana e madeirense, cujos cálculos foram realizados sobre dois *corpora* distintos, especificados no quadro 2.1.

LEVAS DE AÇORIANOS E MADEIRENSES PARA SANTA CATARINA *					
Partida	Chegada	Embarcados	Mortos	Desembarcados	Transporte
06/10/1747	06/01/1748	473	12	461	Oldenberg
16/10/1748	01/01/1749	556	109	447	Oldenberg
01/10/1749	20/12/1749	246	13	233	Oldenberg
08/04/1749	01/09/1749	59	0	59	I. Madeira
04/09/1749	25/12/1749	1.101	35 **	1.066 **	Fagundes
3 galeras	12/01/1751	1.459	25	1.434	Fagundes
3 levas	1752	1.187	87	1.100	Fagundes
3 levas	1754	1.143	?	1.143	Fagundes
26/04/1756		520		Naufágio	Oldenberg
TOTAL				5.943	
FONTES: *Walter Piazza **Carta de 9/1/1750					

Quadro 2.1: Levantamento do número de imigrantes açorianos e madeirenses chegados à Ilha de Santa Catarina, segundo Mosimann (2010).

Os imigrantes chegados à Santa Catarina receberiam benefícios, como terras, alimentos, animais e ferramentas, e seriam responsáveis, entre outras ocupações, por construir fortes. Essas pessoas vinham de uma sociedade muito peculiar, ainda de caráter feudal e muito fechada, em grande parte por conta de seu

isolamento geográfico. Em sua maioria, eram analfabetos. Mosimann (2010) faz algumas considerações sobre o açoriano chegado a Nossa Senhora do Desterro no século XVIII:

Esse contingente importante [de açorianos] não pode ser desmerecido e exerceu importante papel naquele momento histórico e na gênese do povo catarinense, mas a evidência com a qual se deparam os estudiosos é esta: a de imigrantes analfabetos e despreparados, desprovidos de recursos técnicos, oriundos de uma sociedade com características feudais. (MOSIMANN, 2010, p. 148)

A imigração dos açorianos para a Ilha de Santa Catarina se constituiu como a maior imigração europeia para o Brasil até então. Santos (2004) ressalta que as freguesias – núcleos populacionais criados pelos imigrantes – carregam até hoje influências de seus colonizadores.

Caracterizadas como tendo o seu centro numa praça em quadro, onde um dos lados era ocupado pela igreja, essas freguesias ainda hoje apresentam características particulares quanto à arquitetura das construções, propriedades, sistema econômico, tradições, folclore e maneiras de falar. (SANTOS, 2004, p. 51)

Apesar de o historiador considerar a peculiaridade das “maneiras de falar” nessas freguesias ainda hoje – o que pode ser constatado fazendo-se uma visita ao Ribeirão da Ilha ou à Costa da Lagoa –, é difícil resgatar a história linguística dos açorianos. Segundo Santos (2004), o ensino oficial nos Açores somente foi instituído em 1759, o que faz os estudiosos presumirem, como já apontado anteriormente, que os açorianos chegados à Ilha de Santa Catarina eram, em sua maioria, analfabetos. Além disso – e possivelmente por conta disso –, sua cultura era essencialmente

oral, “reuniam uma ancestralidade de uma sociedade isolada, quase primitiva” (p. 148), e não deixaram cartas ou memórias.

Ainda sobre a questão da herança linguística deixada pelos colonizadores da Ilha de Santa Catarina, Flores (2000, p. 77) ressalta que

Os casais açorianos teriam sido responsáveis pela implantação, em Santa Catarina, das bases administrativas de origem portuguesa, sedimentando a língua portuguesa; a cultura era de tradição portuguesa e, ainda mais, o povoamento açoriano teria sido responsável pela defesa da região garantindo as fronteiras brasileiras para o domínio português. Por tudo isso, os intelectuais afirmam a identidade luso-brasileira de Santa Catarina.

A peculiaridade da sociedade açoriana deixou fortes marcas na capital catarinense. Ainda hoje, o *manezinho*, como ficou conhecido o florianopolitano prototípico, carrega consigo as características de um povo provinciano, fechado, desconfiado. Nas palavras da florianopolitana Olga Brasil da Luz, “ser manezinho (a) é a simplicidade do povo de uma região geográfica, conservadora de seus sistemas de vida, vindos de longo tempo, de outros países distantes” (LUZ, 1998, p. 43). É provavelmente por conta da peculiaridade do povoamento da cidade de Florianópolis que seu sistema de tratamento (descrito por RAMOS, 1989 e FURLAN, 1989) seja tão diferente daqueles de outras regiões do país (cf. MENDES, 1998; MACHADO, 2006; entre outros) e tão próximo do sistema de Portugal (cf. CINTRA, 1972)¹³⁴.

Flores (2000) observa, ainda, que a tradição açoriana não é somente verificável na língua do florianopolitano, mas também nas festas, na religiosidade, na música, na culinária, no artesanato, nas relações familiares e nas histórias fantásticas de bruxas, lobisomens e sereias encantadas. Pode-se perceber a

¹³⁴ Os estudos de Ramos (1989), Mendes (1998), Machado (2006) e Cintra (1972) foram resenhados no capítulo I.

influência cultural das Ilhas do Atlântico também no aspecto econômico da cidade de Florianópolis: até poucas gerações atrás, os profissionais da pesca e da olaria eram muito numerosos.

A Ilha de Santa Catarina adentra o século XIX com uma população pequena, calculada por Brito (1829, apud WAGNER, 2004) em torno de 12.471 habitantes. 29% dessa população era formada, segundo Wagner (2004) por escravos e ex-escravos (libertos). De acordo com a autora, uma pesquisa do historiador Walter Piazza dá indícios de que grande parte da população negra do litoral de Santa Catarina tenha como ascendentes africanos do grupo Banto. Dentre os autores das peças teatrais que compõem a amostra desta pesquisa, encontra-se um representante dessa população, Ildefonso Juvenal (*1884 - †1965), que ficou conhecido por ser jornalista, escritor, farmacêutico e militar, e ainda por seu ativismo contra o preconceito e a discriminação. Em 1840, a população desterrense era calculada em torno de 19.000 habitantes (cf. BRITO, 1946 apud MOSIMANN, 2010).

No século XIX é que tem início o que se chama “classe letrada” de Desterro. Datam desse período, segundo Brancher (2001), as primeiras notícias sobre hábitos de leitura, bibliotecas, livros e escritores. É só a partir desse século que se consegue uma amostra de peças de teatro, sendo que a primeira obra desse gênero é *Raimundo*, de Álvaro Augusto de Carvalho (*1829 - †1865), publicada em 1868 e utilizada como fonte de dados desta pesquisa. Para Brancher (2001, p. 270), “em Santa Catarina, diferentemente de outras províncias brasileiras, falarmos de uma literatura impressa antes do século XIX parece inviável”.

O século XIX e, especialmente, a virada do século XIX para o século XX é palco de profundas transformações na vida econômica, política e social dos desterrenses. É em torno da Proclamação da República, em 1889, que giram os acontecimentos que acabaram por mudar o cenário da capital catarinense. De acordo com Neckel (2003, p. 53),

Foi na transição Império-República que se intensificaram as discussões sobre a necessidade de modificar o panorama topográfico e social da capital, traduzidas em

intervenções quanto à ordenação de seu espaço urbano, embelezamento e modernização de suas vias de circulação, acentuando o rompimento com o passado, com práticas e relações que determinados grupos queriam esquecer.¹³⁵

A autora pontua que em 1892, assim como muitas ruas e praças tiveram seus nomes modificados, o Teatro Santa Isabel foi rebatizado como Teatro Álvaro de Carvalho, em homenagem ao autor que, além de escritor, foi também oficial da Marinha e lutou na Guerra do Paraguai. Esforços nessa direção legitimavam os rumos republicanos que a cidade, o estado e o país estavam tomando.

A instauração de uma república não foi bem aceita por todos de imediato. Os primeiros anos do novo regime tanto em Desterro, capital de Santa Catarina, como no Rio de Janeiro, capital do país, foram marcados por conflitos e agitações. As disputas entre o Partido Republicano e o Partido da União Nacional geraram ressentimentos que acabaram por abrir espaço à Revolução Federalista e à mudança de nome da capital catarinense de *Desterro* para *Florianópolis* (cf. NECKEL, 2003).

Em 1893, no Rio Grande do Sul, tem início a Revolução Federalista, um movimento, em suma, antirrepublicano e separatista. Esse fato desembocou num dos momentos mais peculiares da história da capital catarinense, que acabou por se tornar a capital do Brasil, ainda que provisoriamente. Conforme Neckel (2003, p.30),

“Quando, em setembro de 1893, eclodiu no Rio de Janeiro a Revolta da Armada, à qual

¹³⁵ A autora destaca, entre as medidas de modernização do centro de Florianópolis: “em 1909, foram instaladas as primeiras redes de água encanada; entre 1913 e 1917, foi construída a rede de esgotos; em 1910, foi instalada a iluminação pública com energia elétrica; em 1919, foi iniciada a construção da primeira avenida da cidade que no término passou a se chamar Avenida Hercílio Luz; em 1922, foi dado início à construção de uma ponte para ligar a Ilha de Santa Catarina ao continente fronteiro; esta, em sua conclusão em 1926, também recebeu o nome de Hercílio Luz” (NECKEL, 2003, p. 55).

se uniu a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, a situação política em Santa Catarina era francamente favorável aos revoltosos; foi, portanto, oportuna a decisão destes de estabelecer em Desterro a base militar e política do governo rebelde. Assim, em 14 de outubro de 1893, instalou-se em Desterro o Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil” (NECKEL, 2003, p. 30).

É nesse contexto que, em 1894, Floriano Peixoto ordena a execução de cerca de 200 “revoltosos”, sem julgamento prévio, na Ilha de Anhatomirim, hoje ponto turístico de Florianópolis. Na descrição de Santos (2004, p. 80),

“Quase duas centenas de pessoas foram sumariamente fuziladas na fortaleza de Anhatomirim. A derrota final dos federalistas demorou pouco. Mas em Santa Catarina, em particular na capital, Desterro, a violência da repressão comandada por Moreira César¹³⁶ deixou profundas seqüelas e abalou profundamente a população local.”

Neckel (2003, p. 82) reforça essa descrição, ao relatar que “inúmeros componentes da antiga elite foram fuzilados, degolados ou atirados ao mar.”

No início do primeiro dos três mandatos de Hercílio Luz como governador do estado de Santa Catarina, em meados de 1894, Nossa Senhora do Desterro passa a se chamar Florianópolis, exatamente em homenagem a Floriano Peixoto¹³⁷. Essa era não apenas uma homenagem ao comandante, mas

¹³⁶ O Coronel Moreira César foi o enviado de Floriano Peixoto à Santa Catarina para, como governador, comandar o massacre de Anhatomirim.

¹³⁷ Até hoje muitos florianopolitanos não se conformam que o nome da cidade seja uma homenagem a Floriano Peixoto, uma vez que sua atitude, de ordenar a execução sem julgamento de dezenas de pessoas, não parece um ato digno de reconhecimento positivo. Por conta desse inconformismo é que foi criado, na Câmara Municipal em 1984, o Comitê Pró-Mudança do Nome da Capital.

também uma manifestação simbólica da vitória dos republicanos (cf. NECKEL, 2003).

A Proclamação de República trouxe consigo conflitos sociais, decorrentes das questões políticas. Segundo Neckel (2003, p. 21),

“Desde os primeiros momentos [da instauração da República], observava-se tanto a existência de esforços para garantir a vitória do regime republicano como também de agudos conflitos decorrentes da renovação/ transformação das forças sociais que se confrontavam.”

A autora pontua, ainda, que

“As acirradas disputas políticas, que marcaram os anos iniciais da República, especialmente em Desterro, constituíram-se em meio a uma forte crise política, econômica e social. Neste contexto pós-inauguração da República, [a historiadora] Joana Maria Pedro chama a atenção para um embate entre as famílias abastadas pelo controle dos cargos políticos administrativos, sobretudo em função da crise econômica do final do século XIX, traduzida na queda do rendimento das exportações da farinha de mandioca e na diminuição do movimento no porto de Desterro, que representavam as possibilidades de acumulação de riqueza na capital. A abertura de cargos públicos, em função da instalação do novo regime, deflagrou uma acirrada disputa entre os abastados locais [...]” (NECKEL, 2003, p. 24)

Neckel (2003) relata que os “abastados locais” se dividiam entre as famílias que constituíam a elite política do Império e aquelas que começaram, com a instauração da República, a ocupar cargos no governo. Esses dois tipos de abastados

passaram a se empenhar para parecer “civilizados” (p. 25) e, na busca por uma autoafirmação social, tentavam incorporar modas e hábitos típicos do Rio de Janeiro¹³⁸. Ainda segundo a autora,

“As mudanças econômico-sociais estavam fazendo com que os abastados perdessem suas posições de prestígio e suas atividades rendosas, confundindo-se com as camadas médias, enquanto as camadas empobrecidas tinham suas condições deterioradas.” (NECKEL, 2003, p. 25)

O contexto político, econômico e social da Florianópolis da virada do século XIX para o século XX parece um terreno ótimo para o que Brown e Gilman (2003 [1960]) chamam de “crise de tratamento”. Conforme já mencionado na seção 2.2, as sociedades, ao passarem por mudanças em direção à democratização, deixando para trás sua divisão fixa em estratos – típica do Império –, tendem a uma crise de tratamento, em que os sujeitos precisam pesar diferentes valores sociais a cada momento de interação para escolher a melhor forma de tratamento para se dirigir ao seu interlocutor¹³⁹.

No período de 1910 a 1920, houve um movimento por parte da imprensa e do poder público para que os florianopolitanos abandonassem comportamentos e costumes antigos e passassem a adotar um modo de vida mais moderno e

¹³⁸ Esse também foi um período de abertura por parte de Florianópolis para outras culturas. Além da tentativa de incorporar modos importados do Rio de Janeiro, a capital catarinense também teve canais abertos em direção a outras cidades. É o caso, por exemplo, das melhorias na estrada de ligação entre Florianópolis e Lages (cf. NECKEL, 2003). Além disso, nessa época foi incentivada a vinda de profissionais, como agrônomos e veterinários, da região Sudeste para a Ilha de Santa Catarina.

¹³⁹ Acrescente-se, aqui, uma das valiosas informações oferecidas pelo membro da banca Paulino Vandresen, a quem muito agradeço. Segundo o professor, ao longo das primeiras décadas do século XX, os imigrantes alemães que chegavam a Santa Catarina e precisavam aprender português o faziam, em geral, por meio de cartilhas em que não constava a forma TU como tratamento para a segunda pessoa do singular, mas somente a forma VOCÊ. Essas cartilhas eram parte constitutiva da reforma proposta pelo paulista Orestes Guimarães, que visava a tornar o estado de São Paulo um modelo de fazer pedagógico; essa reforma ficou conhecida como o “bandeirismo paulista do ensino”.

progressista, para tornar Florianópolis uma cidade “moderna e civilizada” (NECKEL, 2003, p. 46). Entretanto, a divisão de classes permaneceu. Alheios à ideologia republicana de desenvolvimento e modernização, muitos sujeitos seguiram conservando os mesmo hábitos antigos e vivendo à margem do que os republicanos chamaram “progresso”.

O principal símbolo da modernização florianopolitana do início do século XX é, certamente, a inauguração da primeira ponte a ligar a porção insular da capital catarinense ao continente, a Ponte Hercílio Luz, até hoje cartão-postal da cidade. É nesse período, ao que parece, que Florianópolis começa a sair de seu isolamento natural. A partir da década de 1920, segundo Mosimann (2010), começa a haver, finalmente, uma mescla de culturas entre os catarinenses. É quando os habitantes do litoral começam a tomar contato com os do Vale do Itajaí, os do Planalto Serrano e os do Oeste, recém-colonizado.

Em 1920, é criada a Sociedade Catarinense de Letras, que, em 1924, passa a se chamar Academia Catarinense de Letras (cf. NECKEL, 2003). A criação da Academia estava embalada, segundo Mosimann (2010), no modernismo e, logo em seguida, na Semana de Arte Moderna de 1922, quando o país vivia, então, os “Anos Loucos”. A produção literária de Florianópolis e de Santa Catarina, entretanto, pouco se destaca. De acordo com o autor, “a ela [a Academia Catarinense de Letras] também pode ser imputado um pouco do marasmo e do imobilismo que imperou no meio intelectual do Estado durante anos” (p. 417). O sugestivo apelido de *Bela Adormecida* foi atribuído à Academia pelo Grupo Sul (cf. MOSIMANN, 2010).

O Grupo Sul, criado na década de 1940, deu início à verdadeira “Semana de Arte Moderna” catarinense. Tratava-se de um movimento cultural cujo objetivo era “romper a estrutura cultural vigente” (MOSIMANN, 2010, p. 417) e dar alguma identidade à produção cultural de Santa Catarina. Foi integrante desse movimento Ody Fraga (*1927 - †1987), autor da peça *A morte de Damião*, utilizada como fonte de dados desta pesquisa. Com o término das atividades do Grupo Sul, ganha destaque a

criação, em 1956, do Grupo Litoral, que dominou a cena cultural catarinense até o ano de 1963.

Em 1950, calcula-se, segundo Mosimann (2010), que a população florianopolitana fosse de cerca de 67.000 habitantes. A partir desse período, Florianópolis entra, novamente, num rápido ritmo de crescimento. De acordo com o autor, somente a construtora do pioneiro Admar Gonzaga edificou cerca de 60 edifícios na capital catarinense no período de 1960 a 1983. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é criada em 1960; em 1965, é a vez da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Segundo Lago (1996), nesse período têm início os processos de dinamização e descentralização de Florianópolis. Com a implantação do *campus* da UFSC, o bairro Trindade passa de área praticamente rural à moradia das camadas médias da população. Da mesma forma, os bairros Carvoeira, Pantanal e Córrego Grande tiveram seu crescimento acelerado pela criação da ELETROSUL; e o bairro Itacorubi presenciou a instalação das sedes da TELESC (Telecomunicações de Santa Catarina) e da UDESC, além da CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina) e da FIESC (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina).

Observa-se, ao longo de todo o século XX, não apenas em Santa Catarina, mas em todo o país, uma crescente migração populacional das áreas rurais para áreas urbanizadas – o êxodo rural. A população de Florianópolis atinge, no início dos anos de 1970, a marca dos 138.337 habitantes, de acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1970 (apud LAGO, 1996).

Em 1979, Florianópolis dá sua contribuição para os movimentos contra a Ditadura Militar, em vigor no Brasil desde 1964, num episódio que ficou conhecido como *Novembrada*. No dia 30 de novembro daquele ano, João Figueiredo, então presidente do país, depois de fazer um gesto obscuro ao público, em seu trajeto da Praça XV de Novembro, no coração da cidade, até o Senadinho, cujo nome à época era *Café Ponto Chic*, sofreu represálias por uma manifestação de cerca de 4.000 estudantes,

organizados pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFSC. Desses estudantes, sete foram presos, depois julgados e absolvidos (cf. MOSIMANN, 2010).

A partir da década de 1970, Florianópolis começa a se destacar, apesar da pouca infraestrutura, como cidade turística. O movimento de turistas durante a alta estação (de 15 de dezembro a 18 de fevereiro), que era, em 1986, de 199.500, chegou ao número de 330.589 visitantes em 1991, gerando lucros cada vez mais significativos (cf. SANTUR, apud LAGO, 1996). De acordo com Lago (1996, p. 79),

Os dados referentes às receitas geradas pela atividade turística anualmente em Florianópolis são importantes, pois atestam a transformação das antigas comunidades agrícolas e pesqueiras da Ilha em locais de veraneio, onde circula muito dinheiro, mudando a produção econômica tradicional que girava em torno da família, numa sociedade assentada na mutualidade dos serviços, para uma sociedade cada vez mais dominada pela moeda.

Vários turistas acabam ficando na cidade. Muitos migrantes, em especial provenientes dos estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul, vêm para Florianópolis em busca de qualidade de vida, num movimento que começou brandamente na década de 1960, com a fundação da UFSC. De acordo com o *site* da Prefeitura Municipal de Florianópolis, no cálculo do ano 2000, a cidade ocupava, entre as demais, o quarto lugar no Brasil no que diz respeito ao índice de desenvolvimento humano (IDH)¹⁴⁰. O inchaço populacional é reflexo dessa busca: em 1989, a capital catarinense já abrigava 231.970 habitantes, segundo o Censo Demográfico do IBGE do mesmo ano (apud LAGO, 1996).

¹⁴⁰ O IDH de Florianópolis é 0,875, o que coloca a cidade entre as regiões de alto desenvolvimento humano, que são aquelas que atingem IDH mínimo de 0,8 (cf. *Site* da Prefeitura Municipal de Florianópolis).

Lago (1996) ressalta que a questão do turismo em Florianópolis é, por vários motivos, alvo de polêmicas. A autora resume alguns dos aspectos envolvidos nessa questão, ao pontuar que

O turismo é fenômeno controverso, provocador de posições radicalizadas e polêmicas, seja a nível empírico, nas percepções dos habitantes das localidades que ele modifica, dos empresários que o promovem e das populações que dele usufruem (Souza, 1989) ou, a nível teórico, na visão dos diferentes estudiosos e planejadores da urbanização.

Assim, tanto pode ser considerado como panaceia para todos os males de regiões subdesenvolvidas e sem outros recursos para a dinamização econômica, numa concepção desenvolvimentista, ou, numa visão voltada para os problemas da preservação de ambientes (geográficos, sociais, culturais), como potencialmente causador de extremos malefícios. (LAGO, 1996, p. 63)

A vinda dos turistas não é bem vista por muitos florianopolitanos, que se consideram “invadidos”; ao mesmo tempo, a economia local depende em grande parte do turismo, visto que Florianópolis não é um polo industrial, diferentemente de outras microrregiões do estado de Santa Catarina. O turismo também é alvo de críticas por conta da degradação ambiental; ao mesmo tempo, é ele que força a política local a investir em infraestrutura.

A capital catarinense chega ao fim do século XX com um cenário diverso daquele com que o adentrou. A pesca, herança açoriana, resiste. Ainda é possível encontrar pescadores, mas eles, geralmente, dependem de outras atividades além da pesca para garantir o sustento de sua família. Segundo Lago (1996), a pesca industrial tem substituído a pesca artesanal. Concomitantemente, a cidade se destaca pela maricultura, sendo o principal produtor de ostras do país (cf. MOSIMANN, 2010). A

olaria, outro legado dos colonizadores, atualmente também está em declínio. Segundo informação de um dos professores da Escola de Oleiros, situada na Grande Florianópolis, o local conta hoje apenas com três professores. De acordo com Mosimann (2010), a população florianopolitana chegou, no ano 2000, aos 342.315 habitantes; em 2010, aos 416.220.

Retomando as palavras de Faraco (1996), já citadas na seção 1.1, “mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais” (p. 52). Partindo-se desse pressuposto é que foi apresentado um breve perfil sócio-histórico da cidade de Florianópolis. Espera-se que as mudanças sociais ocorridas, especialmente na virada do século XIX para o século XX e ao longo do século XX, possam se refletir no uso das formas de tratamento na amostra de peças teatrais analisada nesta pesquisa, que será detalhada a seguir.

2.4 A AMOSTRA

A amostra utilizada nesta pesquisa é parte de um *corpus* maior, o Banco de dados diacrônico do Projeto VARSUL¹⁴¹. O *corpus* conta com peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, e está sendo alimentado com documentos escritos de diferentes gêneros, datados dos séculos XVIII, XIX e XX. Para este estudo, as peças teatrais selecionadas são todas de autores florianopolitanos nascidos nos séculos XIX e XX¹⁴².

Acredita-se que as formas de tratamento, como se pode inferir a partir da revisão bibliográfica constante na seção 1.2, sejam em muito determinadas por fatores geográficos.

¹⁴¹ O Banco de dados diacrônico foi organizado pelos professores Marco Antonio Martins, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott e Izete Lehmkuhl Coelho, que gentilmente o cederam ao Projeto VARSUL – Agência UFSC.

¹⁴² Anacronicamente, serão considerados florianopolitanos os autores desterrenses Álvaro Augusto de Carvalho, Antero Reis Dutra, José Cândido Lacerda Coutinho, Artur Livramento, Joaquim Antonio de São Tiago e Ildefonso Juvenal, todos nascidos antes de Desterro (antigo nome da capital de Santa Catarina) ser rebatizada como Florianópolis.

Florianópolis é uma cidade de colonização açoriana, que ainda carrega traços linguísticos e culturais de seus colonizadores. Essa característica pode afetar o uso e a avaliação de certas formas de tratamento – em especial, pode-se prever que o pronome TU tenha uma avaliação diferente na cidade de Florianópolis e na cidade de Lages, por exemplo¹⁴³. Por conta desse critério é que não foram selecionadas peças de autores catarinenses nascidos em outros municípios que não Florianópolis, assim como de autores nascidos em outras regiões do Brasil.

Partindo-se dessa restrição, foram relacionadas 12 peças de teatro¹⁴⁴ para compor a amostra, divididas conforme a organização constante no quadro 2.2, a seguir.

	PEÇA	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTOR	NASCIMENTO/ MORTE DO AUTOR
Período 1 1800 - 1849	Raimundo ¹⁴⁵	1868	Álvaro Augusto de Carvalho	*1829 - † 1865
	Brinquedos de cupido	1898	Antero Reis Dutra	*1835 - † 1911
	Quem desdenha quer comprar	1868	José Cândido Lacerda Coutinho	*1841 - † 1900

¹⁴³ A cidade de Lages, diferentemente de Florianópolis, teve como colonizadores tropeiros paulistas, mineiros e gaúchos e, provavelmente por esse motivo, apresenta marcas linguísticas diferentes das do dialeto ilhéu, conforme foi brevemente demonstrado no estudo de Loregian-Penkall (2004), resenhado na subseção 1.2.1.

¹⁴⁴ Em anexo, consta uma breve sinopse de cada uma das peças utilizadas como amostra nesta pesquisa.

¹⁴⁵ A peça de teatro *Raimundo* é muito superior às demais peças em termos de tamanho. Numa tentativa de padronizar o número de ocorrências por peça, essa obra teve apenas a metade final de seu primeiro ato e a metade inicial de seu segundo ato consideradas como amostra. Essa opção, no entanto, teve alguns custos: observou-se, por exemplo, que a escolha das páginas eliminou dados de VOSSA MERCÊ, forma de tratamento ausente no restante da amostra e, portanto, também ausente na análise. As demais peças foram consideradas em sua totalidade.

Período 2 1850 – 1899	Os ciúmes do capitão	1880	Artur Livramento	*1853 - † ??
	A engeitada [sic]	19??	Joaquim Antonio de São Tiago	*1857 - † 1916
	A filha do operário	1942	Ildefonso Juvenal	*1884 - † 1965
Período 3 1900 – 1949	A morte de Damião	1954	Ody Fraga	*1927 - † 1987
	O dia do javali	1982	Mário Julio Amorim	*1939
	Stradivarius	1993	Augusto Nilton de Sousa	*1944
Período 4 1950 – 1999	O dia em que os porcos comerão sal	1978	Ademir Rosa	*1950
	Vivo numa Ilha	1991	Márlcio Silveira da Silva	*1959
	Flores de inverno	1992	Antonio Cunha	*1961

Quadro 2.2: Relação das peças de teatro que compõem a amostra analisada.

Observe-se que a divisão por períodos não obedece ao critério normalmente adotado nos livros de história, em que os séculos começam no ano 01 e terminam no ano 00 – por exemplo, o século XIX começa no ano de 1801 e termina no ano de 1900 –; como decorrência dessa divisão, a primeira metade de um determinado século termina no ano 50, e não no ano 49, como aqui ocorre. A divisão em períodos de 50 anos aqui adotada foi adaptada para distribuir as peças em números iguais, agrupadas segundo o ano de nascimento de seus autores. Dessa forma, Ademir Rosa, que, nascido em 1950, normalmente pertenceria à primeira metade do século XX, aqui é categorizado como pertencendo à segunda metade do século XX.

A separação em função do ano de nascimento do autor e não em decorrência do ano de publicação da obra encontra respaldo na fundamentação teórica desta pesquisa. Para Labov (1974), o falante adquire sua gramática por volta dos 15 anos de idade, e poucas mudanças linguísticas em sua fala vernacular são observadas a partir desse período. Portanto, teoricamente, após os 15 anos de idade, todas as peças que um autor venha a escrever devem apresentar características gramaticais semelhantes, independentemente de sua data de publicação.

Apesar de ser possível fazer uma análise criteriosa das formas de tratamento em peças de teatro, sabe-se que a natureza dos dados impõe algumas limitações. Uma peça de teatro não é a fala de uma comunidade, é a concretização da percepção que uma única pessoa, o autor, tem acerca da língua de uma dada sociedade em um determinado tempo. É importante, numa análise desse tipo, manter em mente que a percepção do autor poderá ou não refletir a realidade linguística e social retratada.

2.5 O ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Nesta seção são apresentados a variável dependente controlada nesta pesquisa e os grupos de fatores condicionadores (as variáveis independentes), tanto linguísticos como extralinguísticos. Ao longo dessa exposição, são delineadas considerações acerca da natureza dos dados válidos para a pesquisa e definidos critérios para a categorização desses dados segundo os fatores elencados em cada grupo.

2.5.1 A variável dependente

A variável dependente controlada nesta pesquisa é a alternância de diferentes realizações das formas de tratamento para a segunda pessoa do singular, encontradas ao longo das 12

peças de teatro analisadas. As variantes¹⁴⁶ controladas são as elencadas a seguir¹⁴⁷.

- | | | |
|------------------------|-------------------------------|--|
| 1. Zero ¹⁴⁸ | 8. Vossa Senhoria | 15. O Amigo |
| 2. Tu | 9. O Senhor | 16. O Vizinho |
| 3. Vós | 10. O Senhor N ¹⁴⁹ | 17. O Irmãozinho |
| 4. Você | 11. A Menina | 18. O Nobre |
| 5. Vancê | 12. Meu Bondoso Pae | Companheiro |
| 6. Vosmecê | 13. Meu Pai | 19. Meu Amo |
| 7. Vossa
Excelência | 14. Minha Mãe | 20. O Filho Único
do Comendador
Januário
Silveira |
| | | 21. O Fernando |

¹⁴⁶ As diferentes realizações das formas de tratamento serão, nesta pesquisa, tratadas como *variantes*. Entretanto, será discutida adiante, na subseção 3.6.4, a adequação dessa terminologia.

¹⁴⁷ As variantes 4 e 5, assim como as de número 9 e 10 serão amalgamadas, conforme será especificado na seção 3.1. O mesmo ocorrerá com as variantes de número 11 a 21.

¹⁴⁸ Considera-se tratamento ZERO o sujeito nulo sem marca morfêmica no verbo, cuja forma referencial não pode ser recuperada no texto. A possibilidade de ocorrer sujeito nulo e verbo sem marca morfêmica com as demais variantes também existe, a diferença é que nesses casos o referente é recuperado no texto. Por sugestão da banca, acrescente-se aqui que a forma ZERO não tem seu referente recuperado no texto, mas apresenta referência clara no *contexto* – e essa referência é sempre uma segunda pessoa do singular envolvida numa diáde (de outra forma, o ZERO não poderia ser considerado uma das variantes desta pesquisa).

Para diferenciar o tratamento ZERO de outros tratamentos utilizados com sujeito nulo, elencaram-se alguns critérios. O sujeito nulo tem seu referente identificado no texto quando:

- (i) Há marca morfêmica exclusiva no verbo;
- (ii) A oração em que aparece o dado é uma coordenada de mesmo sujeito;
- (iii) A oração em que aparece o dado é uma subordinada de mesmo sujeito que a principal;
- (iv) O personagem usa sempre a mesma forma de tratamento para determinados interlocutores;
- (v) Quando o personagem usa formas de tratamento variadas, o dado é imediatamente precedido e sucedido de uma mesma forma de tratamento.

¹⁴⁹ A variante O SENHOR N é uma fórmula de tratamento que abarca ocorrências como O SENHOR FERNANDO e A SENHORA MARIA.

Após realizados os amálgamas previstos, as variantes foram reduzidas ao número de nove. A seguir, são apresentados exemplos das variantes.

1) ZERO

Está [bem] coisa nenhuma! Ø Está aí, morto de medo, quase se mijando todo! Um homem desse tamanho! (O dia do javali – Mário Júlio Amorim)

2) TU

André, **tu** esqueces as conveniências, todas, que nós devemos uns aos outros. (Raimundo – Álvaro Augusto de Carvalho)

3) VÓS

Ele vos contará toda a história de sua vida e **vós** o abençoareis como um filho. (A filha do operário – Ildefonso Juvenal)

4) VOCÊ

Você falou isso, foi boneca? (O dia em que os porcos comerão sal – Ademir Rosa)

Tenha paciência, menino, que **vancê** indas é muito criança. (Os ciúmes do capitão – Artur Livramento)

5) VOSMECÊ

Vosmecê confunde-me... Ø Faz de mim um conceito que realmente não mereço... (Quem desdenha quer comprar – José Cândido Lacerda Coutinho)

6) VOSSA EXCELÊNCIA

V. Ex. é que se dignará desculpar-nos; principalmente a mim, que sou hóspede pouco pontual. (Brinquedos de cupido – Antero dos Reis Dutra)

7) VOSSA SENHORIA

Viva, meo amo. **Vossa senhoria** é meo pai! (Os ciúmes do capitão – Artur Livramento)

8) O SENHOR

O senhor não vai esperar muito. (Flores de inverno – Antonio Cunha)

O Sr. Raimundo deve-lhe agradecer... (Raimundo – Álvaro Augusto de Carvalho)

9) FORMAS NOMINAIS

Eu vou contar que **a menina** foi beijada por um velho muito feio! (Brinquedos de cupido – Antero Reis Dutra)

Sim, senhor, **meo amo** tem razão. (Os ciúmes do capitão – Artur Livramento)

Que **o irmãozinho** também sempre encontre o caminho para escapar da polícia! (O dia do javali – Mário Júlio Amorim)

São considerados dados válidos para esta análise as ocorrências de formas de tratamento em posição de sujeito, tanto nulo (oculto, elíptico) como preenchido, excluindo-se, portanto, ocorrências nas demais funções sintáticas. Excluem-se, também, os dados encontrados em discurso reportado, devido a sua natureza diferenciada¹⁵⁰.

As formas de tratamento serão consideradas ocorrências válidas nesta pesquisa somente em função de sujeito de orações declarativas com tempo, excluindo-se as interrogativas e imperativas. O controle ocorrerá apenas nas *diádes*, ou seja, situações em que apenas duas pessoas estejam interagindo, com ou sem audiência. Embora a forma VÓS seja considerada uma das variantes da variável dependente, ela somente será controlada

¹⁵⁰ Para Zilles e Faraco (2002, p. 16), “[...] pensar o discurso reportado como um espaço enunciativo diferenciado [...] exige um tratamento analítico específico: ele introduz heterogeneidade no dizer do informante, o que pode redundar em ocorrências de fenômenos não propriamente correntes na sua fala, fato que pode interferir nas análises quantitativas”.

quando utilizada como pronome de segunda pessoa do singular, e não do plural.

São excluídas da amostra formas de tratamento que apresentem função genérica ou não referencial, como a constante no exemplo a seguir.

i) Eu estou falando de um dia **TODO** errado. Desses em que **você** lamenta ter nascido. (O dia do javali – Mauro Julio Amorim)

Também são retiradas formas de tratamento que ocorram em provérbios ou ditados, como ocorre no exemplo a seguir.

ii) Olha aqui, rapaz, se **Ø** quês, **Ø** quês, se não **Ø** quês, diz **Ø**. (Vivo numa Ilha – Márlío Silveira da Silva)

Da mesma forma, não serão consideradas dados válidos as ocorrências em verso, como no seguinte exemplo:

iii) 7 voltas para subir, 7 voltas pra descer. É aqui mesmo que **tu** vai morrer. (Vivo numa Ilha – Márlío Silveira da Silva)

Outras ocorrências excluídas são aquelas em que, visivelmente, determinada forma de tratamento é empregada com a finalidade de criar um efeito de sentido diferenciado. É o caso, por exemplo, do dado a seguir – a mãe trata a filha ao longo de toda a peça por TU; entretanto, durante uma discussão, a chama por A SENHORA.

iv) Não é **a senhora** quem deve falar... Para **Ø** contar a coisa do seu jeito, não é assim? [...] Eu não sabia ainda que **a senhora** aceitava a corte daquela azêmola... (Quem desdenha quer comprar – José Cândido Lacerda Coutinho)

2.5.2 As variáveis independentes

O controle das variáveis independentes deve revelar quais grupos de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos estariam inibindo ou favorecendo o uso de determinada forma de tratamento. Neste estudo, serão controlados 2 grupos de fatores linguísticos e 10 grupos de fatores extralinguísticos.

2.5.2.1 As variáveis linguísticas

1) Preenchimento do sujeito

Para esse grupo, são controlados os fatores:

a) Sujeito preenchido

Exemplo: **O senhor** é um homem de sorte. (Stradivarius – Augusto Nilton de Sousa)

b) Sujeito nulo

Exemplo: Você morre na plenitude, **Ø** morre, porque nada mais **Ø** tem para fazer. (A morte de Damião – Ody Fraga)

Espera-se, para todos os períodos, que as formas de tratamento que não se associam à formas verbais com desinências exclusivas, como VOCÊ e O SENHOR, apresentem maior frequência de sujeitos preenchidos, para que se evite a ambiguidade do referente. Da mesma forma, espera-se que a forma TU, que se associa a uma forma verbal com desinência exclusiva, apresente maior número de ocorrências de sujeito nulo.

No decorrer dos 4 períodos de tempo controlados, espera-se que, gradualmente, o sujeito seja cada vez mais preenchido, seguindo as tendências apontadas no estudo de Duarte (1995). Para a autora, o PB está em fase de transição de uma língua *pro-drop* para uma língua *não pro-drop*, ou seja, de uma língua em que a ocorrência de sujeitos nulos se dá sem prejuízo da identificação do referente para uma língua de sujeito obrigatório, sob pena de não identificação do referente.

2) Concordância verbal

Nesse grupo, são controlados os seguintes fatores:

a) Com concordância canônica do verbo com o sujeito

Exemplo: **O senhor devia** nos respeitar! (O dia em que os porcos comerão sal – Ademir Rosa)

b) Sem concordância canônica do verbo com o sujeito

Exemplo: **Tu ia** ficar besta, cara, de ver o que passou comigo! (O dia do javali – Mário Julio Amorim)

São considerados dados *com* concordância canônica aqueles em que a ocorrência do pronome TU, nulo ou preenchido, se associa à forma verbal do pretérito perfeito com assimilação do fone [t], como em

i) Nossa, meu filho, como **demorasse** para comprar sabão! (Vivo numa Ilha – Márlío Silveira da Silva)

Outro tipo de dado considerado como *com* concordância canônica é apresentado no exemplo a seguir, com queda do morfema [-r] de infinitivo.

ii) Você é mesmo um poeta e Ø **qué** me agradar. (Vivo numa Ilha – Márlío Silveira da Silva)

A expectativa, para esse grupo de fatores, é de que, em todos os períodos, as formas de tratamento que não se associam a formas verbais com desinências exclusivas, como ZERO, VOCÊ e O SENHOR, apresentem concordância canônica do sujeito com o verbo. Para o tratamento TU, espera-se que, nos dois períodos relativos ao século XIX, não haja ou haja poucas ocorrências de não concordância verbal canônica. Acredita-se que, na virada do século XIX para o século XX, quando é esperado também que o pronome TU passe a competir com o pronome VOCÊ para a expressão da segunda pessoa do singular, comece a haver maior número de ocorrências de TU sem concordância canônica (cf. DUARTE, 1995).

2.5.2.2 As variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas de número 1 e 2 estão relacionadas ao contexto mais amplo das ocorrências das formas de tratamento. As variáveis 3 e 4 permitem controlar, já dentro da história contada na peça de teatro, o contexto mais imediato dos dados. As variáveis 5-10, por sua vez, dizem respeito à *relação* entre os personagens da díade.

1) Períodos de 50 anos (em função do nascimento do autor)

Os fatores controlados nesse grupo são:

Período 1 = Metade inicial do século XIX (1800 – 1849)

Período 2 = Metade final do século XIX (1850 – 1899)

Período 3 = Metade inicial do século XX (1900 – 1950)

Período 4 = Metade final do século XX (1950 – 1999)

As hipóteses elencadas para esse grupo de fatores estão resumidas no quadro 1.8, na seção 1.3.

2) Peça de teatro

Os fatores que compõem esse grupo são os seguintes:

- a) Raimundo
- b) Quem desdenha quer comprar
- c) Brinquedos de cupido
- d) A engeitada
- e) A filha do operário
- f) A morte de Damião
- g) O dia em que os porcos comerão sal
- h) O dia do javali
- i) Flores de Inverno
- j) Os ciúmes do Capitão
- k) Vivo numa Ilha
- l) Stradivarius

Não há uma hipótese formulada para esse grupo de fatores, a não ser aquelas que estão correlacionadas à divisão das peças em períodos de acordo com a data de nascimento dos autores, verificadas no quadro 1.8, na seção 1.3. O controle dessa variável, entretanto, é necessário para se saber se as escolhas pessoais de um ou outro autor não estão enviesando os resultados.

3) Ambiente

Com respeito a essa variável, os fatores controlados são:

- a) Privado e formal
- b) Privado e informal
- c) Público e formal
- d) Público e informal

Como exemplos de ambiente privado e formal, têm-se salas de estar e conventos. Os ambientes privados e informais seriam quartos, celas de cadeia e cozinha. Como públicos e formais, entendem-se ambientes como teatro, igreja e delegacia. Como exemplos de ambientes públicos e informais, têm-se pontos de ônibus, praças e ruas.

Espera-se que, para cada período de 50 anos, a variante associada à dimensão de solidariedade seja mais frequente em ambientes informais, e a variante associada à dimensão de poder seja mais frequente em ambientes formais; da mesma forma, espera-se que a variante associada à dimensão de poder seja mais utilizada em ambientes públicos, ao passo que a variante associada à dimensão de solidariedade seja mais frequente em ambientes privados.

4) Audiência

Esse grupo tem como fatores:

- a) Ausência de audiência – quando há pessoas presentes no momento da interação, além dos membros da díade.
- b) Presença de um indivíduo como audiência – quando há uma pessoa presente no momento da interação, além dos membros da díade.

c) Presença de dois ou mais indivíduos como audiência – quando há mais de uma pessoa presente no momento da interação, além dos membros da díade.

Posteriormente, os fatores (c) e (d) foram amalgamados e o grupo ficou com os seguintes fatores:

- a) Ausência de audiência
- b) Presença de audiência

A presença de audiência é aqui interpretada como um fator de monitoramento. Acredita-se que, em todos os períodos, na presença de audiência, as variantes associadas à dimensão de poder devem ser mais frequentes; já na ausência de audiência, as variantes associadas à dimensão de solidariedade devem apresentar maior número de dados.

5) Sexo/ gênero

Os fatores controlados nesse grupo são:

- a) Feminino → Masculino
- b) Feminino → Feminino
- c) Masculino → Feminino
- d) Masculino → Masculino

Acredita-se que, nos dois períodos do século XIX, quando a sociedade florianopolitana era mais fechada, pessoas de mesmo sexo/ gênero tenderiam a se tratar mutuamente por formas associadas à dimensão de solidariedade e pessoas de sexos/ gêneros diferentes tenderiam a se tratar mutuamente por formas de tratamento relacionadas à dimensão de poder. Para o século XX, partindo-se dos resultados de Paredes Silva (2003), Loregian-Penkál (2004) e Lucca (2007), espera-se que o pronome TU seja usado majoritariamente por locutores do sexo/ gênero masculino.

6) Faixa etária

Os fatores desse grupo foram controlados, inicialmente, da seguinte forma:

- a) até 29 anos (jovem) → até 29 anos (jovem)
- b) até 29 anos (jovem) → 30-60 anos (meia idade)
- c) até 29 anos (jovem) → mais de 60 anos (terceira idade)
- d) 30-60 anos (meia idade) → até 29 anos (jovem)
- e) 30-60 anos (meia idade) → 30-60 anos (meia idade)
- f) 30-60 anos (meia idade) → mais de 60 anos (terceira idade)
- g) mais de 60 anos (terceira idade) → até 29 anos (jovem)
- h) mais de 60 anos (terceira idade) → 30-60 anos (meia idade)
- i) mais de 60 anos (terceira idade) → mais de 60 anos (terceira idade)

Posteriormente, os fatores (b), (c) e (f) foram amalgamados sob o rótulo de “relações ascendentes”, porque designam relações de pessoas mais novas com pessoas mais velhas. Os fatores (d), (g) e (h) foram amalgamados sob o rótulo de “relações descendentes”, porque designam relações de pessoas mais velhas com pessoas mais novas. Os fatores (a), (e) e (i) – que designam relações simétricas – foram preservados.

A expectativa, no controle dessa variável, é de que, em cada período de 50 anos, nas relações ascendentes predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações descendentes e simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade.

7) Classe social

Inicialmente, os fatores controlados para essa variável foram os seguintes:

- a) Classe baixa → Classe baixa
- b) Classe baixa → Classe média
- c) Classe baixa → Classe +/- alta
- d) Classe média → Classe baixa
- e) Classe média → Classe média
- f) Classe média → Classe +/- alta
- g) Classe +/- alta → Classe baixa
- h) Classe +/- alta → Classe média

i) Classe +/- alta → Classe +/- alta

Posteriormente, os fatores (b), (c) e (f) foram amalgamados sob o rótulo de “relações ascendentes”, porque designam relações de pessoas de classes mais baixas com pessoas de classes mais altas. Os fatores (d), (g) e (h) foram amalgamados sob o rótulo de “relações descendentes”, porque designam relações de pessoas de classes mais altas com pessoas de classes mais baixas. Os fatores (a), (e) e (i) – que designam relações simétricas – foram preservados.

Espera-se, no controle dessa variável, que em cada período de 50 anos, nas relações ascendentes predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações descendentes e simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade.

8) Relações de intimidade

Para o controle desse grupo foram elencados os seguintes fatores:

- a) íntimos
- b) não íntimos

Os personagens são considerados íntimos quando:

- i) São marido e mulher ou amantes;
- ii) Compartilham segredos;
- iii) Dão indícios de terem uma amizade antiga e significativa.

Para serem considerados íntimos, é necessário que os personagens se enquadrem em pelo menos um desses critérios; entretanto, observou-se que todas as relações entre personagens que atendiam ao critério (ii) atendiam também ao critério (iii) e vice-versa.

A hipótese relacionada a essa variável é de que, em cada período de 50 anos, nas relações entre não íntimos predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações

entre íntimos deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade.

9) Relações familiares

Os seguintes fatores são controlados nesse grupo:

- a) Sem parentesco
- b) pai/ mãe → filho/ filha
- c) filho/ filha → pai/ mãe
- d) entre irmãos
- e) tio/ tia → sobrinho/ sobrinha
- f) sobrinho/ sobrinha → tio/ tia
- g) entre primos
- h) entre casal
- i) entre cunhados

A expectativa para essa variável é de que, nas relações descendentes (do ponto de vista geracional, i.e., de pai para filho e de tio para sobrinho) e nas relações simétricas (i.e., entre irmãos, entre primos e entre casal), predomine o uso das variantes associadas à dimensão de solidariedade. Nas relações sem parentesco e nas relações ascendentes (i.e., de filho para pai e de sobrinho para tio), predomine o uso das variantes relacionadas à dimensão de poder.

Nas rodadas estatísticas multidimensionais realizadas com a eliminação de fatores, opôs-se a variante a) a todas as demais, que foram amalgamadas sob o rótulo ‘com parentesco’.

10) Relações profissionais

Para essa variável, os seguintes fatores foram elencados:

- a) Não trabalham juntos
- b) Entre iguais
- c) Ascendente
- d) Descendente

Como relações simétricas (entre iguais), aparecem nas peças de teatro empregados de uma mesma casa, funcionários de

uma mesma cooperativa, marinheiros de mesma patente, policiais de mesma patente, camaradas numa revolução e repórteres que trabalham num mesmo jornal. Como assimétricas (ascendentes e descendentes), aparecem padrões e empregados domésticos, relações do funcionalismo público entre chefe e subalterno, capitão de fragata e marinheiros subordinados, delegado e soldado, delegado e presos, soldado e presos (e vice-versa).

Espera-se, no controle dessa variável, que em cada período de 50 anos, nas relações ascendentes e entre os personagens que não trabalham juntos, predomine o uso das variantes associadas à dimensão de poder; nas relações descendentes e simétricas deve predominar o uso das variantes correlacionadas à dimensão de solidariedade.

2.6 O TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os dados coletados na amostra descrita na seção 2.4 foram categorizados de acordo com as variáveis elencadas na seção 2.5 e submetidos ao tratamento estatístico do programa GoldVarb (ROBINSON; LAWRENCE e TAGLIAMONTE, 2001). As peças de teatro, como mencionadas anteriormente, foram divididas por períodos de 50 anos. Para cada um dos períodos, há 3 peças de teatro. O primeiro procedimento estatístico foi a realização de uma rodada unidimensional¹⁵¹ levando-se em consideração todas as variantes encontradas ao longo dos quatro períodos em que foi dividida a amostra, para se verificar o cômputo geral das ocorrências e responder à questão 1 desta pesquisa – que formas de tratamento são utilizadas em cada diferente período de 50 anos dos séculos XIX e XX? Além disso, foram realizadas rodadas por período, para se verificar o comportamento das variantes e dos grupos de fatores separadamente a cada período de 50 anos.

¹⁵¹ Numa rodada estatística unidimensional, o programa calcula o efeito de cada uma das variáveis independentes sobre a variável dependente, gerando como resultado a porcentagem de uso de cada variante com relação a cada fator de cada grupo.

Para cada período de 50 anos do século XIX, foi realizada, primeiramente, uma rodada estatística unidimensional, levando-se em conta todas as variantes elencadas neste estudo. O objetivo desse procedimento foi responder à questão 2 desta pesquisa: quais são as formas de tratamento que se destacam por sua alta frequência em cada um dos quatro períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX? Foram identificadas, então, dentre os dados do século XIX, as duas formas de tratamento mais frequentes em cada período de 50 anos. Essas duas formas mais frequentes foram, então, submetidas a uma análise unidimensional e, em seguida a duas rodadas estatísticas multidimensionais¹⁵². A decisão de se fazerem duas rodadas multidimensionais diferentes se deveu à preocupação de se resolverem os *knockouts*¹⁵³ da melhor maneira possível e garantir a comparabilidade dentro da amostra.

Dentre os dados do século XX, foram identificadas as três formas de tratamento mais frequentes, uma vez que a “disputa” entre as variantes ao longo do século XX foi mais “acirrada” do que ao longo do século XIX. Tendo sido identificadas essas três formas, elas foram, duas a duas, submetidas a uma análise unidimensional e a duas análises multidimensionais. Por último, fez-se uma análise unidimensional com as três formas mais frequentes, levando-se em consideração as variáveis independentes que mais se destacaram nas rodadas binárias.

Para todos os períodos, na primeira das rodadas multidimensionais, foram adotados dados artificiais que preenchessem os fatores que não apresentavam nenhuma ocorrência de uma das formas de tratamento em questão. Na segunda delas, foram simplesmente eliminados os fatores que

¹⁵² Numa rodada estatística multidimensional, “cada efeito de um fator [...] na análise é calculado enquanto são controlados, até o máximo possível, os outros fatores” (GUY e ZILLES, 2007, p. 100). Uma análise desse tipo fornece resultados em termos de pesos relativos, ou seja, indica, na convergência dos fatores, a probabilidade de a variante considerada como aplicação da regra ocorrer na presença de determinado fator.

¹⁵³ Um *knockout*, nas palavras de Guy e Zilles (2007, p. 158), é “um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente.”. O programa estatístico não gera uma análise multidimensional (com pesos relativos) quando há *knockouts* na rodada unidimensional.

apresentavam *knockout*¹⁵⁴. A realização das rodadas estatísticas multidimensionais teve como objetivo responder à questão 3 desta pesquisa: que grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, dentre os elencados neste estudo, estariam condicionando a ocorrência das formas de tratamento mais frequentes nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX?

O desdobramento dessa análise, por consequência, respondeu à questão 4: com base na teoria proposta por Brown e Gilman (2003 [1960]), que elementos sociais, recriados através dos grupos de fatores elencados, estariam constituindo as dimensões de poder e de solidariedade em peças de teatro florianopolitanas representativas de diferentes períodos de 50 anos do século XIX? E do século XX? A lógica que subjaz a essa correlação é de que os grupos de fatores socioestilísticos selecionados pelo pacote GoldVarb como mais significativos em cada período de 50 anos seriam, automaticamente, os elementos mais significativos para a constituição das dimensões de poder e solidariedade em cada um dos períodos.

Quando da realização das rodadas unidimensionais apenas com as formas mais frequentes em cada período, observou-se que algumas rodadas terminavam em *knockout*, o que forçou a realização de amálgamas, já descritos na seção 2.5. A decisão de se fazerem amálgamas respeitou não apenas características comuns aos fatores amalgamados, mas também a direção para que apontavam as frequências relacionadas a esses fatores. Quando não foi possível realizar amálgamas respeitando-se essas tendências, optou-se, em uma das rodadas multidimensionais, pela adoção de dados artificiais, e na outra, pela eliminação dos fatores em que houve *knockout* fosse realizada. A apresentação dos resultados em tabelas levou em

¹⁵⁴ Em conversa posterior à defesa desta dissertação com a professora Dra. Ana Zilles, coautora do livro *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise* (São Paulo: Parábola, 2007), a pesquisadora confirmou que a realização das duas rodadas multidimensionais, uma com adoção de dados artificiais e outra com eliminação de fatores, deveria garantir a credibilidade da análise estatística realizada nesta pesquisa.

conta somente as frequências obtidas na análise; os pesos relativos, obtidos através das rodadas estatísticas multidimensionais, não são apresentados nesta pesquisa, uma vez que foram resultantes ou da adoção de dados artificiais ou da eliminação de determinados fatores e não refletem *com precisão* a probabilidade de uso das variantes.

Um movimento de ida e volta dos dados às porcentagens obtidas como resultado e aos grupos de fatores ofereceu, por fim, a resposta para a questão 5: dentre as formas de tratamento mais frequentes nas falas de personagens de peças de teatro florianopolitanas em diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX, quais estariam mais fortemente relacionadas à dimensão de poder? E à dimensão de solidariedade?

Ainda com relação ao tratamento estatístico aplicado aos dados, cabe advertir que duas das rodadas estatísticas multidimensionais realizadas com as ocorrências da segunda metade do século XX¹⁵⁵ não foram levadas a seu fim pelo programa GoldVarb. Procurou-se, então, uma explicação para o comportamento diferenciado do programa quando da realização dessas rodadas. A resposta foi encontrada em Guy e Zilles (2007).

Guy e Zilles (2007) advertem que, quando uma rodada estatística multidimensional não é levada até seu final pelo programa, duas possibilidades de explicação podem ser aventadas, ambas amparadas na *falta de convergência entre os fatores*. A primeira delas seria a de que haveria muitos grupos de fatores ou mesmo muitos fatores dentro de um grupo – os autores mencionam que o número de grupos e de fatores de um grupo não deve ultrapassar a marca de 10 –, então o programa, em 21 iterações (número fixo de tentativas do GoldVarb), não conseguiria fazer convergirem todos os fatores de um grupo com todos os fatores de outro, e aí a rodada simplesmente para sem terminar de fato. Não era esse o caso desta pesquisa, pois muitos

¹⁵⁵ A saber: a rodada estatística multidimensional com adoção de dados artificiais que levou em consideração as variantes VOCÊ e O SENHOR e a rodada estatística multidimensional com eliminação de fatores com *knockout* que levou em consideração as formas TU e O SENHOR.

amalgamas e exclusões já haviam sido feitos, e não havia grupos com mais de 5 fatores. Além disso, com as variáveis independentes ‘concordância verbal’ e ‘período de 50 anos’ excluídas, o número de grupos de fatores chegava a 9.

A segunda solução oferecida pelos autores seria aquela considerada mais adequada ao caso ocorrido nesta pesquisa: falta de ortogonalidade. Há ortogonalidade quando existe probabilidade de todos os fatores de um grupo se cruzarem com todos os fatores dos outros grupos. Quando não há ortogonalidade, um dado categorizado com um fator x em determinado grupo é sempre categorizado com um fator y em outro grupo, e nunca com um fator w , k , ou z . As peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX apresentam poucos personagens. *Flores de inverno*, o caso mais extremo, tem apenas 3 personagens, o que resulta em poucas relações entre personagens, o que leva a pouca variedade de fatores para se cruzarem¹⁵⁶. Num caso como esse, o cruzamento entre variáveis pode resultar em células de 100% de aplicação da regra e em células absolutamente vazias.

Apesar desse obstáculo metodológico, os números obtidos pelas análises multidimensionais que não chegaram até foram levados em consideração nesta pesquisa. Contudo, por conta da falta de ortogonalidade, optou-se por discutir apenas os resultados das análises unidimensionais, ainda que os resultados das análises multidimensionais tenham sido aproveitados como indicativos de que alguns grupos de fatores são mais significativos do que outros – o que é essencial para se responder à terceira questão posta, conforme já explicitado. O aproveitamento dessas rodadas tem sua credibilidade apoiada em Guy e Zilles (2007), que garantem que

¹⁵⁶ Por exemplo: *Flores de inverno* é uma história a respeito dos personagens Klaus, Eugênio e Valentina. Valentina é íntima de Klaus e é íntima de Eugênio, mas Eugênio e Klaus não são íntimos. Assim, toda relação homem-mulher nessa peça será, também, uma relação entre íntimos, e toda relação homem-homem será, também, uma relação entre não íntimos. Portanto, não existe a possibilidade de o fator ‘homem-mulher’ do grupo ‘sexo/ gênero’ se cruzar com o fator ‘não íntimos’ do grupo ‘relações de intimidade’.

Embora os valores obtidos de análises sem convergência não sejam, por definição, os melhores possíveis, na maioria dos casos aproximam-se suficientemente dos hipotéticos valores melhores para dar uma boa e confiável indicação dos efeitos. No entanto, o pesquisador sempre deve procurar identificar e resolver a causa da falta de convergência, mas não é fatal não conseguir uma resolução definitiva. (p. 200)

Os autores pontuam, ainda, que os números que resultam de uma rodada estatística sem convergência podem ser apresentados sem maiores problemas, mas que o pesquisador deve avisar a seus leitores das condições em que os resultados foram produzidos (cf. GUY e ZILLES, 2007).

Apresentados os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa e o tratamento estatístico oferecido aos dados, e feitas as devidas ressalvas, a seguir, no capítulo III, são apresentados, analisados e discutidos os resultados gerados a partir do procedimento metodológico aqui descrito.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão analisados e discutidos os resultados obtidos através da aplicação da metodologia descrita no capítulo anterior. Alguns procedimentos metodológicos também serão explicados, uma vez que foi necessária a utilização de determinados artifícios quando da realização das rodadas estatísticas, com a finalidade de se oferecerem resultados mais completos e passíveis de comparação.

Na seção a seguir, é exposto um panorama geral das formas de tratamento encontradas ao longo de toda a amostra. Logo em seguida, são apresentados os resultados para o século XIX, divididos por períodos de 50 anos. O procedimento é repetido, então, com os resultados relativos ao século XX. Na última seção deste capítulo, são delineadas algumas considerações a respeito dos resultados obtidos nesta pesquisa.

3.1 RESULTADOS GERAIS

No cômputo geral, foram encontradas 1107 ocorrências de formas de tratamento, divididas em 21 tipos. São eles:

- | | | |
|-------------------|-----------------|-------------------|
| 1. Zero | 9. O Senhor | 17. O Irmãozinho |
| 2. Tu | 10. O Senhor-N | 18. O Nobre |
| 3. Vós | 11. A Menina | Companheiro |
| 4. Você | 12. Meu Bondoso | 19. Meu Amô |
| 5. Vancê | Pae | 20. O Filho Único |
| 6. Vosmecê | 13. Meu Pai | do Comendador |
| 7. Vossa | 14. Minha Mãe | Januário |
| Excelência | 15. O Amigo | Silveira |
| 8. Vossa Senhoria | 16. O Vizinho | 21. O Fernando |

O intuito inicial era de se realizar a primeira rodada estatística unidimensional com todos os dados disponíveis, de todas as formas de tratamento encontradas, em todas as 12 peças

da amostra. No entanto, como o pacote GoldVarb rejeitou as 21 formas encontradas como variável dependente – pois excediam o número de variantes comportado pelo sistema (nove) -, as formas nominais A MENINA, MEU BONDOSO PAE, MEU PAI, MINHA MÃE, O AMIGO, O VIZINHO, O IRMÃOZINHO, O NOBRE COMPANHEIRO, MEU AMO, O FILHO ÚNICO DO COMENDADOR JANUÁRIO SILVEIRA e O FERNANDO foram amalgamadas e recategorizadas sob um único código, FORMAS NOMINAIS. Do mesmo modo, as formas O SENHOR e O SENHOR-N também foram amalgamadas e passaram a ser reconhecidas como uma mesma variante, O SENHOR; as formas VOCÊ e VANCÊ também passaram pelo mesmo processo. Assim, chegou-se ao número de nove variantes, tolerado pelo programa GoldVarb:

- | | | |
|---------|---------------------|--------------------|
| 1. Zero | 4. Você | 7. Vossa Senhoria |
| 2. Tu | 5. Vosmecê | 8. O Senhor |
| 3. Vós | 6. Vossa Excelência | 9. Formas nominais |

A realização dessa primeira rodada objetivava revelar a distribuição das diferentes formas de tratamento identificadas através dos diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX, fornecendo um panorama geral da amostra. Essa distribuição pode ser verificada no gráfico 3.1, a seguir.

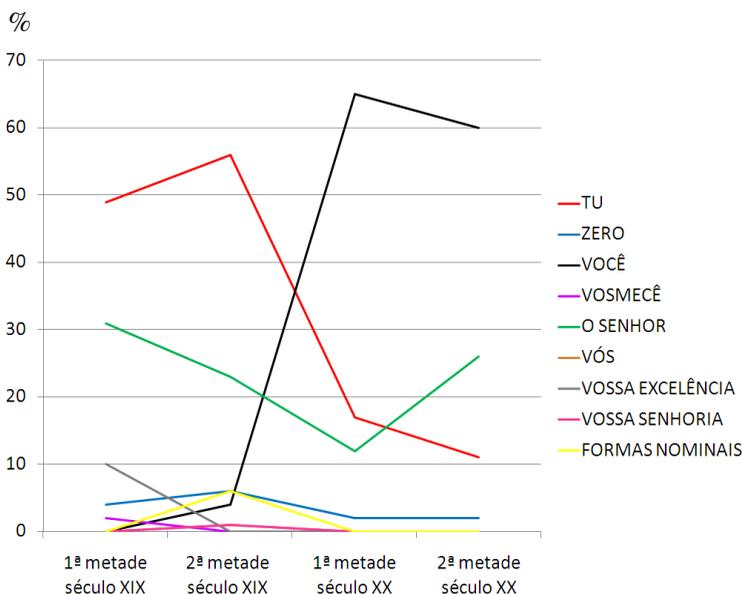


Gráfico 3.1: Porcentagem de uso das formas de tratamento em períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX.

Na distribuição das formas de tratamento por períodos de 50 anos, chama a atenção a ascensão no uso da forma VOCÊ, que parte de zero na primeira metade do século XIX e chega a 60% de uso na segunda metade do século XX, passando por um pico de 65% na primeira metade do mesmo século; e o declínio no uso da forma TU, que parte de um índice de uso de 49% na primeira metade do século XIX, atinge seu ápice com 56% na segunda metade desse século e chega à frequência de 11% na segunda metade do século XX. O tratamento ZERO persiste em uso em todos os intervalos de tempo, sempre com porcentagens baixas, nunca ultrapassando o índice de 6%. A forma O SENHOR também acompanha todo o período em análise, mas com taxas de uso mais altas, entre 23 e 31%, mostrando um leve declínio na primeira metade do século XX, quando atinge 12%.

As FORMAS NOMINAIS atingem seu maior índice de uso na segunda metade do século XIX, quando chegam a 6%, e nos demais períodos de 50 anos os dados relacionados a essa

variante não chegam a 1% de uso. VOSSA EXCELÊNCIA parte de 10% na primeira metade do século XIX e permanece com uso insignificante nos demais períodos de 50 anos. Já a forma VOSSA SENHORIA atinge seu maior índice na segunda metade do século XIX, 3%; e, nos demais intervalos de tempo, permanece com uso insignificante. Com relação ao uso de VOSMECÊ, nota-se que essa variante parte de uma frequência de 2% na primeira metade do século XIX e chega a zero na segunda metade desse século, permanecendo com esse índice ao longo de todo o século XX. Por último, vê-se, no gráfico 3.1, que a forma de tratamento VÓS permanece com índice de uso insignificante ao longo dos dois séculos, tendo sua frequência computada apenas na segunda metade do século XIX, quando atinge 1% de uso.

É possível perceber, ainda, que o sistema de tratamento do português florianopolitano tem seu paradigma reduzido no decorrer dos séculos XIX e XX. A figura 3.1, a seguir, facilita a visualização dessa redução.

1ª metade do século XIX	2ª metade do século XIX	1ª metade do século XX	2ª metade do século XX
VOSMECÊ NOMINAIS ZERO	VÓS NOMINAIS ZERO	NOMINAIS ZERO	ZERO
O SENHOR	O SENHOR	O SENHOR	O SENHOR
VOCÊ TU	VOCÊ TU	VOCÊ TU	VOCÊ TU
V. SENHORIA V.EXCELÊNCIA	V.SENHORIA		

Figura 3.1: Redução no paradigma das formas de tratamento no português de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX.

Ressalte-se que, das oito formas de tratamento que iniciam o século XIX, apenas quatro chegam ao final do século XX,

indicando um rearranjo em que um número reduzido de formas dá conta de relações que antes contavam com formas de tratamento mais específicas¹⁵⁷.

Apesar de a primeira rodada ter sido realizada contando com todas as variáveis independentes elencadas, a quantidade de dados, a quantidade de variantes, a natureza distinta das peças e as diferentes relações sociais em jogo em cada período de 50 anos não permitem relacionar, com segurança, os resultados gerais ao condicionamento provocado pelas variáveis independentes. Esse condicionamento deve ser melhor visualizado e interpretado nas rodadas estatísticas seguintes, realizadas com quatro grupos de peças representativos de cada período de 50 anos dos séculos XIX e XX.

Nas próximas seções, serão identificadas as formas mais frequentes em cada período de 50 anos e sua correlação com as variáveis independentes e com as dimensões de poder e solidariedade.

3.2 RESULTADOS PARA A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Para a rodada unidimensional realizada com dados apenas da primeira metade do século XIX, a variável independente ‘período de 50 anos’ foi excluída, já que todos os dados dessa rodada estão categorizados com o mesmo código. Foram encontradas 375 ocorrências de formas de tratamento no total das peças *Raimundo*, *Brinquedos de cupido* e *Quem desdenha quer comprar*, distribuídas conforme a tabela 3.1, a seguir.

¹⁵⁷ Cabe aqui uma comparação com o inglês. Nessa língua, o paradigma das formas de tratamento se reduziu tanto que chegou a uma única forma, *you*, que dá conta do tratamento do interlocutor tanto em situações formais quanto em situações informais (opera tanto na esfera T como na esfera V). Observe-se, ainda, que essa forma também corresponde à segunda pessoa do plural.

Peças Formas	Raimundo (1829)		Brinquedos de cupido (1835)		Quem desdenha quer comprar (1841)		Total	
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%
TU	48	43%	53	63%	83	45%	184	49%
VOCÊ	2	1%	1	1%	0	0%	3	0%
O SENHOR	17	15%	23	27%	80	44%	120	32%
VOSMECÊ	0	0%	0	0%	11	6%	11	2%
V.EXCELÊNCIA	34	30%	1	1%	3	1%	38	10%
V.SENHORIA	0	0%	0	0%	1	0%	01	0%
NOMINAIS	1	0%	1	1%	0	0%	2	0%
ZERO	9	8%	4	4%	3	1%	16	4%
Total	111		83		181		375	

Tabela 3.1: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da primeira metade do século XIX.

As hipóteses elencadas com relação às formas de tratamento utilizadas na primeira metade do século XIX foram parcialmente atestadas. Dentre as formas previstas, não apareceram os tratamentos VOSSA MERCÊ e VÓS, que entraram como hipóteses com base nos estudos de Lopes e Duarte (2003) e Rumeu (2004). Além disso, a forma ZERO, que não havia sido prevista, apareceu entre os tratamentos utilizados nesse período.

Pela tabela 3.1, é possível perceber que as formas de tratamento mais frequentes nas peças de teatro florianopolitanas representativas da primeira metade do século XIX são TU, com 49% dos dados e O SENHOR, com 32%. Essas formas, juntas, somam mais de 80% da amostra. A forma VOSSA EXCELÊNCIA também apresentou um número considerável de dados, mas sua porcentagem chega a apenas 10% e suas ocorrências estão muito concentradas em uma única peça. Atente-se, ainda, para o baixíssimo número de dados de VOCÊ, de VOSSA SENHORIA, de ZERO e de FORMAS NOMINAIS.

É possível notar, também, que as 11 ocorrências de VOSMECÊ são todas provenientes da mesma peça – *Quem desdenha quer comprar* –, o que pode revelar uma preferência pessoal do autor José Cândido Lacerda Coutinho por essa forma de tratamento.

A hipótese para as formas mais frequentes na primeira metade do século XIX foi parcialmente atestada – a expectativa era de se encontrar uma oposição entre o pronome TU e as formas VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA, e não era esperado que o tratamento O SENHOR se destacasse por sua alta frequência. Partindo-se desse panorama, as rodadas estatísticas multidimensionais, que revelam, além das frequências, a relevância dos grupos de fatores, deve levar em conta apenas dois tipos de tratamento, TU e O SENHOR – objetivando a observação de como as dimensões de poder e de solidariedade estão relacionadas a essas formas durante a primeira metade do século XIX.

3.2.1 Sobre TU e O SENHOR

A primeira rodada estatística unidimensional realizada apenas com as formas TU e O SENHOR mostrou que esses tratamentos, juntos, somaram 304 ocorrências nas peças de teatro representativas da primeira metade do século XIX, sendo 120 de O SENHOR (39%) e 184 de TU (60%). A distribuição, no entanto, apresentou dados que podem ser melhor compreendidos quando analisados qualitativamente, e resultou em alguns *knockouts*, que precisaram ser resolvidos antes de se proceder às análises multidimensionais.

Foram encontrados apenas quatro dados de não concordância padrão, todos eles com o pronome TU, identificados na peça *Brinquedos de Cupido*. Devido à não observação de ocorrências sem concordância verbal canônica com a forma O SENHOR, optou-se por tratar desses dados por meio de uma abordagem qualitativa, que será verificada adiante, e assim se eliminou o grupo de fatores ‘concordância verbal’ das análises multidimensionais.

Os dados sem concordância verbal canônica correspondente à forma TU são os que seguem.

i. Jantam, menos o Snr. Mandes que ainda não veio da cidade. Esqueci-me de mandar-te anunciar, se queres jantar... [...] Não era razão se não **tivesse** jantado. (ao creado) Diga á senhora que está aqui o Sr. Ludovino, mas que já jantou. Trase mais uma xícara de café. [De Alfredo para Ludovino]

ii. Graças a educação que lhe **destes**. [De Oliveira para Marcellino]

iii. Porque a amizade admite, não exclue a reciprocidade no benefício. Salvas-te-me quando eu tinha a minha lavoura compromettida. Eu, em virtude de tua carta, vim acudir-te nos teus embaraços commerciaes. Em resumo, salvaste-me. Paguei-te. Salvo-te agora. Pagar-me hás depois. Prompto. E não há mais discussão. Os recibos rezam todos o teu nome e não o meu. Tal qual como **procedestes** comigo. (Levantando-se) E com os diabos, homem! ou a amizade é isso ou essa palavra pode ser banida com o sentido que ela exprime! [De Oliveira para Marcellino]

iv. Bugio **parece-me** tu, com essa cara mesmo de macaco. [De Oliveira para Anselmo]

Na primeira dessas ocorrências, a ausência formal do sujeito deixa a dúvida sobre qual seria a forma de tratamento utilizada – se seria um tratamento VOCÊ nulo, um O SENHOR nulo, uma forma ZERO ou outra forma nula sem marca morfêmica verbal exclusiva. Observou-se, no entanto, que os personagens Alfredo e Ludovino tratam-se mutuamente, em 100% das demais ocorrências ao longo da peça, pelo pronome TU e seus correlatos (*te, teu, contigo* etc.). Portanto, na ausência formal de um sujeito e eliminando-se os critérios elencados para a identificação do tratamento ZERO (cf. subseção 2.5.1), não fica outra saída senão categorizar essa ocorrência como não

concordância com o pronome TU. Não se desconsidera, entretanto, a possibilidade de um erro de impressão.

Nas ocorrências (ii) e (iii), a concordância parece ser feita com o pronome VÓS. Entretanto, como, os personagens Oliveira e Marcellino utilizam entre si, ao longo de toda a peça teatral, o tratamento TU e seus correlatos, e como a forma VÓS não aparece nenhuma vez em nenhuma das três peças representativas da primeira metade do século XIX, parece mais provável que tenha havido um erro de impressão¹⁵⁸.

A quarta ocorrência de não concordância padrão se trata de uma fala de um amigo muito chegado do dono da casa para o empregado dessa mesma casa. Essa parece ser a única ocorrência legítima de não concordância, e pode ter sido motivada por fatores internos. O contexto linguístico é muito propício para esse tipo de dado: os resultados de Monguilhott (2009) sobre concordância verbal em peças teatrais dos séculos XIX e XX revelam que os grupos de fatores ‘posição do sujeito’ e ‘tipo de verbo’ se mostram relevantes no condicionamento de seu objeto, sendo que os fatores ‘sujeito posposto’ e ‘verbo inacusativo’ – exatamente como ocorre no dado (iv) – se destacam por baixas frequências de concordância verbal, ou seja, favorecem ocorrências sem concordância.

Tendo eliminado o grupo de fatores ‘concordância verbal’ e efetuado os amálgamas já especificados nas seções 2.5 e 3.1, procedeu-se às análises multidimensionais. Para que essas análises fossem realizadas, ainda foi necessária a eliminação de alguns *knockouts*, a saber: no grupo de fatores ‘relações familiares’, as relações de pai para filho, de tio para sobrinho e entre primos apresentaram 100% de uso da forma TU, e no grupo ‘ambiente’, não havia dados de TU em ambientes privados e informais. Em uma dessas rodadas, os fatores com *knockouts* foram eliminados da análise; na outra, foram acrescentados

¹⁵⁸ Pensou-se também no fenômeno da *hipercorreção* (cf. LABOV, 1972), em que o falante (nesse caso, o autor ou o revisor da peça teatral), na tentativa de utilizar uma forma de maior prestígio, acaba empregando-a de maneira inadequada. Contudo, fica a questão de por que somente nessas duas ocorrências aparece a forma verbal com terminação em [-stes], enquanto que todas as demais aparecem com a conjugação verbal canônica com o pronome TU.

quatro dados artificiais. Os resultados percentuais, contudo, são apresentados com os *knockouts*, para que o leitor possa observar a verdadeira distribuição dos dados¹⁵⁹.

Em ambas as rodadas estatísticas multidimensionais, os grupos de fatores selecionados foram os mesmos. Para a apresentação dos resultados, optou-se pela ordem da rodada com melhor significância¹⁶⁰. O programa GoldVarb selecionou seis grupos de fatores como mais relevantes: ‘relações de intimidade’, ‘faixa etária’, ‘relações familiares’, ‘preenchimento do sujeito’, ‘presença de audiência’, e ‘relações profissionais’. Considerou-se como aplicação da regra o tratamento TU. Os resultados percentuais para a variável ‘relações de intimidade’ podem ser conferidos na tabela 3.2.

Relações de intimidade	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Íntimos	137/ 141	97%
Não íntimos	47/ 163	28%

Tabela 3.2: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘relações de intimidade’.

Pela tabela 3.2, é possível observar uma predominância do tratamento TU nas relações entre pessoas íntimas no que diz respeito a sua frequência: das 141 ocorrências de formas de tratamento entre pessoas íntimas, apenas quatro foram de O SENHOR, e as demais se deram com o pronome TU. Observe-se que no contexto do tratamento entre íntimos, as formas TU e O SENHOR não se mostram como variantes de uma mesma variável; apenas no contexto das relações entre não íntimos é que essas formas podem ser consideradas, de fato, como variantes.

¹⁵⁹ Como já explicitado no capítulo 2, as rodadas multidimensionais foram adotadas para responder às questões 3 e 4 desta pesquisa; para a apresentação dos resultados, o peso relativo (uma vez que foi obtido via realização de amálgamas, em uma das rodadas, e via adoção de dados artificiais, em outra) não foi levado em consideração.

¹⁶⁰ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,887 e significance = 0,017; sobre a rodada com fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,842 e significance = 0,004.

Já havia a expectativa de que esse grupo de fatores se mostrasse significativo. Outros estudos, como os de Ramos (1989) e Lucca (2007) haviam demonstrado que o controle da variável ‘relações de intimidade’ rende resultados interessantes: os informantes florianopolitanos de Ramos (1989), por exemplo, associaram a forma TU ao tratamento entre íntimos, e a forma VOCÊ ao tratamento entre “distantes”; do mesmo modo, os informantes brasileiros de Lucca (2007) apresentaram maior tendência a usar o pronome TU quando tinham um menor distanciamento entre si. Os resultados visualizados na tabela 3.2 dão indícios de que, na primeira metade do século XIX, o pronome que operava na esfera T das formas de tratamento era o TU.

A seguir, na tabela 3.3, são apresentados os resultados percentuais para a variável ‘faixa etária’.

Faixa etária	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	12/ 22	54%
Descendente	50/ 55	90%
Entre jovens	110/ 210	52%
Entre meia-idade	12/ 17	70%

Tabela 3.3: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Certamente, a informação que mais chama a atenção na tabela 3.3 é a referente às relações descendentes, ou seja, de mais velhos para mais novos. Nesse tipo de relação, a frequência do pronome TU em relação ao uso de O SENHOR chegou a 90%. Mais uma vez, TU aparece como uma forma de tratamento da esfera T da distinção T-(N)-V. Trabalhos como o de Coelho e Görski (2011) já haviam mostrado a importância de se controlar a variável ‘faixa etária’ no estudo das formas de tratamento.

Era esperado que nas relações ascendentes houvesse um predomínio de tratamentos considerados mais formais, conjunto em que se abriga a forma O SENHOR. Contudo,

surpreendentemente, entre personagens jovens o uso de TU não é maioria significativa – apenas 52% dos dados de relações entre essa faixa etária são de uso do pronome TU. Como explicação para esse dado, pensou-se que, talvez, a maioria dos personagens de idade jovem não fosse íntima entre si, o que resultaria no uso do tratamento O SENHOR. Para se verificar essa hipótese, foi realizado um cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’. Os resultados desse cruzamento podem ser visualizados na tabela 3.4, a seguir.

Usos de TU x O SENHOR				
Faixa etária	Íntimos		Não íntimos	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Ascendente	12/ 12	100%	0/ 10	0%
Descendente	3/ 3	100%	47/ 52	90%
Entre jovens	110/ 110	100%	0/ 100	0%
Entre meia-idade	12/ 16	75%	0/ 1	0%

Tabela 3.4: Frequência de uso da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’.

O cruzamento entre os grupos de fatores ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’ atestou a hipótese aventada para explicar a baixa frequência de uso da forma TU nas relações entre jovens. Das 100 ocorrências de formas de tratamento utilizadas por personagens jovens não íntimos entre si, nenhuma delas é de TU, e essa tendência parece estar mais associada à variável ‘relações de intimidade’ do que à ‘faixa etária’. De fato, todas as relações entre pessoas íntimas, independentemente da idade, apresentam uma tendência ao uso do tratamento TU, em detrimento da forma O SENHOR. Por isso, mesmo que os falantes sejam jovens, se forem íntimos, apresentam 100% de ocorrências de TU. Já quando os personagens não são íntimos, a forma TU raramente é usada; ela só aparece entre não íntimos quando uma pessoa mais velha fala com uma mais nova.

A seguir, na tabela 3.5, podem ser visualizados os números referentes à variável ‘preenchimento do sujeito’.

Preenchimento do sujeito	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Nulo	169/ 239	70%
Preenchido	15/65	23%

Tabela 3.5: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’.

Os resultados numéricos apresentados na tabela 3.5 parecem indicar uma associação entre a utilização do sujeito nulo e a forma de tratamento TU. Com respeito a essa variável, no entanto, há que se refletir sobre a circularidade do controle estatístico. É possível se fazer o seguinte questionamento: é o não preenchimento do sujeito que condiciona o aparecimento da forma de tratamento TU? ou é o uso de TU que condiciona o não preenchimento do sujeito? Com base nas considerações de Duarte (1995) acerca do parâmetro do sujeito nulo, parece que a segunda análise deve ser considerada a mais adequada.

A autora, no estudo de seu objeto, o preenchimento do sujeito pronominal, controla a variável ‘pessoa do discurso’. Duarte (1995) ressalta que na análise de seus dados, quando os pronomes TU e VÓS começam a entrar em desuso, sendo substituídos pelos pronomes pessoais VOCÊ e VOCÊS, há um considerável decréscimo do percentual de sujeitos nulos de segunda pessoa: de 69% para 25%. Essa observação permite concluir que o uso de TU está associado a uma maior tendência ao sujeito nulo. O que essa análise *não* permite concluir é que é o não preenchimento do sujeito, enquanto fator linguístico, *condiciona* a ocorrência da forma TU em detrimento de outras formas.

É possível, também, que se justifiquem os números que correlacionam o uso do pronome TU ao não preenchimento do sujeito com base em fatores internos. O pronome TU, por apresentar marca morfêmica verbal exclusiva (diferentemente do que ocorre com O SENHOR e outras formas de tratamento, como

VOCÊ e FORMAS NOMINAIS), permite a omissão formal do sujeito porque sua identificação pode ser feita pela marca verbal. Com essas outras formas de tratamento, a necessidade de se expressar o sujeito é maior, porque não há marca no verbo que as diferencie entre si.

Na próxima tabela, de número 3.6, são apresentados os resultados percentuais para o grupo de fatores ‘audiência’.

Audiência	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Com audiência	51/ 100	51%
Sem audiência	133/ 204	65%

Tabela 3.6: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável ‘audiência’.

Pelos números constantes na tabela 3.6, é possível se perceber que há uma preferência pelo uso da forma de tratamento TU quando não há outros personagens, além daqueles que compõem a díade, presentes no momento da interação. Esse pronome foi preferido em 133 das 204 ocorrências em que não havia audiência presente. A análise que se pode fazer a partir desses dados e das direções apontadas pelos demais grupos de fatores é de que a presença de audiência influencia o nível de formalidade da situação comunicativa.

Como esse grupo de fatores não havia sido controlado em nenhum dos estudos resenhados ao longo da seção 1.2, não será possível se fazerem, de maneira precisa, comparações e nem apontar tendências. Contudo, com base no estudo de Modesto (2006), pode-se dizer que o monitoramento (que no trabalho do autor significa a consciência da presença de um gravador) é um dos fatores que influenciam a escolha das formas de tratamento. Pode-se fazer a leitura de que a presença de audiência seja, também, uma forma de monitoramento.

O último grupo de fatores selecionado pelo programa GoldVarb referente à primeira metade do século XIX foi ‘relações profissionais’. Os números para essa variável podem ser conferidos na tabela 3.7, a seguir.

Relações profissionais	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	6/ 11	54%
Descendente	12/ 16	75%
Sem relação	166/ 277	59%

Tabela 3.7: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável 'relações profissionais'.

Os dados da tabela 3.7 mostram que o pronome TU foi preferido especialmente nas relações profissionais descendentes. Infelizmente, não são muitos os dados referentes a personagens que têm alguma relação profissional entre si, o que não permite que se tirem conclusões generalizadoras. Entretanto, pode-se dizer que os números de que dispomos parecem indicar que as formas TU e O SENHOR seguem em direções opostas: TU na direção da esfera T e O SENHOR na direção da esfera V.

Na tabela 3.8, a seguir, podem ser observados os resultados percentuais referentes à variável 'relações familiares'.

Relações familiares	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Pais → filhos	12/ 12	100%
Tios → sobrinhos	24/ 24	100%
Filhos → pais	1/ 7	14%
Entre primos	48/ 48	100%
Entre casal	2/ 5	40%
Sem parentesco	97/ 208	46%

Tabela 3.8: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XIX, segundo a variável 'relações familiares'.

A relação entre pais e filhos, tios e sobrinhos e entre primos apresentam 100% de uso do pronome TU em relação à forma O SENHOR. Essas relações podem ser consideradas como relações assimétricas descendentes (de pai para filho e de tio para sobrinho) e simétricas (entre primos), o que traz, novamente, a

forma TU para a esfera T da distinção T-(N)-V. A relação de filho para pai já mostra uma tendência ao uso de O SENHOR, indicando que esse tratamento é preferido em relações que exigem maior respeito, ou seja, opera na esfera V.

Apenas cinco dados são encontrados para a relação entre marido e mulher. Vale ressaltar que os dois dados de TU que aparecem nessa relação foram produzidos da esposa para o esposo. A baixa quantidade de dados não permite conclusão a respeito do *status* desse tipo de relação na primeira metade do século XIX – não é possível se deduzir se são relações simétricas ou assimétricas. Também não foram observados outros elementos nas peças de teatro que dessem indício quanto ao *status* dessa relação.

No que diz respeito à relação entre os grupos de fatores elencados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento TU e O SENHOR nas peças teatrais florianopolitanas referentes à primeira metade do século XIX, os resultados aqui apresentados parecem indicar que o pronome TU foi preferido, em detrimento da forma de tratamento O SENHOR, nas relações entre pessoas íntimas, de mais velhos para mais novos, na ausência de audiência, nas relações profissionais descendentes, de pais para filhos, de tios para sobrinhos e entre primos.

Por conta desses usos, acredita-se que, na primeira metade do século XIX, o pronome TU estava associado à dimensão de solidariedade e a forma O SENHOR estava associada à dimensão de poder. Os elementos que constituíam essas dimensões, com base nos dados de peças de teatro florianopolitanas, eram as relações de intimidade, a faixa etária dos envolvidos na relação, a presença/ ausência de audiência, as relações profissionais e as relações familiares.

3.3 RESULTADOS PARA A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Para a rodada unidimensional realizada com dados referentes apenas à segunda metade do século XIX, a variável independente ‘período de 50 anos’ foi excluída, uma vez que todos os dados dessa rodada estão categorizados com o mesmo código. Foram encontradas 294 ocorrências de formas de tratamento no total das peças *Os ciúmes do capitão*, *A engeitada* e *A filha do operário*, distribuídas conforme a tabela 3.9, a seguir.

Peças Formas	Os ciúmes do capitão (1853)		A engeitada (1857)		A filha do operário (1884)		Total	
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%
TU	34	47%	64	55%	68	64%	166	56%
VOÇÊ	3	4%	0	0%	10	9%	13	4%
O SENHOR	20	27%	34	29%	16	15%	70	23%
V. SENHORIA	3	4%	0	0%	0	0%	3	1%
NOMINAIS	8	11%	2	1%	9	8%	19	6%
ZERO	4	5%	15	12%	0	0%	19	6%
VÓS	0	0%	1	0%	3	2%	4	1%
Total	72		116		106		294	

Tabela 3.9: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da segunda metade do século XIX.

As hipóteses elencadas com relação às formas de tratamento utilizadas na segunda metade do século XIX foram parcialmente atestadas. Dentre as formas previstas, a única não encontrada foi VOSSA MERCÊ – uma hipótese baseada nos resultados dos estudos de Lopes e Duarte (2003) e de Rumeu (2004); as demais são as constantes na tabela 3.9. Chamam a

atenção as ocorrências com o tratamento ZERO, que não havia sido previsto para esse período.

Pelos números constantes na última coluna da tabela 3.9, é possível perceber que as formas de tratamento mais frequentes nas peças teatrais da segunda metade do século XIX, repetindo o que ocorreu nos resultados para a primeira metade desse século, foram TU e O SENHOR: as duas formas, juntas, somam quase 80% da amostra, e nenhuma das outras formas alcançou números sequer próximos. O máximo atingido foi de 19 ocorrências, tanto do tratamento ZERO como das FORMAS NOMINAIS; cada um desses tratamentos corresponde a 6% da amostra. Aparecem, ainda, 13 dados de VOCÊ (que, na verdade, são 12 de VOCÊ e um de VANCÊ, localizado na peça *Os ciúmes do capitão*), que totalizam 4% dos dados. Por último, estão as formas VOSSA SENHORIA e VÓS, com três e quatro dados, respectivamente, representando, cada uma, 1% da amostra.

A hipótese para as formas mais frequentes na segunda metade do século XIX foi parcialmente atestada – a expectativa era a mesma daquela referente à primeira metade do século XIX, de se encontrar uma oposição entre o pronome TU e as formas VOSSA EXCELÊNCIA e VOSSA SENHORIA, e não era esperado que o tratamento O SENHOR se destacasse por sua alta frequência. Os resultados obtidos foram também semelhantes àqueles relativos à primeira metade do século XIX. Partindo-se desse panorama, as rodadas estatísticas multidimensionais levaram em conta as formas de tratamento TU e O SENHOR. Ao final da análise, são correlacionadas essas formas às dimensões de poder e solidariedade.

3.3.1 Sobre TU e O SENHOR

A rodada estatística unidimensional levando em consideração somente as formas TU e O SENHOR revelou o número de 236 ocorrências, sendo 166 de TU e 70 de O SENHOR. Houve, novamente, a necessidade de se oferecer um tratamento qualitativo para alguns dados. Da mesma forma, foi

preciso, numa das rodadas multidimensionais, que se eliminassem alguns fatores, e na outra, que se adotassem dados artificiais para preencherem algumas células, uma vez que ocorreram *knockouts*.

Entre os dados referentes à segunda metade do século XIX, foram encontradas três ocorrências sem concordância verbal padrão. Assim como aquelas identificadas nas peças da primeira metade do século XIX, todas essas se deram com a forma de tratamento TU. As ocorrências sem concordância verbal canônica são as que seguem.

i) Em vinte annos que temos levado de conjugal conjugação sómente dous **passastes** a meo lado; e agora que podias **consagrastes** inteiramente ás minhas *expansões gratuitas*, me repelles . . . és um tyrano !. . [De Turíbia para Silvério, *Os ciúmes do capitão* – Artur Livramento)

ii) Como eu me sinto orgulhosa de te ver! Ah! si tu **prolongasse** por mais tempo a tua ausência, em morreria de saudades! Fernando, tu me amas muito, muito, não é assim? [De Terezinha para Fernando, *A filha do operário* – Ildefonso Juvenal)

As ocorrências registradas em (i) parecem estabelecer relação de concordância com a forma VÓS, e não com a forma TU. Entretanto, essas são as únicas ocorrências desse tipo nessa peça; todos os demais dados com a forma TU, inclusive produzidos pela mesma personagem, Turíbia, apresentaram concordância verbal canônica. Observe-se, ainda, que a forma VÓS nem é utilizada ao longo de toda a peça *Os ciúmes do capitão*. O autor, como se pode notar pela passagem em (i), busca caracterizar essa personagem como uma pessoa um pouco ignorante (vejam-se as expressões *conjugal conjugação* e *expansões gratuitas*), e esse padrão é seguido ao longo de todo o texto teatral. Contudo, essa caracterização parece se basear mais em opções lexicais inadequadas do que em usos gramaticais não padrão ou fenômenos de hipercorreção. Portanto, pode-se

considerar improvável que essa ocorrência de não concordância canônica seja intencional por parte do autor. Além disso, como não há outras inadequações com relação à concordância verbal no decorrer de toda a peça, esse dado é entendido como um erro de impressão.

A mesma decisão foi mantida para o dado observado em (ii). Terezinha trata Fernando em 100% das ocorrências por TU e seus correlatos e não é observada nenhuma outra ocorrência desse tipo ao longo do texto teatral – de concordância do pronome TU com forma verbal canônica de terceira pessoa (ou, em outras palavras, concordância com formas verbais relativas a outras formas de tratamento, como VOCÊ, VOSSA SENHORIA, O SENHOR etc.). Por esse motivo, esse dado é interpretado como erro de impressão.

Tendo eliminado da análise o grupo de fatores ‘concordância verbal’ e realizado os amálgamas descritos nas seções 2.5 e 3.1, foi necessária a eliminação de alguns *knockouts*. Não havia ocorrências de TU entre mulheres e nas relações profissionais ascendentes; da mesma forma, não havia ocorrências de O SENHOR entre membros da classe alta, entre casal, entre irmãos, entre cunhados, de pai para filho, em ambientes públicos e informais e em relações profissionais entre iguais. Por isso, os fatores correspondentes a esses contextos foram eliminados em uma das análises multivariadas e, na outra delas, foram adotados cinco dados artificiais.

Terminados esses procedimentos metodológicos, procedeu-se às análises multidimensionais. O programa GoldVarb selecionou, da análise realizada com dados artificiais, cinco grupos de fatores como mais relevantes: ‘relações de intimidade’, ‘classe social’, ‘relações profissionais’, ‘faixa etária’ e ‘preenchimento do sujeito’. Na rodada com eliminação dos fatores, os mesmos grupos foram selecionados, além da variável ‘relações familiares. Os resultados serão apresentados na ordem selecionada pela rodada de melhor significância¹⁶¹. Considerou-

¹⁶¹ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,913 e significance = 0,00; sobre a rodada com fatores

se como aplicação da regra o tratamento TU. Os resultados percentuais para a variável ‘relações de intimidade’ podem ser conferidos a seguir, na tabela 3.10.

Relações de intimidade	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Íntimos	80/81	98%
Não íntimos	86/155	55%

Tabela 3.10: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘relações de intimidade’.

Assim como ocorreu na análise das peças da primeira metade do século XIX, a variável ‘relações de intimidade’ foi uma das selecionadas pelo programa, e a relação entre íntimos favoreceu em muito o uso da forma TU, em detrimento do tratamento O SENHOR. Das 81 ocorrências de formas de tratamento entre pessoas íntimas, 80 foram do pronome TU, caracterizando 98% dos dados. Note-se que o contexto em que essas duas formas de tratamento são, de fato, variantes de uma mesma variável, é o das relações entre não íntimos; na relação entre íntimos, repetindo o que ocorreu nos resultados para a primeira metade do século XIX, o uso de TU é quase categórico e não se pode falar, com propriedade, em *variação*.

Os resultados obtidos para a variável ‘relações de intimidade’ sugerem que o pronome TU esteja, nas peças de teatro representativas da segunda metade do século XIX, figurando na esfera T da distinção T-(N)-V. Ressalte-se, contudo, que somente um panorama geral que correlacione o uso das formas de tratamento TU e O SENHOR e os grupos de fatores irá revelar a posição dessas formas na escala T-(N)-V.

Os números relativos à variável ‘classe social’ podem ser visualizados na tabela 3.11, a seguir.

eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,835 e significance = 0,010.

Classe social	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	28/ 60	46%
Descendente	39/ 47	82%
Classe baixa	37/ 47	78%
Classe média	20/ 40	50%
Classe alta	42/ 42	100%

Tabela 3.11: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘classe social’.

Observe-se que o pronome TU apresenta índices mais altos de uso nas relações simétricas entre membros da classe alta (100%), nas relações descendentes (82%) e entre membros da classe baixa (78%). Já era esperado, com base nos trabalhos de Coelho e Görski (2011)¹⁶² e de Rumeu (2004), e nos padrões apresentados no controle das variáveis independentes com relação à primeira metade do século XIX, que nas relações ascendentes a forma de tratamento TU não fosse preferida. Da mesma forma, era aguardado que nas relações descendentes e entre membros da classe baixa, o pronome TU fosse mais utilizado.

Esses dados seguem, em grande parte, as tendências esperadas. Contudo, provavelmente o número que mais surpreende na tabela 3.11 é o relativo ao uso de TU entre membros da classe alta. Esses resultados podem parecer estranhos, mas eles corroboram aqueles já apontados por Rumeu (2004), ao analisar cartas manuscritas do Rio de Janeiro do século XIX. Dos 13 dados da forma de tratamento TU encontrados pela autora, 100% se deram entre membros da classe alta, conforme ilustra o quadro 1.3, na subseção 1.2.2.

¹⁶² Coelho e Görski (2011) não fazem controle da variável ‘classe social’, mas categorizam seus dados de acordo com os fatores ‘relações assimétricas ascendentes’, ‘relações assimétricas descendentes’ e ‘relações simétricas’. Acredita-se que a classe social seja um critério de muito peso na categorização realizada por pesquisadores que utilizam variáveis como a controlada por essas autoras.

Apesar de a preferência pela forma de tratamento TU entre membros da classe alta encontrar precedentes em outros estudos, ainda pensou-se numa hipótese que justificasse esse uso: um cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’ deveria mostrar se essa preferência não estaria, na verdade, associada ao fato de os personagens membros da classe alta serem íntimos entre si. O resultado desse cruzamento pode ser conferido a seguir, nos números que mostra a tabela 3.12.

Usos de TU x O SENHOR				
Classe social	Íntimos		Não íntimos	
	Apl./Total	%	Apl./Total	%
Ascendente	27/ 27	100%	1/ 33	3%
Descendente	19/ 19	100%	20/ 28	71%
Classe baixa	11/ 12	92%	26/ 35	74%
Classe média	17/ 17	100%	3/ 23	13%
Classe alta	6/ 6	100%	36/ 36	100%

Tabela 3.12: Frequência de uso da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘classe social’.

O cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘classe social’ revela que a altíssima frequência de uso da forma de tratamento TU entre membros da classe alta não está associada ao fato de os membros da relação serem ou não serem íntimos entre si. Esperava-se que o índice de 100% de uso da forma TU entre membros da classe alta se revelasse como uma consequência da relação de intimidade entre os personagens dessa classe, mas observou-se, inclusive, seis vezes mais ocorrências entre membros da classe alta não íntimos do que íntimos, e todas as ocorrências se deram com o pronome TU. Ou seja, a preferência pelo tratamento TU está, nesse caso, mais associada à questão da simetria social do que à intimidade entre os personagens.

Os números de frequência de uso relativos à variável ‘relações profissionais’ são apresentados a seguir, na tabela 3.13.

Relações profissionais	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	0/ 4	0%
Descendente	15/17	88%
Entre iguais	18/18	100%
Sem relação	133/ 197	67%

Tabela 3.13: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘relações profissionais’.

Com relação ao grupo de fatores ‘relações profissionais’, pode-se perceber, com base nos números apresentados na tabela 3.13, que o pronome TU é a forma de tratamento preferida nas relações profissionais descendentes e entre iguais. Esse padrão já era esperado e reforça a direção apontada pelos resultados para as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’: o pronome TU estaria figurando, nos dados referentes às peças teatrais da segunda metade do século XIX, na esfera T da distinção T-(N)-V.

Os resultados percentuais referentes ao grupo de fatores ‘faixa etária’ podem ser visualizados na tabela 3.14, a seguir.

Faixa etária	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	22/ 37	59%
Descendente	71/ 87	81%
Entre jovens	50/ 75	66%
Entre meia-idade	21/ 22	95%
Entre terceira idade	2/ 15	13%

Tabela 3.14: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Pelos dados constantes na tabela 3.14, é possível notar que o pronome TU apresenta uma alta porcentagem de uso (95%) entre personagens de meia-idade. Em seguida, aparecem os números para as relações descendentes (81%), para as relações entre jovens (66%) e para as relações ascendentes (59%). A

forma TU só não supera O SENHOR no tratamento entre pessoas da terceira idade.

Os resultados para relações ascendentes, descendentes, entre meia-idade e entre personagens da terceira idade parecem seguir o padrão esperado. Entretanto, chama a atenção que somente 66% das ocorrências de formas de tratamento entre jovens sejam de TU. Mais uma vez, pensou-se em relacionar uma variável que apresenta um resultado inesperado com aquela que foi a primeira selecionada pelo programa estatístico como significativa, em ambas as rodadas multidimensionais, ‘relações de intimidade’. O cruzamento entre essa variável e o grupo ‘faixa etária’ pode ser conferido a seguir, na tabela 3.15.

Usos de TU x O SENHOR				
Faixa etária	Íntimos		Não íntimos	
	Apl./ Tot.	%	Apl./ Tot.	%
Ascendente	11/ 12	92%	11/ 25	44%
Descendente	20/ 20	100%	51/ 67	76%
Entre jovens	41/ 41	100%	9/ 34	26%
Entre meia-idade	8/ 8	100%	13/ 14	93%
Entre terceira idade	0/ 0	-----	2/ 15	13%

Tabela 3.15: Frequência de uso da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’.

Os resultados do cruzamento entre as variáveis ‘relações de intimidade’ e ‘faixa etária’ revelam que o relativamente baixo índice de escolha pela forma TU no tratamento entre personagens jovens pouco tem a ver com sua faixa etária. Essa preferência estaria mais relacionada, na verdade, às relações de intimidade – nas relações entre personagens íntimos, independentemente da idade, o pronome TU é preferido; na relação entre não íntimos,

desprezando-se a variável ‘faixa etária’, a preferência é quase categórica pela forma O SENHOR.

A próxima variável selecionada como significativa pelo programa estatístico é de natureza linguística, o ‘preenchimento do sujeito’. Os resultados percentuais referentes a esse grupo de fatores são os constantes na tabela 3.16, a seguir.

Preenchimento do sujeito	Usos de TU x O SENHOR	
	<i>Apl./ Tot.</i>	<i>%</i>
Nulo	126/ 167	75%
Preenchido	40/ 69	57%

Tabela 3.16: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’.

Os resultados referentes à variável ‘preenchimento do sujeito’ parecem seguir a tendência apontada pelos resultados para esse grupo de fatores na primeira metade do século XIX. Novamente, as ocorrências de sujeito nulo se dão, em sua maioria, com a forma de tratamento TU, e aqui se pode fazer o mesmo questionamento que se fez quando da demonstração dos resultados para essa variável no período anterior: será que essa variável independente está, de fato, condicionando a ocorrência de TU, ou será que a ocorrência de TU é que condiciona o não preenchimento do sujeito? A reflexão acerca do estudo de Duarte (1995) e dos fatores linguísticos que podem interferir nesses resultados, apresentada na subseção 3.2.1, também aqui é válida.

Por último, são apresentados, na tabela 3.17, os resultados percentuais referentes à variável ‘relações familiares’.

Relações familiares	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Pais → filhos	36/ 36	100%
Filhos → pais	4/ 10	40%
Entre casal	21/ 21	40%
Entre irmãos	6/ 6	100%
Entre cunhados	2/2	100%
Sem parentesco	96/160	60%

Tabela 3.17: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XIX, segundo a variável ‘relações familiares’.

Os números apresentados na tabela 3.17 sugerem que a forma de tratamento TU seja a preferida nas relações entre familiares, em especial aquelas que podem ser interpretadas como simétricas (entre irmãos e entre cunhados) e assimétricas descendentes (pais para filhos). Já entre marido e mulher e de filhos para pais a forma O SENHOR é mais usada, possivelmente porque esses tipos de relação, no século XIX, eram considerados assimétricos. Entre os personagens sem parentesco entre si, a preferência pela forma TU persiste, resultando em 60% dos dados. Os resultados para essa variável parecem seguir a direção apontada pelos demais grupos de fatores: o uso de TU para solidariedade e de O SENHOR para poder.

A relação que se estabelece entre os grupos de fatores controlados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento TU e O SENHOR nas peças de teatro escritas por autores nascidos em Florianópolis na segunda metade do século XIX, com base nos resultados aqui apresentados, é a seguinte: a forma de tratamento TU é preferida, em detrimento da forma O SENHOR, nas relações entre pessoas íntimas, nas relações entre membros da classe alta, entre membros da classe baixa e em relações descendentes no que diz respeito à classe social dos personagens envolvidos na díade, nas relações profissionais descendentes e entre iguais, entre personagens jovens, entre personagens de meia-idade e no tratamento de pessoas mais novas por pessoas

mais velhas, e nas relações entre personagens com parentesco entre si.

As tendências de uso apresentadas acima parecem indicar que, na segunda metade do século XIX, o pronome TU estava associado à dimensão de solidariedade, ao passo que a forma de tratamento O SENHOR estava correlacionada à dimensão de poder. Os elementos que constituíam essas dimensões nesse período, com base nos dados provenientes de peças de teatro florianopolitanas, eram as relações de intimidade, a classe social, as relações profissionais, a faixa etária dos envolvidos na relação e as relações familiares.

3.4 RESULTADOS PARA A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Para a rodada unidimensional realizada com dados apenas da primeira metade do século XX, a variável independente ‘período de 50 anos’ foi excluída, já que todos os dados dessa rodada estão categorizados com o mesmo código. Foram encontradas 312 ocorrências de formas de tratamento no total das peças *A morte de Damião*, *O dia do javali* e *Stradivarius*, distribuídas conforme mostra a tabela 3.18, a seguir.

Peças Formas	A morte de Damião (1927)		O dia do javali (1939)		Stradivarius (1944)		Total	
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%
TU	0	0%	18	8%	37	39%	55	17%
VOCÊ	11	73%	185	90%	9	9%	205	65%
O SENHOR	3	20%	0	0%	37	39%	40	12%
NOMINAIS	0	0%	1	0%	1	1%	2	0%
ZERO	1	6%	0	0%	9	9%	10	3%
Total	15		204		93		312	

Tabela 3.18: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da primeira metade do século XX.

As hipóteses aventadas com relação às formas de tratamento utilizadas nas peças teatrais da primeira metade do século XX foram parcialmente atestadas. Além das formas constantes na tabela 3.18, eram esperadas também ocorrências com a forma VÓS, que, aliás, pouco tem se destacado nos dados desta pesquisa. Esse baixo uso do tratamento VÓS no século XX encontra precedente nos resultados de Machado (2006) – dos 465 dados de formas de tratamento encontrados pela autora em peças teatrais ambientadas no Rio de Janeiro, apenas 13 se deram com o pronome VÓS.

Os resultados indicam que o índice de uso da forma VOCÊ supera, com grande vantagem, os números referentes às demais formas. Boa parte dessa vantagem parece proceder, contudo, da preferência pelo tratamento VOCÊ apresentada por Mário Julio Amorim, autor da peça *O dia do javali*. Observe-se que, das 204 ocorrências encontradas nessa peça, 185 (90%) foram de VOCÊ. Ressalte-se, também, que as duas outras peças que compõem a amostra referente à primeira metade do século XX não apresentam, no cômputo geral das ocorrências, dados tão numerosos.

A segunda forma mais frequente é o pronome TU, com 17% das ocorrências, e em terceiro lugar está O SENHOR, que registra 12% dos dados. Aparecem na tabela 3.18, ainda, o tratamento ZERO, com 3% dos dados, e as FORMAS NOMINAIS, com uso insignificante. Com esses números, as hipóteses elencadas com relação às formas de tratamento mais frequentes nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX foram plenamente atestadas: esperava-se que as formas TU, VOCÊ e O SENHOR se destacassem por sua alta frequência. Esses resultados vão na mesma direção dos de Machado (2006), que indicavam como formas mais frequentes TU, VOCÊ e O SENHOR (sendo que essa última a autora incluiu sob o rótulo de FORMAS NOMINAIS), em peças teatrais ambientadas no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX.

Tendo constatado quais as formas de tratamento mais frequentes nessa porção da amostra, naturalmente, como se tem

feito até agora nesta pesquisa, partiria-se para uma análise multidimensional que levasse em consideração apenas as duas formas de maior índice de uso. Contudo, observou-se que há uma distância muito pequena entre as formas que ficaram em segundo e em terceiro lugar na preferência de uso. Ressalta-se que os tratamentos VOCÊ e TU somam, juntos, 82% da amostra; e em contrapartida, as formas VOCÊ e O SENHOR somam, juntas, 77% da amostra. Já TU e O SENHOR somam, juntas, 29% da amostra.

Diante desse quadro, optou-se por se fazerem rodadas binárias opondo VOCÊ a TU e opondo VOCÊ a O SENHOR. Para complementar essa análise, realizou-se, ainda, rodadas binárias opondo as formas TU e O SENHOR, para se ter uma ideia de que posição na escala T-(N)-V ocupam essas formas, uma em relação às demais, se houver um sistema de tratamento ternário. Os resultados para essas rodadas mostraram-se menos polarizados do que aqueles relativos ao século XIX, como será conferido a seguir.

3.4.1 Sobre VOCÊ e TU

A rodada estatística unidimensional levando em consideração somente as formas de tratamento VOCÊ e TU revelou o número de 260 ocorrências, sendo 205 de VOCÊ e 55 de TU. Para as duas rodadas estatísticas multidimensionais realizadas com essas formas, foi preciso, em uma delas, que se adotassem três dados artificiais, e na outra, que se eliminassem alguns fatores, pois algumas células ficaram vazias. Não havia dados do tratamento TU entre personagens membros da classe alta e em relações profissionais descendentes e ascendentes. Esse tratamento também não apareceu na obra *A morte de Damião*. Foram encontrados, ainda, 21 dados sem concordância verbal padrão, todos eles com a forma de tratamento TU, sendo que 18 ocorrências se deram na peça *O dia do javali* e as outras três são provenientes do texto de *Stradivarius*.

Optou-se por eliminar a variável ‘concordância verbal’ da análise porque até esse momento, nos dados relativos ao século XIX, as ocorrências sem concordância verbal padrão eram muito peculiares e podiam ser tratadas qualitativamente. Agora, as ocorrências cresceram muito em número, mas constatou-se que não há potencialidade de a forma VOCÊ (nem de a forma O SENHOR, que estará envolvida nas duas próximas rodadas) apresentar um dado sem concordância verbal canônica – todos os dados sem concordância, como já mencionado, se deram com o tratamento TU¹⁶³.

Para compensar essa eliminação, algumas considerações sobre a variável independente ‘concordância verbal’ serão delineadas na subseção 3.6.1. Por ora, pode-se dizer que a hipótese com relação à variável ‘concordância verbal’ foi atestada: dados sem concordância aparecem exclusivamente com a forma TU e exatamente no período em que esse pronome começa a “competir” com o VOCÊ na expressão da segunda pessoa do singular. Ressalte-se, ainda, que na peça *O dia do javali*, os dados sem concordância são todos provenientes de um personagem da classe baixa, um ladrão caricaturado pelo autor.

Tendo feito as devidas eliminações e os amálgamas constantes na seções 2.5 e 3.1 procedeu-se às rodadas estatísticas multidimensionais entre os pronomes VOCÊ e TU. O programa GoldVarb selecionou seis grupos de fatores como mais relevantes na rodada com dados artificiais: ‘ambiente’, ‘classe social’, ‘faixa etária’, ‘relações familiares’, ‘relações de intimidade’ e ‘audiência’. Na rodada com eliminação de fatores, os mesmos grupos foram selecionados, à exceção de ‘audiência’. Para a apresentação dos resultados, será seguida a ordem dos grupos selecionados na rodada de melhor significância¹⁶⁴. Considerou-se

¹⁶³ Observe-se que os dados artificiais utilizados até agora foram todos para se preencherem células relativas a variáveis socioestilísticas. O contexto linguístico de uso de formas de tratamento sem marca morfêmica exclusiva não tem potencialidade para apresentar um dado sem concordância.

¹⁶⁴ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,936 e significance = 0,037; sobre a rodada com fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,943 e significance = 0,001.

como aplicação da regra o tratamento VOCÊ. Os resultados percentuais para a variável ‘ambiente’ podem ser conferidos a seguir, na tabela 3.19.

Ambiente	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Privado e formal	196/ 214	91%
Público e formal	3/ 15	20%
Público e informal	6/ 31	19%

Tabela 3.19: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’.

Não se esperava que a variável ‘ambiente’ fosse a primeira selecionada. Imaginava-se que os grupos de fatores que estão diretamente ligados à relação que existe entre os personagens, como ‘relações de intimidade’, relações familiares’, ‘faixa etária’ etc. se mostrassem mais relevantes. É difícil, inclusive, explicar a lógica que subjaz à distribuição das formas VOCÊ e TU de acordo com os fatores desse grupo.

Uma simples leitura da tabela 3.19 indica, apenas, que a forma VOCÊ seja preferida em ambientes privados e formais. Esse pode ser um indício de que esse tratamento figure na esfera V da distinção T-(N)-V na primeira metade do século XX, mas somente uma correlação dessa variável com as demais poderá indicar resultados mais precisos. É possível que a falta de explicação para as tendências apontadas pela variável ‘ambiente’ indiquem a existência de algum detalhamento que passou despercebido ao se elencarem os fatores desse grupo¹⁶⁵.

A seguir, na tabela 3.20, podem ser conferidos os resultados percentuais referentes à variável ‘classe social’, a segunda selecionada pelo pacote estatístico.

¹⁶⁵ Acrescente-se, ainda, que a distribuição das formas de tratamento VOCÊ e TU nos diferentes ambientes parece ser motivada não pela (in)formalidade dos locais, mas pelo fato de serem eles públicos ou privados.

Classe social	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	26/ 57	45%
Descendente	55/ 61	90%
Classe média	113/ 131	86%
Classe alta	11/ 11	100%

Tabela 3.20: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘classe social’.

Os resultados para o grupo de fatores ‘classe social’ parecem indicar que a forma VOCÊ seja preferida em relações entre membros da classe alta – posto até então ocupado pelo tratamento TU, conforme indicavam os resultados relativos à segunda metade do século XIX. Além disso, note-se que a frequência de uso de VOCÊ é bastante alta nas relações descendentes (90%), resultados que corroboram aqueles obtidos por Machado (2006). Esse pode ser um indício do que Cintra (1972) apresenta como o “matiz despectivo” (p. 40) da forma VOCÊ – ou seja, o caráter negativo ainda apresentado por esse pronome no início de sua implementação no paradigma pronominal. Essa tendência também havia sido apontada por Coelho e Görski (2011).

A baixa taxa de uso de VOCÊ em relações ascendentes também pode ser um indício dessa nuance negativa da forma. Ao mesmo tempo, pode-se pensar que, ao colocar o pronome TU na fala de um personagem ladrão da classe baixa, como acontece com as ocorrências de TU na peça *O dia do javali*, o autor também está atribuindo a esse pronome um caráter negativo – observe-se ainda que o ladrão, autor de grande parte das ocorrências de TU, não tem respeito pelo seu interlocutor.

O resultados percentuais para a terceira variável selecionada pelo programa GoldVarb, ‘faixa etária’, podem ser conferidos na tabela 3.21, a seguir.

Faixa etária	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	19/ 29	65%
Descendente	17/ 28	60%
Entre jovens	17/ 18	94%
Entre meia-idade	152/ 185	82%

Tabela 3.21: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Os números da tabela 3.21 apontam que a forma VOCÊ é preferida nas relações simétricas, tanto entre jovens quanto entre personagens de meia-idade. Essa tendência parece corroborar os resultados de Coelho e Görski (2011) e de Machado (2006). O fato de a forma VOCÊ ser a mais frequente na relação entre jovens pode indicar, também, o caráter “inovador” desse tratamento – resta saber se foi nisso que os autores pensaram ao colocar na fala dos personagens mais novos a forma “nova”.

A seguir, na tabela 3.22, podem ser visualizados os resultados percentuais referentes ao grupo de fatores ‘relações familiares’, o quarto selecionado pelo programa estatístico.

Relações familiares	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Entre casal	14/ 25	56%
Sem parentesco	191/ 235	81%

Tabela 3.22: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações familiares’.

Os números referentes à variável ‘relações familiares’ parecem indicar que a forma VOCÊ é preferida quando não há relação de parentesco entre os membros da díade. Entretanto, não se pode desprezar o fato de que há poucos dados referentes a relações entre familiares, e há apenas uma categoria de parentes. Não há, por exemplo, dados entre pais e filhos, entre irmãos etc., o que não permite que se faça uma análise mais completa da

ligação entre as relações familiares e o uso da forma VOCÊ em detrimento da forma TU na primeira metade do século XX.

Os resultados percentuais com relação à variável independente ‘relações de intimidade’ podem ser conferidos na tabela 3.23, a seguir.

Relações de intimidade	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Entre íntimos	19/ 45	42%
Entre não íntimos	186/ 215	86%

Tabela 3.23: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações de intimidade’.

No que diz respeito ao grupo de fatores ‘relações de intimidade’, nota-se que o pronome VOCÊ é o preferido, em detrimento da forma TU, no tratamento entre personagens não íntimos. Já entre os personagens íntimos, o TU, seguindo as tendências observadas nos dois períodos de 50 anos do século XIX, ainda tem preferência, embora agora com uma vantagem pequena. É inviável se fazer uma correlação dessa com as demais variáveis para indicar se a forma VOCÊ estaria figurando na esfera T ou na esfera V, já que até agora ela tem sido preferida em ambientes formais (o que indica V), mas em relações simétricas ou descendentes (o que pressupõe T).

Os resultados percentuais referentes ao grupo de fatores ‘audiência’, o último selecionado pelo GoldVarb, são os que seguem, na tabela 3.24.

Audiência	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Com audiência	138/ 166	83%
Sem audiência	67/ 94	71%

Tabela 3.24: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘audiência’.

Os números indicam que a forma de tratamento VOCÊ é mais amplamente utilizada, em detrimento do pronome TU, nas relações que se dão na presença de audiência. A presença de audiência, ao longo do século XIX, se mostrou como um contexto de maior formalidade, levando ao uso da forma de tratamento O SENHOR. Uma leitura possível dos números apresentados na tabela 3.24 seria de que, considerando-se a variável ‘audiência’, o pronome VOCÊ estaria operando na esfera V e o pronome TU na esfera T.

A relação que se estabelece entre os grupos de fatores controlados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento VOCÊ e TU nas peças de teatro escritas por autores nascidos em Florianópolis na primeira metade do século XX, com base nos resultados aqui apresentados, é a seguinte: a forma de tratamento VOCÊ é preferida, em detrimento da forma TU, nos ambientes formais, nas relações simétricas entre a classe alta, entre a classe média e em relações descendentes no que diz respeito à classe social dos personagens envolvidos na ação, nas relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, nas relações entre personagens sem parentesco e entre não íntimos, assim como na presença de audiência.

Para o período em questão, o movimento de ida e volta dos dados às variáveis independentes e à variável dependente não diz muito a respeito da esfera ocupada pela forma VOCÊ e de sua relação com as dimensões de poder e solidariedade. Em oposição ao tratamento TU, pode-se dizer que a forma VOCÊ figura ora na esfera V (nas relações entre não íntimos, com audiência), ora na esfera T (nas relações simétricas no que diz respeito à idade dos personagens, assim como nas relações descendentes no que diz respeito à classe social). Espera-se que, com as demais rodadas estatísticas a serem realizadas com outras formas desse período, possa-se chegar a um resultado mais uniforme e coerente. A seguir, são apresentados os resultados da rodada que opõe a forma VOCÊ à forma O SENHOR.

3.4.2 Sobre VOCÊ e O SENHOR

A rodada estatística unidimensional levando em consideração somente as formas de tratamento VOCÊ e O SENHOR revelou o número de 245 ocorrências, sendo 205 de VOCÊ e 40 de O SENHOR. Naturalmente, pelos motivos apresentados na subseção anterior, não foram encontrados dados de não concordância padrão, o que levou à eliminação dessa variável. Para as rodadas estatísticas multidimensionais, ainda foi necessária a adoção de dois dados artificiais, em uma delas, e a eliminação de alguns fatores, na outra, pois não havia ocorrências de O SENHOR em ambiente público e informal, nas relações simétricas entre jovens, entre pessoas íntimas, entre marido e mulher, nas relações profissionais descendentes e entre iguais e nas falas de personagens do sexo/ gênero masculino para personagens do sexo/ gênero feminino. Do mesmo modo, não foram encontradas ocorrências dessa forma na peça *O dia do javali*.

Realizados esses procedimentos metodológicos, assim como os amálgamas descritos nas seções 2.5 e 3.1, procedeu-se às análises multidimensionais. Para a rodada com dados artificiais, o programa GoldVarb selecionou três grupos de fatores como mais significativos, na seguinte ordem: ‘ambiente’, ‘relações profissionais’ e ‘sexo/ gênero’. Para a rodada com eliminação de fatores, os grupos ‘ambiente’ e ‘relações profissionais’ foram selecionados novamente, mas no lugar da variável ‘sexo/ gênero’, foi selecionada ‘peça de teatro’. A sequência dos resultados segue a seleção da rodada com melhor significância¹⁶⁶. A aplicação da regra é a forma de tratamento VOCÊ. Os resultados percentuais para a variável independente ‘ambiente’ podem ser conferidos na tabela 3.25, a seguir.

¹⁶⁶ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada como mais significativa pelo programa GoldVarb, input = 0,994 e significance = 0,001; sobre a rodada com fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,994 e significance = 0,005.

Ambiente	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Privado e formal	196/ 199	98%
Público e formal	3/ 40	7%
Público e informal	6/ 6	100%

Tabela 3.25: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’.

Novamente, os resultados da distribuição da forma VOCÊ parecem não se mostrar muito coerentes. Esse tratamento foi preferido tanto nos ambientes privados e formais como nos ambientes públicos e informais. Enquanto que, na oposição com a forma TU, a forma VOCÊ era preferida essencialmente nos dois tipos de ambientes formais, os privados e os públicos, agora ela divide esse posto com a forma O SENHOR. Uma leitura possível seria a de que essas duas formas, no que diz respeito à variável ‘ambiente’, estariam figurando na esfera V da distinção T-(N)-V.

Os resultados percentuais para a segunda variável mais significativa, ‘relações profissionais’, são visualizados na tabela 3.26, a seguir.

Relações profissionais	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	45/ 51	88%
Descendente	62/ 62	100%
Entre iguais	2/ 2	100%
Sem relação	96/ 130	73%

Tabela 3.26: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações profissionais’.

Como o número de dados de uso de VOCÊ é muito superior ao número de ocorrências de O SENHOR, a frequência de uso de VOCÊ tende a aparecer alta para vários fatores de um mesmo grupo. Entretanto, ainda assim é possível se perceber que seu uso é mais provável nas relações profissionais descendentes,

entre iguais e entre pessoas que não trabalham juntas, indicando que, na análise dessa variável, essa forma estaria associada à dimensão de solidariedade.

Os resultados percentuais referentes à última variável independente selecionada como significativa pelo programa GoldVarb, ‘sexo/ gênero’, podem ser conferidos na tabela 3.27, a seguir.

Sexo/ gênero	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Feminino → masculino	14/ 21	66%
Masculino → feminino	27/ 27	100%
Masculino → masculino	164/ 197	83%

Tabela 3.27: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘sexo’.

Os números constantes na tabela 3.27 parecem indicar que a forma VOCÊ está mais presente na fala masculina do que na fala feminina. Quando se trata de um homem falando a outro homem, a taxa de uso de VOCÊ decai um pouco. Se, ao final da análise dos dados da primeira metade do século XX, a forma O SENHOR estiver relacionada à dimensão de poder, então esse poderia ser um indício de que a relação entre homens e mulheres, no início do século XX, ainda era uma relação de assimetria – já que os homens se dirigem às mulheres por VOCÊ, mas se dirigem a outros homens por O SENHOR.

Na tabela 3.28, a seguir, são apresentados os números para a variável independente ‘peça de teatro’.

Peça de teatro	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
A morte de Damião	11/ 14	78%
O dia do javali	185/ 185	100%
Stradivarius	9/ 46	19%

Tabela 3.28: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’.

Os resultados apresentados na tabela 3.28 motivam uma reflexão acerca da natureza do *corpus* adotado para análise. Algumas ressalvas a esse respeito foram já introduzidas na seção 2.4, mas cabem aqui, ainda, outras considerações. Acredita-se que a escolha por uma ou outra forma de tratamento, em uma peça teatral, seja condicionada por diversos fatores: há a percepção que o autor da peça tem sobre as relações sociais; há as relações sociais que são retratadas (algumas relações sociais, como familiares e profissionais, por exemplo, não aparecem em todas as peças); há a questão da identidade com um lugar, um povo; existe, ainda, a questão da “não identidade”, no sentido de não se adotarem marcas regionais/ culturais muito fortes, para que a obra circule em um espaço maior possível; e pode haver também outras escolhas pessoais do autor.

Foi com a intenção de se revelarem essas questões que a variável ‘peça de teatro’ foi controlada. Pelos números acima apresentados, pode-se notar, por exemplo, que a peça *O dia do javali*, não apresenta nenhum dado da forma de tratamento O SENHOR, ao passo que a peça *O morte de Damião* apresenta um número ainda elevado de usos de VOCÊ em detrimento de O SENHOR (78%) e o texto de *Stradivarius* mostra uma preferência pela forma O SENHOR em oposição ao pronome VOCÊ.

A relação que se estabelece entre os grupos de fatores controlados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento VOCÊ e O SENHOR nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX, com base nos resultados aqui apresentados, é a seguinte: a forma de tratamento VOCÊ é preferida, em detrimento da forma O SENHOR, nos ambientes privados e formais e públicos e informais, nas relações profissionais descendentes e entre iguais, na fala masculina em detrimento da fala feminina e nas peças teatrais *O dia do javali* e *A morte de Damião*.

Novamente, assim como ocorreu com as rodadas multidimensionais que levaram em consideração as formas

VOCÊ e TU, também as rodadas entre VOCÊ e O SENHOR revelaram que os usos da forma de tratamento VOCÊ ainda não tinha sua esfera de atuação na distinção T-(N)-V bem delimitada na primeira metade do século XX. Seu uso nas relações profissionais descendentes e entre iguais e em ambientes públicos e informais parece sugerir, no entanto, que a forma VOCÊ, em oposição à forma O SENHOR, esteja figurando na esfera T, dividindo espaço com TU. A seguir, serão apresentados os resultados referentes às rodadas estatísticas realizadas com as formas TU e O SENHOR.

3.4.3 Sobre TU e O SENHOR

A rodada estatística unidimensional levando em consideração somente as formas TU e O SENHOR revelou o número de 95 ocorrências, sendo 55 de TU e 40 de O SENHOR, uma distribuição, portanto, mais equilibrada do que as duas anteriores. Para a realização das rodadas estatísticas multidimensionais, houve, novamente, a necessidade de se adotarem dois dados artificiais, em uma delas, e em outra, de se eliminarem fatores de alguns grupos, pois algumas células não foram preenchidas. Não havia dados de O SENHOR em ambiente público e informal, nas relações entre jovens, nas relações profissionais entre iguais, nas relações entre homens e mulheres e nas relações entre pessoas íntimas; além disso, a peça *O dia do javali* não apresentou dados dessa forma de tratamento. Do mesmo modo, não havia dados de TU nas relações profissionais ascendentes e entre membros da classe alta; em adição, a peça *A morte de Damião* não apresentou ocorrências dessa forma de tratamento. A variável ‘concordância verbal’ foi eliminada da análise pelos motivos já apresentados na subseção 3.4.1.

Tendo realizado esses procedimentos metodológicos, assim como os amálgamas já descritos nas seções 2.5 e 3.1, procedeu-se às rodadas estatísticas multidimensionais. Para a rodada realizada com a adoção de dados artificiais, o programa GoldVarb selecionou quatro grupos de fatores como mais

relevantes: ‘ambiente’, ‘faixa etária’, ‘relações profissionais’ e ‘peça de teatro’. Na rodada realizada com eliminação de fatores, foram selecionados os grupos ‘faixa etária’, ‘ambiente’ e ‘preenchimento do sujeito’. A ordem de apresentação dos resultados segue a seleção da rodada com melhor significância¹⁶⁷. A aplicação da regra é a forma de tratamento TU. Os resultados percentuais para a variável ‘ambiente’ podem ser conferidos na tabela 3.29, a seguir.

Ambiente	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Privado e formal	18/ 21	85%
Público e formal	12/ 49	24%
Público e informal	25/ 25	100%

Tabela 3.29: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’.

Os números constantes na tabela 3.29 indicam que a forma de tratamento TU, em detrimento de O SENHOR, é preferida nas situações comunicativas ocorridas em ambientes públicos e informais e em ambientes privados e formais. Assim como ocorreu com o uso da forma VOCÊ, esses valores parecem não sugerir uma tendência de uso que diga algo sobre as dimensões de poder e solidariedade. Uma interpretação possível seria a de que a forma TU estaria associada a situações de menor formalidade, uma vez que só não é preferida em ambientes públicos e formais, que seriam os ambientes que acumulariam o máximo de forças em direção à formalidade – porque por mais informal que seja um ambiente público, ele não será tão informal quanto um ambiente privado. Entretanto, a possibilidade de um detalhamento dessa variável ter escapado no estabelecimento dos

¹⁶⁷ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada como mais significativa pelo programa GoldVarb, input = 0,985 e significance = 0,001; sobre a rodada com fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,445 e significance = 0,005.

fatores ainda parece ser a explicação mais plausível para esses resultados.

Os resultados percentuais relativos à variável ‘faixa etária’, a segunda selecionada pelo programa estatístico como mais significativa, podem ser visualizados na tabela 3.30, a seguir.

Faixa etária	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	10/ 46	21%
Descendente	11/ 12	91%
Entre jovens	1/ 1	100%
Entre meia-idade	33/ 36	91%

Tabela 3.30: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Os resultados referentes ao grupo de fatores ‘faixa etária’ parecem indicar que o tratamento TU é preferido nas relações simétricas e nas relações descendentes. Esses resultados seguem a direção apontada por aqueles de Machado (2006), no que diz respeito às peças de teatro ambientadas no Rio de Janeiro do início do século XX. Da mesma forma, corrobora parcialmente os apontamentos de Coelho e Görski (2011). Nos dados dessas autoras referentes ao século XX, o TU é preferido nas relações de mais velhos para mais jovens, mas não nas relações simétricas.

A variável ‘relações profissionais’, a terceira selecionada pelo programa estatístico, tem seus resultados percentuais apresentados na tabela 3.31, a seguir.

Relações profissionais	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	0/ 6	0%
Entre iguais	1/ 1	100%
Sem relação	54/ 88	61%

Tabela 3.31: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações profissionais’.

Como se podia esperar, a forma de tratamento TU é preferida nas relações profissionais entre iguais, e não aparece nas relações ascendentes. Entretanto, grandes generalizações não podem ser feitas para essa variável, pois o número de dados é bastante reduzido. São mais numerosas as ocorrências entre personagens que não trabalham juntos, e para esse fator a frequência de uso de TU é sensivelmente mais alta.

Os números referentes ao grupo de fatores ‘peça de teatro’ podem ser conferidos na tabela 3.32, a seguir.

Peça de teatro	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
A morte de Damião	0/ 3	0%
O dia do javali	18/ 18	100%
Stradivarius	37/ 74	50%

Tabela 3.32: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’.

Os resultados apresentados na tabela 3.32 parecem indicar que a opção individual dos autores pode influenciar os resultados de um estudo sobre formas de tratamento. É extremamente interessante que essa variável tenha se mostrado significativa, pois, como já havia sido alertado na seção 2.4 e na subseção anterior, os números resultantes da análise de peças de teatro podem ou não refletir a situação linguística real da época por elas representada, pois o que esses números revelam, de fato, é a percepção que os autores têm da língua em uso, e não necessariamente *a língua em uso*. Nesse caso, percebe-se que os três autores tinham percepções distintas do sistema de tratamento em vigor em Florianópolis na primeira metade do século XX e, por isso, não apontaram as mesmas direções de uso.

A próxima variável selecionada é de natureza linguística, o ‘preenchimento do sujeito’. Os números referentes a esse grupo de fatores são os que constam na tabela 3.33, a seguir.

Preenchimento do sujeito	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Nulo	15/ / 23	65%
Preenchido	41/ 73	56%

Tabela 3.33: Frequência da forma de tratamento TU na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’.

Novamente, as ressalvas já apresentadas com relação ao controle dessa variável na subseção 3.2.1 são válidas. Observe-se, contudo, que nesse período, embora o uso de TU continue sendo associado ao sujeito nulo, a diferença numérica entre sujeitos nulos e preenchidos utilizados com esse pronome se reduz a apenas nove pontos percentuais.

A relação que se estabelece entre os grupos de fatores socioestilísticos controlados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento TU e O SENHOR nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX, com base nos resultados aqui apresentados, é a seguinte: a forma de tratamento TU é preferida, em detrimento da forma O SENHOR, nos ambientes privados e formais e públicos e informais, nas relações simétricas entre jovens, entre personagens de meia-idade e nas relações descendentes no que diz respeito à faixa etária dos membros da díade, nas relações profissionais entre iguais e entre personagens que não trabalham juntos.

À exceção da variável independente ‘ambiente’, os demais controles parecem indicar que, no que diz respeito ao uso das formas de tratamento TU e O SENHOR, o pronome TU estaria relacionado à dimensão de solidariedade e a forma O SENHOR estaria associada à dimensão de poder nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX.

Apesar de as rodadas envolvendo as variantes TU e O SENHOR terem apresentado resultados mais coerentes, as duas rodadas anteriores, que opuseram VOCÊ e TU, e VOCÊ e O SENHOR, mostraram uma flutuação da forma de tratamento VOCÊ nas esferas envolvidas na distinção T-(N)-V. Para tentar compreender essa aparente “crise de tratamento”, na subseção

seguinte serão feitas algumas considerações sobre as três formas de tratamento mais frequentes nas peças de teatro florianopolitanas da primeira metade do século XX, TU, VOCÊ e O SENHOR.

3.4.4 Sobre TU, VOCÊ e O SENHOR

Quando se percebeu que essas três formas de tratamento, TU, VOCÊ e O SENHOR eram as mais frequentes na amostra da primeira metade do século XX, o desejo inicial era de se verificar como o sistema ternário, como um todo, funcionava. Para que os resultados fossem suscetíveis a comparações, no entanto, escolheu-se trabalhar com rodadas estatísticas binárias, observando o funcionamento das formas de duas em duas. Entretanto, fica a dúvida de como essas três formas de comportariam, uma em relação às demais. Optou-se, então, por selecionar grupos de fatores que tenham se mostrado relevantes nas análises anteriores e verificar como fica a distribuição, com base nos índices de frequência, dos tratamentos TU, VOCÊ e O SENHOR.

A variável ‘ambiente’ se mostrou relevante nas análises multidimensionais realizadas. Optou-se, então, por verificar como as três formas de tratamento se distribuíam de acordo com esse grupo de fatores. Os resultados percentuais podem ser verificados a seguir, na tabela 3.34.

Ambiente	TU		VOCÊ		O SENHOR	
	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%
Privado e formal	18/217	8%	196/217	90%	3/217	1%
Público e formal	12/52	23%	3/52	5%	37/52	71%
Público e informal	25/31	80%	6/31	19%	0/31	0%

Tabela 3.34: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’.

De acordo com os números da tabela 3.34, a forma VOCÊ tem suas ocorrências concentradas nos ambientes privados e formais; a forma TU é preferida nos ambientes públicos e informais e o tratamento O SENHOR tem maior índice de uso nos locais públicos e formais. A forma O SENHOR, portanto, levando-se em consideração a análise dessa variável, estaria no extremo superior da formalidade – na esfera V. A forma TU estaria no extremo inferior – na esfera T. A forma VOCÊ poderia ser interpretada como uma estratégia de tratamento intermediária. Os intrigantes resultados para essa variável fazem pensar que deve haver outros fatores imbricados em sua categorização. Ficarà para um estudo futuro revelar que fatores seriam esses.

A variável ‘faixa etária’ se mostrou relevante em algumas das rodadas multidimensionais. Os números referentes a esse grupo de fatores podem ser conferidos a seguir, na tabela 3.35.

Faixa etária	TU		VOCÊ		O SENHOR	
	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%
Ascendente	10/ 65	15%	19/ 65	29%	36/ 65	55%
Descendente	11/ 29	37%	17/ 29	58%	1/ 29	3%
Entre jovens	1/ 18	5%	17/ 18	94%	0/ 18	0%
Entre meia-idade	33/ 188	17%	152/ 188	80%	3/ 188	1%

Tabela 3.35: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na primeira metade do século XX, segundo a variável 'faixa etária'.

Os resultados visualizados na tabela 3.35 indicam que a forma de tratamento TU concentra suas ocorrências nas relações simétricas entre personagens de meia-idade, e o mesmo ocorre com o tratamento VOCÊ. Já a forma O SENHOR tem seus dados concentrados nas relações ascendentes. Nas relações descendentes, TU e VOCÊ se destacam em detrimento da forma O SENHOR. Os números para essa variável situam, novamente, a forma O SENHOR na esfera V; nesse caso, as formas TU e VOCÊ estariam figurando na esfera T.

O grupo de fatores 'relações profissionais' também foi selecionado em duas das três análises binárias multidimensionais realizadas com dados relativos à primeira metade do século XX. Os números referentes a essa variável são os que constam na tabela 3.36, a seguir.

Relações profissionais	TU		VOCÊ		O SENHOR	
	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%
Ascendente	0/ 51	0%	45/ 51	88%	6/ 51	11%
Descendente	0/ 62	0%	62/ 62	100%	0/ 62	0%
Entre iguais	1/ 3	33%	2/ 3	66%	0/ 3	0%
Sem relação	54/ 184	29%	96/ 184	52%	34/ 184	18%

Tabela 3.36: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na primeira metade do século XX, segundo a variável ‘relações profissionais’.

Os resultados para a variável ‘relações profissionais’ parecem indicar que a forma TU não é utilizada em ambientes profissionais. A única ocorrência desse tipo de tratamento se deu numa relação entre personagens que tinham o mesmo *status* profissional. A preferência, em todas as relações, é pela forma VOCÊ – com destaque para seus altos números nas relações profissionais descendentes e ascendentes, o que a situa tanto na esfera T como na esfera V da distinção T-(N)-V. Quando a forma de tratamento O SENHOR é utilizada no ambiente de trabalho, sempre ocorre na relação de inferior para superior, o que leva a situar esse tratamento, na análise dessa variável, na esfera V.

Como se pôde observar, os dados referentes à primeira metade do século XX não se apresentam tão polarizados quanto aqueles relacionados aos dois períodos de 50 anos do século XIX. A análise também é bem diferente daquela realizada nos períodos anteriores: primeiramente, porque leva em consideração três formas de tratamento em vez de duas; depois, porque apresenta muito mais dados de VOCÊ do que de qualquer outra forma – observe-se que as ocorrências da segunda e da terceira forma mais frequente (TU e O SENHOR, respectivamente), se somadas (95 ocorrências), não chegam à metade dos dados de VOCÊ (205

dados); em terceiro lugar, porque os resultados não caminham todos numa mesma direção – diferentemente do que ocorria nos dados do século XIX, quando a forma de mais intimidade era também a forma utilizada entre iguais e em relações ascendentes, por exemplo; por último, porque o número de dados por peça é extremamente discrepante (uma peça tem 15 dados, outra 93 e outra ainda 204).

Parece, ainda, que cada autor tem suas preferências – em *A morte de Damião*, a forma TU não é usada, somente VOCÊ e O SENHOR, em *O dia do javali*, não há uso de O SENHOR, apenas VOCÊ e TU, e no texto de *Stradivarius*, há apenas nove dados de VOCÊ, enquanto que outras 74 ocorrências se dividem igualmente entre as formas TU e O SENHOR. Além disso, nem todos os tipos de relação aparecem nas peças desse período, então não há como saber como era e que tratamento era utilizado, por exemplo, na relação entre pai e filho, na relação entre personagens da terceira idade etc.

Entretanto, essa distribuição irregular de dados não é um resultado perdido – na verdade, ela pode revelar muitos aspectos complexos envolvidos na escolha das formas de tratamento. Pode ser, por exemplo, reflexo das mudanças por que passou a sociedade florianopolitana exatamente nesse período – a modernização, o progresso, o crescimento, a saída do isolamento e a propagação dos ideais republicanos são alguns dos fatores que podem contribuir para uma “crise de tratamento”. Para Brown e Gilman (2003 [1960]), é mais provável que ocorra uma crise de tratamento em sociedades democratizadas – e é exatamente na virada do século XIX para o século XX que a cidade de Florianópolis passa por profundas transformações no que diz respeito à organização social. Como já observado na seção 2.3, quando o Império dá lugar à República na Ilha de Santa Catarina, mudam as pessoas no poder, e assim se modificam as próprias relações de poder.

A flutuação da forma VOCÊ na distinção T-(N)-V pode não apenas indicar que esse tratamento seja uma estratégia de neutralidade. É possível, ainda, que ao adentrar o sistema de tratamento do português de Florianópolis, a forma VOCÊ não

tenha seu *status* definido, porque ao mesmo tempo em que carrega consigo um caráter negativo, como pontua Cintra (1972), é também uma marca “de fora”, “estrangeira”, que chega por meio da abertura de Florianópolis a outros ares, outras culturas. É possível que, em algumas dessas culturas, o pronome VOCÊ não apresentasse a conotação negativa que lhe é atribuída em algumas regiões de Portugal.

3.5 RESULTADOS PARA A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Para a rodada unidimensional realizada com dados apenas da segunda metade do século XX, a variável independente ‘período de 50 anos’ foi excluída, já que todos os dados dessa rodada estão categorizados com o mesmo código. Foram encontradas 126 ocorrências de formas de tratamento no total das peças *O dia em que os porcos comerão sal*, *Vivo numa Ilha* e *Flores de inverno*, distribuídas conforme a tabela 3.37, a seguir.

Peças Formas	O dia em que os porcos comerão sal (1950)		Vivo numa Ilha (1959)		Flores de inverno (1961)		Total	
	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%	Oc.	%
TU	3	7%	11	42%	0	0%	14	11%
VOCÊ	21	55%	11	42%	44	70%	76	60%
O SENHOR	13	34%	2	7%	18	29%	33	26%
ZERO	1	2%	2	7%	0	0%	3	2%
Total	38		26		62		126	

Tabela 3.37: Distribuição das formas de tratamento por peças de teatro da segunda metade do século XX.

As hipóteses aventadas com relação às formas de tratamento utilizadas nas peças teatrais florianopolitanas da segunda metade do século XX foram plenamente atestadas. Essas hipóteses foram delineadas com mais clareza do que aquelas referentes aos outros três períodos de 50 anos explorados nesta pesquisa, pois havia muito mais estudos sobre formas de tratamento na segunda metade do século XX do que nos demais períodos. Os estudos realizados acerca dos demais períodos eram todos diacrônicos e tinham, como *corpora*, textos escritos. Já a maioria dos resultados apontados para a segunda metade do século XX eram provenientes de estudos sincrônicos que tinham como *corpus* amostras de fala, como é o caso de Ramos (1989) e Loregian-Penkál (2004). Além disso, os estudos diacrônicos em que foram baseadas as hipóteses com relação aos demais períodos eram, em sua maioria, realizados fora da região Sul do Brasil, à exceção de Coelho e Görski (2011).

Os números apresentados na tabela 3.37 indicam que a forma de tratamento mais frequentemente utilizada nas peças de teatro da segunda metade do século XX foi VOCÊ, com 60% das ocorrências. Em seguida, aparece a forma O SENHOR, com 26% dos dados e, logo atrás, o pronome TU, com 11%. Por último, aparece o tratamento ZERO, com apenas 2% das ocorrências. Ressalte-se que, se todas as formas, excetuando-se VOCÊ, tivessem suas ocorrências somadas, o número final chegaria a 2/3 das ocorrências que a forma de tratamento VOCÊ alcançou sozinha.

As hipóteses acerca das formas de tratamento mais frequentes nas peças teatrais florianopolitanas da segunda metade do século XX foram parcialmente atestadas. Esperava-se que a forma ZERO também se destacasse por sua frequência, o que ocorreu. As formas mais frequentes foram VOCÊ e O SENHOR, que, juntas, somam 86% das ocorrências nessa parcela da amostra. A exemplo do que ocorreu no controle das formas de tratamento mais frequentes na primeira metade do século XX, contudo, também na segunda metade optou-se por analisar o comportamento de três formas em vez de duas. A justificativa encontra-se em que, sendo TU um pronome que apareceu ao

longo de todos os demais períodos controlados, seria interessante avaliar o percurso dessa forma de tratamento, que nessa parcela da amostra chega apenas a 11% das ocorrências totais¹⁶⁸.

Diante desse quadro, optou-se por se fazerem rodadas binárias opondo VOCÊ a TU e opondo VOCÊ a O SENHOR. Para complementar essa análise, realizou-se, ainda, rodadas binárias opondo as formas TU e O SENHOR, para se ter uma ideia de que posição na escala T-(N)-V ocupam essas formas, uma em relação às demais, se houver um sistema de tratamento ternário, como já dá indícios o trabalho de Ramos (1989). Os resultados para a distribuição dessas três formas, apresentadas em rodadas estatísticas binárias, são conferidos a seguir.

3.5.1 Sobre VOCÊ e TU

A rodada estatística unidimensional levando em consideração somente as formas VOCÊ e TU revelou o número de 90 ocorrências, sendo 76 de VOCÊ e 14 de TU; uma distribuição, portanto, pouco equilibrada para se fazer uma análise estatística. Para a realização das rodadas estatísticas multidimensionais, houve, novamente, a necessidade de se adotarem dois dados artificiais, em uma delas, e em outra, de se eliminarem fatores de alguns grupos, pois algumas células não foram preenchidas. Não havia dados de TU na peça de teatro *Flores de inverno*, nas relações de mais novos para mais velhos, nas relações entre personagens de meia-idade, nas relações assimétricas ascendentes no que diz respeito à classe social dos personagens envolvidos na diáde, nas relações entre íntimos, nas relações entre marido e mulher, nas relações profissionais ascendentes e nas relações profissionais descendentes. A variável ‘concordância verbal’ foi eliminada da análise pelos motivos já apresentados na subseção 3.4.1.

Tendo realizado esses procedimentos metodológicos, assim como os amálgamas já descritos nas seções 2.5 e 3.1,

¹⁶⁸ O controle da variante TU na segunda metade do século XX foi realizado por sugestão da banca examinadora.

procedeu-se às rodadas estatísticas multidimensionais. Para a rodada realizada com a adoção de dados artificiais, o programa GoldVarb selecionou quatro grupos de fatores como mais relevantes: ‘preenchimento do sujeito’, ‘relações familiares’ e ‘ambiente’. Na rodada realizada com eliminação de fatores, foram selecionados os grupos ‘peça de teatro’ e ‘relações familiares’. A ordem de apresentação dos resultados segue a seleção da rodada com melhor significância¹⁶⁹. A aplicação da regra é a forma de tratamento VOCÊ. Os resultados percentuais para a variável ‘peça de teatro’ podem ser conferidos na tabela 3.38, a seguir.

Peça de teatro	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
O dia em que os porcos comerão sal	21/ 24	87%
Vivo numa Ilha	11/ 22	50%
Flores de inverno	44/ 44	100%

Tabela 3.38: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’.

Pelos números expressos na tabela 3.38, é possível identificar uma nítida preferência pela forma de tratamento VOCÊ, em detrimento do pronome TU, na peça de teatro *Flores de inverno* (100% das ocorrências). Já na peça *O dia em que os porcos comerão sal*, também há um número maior de ocorrências com VOCÊ, mas não um uso categórico (87%). Por fim, nota-se que na peça *Vivo numa Ilha* conserva-se ainda um uso significativo da forma TU, que divide equitativamente o número de dados com o tratamento VOCÊ.

Novamente, podem-se tecer algumas considerações acerca da natureza das escolhas por uma ou outra forma de

¹⁶⁹ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada como mais significativa pelo programa GoldVarb, input = 0,976 e significance = 0,001; sobre a rodada com fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,685 e significance = 0,000.

tratamento no que diz respeito ao grupo de fatores ‘peça de teatro’. Note-se, por exemplo, que a peça *Vivo numa Ilha* apresenta diversos traços relacionados à *identidade* florianopolitana: trata-se de uma história entre dois jovens, Peri e Conceição – o nome das duas lagoas mais conhecidas de Florianópolis – e é possível identificar elementos do folclore local, como as bruxas; além disso, próprio título do texto teatral remete claramente à cidade, que apresenta uma porção insular. É possível que decorra desse foco na identificação com a cidade o relativamente alto número de conservação da forma TU.

Na tabela 3.39, adiante, são apresentados os resultados percentuais para a variável independente ‘relações familiares’.

Relações familiares	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Pais → filhos	1/11	9%
Entre casal	19/19	100%
Sem parentesco	56/60	93%

Tabela 3.39: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘relações familiares’.

Chama a atenção que, dentre as relações familiares encontradas nas três peças de teatro da segunda metade do século XX, o pronome VOCÊ só não tenha sido preferido, em detrimento da forma TU, nas relações de pais para filhos (9%) – uma relação, via de regra, assimétrica descendente. O tratamento VOCÊ é o mais utilizado nas relações entre personagens sem parentesco (93%) e é aplicado categoricamente nas relações entre casais.

Uma leitura possível para esses números seria a de que, na segunda metade do século XX, as relações entre marido e mulher tenham passado a ser do tipo *simétrica*, diferentemente do que ocorria até então, quando essas relações eram consideradas assimétricas, como homem na posição de superior e mulher como inferior.

Os resultados percentuais para grupo de fatores ‘preenchimento do sujeito’ são mostrados a seguir, na tabela 3.40.

Preenchimento do sujeito	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Nulo	10/16	62%
Preenchido	66/74	89%

Tabela 3.40: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’.

Observa-se, pelos números constantes na tabela 3.40, que o uso da forma VOCÊ, em oposição ao uso do pronome TU, está correlacionado a estruturas sintáticas de sujeito preenchido. Contudo, cabe novamente a ressalva de que, para o grupo de fatores ‘preenchimento do sujeito’, embora se possam tecer considerações acerca das marcas morfológicas verbais que acompanham ou não esses pronomes, não parece adequado se falar em *condicionamento* ou *favorecimento*, como já esclarecido na subseção 3.2.1.

Os resultados percentuais para o grupo de fatores ‘ambiente’ são os que seguem, na tabela 3.41.

Ambiente	Usos de VOCÊ x TU	
	Apl./ Tot.	%
Privado e formal	1/2	50%
Privado e informal	37/42	88%
Público e formal	20/24	83%
Público e informal	18/22	81%

Tabela 3.41: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘ambiente’.

É possível perceber que a forma de tratamento VOCÊ é sempre a preferida, em detrimento do pronome TU, em todos os tipos de ambientes controlados, exceto nos privados e formais – fator que apresenta poucos dados e não permite uma leitura precisa em termos estatísticos. A análise fica ainda mais custosa quando se observa que, em todos os casos em que a forma VOCÊ é preferida, sua frequência de uso fica na casa dos 80%, o que

não possibilita uma leitura válida dos dados numéricos. Como já observado, é possível que os fatores que compõem esse grupo não tenham sido elaborados com sucesso.

A relação que se estabelece entre os grupos de fatores controlados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento VOCÊ e TU nas peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX, com base nos resultados aqui apresentados, é a seguinte: a forma de tratamento VOCÊ é preferida, em detrimento da forma TU, na peça de teatro *Flores de inverno*, nas relações entre casais e entre personagens sem parentesco, e nos ambientes privados e informais, públicos e formais e públicos e informais.

Durante a segunda metade do século XX, nas peças de teatro controladas nesta análise, é possível perceber, pelos números encontrados para a variável ‘ambiente’, que a forma VOCÊ “invadiu” o espaço do tratamento TU em diferentes contextos, ainda sem uma especialização definida. O uso preferencial de TU nos relacionamentos interpessoais de pais para filhos e a escolha majoritária do tratamento VOCÊ entre casais parecem indicar que essas duas formas estão atreladas à dimensão de solidariedade, contudo, com ressalvas em relação à questão da simetria. Para melhor ilustrar essa distribuição, é retomada a figura 2.3.

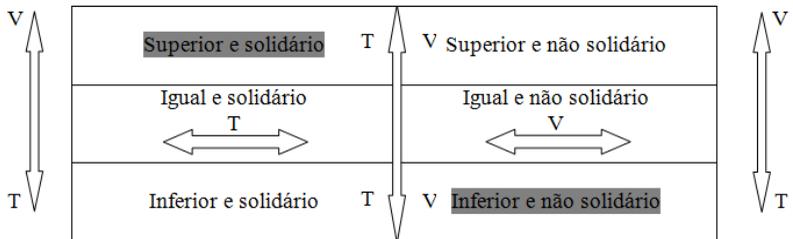


Figura 2.3: Sistema bidimensional em conflito (adaptado de BROWN e GILMAN, 2003 [1960]).

As formas VOCÊ e TU estariam situadas, de acordo com as ocorrências encontradas na amostra referente à segunda

metade do século XX, no lado esquerdo da figura – ambas operando na dimensão de solidariedade. Suas disposições diferem, no entanto, porque TU estaria sendo usada pelas pessoas situadas na linha superior, ou seja, por superiores e solidários (i.e., de pais para filhos); ao passo que o tratamento VOCÊ estaria situado na linha do meio, isto é, por iguais e solidários (é o caso das relações entre casais).

3.5.2 Sobre VOCÊ e O SENHOR

A rodada estatística unidimensional que levou em consideração as formas VOCÊ e O SENHOR nas peças de teatro representativas da segunda metade do século XX revelou um total de 109 ocorrências, sendo que 69 eram de VOCÊ e 30 eram de O SENHOR. A variável ‘concordância verbal’ foi excluída da análise, pois não foram encontrados dados sem concordância com nenhuma das duas formas de tratamento em questão. Para as duas rodadas estatísticas multidimensionais realizadas com essas formas, foi preciso, em uma delas, que se adotassem três dados artificiais, e na outra, que se eliminassem alguns fatores, pois algumas células ficaram vazias - não havia ocorrências do tratamento O SENHOR entre personagens íntimos, de pai para filho, entre marido e mulher e nas relações profissionais entre iguais. Do mesmo modo, não havia dados de VOCÊ de filho para pai.

Tendo realizado esses procedimentos metodológicos e os amálgamas já descritos nas seções 2.5 e 3.1, procedeu-se às análises multidimensionais. Diferentemente do que ocorreu com as demais rodadas estatísticas multidimensionais realizadas ao longo desta pesquisa, o programa GoldVarb não levou a rodada com adoção de dados artificiais até o final. Como esclarecido na seção 2.6, procurou-se uma explicação para esse comportamento do pacote estatístico e uma orientação sobre como aproveitar os resultados desse tipo. Reiteradas as devidas ressalvas, segue a apresentação dos resultados das rodadas estatísticas multidimensionais que levaram em consideração somente as

ocorrências de VOCÊ e O SENHOR na segunda metade do século XX.

Para a rodada com adoção de dados artificiais, o programa GoldVarb selecionou quatro grupos de fatores como mais significativos: ‘faixa etária’, ‘relações de intimidade’, ‘audiência’, e ‘classe social’. Na rodada realizada com a eliminação de fatores, os grupos selecionados como significativos foram ‘faixa etária’, ‘peça de teatro’ e ‘sexo/ gênero’. Para a apresentação dos resultados, será seguida a ordem dos grupos selecionados na rodada de melhor significância¹⁷⁰. Considerou-se como aplicação da regra o tratamento VOCÊ. Os resultados para a variável ‘faixa etária’ são os constantes na tabela 3.42, a seguir.

Faixa etária	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	8/ 37	21%
Descendente	28/ 30	93%
Entre jovens	21/ 22	95%
Entre meia-idade	19/ 20	95%

Tabela 3.42: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Os resultados para o grupo de fatores ‘faixa etária’ parecem indicar que a forma de tratamento VOCÊ é preferida, em detrimento da forma O SENHOR, nas relações simétricas e nas relações assimétricas descendentes. Esses primeiros resultados começam a “empurrar” o tratamento VOCÊ para a esfera T da distinção T-(N)-V na segunda metade do século XX, enquanto que O SENHOR, seguindo a tendência que apresentou para os três períodos de 50 anos anteriores, permanece na esfera V.

Na tabela 3.43, adiante, são apresentados os resultados percentuais para o grupo de fatores ‘peça de teatro’.

¹⁷⁰ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,999 e significance = 0,024.; sobre a rodada com fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,971 e significance = 0,005.

Peça de teatro	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
O dia em que os porcos comerão sal	21/ 34	61%
Vivo numa Ilha	11/ 13	84%
Flores de inverno	44/ 62	70%

Tabela 3.43: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘peça de teatro’.

Os resultados apresentados na tabela 3.43 parecem apontar uma preferência pelo uso da forma de tratamento VOCÊ, em oposição a O SENHOR, na peça *Vivo numa Ilha*. Novamente, observa-se a relevância do controle dessa variável, que revela, entre outras questões, a preferência pessoal do autor por uma forma ou outra. Nesse caso, contudo, a diferença entre as peças não é tão acentuada.

A seguir, na tabela 3.44, observam-se os resultados percentuais para a variável ‘sexo/ gênero’.

Sexo/ gênero	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Feminino → masculino	32/ 35	91%
Masculino → feminino	16/ 17	94%
Masculino → masculino	28/ 57	49%

Tabela 3.44: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘sexo/ gênero’.

Os números para ao grupo de fatores ‘sexo/ gênero’ parecem apontar uma tendência maior ao uso de VOCÊ entre pessoas de sexos diferentes. Tanto na fala de mulheres para homens (91%) quanto de homens para mulheres (94%), a forma de tratamento VOCÊ foi a preferida. O único fator que apresenta um equilíbrio de uso entre as formas VOCÊ e O SENHOR é a fala entre personagens do sexo masculino. Apesar das considerações que se podem tecer a respeito dos números para essa variável, pensou-se que um cruzamento com o grupo de

fatores ‘faixa etária’ devesse oferecer explicações mais pertinentes. Esse cruzamento pode ser visualizado a seguir, na tabela 3.45.

Usos de VOCÊ x O SENHOR						
SEXO/ GÊNERO	Feminino > masculino		Masculino > feminino		Masculino > masculino	
FAIXA ETÁRIA	Apl./ Tot.	%	Apl./ Tot.	%	Apl./ Tot.	%
Ascendente	0/ 3	0%	8/ 9	90%	0/ 25	0%
Descendente	8/ 8	100%	1/ 1	100%	19/ 21	90%
Entre jovens	5/ 5	100%	7/ 7	100%	9/ 10	90%
Entre meia- idade	19/ 19	100%	-----	-----	0/ 1	0%

Tabela 3.45: Frequência de uso da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘sexo/ gênero’ e ‘faixa etária’.

Pelos números constantes na tabela 3.45, é possível perceber que a preferência pelo tratamento VOCÊ pouco tem a ver com questões de gênero. Note-se que nas relações entre homens, que apresentavam a menor porcentagem de uso do pronome VOCÊ na tabela 3.44, o que realmente condiciona a preferência pela forma O SENHOR é a idade dos envolvidos na díade – o tratamento VOCÊ somente é preterido no tratamento dos mais jovens para com os mais velhos (dimensão de poder), e nas demais relações, simétricas e assimétricas descendentes, é o mais utilizado (dimensão de solidariedade).

A seguir, na tabela 3.46, são apresentados os resultados percentuais referentes à variável independente ‘relações de intimidade’.

Relações de intimidade	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Íntimos	36/36	100%
Não íntimos	40/73	54%

Tabela 3.46: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘relações de intimidade’.

Os números da tabela 3.46 indicam que a forma de tratamento VOCÊ predomina em relação à forma O SENHOR nas relações entre personagens íntimos. Esses resultados, aliados aos resultados já apresentados para a variável ‘faixa etária’, parecem apontar que a forma VOCÊ estaria mais associada à dimensão de solidariedade e o tratamento O SENHOR estaria mais relacionado à dimensão de poder. Entretanto, essa tendência somente poderá ser atestada depois de analisados os resultados para as demais variáveis independentes.

Os resultados percentuais para o grupo de fatores ‘audiência’ podem ser conferidos a seguir, na tabela 3.47.

Audiência	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Com audiência	25/ 38	65%
Sem audiência	51/ 71	71%

Tabela 3.47: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘audiência’.

Com relação à variável ‘audiência’, pode-se perceber que a forma VOCÊ apresenta uma frequência um pouco maior quando não há audiência no momento da interação. Associando-se a presença de uma audiência a um maior monitoramento, pode-se dizer que o tratamento VOCÊ é preferido em situações menos monitoradas. Esses resultados corroboram as direções apontadas pelas duas variáveis selecionadas anteriormente, ‘faixa etária’ e ‘relações de intimidade’, e situam essa forma de tratamento na esfera T da distinção T-(N)-V.

Os resultados percentuais para a última variável selecionada como significativa, ‘classe social’, são apresentados na tabela 3.48, a seguir.

Classe social	Usos de VOCÊ x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	8/ 15	53%
Descendente	12/ 14	85%
Classe baixa	55/ 74	74%
Classe média	1/ 6	16%

Tabela 3.48: Frequência da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘classe social’.

Os números constantes na tabela 3.48 parecem indicar que a forma de tratamento VOCÊ é preferida, em detrimento da forma O SENHOR, nas relações assimétricas descendentes e nas relações simétricas entre membros da classe baixa. Chama a atenção, contudo, que nas relações entre membros da classe média – também simétrica – esse pronome não tenha alcançado porcentagens maiores.

Na tentativa de esclarecer as tendências apontadas pelos resultados referentes à variável ‘classe social’, optou-se por fazer um cruzamento entre esse grupo de fatores e o primeiro selecionado pelo GoldVarb, ‘faixa etária’. Os resultados desse cruzamento são os que seguem, na tabela 3.49.

Usos de VOCÊ x O SENHOR								
FAIXA ETÁRIA	Ascendente		Descendente		Entre jovens		Entre meia-idade	
CLASSE SOCIAL	Apl./ Tot.	%	Apl./ Tot.	%	Apl./ Tot.	%	Apl./ Tot.	%
Ascendente	0/ 7	0%	-----	-----	8/8	100%	-----	-----
Descendente	-----	-----	9/10	90%	3/4	75%	-----	-----
Classe baixa	8/ 27	30%	18/ 18	100%	10/ 10	100%	19/ 19	100%
Classe média	0/ 3	0%	1/ 2	50%	-----	-----	0/1	0%

Tabela 3.49: Frequência de uso da forma de tratamento VOCÊ na segunda metade do século XX, segundo o cruzamento entre as variáveis 'faixa etária' e 'classe social'.

Como se poderia esperar, por conta da falta de ortogonalidade mencionada anteriormente, na seção 2.6, muitas células se apresentaram com 100% de uso de VOCÊ, outras com 0% de uso de VOCÊ, e outras ainda sem ocorrências. Das 16 células criadas com o cruzamento, apenas quatro representam contextos em que, de fato, há variação. Os demais contextos são categóricos ou quanto ao uso de VOCÊ ou quanto ao uso de O SENHOR.

Através desse cruzamento, ao menos, é explicado o baixo número de ocorrências de VOCÊ entre personagens da classe média: metade das relações entre personagens da classe média são, também, relações de mais jovens para mais velhos, o que estaria favorecendo o uso da forma O SENHOR, em detrimento da forma VOCÊ.

A correlação entre os grupos de fatores socioestilísticos e o uso da forma de tratamento VOCÊ, em oposição a O SENHOR, na segunda metade do século XX parecem indicar que a forma VOCÊ seja preferida nas relações assimétricas de mais velhos para mais jovens e nas relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, nas relações entre pessoas íntimas, na ausência de audiência, nas relações descendentes (no que diz respeito à classe social dos membros da díade) e nas relações entre personagens da classe baixa.

Tendo em vista esse panorama, pode-se dizer que a forma de tratamento VOCÊ, nas peças teatrais florianopolitanas representativas da segunda metade do século XX, estaria mais fortemente relacionada à dimensão de solidariedade – espaço que dividia até então com a forma TU, que por sua vez era a forma dominante durante o século XIX. O tratamento O SENHOR, em contrapartida, estaria mais associado à dimensão de poder.

3.5.3 Sobre TU e O SENHOR

A rodada estatística unidimensional levando em consideração somente as formas TU e O SENHOR revelou o

número de 47 ocorrências, sendo 14 de TU e 33 de O SENHOR. Para a realização das rodadas estatísticas multidimensionais, houve a necessidade de se adotarem três dados artificiais, em uma delas, e em outra, de se eliminarem fatores de alguns grupos, pois algumas células não foram preenchidas. Não havia dados de TU na peça de teatro *Flores de inverno*, nas relações de personagens mais novos com mais velhos, entre personagens de meia-idade, nas relações assimétricas ascendentes, no que diz respeito à classe social dos personagens, nas relações de filho para pai, nas relações profissionais ascendentes e nas relações profissionais descendentes.

Da mesma forma, não havia dados de O SENHOR nas relações de pai para filho e nas relações profissionais entre iguais. O fator ‘íntimo’ do grupo de fatores ‘relações de intimidade’ não apresentou ocorrências nem com o pronome TU, nem com a forma de tratamento O SENHOR e, para esse fator, não foram adotados artificiais (ou seja, esse grupo não foi incluído em nenhuma das duas rodadas estatísticas multidimensionais). A variável ‘concordância verbal’ foi eliminada da análise pelos motivos já apresentados na subseção 3.4.1.

Tendo realizado esses procedimentos metodológicos, assim como os amálgamas já descritos nas seções 2.5 e 3.1, procedeu-se às rodadas estatísticas multidimensionais. Para a rodada realizada com a adoção de dados artificiais, o programa GoldVarb selecionou como relevantes os seguintes grupos de fatores: ‘faixa etária’, ‘sexo/ gênero’ e ‘preenchimento do sujeito’. Essa rodada, a exemplo do que ocorreu anteriormente na análise que opôs as formas VOCÊ e O SENHOR, também não chegou a seu fim, e as ressalvas introduzidas anteriormente, na seção 2.6, podem ser reiteradas. Na rodada realizada com eliminação de fatores, foram selecionados os grupos ‘relações familiares’ e ‘faixa etária’. A ordem de apresentação dos resultados segue a seleção da rodada com melhor significância¹⁷¹.

¹⁷¹ Sobre a rodada com dados artificiais selecionada como mais significativa pelo programa GoldVarb, input = 0,005 e significance = 0,006; sobre a rodada com

A aplicação da regra é a forma de tratamento TU. Os resultados percentuais para a variável ‘relações familiares’ podem ser conferidos na tabela 3.50, a seguir.

Relações familiares	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Pais > filhos	10/10	100%
Filhos > pais	0/1	0%
Sem parentesco	4/36	11%

Tabela 3.50: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘relações familiares’.

Os resultados para o grupo de fatores ‘relações familiares’ parecem apontar uma preferência pelo pronome TU, em detrimento da forma O SENHOR, no tratamento de pais para filhos (100%). Já de filhos para pais há apenas um dado, de O SENHOR. Esses resultados parecem indicar que, dentre as relações familiares, naquelas consideradas descendentes, o pronome TU é preferido, e na consideradas ascendentes, a forma SENHOR é mais usada. Essa correlação permitiria situar a forma TU, no que diz respeito à variável ‘relações familiares’, na esfera T, e a forma O SENHOR na esfera V da distinção T-(N)-V, para os dados da segunda metade do século XX.

A seguir, na tabela 3.51, são apresentados resultados percentuais para o grupo de fatores ‘faixa etária’.

fatores eliminados selecionada pelo programa GoldVarb como mais significativa, input = 0,708 e significance = 0,000.

Faixa etária	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Ascendente	0/ 29	0%
Descendente	11/ 13	84%
Entre jovens	3/ 4	75%
Entre meia-idade	0/ 1	00%

Tabela 3.51: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Os números encontrados para a variável ‘faixa etária’ apontam uma maior preferência pela utilização do pronome TU nas relações assimétricas descendentes (84%) e nas relações simétricas entre personagens jovens (75%). Para os relacionamentos interpessoais entre personagens de meia-idade (também uma relação simétrica), o número de dados – apenas um, com O SENHOR – não permite que se faça uma análise mais confiável. A forma O SENHOR ficaria reservada, portanto, para o tratamento de personagens mais novos para personagens mais velhos. Os resultados para esse grupo de fatores parecem situar o pronome TU na esfera T e o tratamento O SENHOR na esfera V.

Os resultados percentuais referentes à variável independente ‘sexo/ gênero’ são os que constam na tabela 3.52, adiante.

Sexo/ gênero	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Feminino → masculino	7/10	70%
Masculino → feminino	4/5	80%
Masculino → masculino	3/32	09%

Tabela 3.52: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘sexo/ gênero’.

Os números referentes à variável ‘ sexo/ gênero’ parecem indicar uma preferência pelo uso do pronome TU no tratamento entre personagens de sexo/ gênero diferentes entre si, sendo a

forma O SENHOR a mais utilizada somente no tratamento entre homens. Contudo, como revelou o cruzamento apresentado na tabela 3.45 da subseção 3.5.2, essa preferência pelo uso da forma O SENHOR é melhor explicada pela faixa etária: de fato, dos 32 dados encontrados para relações entre homens, 29 são de O SENHOR; e dessas 29 ocorrências de O SENHOR, 25 se dão de personagens mais novos para personagens mais velhos.

Na tabela 3.53, adiante, são apresentados os resultados percentuais para a variável independente ‘preenchimento do sujeito’.

Preenchimento do sujeito	Usos de TU x O SENHOR	
	Apl./ Tot.	%
Nulo	6/10	60%
Preenchido	8/37	21%

Tabela 3.53: Frequência da forma de tratamento TU na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘preenchimento do sujeito’.

Como tem acontecido no controle desse grupo de fatores até o momento, a porcentagem de coocorrências do pronome TU com sujeitos nulos é maior do que com sujeitos preenchidos. Novamente, podem ser retomadas as ressalvas aventadas na subseção 3.2.1, com relação à diferença entre *condicionamento* e *correlação*.

A relação que se estabelece entre os grupos de fatores socioestilísticos controlados nesta pesquisa e o uso das formas de tratamento TU e O SENHOR nas peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX, com base nos resultados aqui apresentados, é a seguinte: a forma de tratamento TU é preferida, em detrimento da forma O SENHOR, nas relações entre personagens com algum grau de parentesco entre si e nas relações interpessoais de mais velhos para mais novos e entre jovens. O tratamento O SENHOR, portanto, é o mais utilizado nos relacionamentos interpessoais de personagens não parentes entre si e nas relações de mais jovens para mais velhos.

O controle das variáveis socioestilísticas parece indicar que, no que diz respeito ao uso das formas de tratamento TU e O SENHOR, o pronome TU estaria relacionado à dimensão de solidariedade e a forma O SENHOR estaria associada à dimensão de poder nas peças de teatro florianopolitanas da segunda metade do século XX.

A exemplo do que ocorreu na apresentação dos resultados para a primeira metade do século XX, a seguir será analisada a distribuição das três formas de tratamento mais frequentes, TU, VOCÊ e O SENHOR, nos dados referentes à segunda metade do século XX.

3.5.4 Sobre TU, VOCÊ e O SENHOR

Para se verificar como as formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR funcionavam juntas, enquanto um sistema ternário, nos dados da segunda metade do século XX, optou-se por realizar duas rodadas, levando em consideração duas variáveis independentes: ‘faixa etária’ e ‘relações familiares’. A escolha levou em consideração o fato de esses dois grupos de fatores terem se mostrado relevantes em duas das três análises estatísticas binárias realizadas.

Os resultados percentuais para a variável ‘faixa etária’ podem ser conferidos a seguir, na tabela 3.54.

Faixa etária	TU		VOCÊ		O SENHOR	
	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%
Ascendente	0/37	0%	8/37	21%	29/37	78%
Descendente	11/41	26%	28/41	68%	2/41	4%
Entre jovens	3/25	12%	21/25	84%	1/25	4%
Entre meia-idade	0/20	0%	19/20	95%	1/20	5%

Tabela 3.54: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Ao se observar a tabela 3.54, é possível identificar algumas tendências de uso. A forma de tratamento O SENHOR, por exemplo, tem suas ocorrências concentradas nas relações assimétricas ascendentes, ou seja, de mais jovens para mais velhos. Já a forma VOCÊ parece ter “se espalhado” por todos os contextos que envolvem simetria (entre jovens e entre personagens de meia-idade) e assimetria descendente, ou seja, de mais velhos para mais novos. O pronome TU, por sua vez, tem suas ocorrências concentradas também em relações assimétricas descendentes e em relações simétricas (contudo, somente entre jovens).

Esses resultados parecem indicar que, no que diz respeito ao controle do grupo de fatores ‘faixa etária’ nos dados da segunda metade do século XX, cada uma das três formas de tratamento em análise parece ter se especializado, ainda que não categoricamente, em determinados contextos. A leitura desses resultados permite localizar as formas de tratamento TU e VOCÊ na esfera T da distinção T-(N)-V e o tratamento O SENHOR na esfera V.

A seguir, na tabela 3.55, podem ser observados os resultados percentuais referentes ao grupo de fatores ‘relações familiares’.

Relações familiares	TU		VOCÊ		O SENHOR	
	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%
Pais > filhos	10/11	90	1/11	9	0/11	0
Filhos > pais	0/1	0	0/1	0	1/1	100
Entre casal	0/19	0	19/19	100	0/19	0
Sem parentesco	4/92	4	56/92	60	32/92	34

Tabela 3.55: Distribuição das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR na segunda metade do século XX, segundo a variável ‘faixa etária’.

Novamente, da mesma forma como ocorreu no controle da variável ‘faixa etária’, as formas de tratamento parecem ter suas ocorrências concentradas em determinados contextos. O pronome TU tem seus dados concentrados especialmente nas relações de pais para filhos, que são relações que implicam solidariedade e assimetria descendente. O tratamento O SENHOR parece ter seu uso preferido nas relações sem parentesco, além de apresentar um dado nas relações de filhos para pais – que, de maneira geral, podem ser associadas a um maior respeito pelo interlocutor.

Já a forma VOCÊ apresenta suas ocorrências concentradas tanto nos relacionamentos entre personagens sem parentesco como nas relações entre casal – que, no fim do século XX, já podem ser consideradas como *simétricas*. Os resultados para esse grupo de fatores parecem apontar para uma realocação do pronome VOCÊ na distinção T-(N)-V: enquanto os dados da primeira metade do século XX mostravam um tratamento “flutuante” entre as duas esferas T-V, na segunda metade do século XX essa forma parece ter se acomodado, juntamente com o pronome TU (mas com ressalvas com relação aos contextos preferidos), na esfera T, deixando a esfera V para ocupação exclusiva do tratamento O SENHOR.

Na seção seguinte, são apresentadas algumas considerações acerca dos resultados obtidos nesta pesquisa.

3.6 (RE)VENDO ALGUMAS QUESTÕES: O QUE DIZEM OS RESULTADOS?

Esta seção é dedicada à reflexão acerca de alguns aspectos que merecem destaque no que diz respeito aos resultados obtidos nesta pesquisa. Acredita-se que, até agora, as questões elencadas na seção 1.3 foram plenamente respondidas e que este estudo, até esse momento, tenha atingido seus objetivos. Entretanto, ao longo da pesquisa surgem outras questões que merecem alguma reflexão. Não será aqui que vão se esgotar as possibilidades de respostas, explicações e hipóteses quanto a essas questões; provavelmente elas ainda serão exploradas em estudos futuros. Todavia, elas não podem ser ignoradas. Elas merecem, ao menos, serem problematizadas. Ao longo desta seção, ainda serão resumidos alguns resultados que foram “diluídos” no decorrer das seções 3.1, 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5, para que se obtenha um panorama mais preciso dos achados deste estudo.

Na próxima subseção, são apresentados os resultados para os grupos de fatores linguísticos, com o objetivo de se oferecer um quadro da trajetória que atravessaram essas variáveis independentes ao longo dos períodos aqui observados. Logo após, são retomados os grupos de fatores socioestilísticos e sua relação com as dimensões de poder e solidariedade. Em seguida, é abordada a questão da *neutralidade*, um conceito introduzido na subseção 2.2.1 e que não se mostrou muito relevante na exposição dos resultados. Na subseção 3.6.4, é discutida a possibilidade de as formas de tratamento não serem variantes de uma mesma variável. Por último, são retomados os cinco problemas empíricos, que haviam sido inicialmente apresentados na subseção 2.1.1.

3.6.1 Os grupos de fatores linguísticos

As variáveis independentes linguísticas controladas nesta pesquisa foram ‘concordância verbal’ e ‘preenchimento do sujeito’. As hipóteses elencadas para essas variáveis eram as seguintes: dados de não concordância deveriam ocorrer com a forma de tratamento TU, que tem marca verbal exclusiva, e não com as demais formas; e dados desse tipo deveriam ocorrer em maior quantidade quando a forma TU começasse a variar com a forma VOCÊ, ou seja, no início do século XX. Quanto ao preenchimento do sujeito, o maior número de sujeitos nulos deveria ocorrer também com a forma TU, e exatamente pelo mesmo motivo, a existência de marca morfêmica verbal exclusiva – se há marca exclusiva no verbo, em princípio não há por que explicitar formalmente o sujeito –, e o índice de sujeitos preenchidos deveria aumentar ao longo do tempo, corroborando os resultados de Duarte (1995).

Essas hipóteses foram plenamente atestadas, mas não houve lugar, nas discussões elaboradas em torno dos resultados, para a exposição dos números relativos a essa variável. Embora a variável ‘preenchimento do sujeito’ tenha se mostrado significativa em muitos momentos, pouco se pode dizer a respeito de sua trajetória ao longo dos quatro períodos controlados. Já a variável ‘concordância verbal’ acabou por ser excluída de todas as análises, no início porque se observou que os dados de não concordância eram muito peculiares, e depois porque se percebeu a falta de potencial das formas VOCÊ e O SENHOR para apresentar dados sem concordância.

Por esses motivos, neste momento será apresentado o trajeto dessas variáveis ao longo dos quatro diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX. O gráfico 3.2, a seguir, mostra o percurso da variável ‘concordância verbal’ – os números dizem respeito aos dados de não concordância e a porcentagem é calculada somente a partir das ocorrências da forma de tratamento TU.

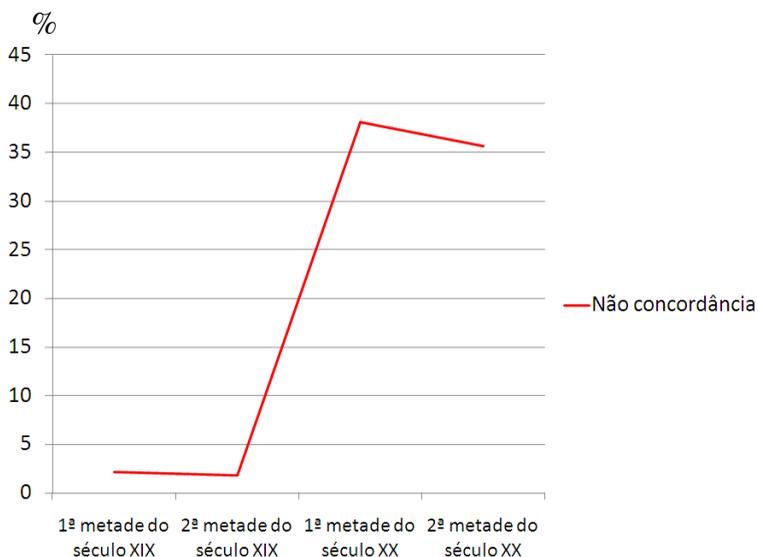


Gráfico 3.2: Porcentagem de não concordância em ocorrências com a forma de tratamento TU ao longo dos quatro diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX.

Pelos números constantes no gráfico 3.2, é possível perceber que, ao longo do século XIX, foram poucas as ocorrências de não concordância com a forma de tratamento TU. Na primeira metade do século XIX, das 184 ocorrências com esse pronome, apenas quatro não apresentaram concordância verbal canônica – 2,17% dos dados. Na segunda metade do século XIX, dos 165 dados com a forma TU, apenas três não apresentaram concordância, ou seja, um índice de 1,81%. Dessas sete ocorrências, já visualizadas nas seções 3.2 e 3.3, apenas uma delas, de fato, parece ser um dado de não concordância; as demais podem perfeitamente ser classificadas como erros de impressão.

No início do século XX, entretanto, há um salto no número de ocorrências dessa natureza. Na primeira metade desse

século, das 55 ocorrências de TU, 21 não apresentavam concordância canônica, o que configura 38,18% dos dados. Na metade final, dos 14 dados com o pronome TU, cinco deles eram sem concordância, ou seja, 35,71%. Chama a atenção que seja exatamente na virada do século XIX para o século XX que o pronome TU passa a competir com o pronome VOCÊ na expressão da segunda pessoa do singular. Ressalte-se que a forma de tratamento VOCÊ não tem marca verbal exclusiva, ou seja, sua concordância se faz com a forma canônica de terceira pessoa. Nesse período, é possível que uma forma assimile marcas da outra, uma vez que são utilizadas no mesmo contexto – o falante que usasse TU poderia assimilar a concordância com a forma VOCÊ.

No gráfico 3.3, a seguir, é apresentada a trajetória da variável linguística ‘preenchimento do sujeito’ ao longo dos quatro diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX. Esse cálculo leva em consideração todas as ocorrências encontradas, mesmo aquelas incluindo a forma de tratamento ZERO.

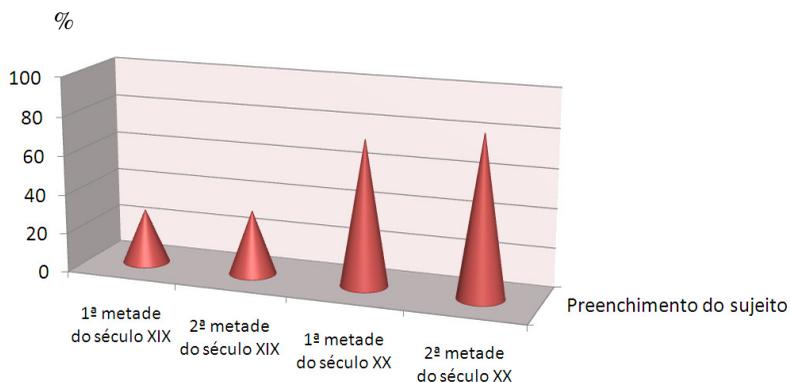


Gráfico 3.3: Porcentagem de preenchimento do sujeito na amostra, ao longo dos quatro diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX.

Os números constantes no gráfico 3.3 indicam que o sujeito é, ao longo dos séculos XIX e XX, cada vez mais preenchido. Na primeira metade do século XIX, 27,54% das ocorrências de formas de tratamento se deram com sujeito preenchido; na segunda metade do século XIX são 32,41% dos dados com sujeito preenchido. Na virada para o século XX, assim como ocorreu com os dados de não concordância, há um salto nos números: na primeira metade do século XX, 73,95% das ocorrências de formas de tratamento têm sujeito preenchido; na metade final desse século, esse número sobe para 81,6%.

Os resultados aqui apresentados com relação à variável ‘preenchimento do sujeito’ seguem a mesma direção apontada pelo estudo de Duarte (1995): o português brasileiro parece estar em transição de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito preenchido. Um dos motivos para essa mudança é, segundo Duarte (1995) a entrada de VOCÊ e A GENTE no paradigma pronominal. O raciocínio que se faz é de que, quanto mais pronomes pessoais associados a formas verbais *não marcadas*, maior a necessidade de preenchimento do sujeito, para se desfazerem ambiguidades. Essa hipótese parece encontrar respaldo nos resultados aqui apresentados, pois é exatamente quando aparecem números mais expressivos da forma de tratamento VOCÊ, na primeira metade do século XX, que sobe acentuadamente o índice de sujeitos preenchidos.

3.6.2 Os grupos de fatores socioestilísticos

A maior parte dos grupos de fatores controlados nesta pesquisa são extralinguísticos. São dois grupos linguísticos para dez extralinguísticos. Desses últimos dez, pode-se dizer que oito são socioestilísticos. Sociais, porque dizem respeito à posição social dos membros envolvidos na díade; estilísticos, porque é por conta da posição social do locutor *em relação* à posição social do interlocutor que irá emergir a *variação no indivíduo*.

Os grupos de fatores linguísticos mostraram-se importantes para se fazer um controle dos contextos internos em

que ocorrem as diferentes formas de tratamento. Acima de tudo, são importantes também porque através de sua análise é possível relacionar as mudanças no uso das formas de tratamento a outras mudanças em curso no português. Entretanto, há de se admitir que não se sabe exatamente de que forma, e mesmo se, de fato, essas variáveis *condicionam* o uso das diferentes formas de tratamento.

Sabe-se que os dados de não concordância se deram todos com a forma TU, e que é exatamente com ela que se destacam os dados com sujeito nulo, mas de que maneira a concordância verbal e o preenchimento do sujeito estariam favorecendo o aparecimento de uma ou outra forma de tratamento? Será que, como já questionado, essas variáveis estariam mesmo *condicionando* a ocorrência de uma das variantes? Ou é a ocorrência de uma das variantes que condiciona a não concordância e o não preenchimento do sujeito?

Essas perguntas vão continuar sem resposta nesta pesquisa. Sobre os grupos de fatores linguísticos, pouco se pode dizer. Todavia, sobre as variáveis socioestilísticas é que um estudo acerca das formas de tratamento terá a contribuir. São os grupos de fatores socioestilísticos que vão determinar, afinal, qual a relação das diferentes formas de tratamento com as dimensões de poder e solidariedade. Antes disso, por eles mesmos será compreendido que elementos sociais constituem as dimensões de poder e solidariedade nas peças teatrais florianopolitanas em cada diferente período de 50 anos dos séculos XIX e XX – se as relações familiares, como para os alemães, se as relações de intimidade, como para os franceses, como identificaram Brown e Gilman (2003 [1960]).

Todos os oito grupos de fatores socioestilísticos foram, vez ou outra, selecionados como significativos. Na primeira metade do século XIX, foram as ‘relações de intimidade’, a ‘faixa etária’, as ‘relações familiares’, a ‘audiência’ e as ‘relações profissionais’. Pode-se dizer, portanto, que esses eram os elementos que constituíam as dimensões de poder e solidariedade nas peças da primeira metade do século XIX. Nas relações entre personagens íntimos, nas relações de mais velhos para mais

novos, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade, nas relações de pai para filho, de tio para sobrinho e entre primos, na ausência de audiência e nas relações profissionais descendentes, a forma de tratamento preferida foi TU, em detrimento de O SENHOR. Por esses motivos, associou-se a forma TU à dimensão de solidariedade e o tratamento O SENHOR à dimensão de poder.

Na segunda metade do século XIX, as variáveis selecionadas, ou seja, os elementos que constituíam as dimensões de poder e solidariedade, eram as ‘relações de intimidade’, a ‘classe social’, as ‘relações profissionais’, a ‘faixa etária’ e as relações familiares. A forma de tratamento TU foi preferida, em oposição a O SENHOR, nas relações entre personagens íntimos, entre membros da classe alta, entre membros da classe baixa, nas relações assimétricas descendentes (no que diz respeito à classe social dos interlocutores), nas relações profissionais descendentes e entre iguais, nas relações de mais velhos para mais novos e entre personagens de meia-idade, e nas relações entre personagens com parentesco entre si. Por isso, acredita-se que a forma de tratamento TU, nas peças referentes à segunda metade do século XIX, estaria associada à dimensão de solidariedade, ao passo que a forma O SENHOR estaria relacionada à dimensão de poder.

Os resultados encontrados para a segunda metade do século XIX seguem, portanto, a direção apontada pelos resultados para a primeira metade desse século. E não são apenas as formas de tratamento destacadas como mais frequentes, TU e O SENHOR, que coincidem; os grupos de fatores ‘relações de intimidade’, ‘relações profissionais’, ‘relações familiares’ e ‘faixa etária’ foram selecionados como significativos em ambas as análises. Esse comportamento “uniforme” das formas de tratamento ao longo do século XIX pode ser interpretado como um reflexo da sociedade estática que era Florianópolis (Desterro) nesse período.

Na primeira metade do século XX, as correlações que facilmente eram estabelecidas ao longo do século XIX se mostraram menos óbvias. Foram necessárias três rodadas

estatísticas binárias para se chegar à conclusão de que a forma de tratamento TU estava relacionada à dimensão de solidariedade e a forma O SENHOR à dimensão de poder. Sobre a forma de tratamento VOCÊ, essa flutuou nas esferas da distinção T-(N)-V – e o pressuposto aventado na subseção 2.2.1 para se determinar se uma forma de tratamento é ou não uma estratégia de neutralidade era exatamente esse: operar tanto na dimensão de poder como na dimensão de solidariedade.

Entretanto, uma nova hipótese foi pensada. Seria possível que, na primeira metade do século XX, a forma VOCÊ não fosse ainda uma estratégia de tratamento neutra, cabível em qualquer contexto sem estranhamento. É uma opção se pensar que essa forma, ao adentrar o paradigma pronominal do PB, não tivesse ainda seu *status* estabelecido, e carregasse tanto seu “matiz despectivo” (CINTRA, 1972, p.40) quanto seu caráter inovador de forma recém-introduzida. Cabe, ainda, refletir sobre a semelhança entre o sistema de tratamento de Florianópolis na primeira metade do século XX e o sistema de tratamento do PE, descrito por Cintra (1972).

Dentre os resultados obtidos com a análise dos dados referentes à primeira metade do século XX, neste estudo deu-se especial destaque para as variáveis independentes ‘ambiente’, ‘faixa etária’ e ‘relações profissionais’, que se mostraram relevantes em parte das rodadas binárias realizadas com as ocorrências desse período. Observou-se que a forma VOCÊ foi preferida nos ambientes privados e formais, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade e nas assimétricas de mais velhos para mais novos e tanto nas relações profissionais ascendentes quanto descendentes. Já o pronome TU é mais utilizado em ambientes públicos e informais, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade e nas assimétricas de mais velhos para mais novos e não é requisitado em nenhum tipo de relação profissional. O tratamento O SENHOR tem seu uso concentrado nos locais públicos e formais, nas relações assimétricas de personagens mais novos com personagens mais velhos e nas relações profissionais descendentes.

Parece cada vez mais claro que as formas de tratamento sejam um reflexo das forças sociais. É exatamente na primeira metade do século XX, período em que Florianópolis geograficamente e literalmente se abre ao mundo, período permeado por ideais de modernização e progresso, em que a classe alta se mistura à classe média e em que os pobres permanecem cada vez mais à margem, que as formas de tratamento, que vinham percorrendo ao longo do século XIX cada uma um caminho distinto, parecem formar um sistema mais complexo e mais dificilmente sistematizável.

Passado o aparente caos da primeira metade do século XX, o sistema parece se ajustar novamente, mas agora com números referentes à forma TU cada vez mais baixos. Esse pronome passa a ter seu espaço dividido, com algumas especificidades de contexto, com a forma VOCÊ. Duas variáveis tiveram destaque nas análises binárias: ‘faixa etária’ e ‘relações familiares’. O pronome TU foi preferido nas relações assimétricas descendentes de mais velhos para mais jovens e em relações simétricas entre jovens, além das relações de pai para filho. A forma VOCÊ tem seu uso concentrado nas relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, nas relações entre casal e entre personagens sem parentesco. O tratamento O SENHOR, por sua vez, mostrou ter preferência de uso nas relações de mais jovens para mais velhos, nas relações entre personagens sem parentesco e de filho para pai.

Os resultados referentes à segunda metade do século XX parecem indicar um rearranjo da forma de tratamento VOCÊ na distinção T-(N)-V. Enquanto os dados da primeira metade do século XX mostravam um tratamento “flutuante” entre as duas esferas T-V, na segunda metade do século XX essa forma parece ter se acomodado, juntamente com o pronome TU (mas com ressalvas com relação aos contextos preferidos), na esfera T, deixando a esfera V para ocupação exclusiva do tratamento O SENHOR.

É possível se fazer a interpretação de que, junto com a abertura de Florianópolis a outras culturas, com as mudanças por que passou a cidade ao longo de todo o século XX, com a vinda

de turistas que viraram moradores, também o sistema de tratamento sofreu uma reestruturação. Os resultados deste estudo indicam que a forma VOCÊ, que pouco foi utilizada no século XIX, entra para o sistema de tratamento sem um *status* ainda definido, e compete tanto com TU quanto com O SENHOR na virada do século XIX para o século XX. No final do século XX, então, passa a disputar com a forma TU na esfera T, reestabilizando o sistema de tratamento florianopolitano.

Para dar maior visibilidade aos achados desta pesquisa e facilitar a comparação com as hipóteses aventadas (no quadro 1.8 da subseção 1.3.3), os resultados foram resumidos e organizados no quadro 3.1, a seguir.

Período	Formas de tratamento utilizadas	Formas de tratamento mais frequentes	Grupos de fatores condicionadores	Elementos sociais que constituem as dimensões de poder e solidariedade	Relação entre as formas de tratamento e as dimensões de poder e solidariedade
Primeira metade do século XIX	TU, VOCÊ, O SENHOR, VOSMECÊ, VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA, FORMAS NOMINAIS e ZERO	TU	Relações entre pessoas íntimas, de mais velhos para mais novos, de pais para filhos, de tios para sobrinhos, entre primos, ausência de audiência e relações profissionais descendentes	‘relações de intimidade’, ‘faixa etária’, ‘relações familiares’, ‘presença de audiência’, e ‘relações profissionais’	TU SOLIDARIEDADE
		O SENHOR	Relações entre pessoas não íntimas, de mais novos para mais velhos, de filhos para pais, presença de audiência e relações profissionais ascendentes		O SENHOR PODER

Segunda metade do século XIX	TU, VOCÊ, O SENHOR, VOSSA SENHORIA, VÓS, FORMAS NOMINAIS e ZERO	TU	Relações entre pessoas íntimas, relações entre a classe alta, entre a classe baixa e relações descendentes no que diz respeito à classe social dos personagens envolvidos na díade, relações profissionais descendentes e entre iguais, entre personagens jovens, entre personagens de meia-idade e no tratamento de pessoas mais novas por pessoas mais velhas, entre parentes	'relações de intimidade', 'classe social', 'relações profissionais', 'faixa etária' e relações familiares	TU SOLIDARIEDADE
		O SENHOR	Relações entre não íntimos, relações ascendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens envolvidos na díade, relações profissionais ascendentes e no tratamento de pessoas mais velhas por pessoas mais novas, entre personagens sem parentesco		O SENHOR PODER

Período	Formas de tratamento utilizadas	Formas de tratamento mais frequentes	Grupos de fatores condicionadores	Elementos sociais que constituem as dimensões de poder e solidariedade	Relação entre as formas de tratamento e as dimensões de poder e solidariedade
Primeira metade do século XX	TU, VOCÊ, O SENHOR, FORMAS NOMINAIS e ZERO	TU	Ambientes privados e formais, ambientes públicos e informais, relações simétricas entre jovens, entre personagens de meia-idade, relações descendentes (no que diz respeito à faixa etária), relações profissionais entre iguais e entre personagens que não trabalham juntos	'ambiente', 'classe social', 'faixa etária', 'relações familiares', 'relações de intimidade', 'audiência', 'relações profissionais' e 'sexo/ 'gênero'	TU e VOCÊ SOLIDARIEDADE
		VOCÊ	Ambientes privados e formais, ambientes públicos e informais, relações profissionais descendentes e entre iguais, fala masculina, relações simétricas da classe alta, da classe		

	<p>média e relações descendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens), relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, relações entre personagens sem parentesco, entre não íntimo, na presença de audiência</p>	
O SENHOR	<p>Relações ascendentes (no que diz respeito à faixa etária), ambientes públicos e formais e relações profissionais ascendentes</p>	VOCÊ e O SENHOR PODER

Período	Formas de tratamento utilizadas	Formas de tratamento mais frequentes	Grupos de fatores condicionadores	Elementos sociais que constituem as dimensões de poder e solidariedade	Relação entre as formas de tratamento e as dimensões de poder e solidariedade
Segunda metade do século XX	TU, VOCÊ, ZERO e O SENHOR	TU	De pai para filho, de mais velho para mais jovem, entre jovens, entre personagens de sexo/ gênero diferentes	‘relações familiares’, ‘faixa etária’, ‘ambiente’, ‘sexo/ gênero’, ‘relações de intimidade’, ‘audiência’ e ‘classe social’	TU e VOCÊ SOLIDARIEDADE
		VOCÊ	Entre casal, entre personagens sem parentesco, ambientes privados e informais, públicos e formais, públicos e informais, de mais velho para mais jovem, entre jovens, entre personagens de meia-idade, entre		

	<p>personagens de sexo/ gênero diferentes, entre íntimos, na ausência de audiência, entre personagens de classe baixa, relações sociais descendentes (no que diz respeito à classe social dos envolvidos na díade)</p>	
O SENHOR	<p>De mais jovens para mais velhos, entre homens, entre não íntimos, na presença de audiência, entre personagens de classe média, relações sociais ascendentes (no que diz respeito à classe social), entre personagens sem parentesco</p>	O SENHOR PODER

Quadro 3.1: Resumo dos resultados.

3.6.3 A questão da neutralidade

A noção de neutralidade, teorizada por Cook (1994; 1997) e introduzida nesta pesquisa ao longo da subseção 2.2.1, estava, em princípio, associada à forma de tratamento ZERO. Essa forma de tratamento já havia aparecido nos resultados de Abreu (1987), Ramos (1989) e Loregian-Penkal (2004), e também já havia sido identificada por Cintra (1972), quando o autor buscou descrever o sistema de tratamento do PE. Aqui, aventou-se a possibilidade de a noção de neutralidade se materializar, também, através da forma VOCÊ.

Contrariando as hipóteses desta pesquisa, em nenhum momento a forma de tratamento ZERO se destacou por sua frequência. Com poucas ocorrências, não foi possível perceber se esse tratamento estaria figurando em diferentes tipos de relações e, conseqüentemente, se estaria atuando como uma estratégia de neutralidade. Acredita-se que a natureza da amostra não favoreceu a ocorrência dessa forma – estratégias metodológicas como as adotadas por Abreu (1987) e Ramos (1989) se mostraram mais eficazes. As frases soltas e o contato rápido parecem contextos mais propícios para estratégias de neutralidade.

Já o tratamento VOCÊ, na metade inicial do século XX, deu indícios de ser uma forma de neutralidade. VOCÊ figurou tanto em relações entre íntimos como entre não íntimos, nas relações entre personagens de mesma idade, mas ao mesmo tempo, em presença de audiência. Entretanto, como já apontado, esse comportamento não uniforme do pronome VOCÊ pode ser conseqüência de seus *status* não definido, e não de seu caráter neutro. Ressalte-se que, no período imediatamente posterior, VOCÊ encontra seu lugar na esfera T da distinção T-(N)-V.

A noção de neutralidade, contudo, parece um campo com grande potencial a ser explorado. Não deve, portanto, ser rejeitada em estudos posteriores. Ao contrário, espera-se esclarecer, futuramente, no que exatamente consiste essa estratégia, se há formas de tratamento específicas para expressar neutralidade, se são, de fato, o tratamento ZERO e a forma

VOCÊ as opções neutras no sistema de tratamento e em que circunstâncias estratégias de neutralidade são ativadas.

3.6.4 Formas de tratamento: variantes de uma mesma variável?

Na década de 1970, William Labov e Beatriz Lavandera travaram um embate teórico que, ainda nos dias de hoje, rende discussões entre os estudiosos da Sociolinguística. A questão central nesse conflito é se existe, de fato, variação em outros níveis da gramática que não o nível fonológico. Não se vai, aqui, retomar todos os argumentos de que se valeram os autores nesse embate, mas será discutido um aspecto em especial, o *significado*.

Ao contestar o estudo de Weiner e Labov (1983 [1977]), Lavandera (1978) questiona se as construções passivas e ativas do inglês – objeto de estudo de Weiner e Labov – seriam, de fato, variantes de uma mesma variável. Isso porque a autora não acredita que estruturas sintáticas diferentes tenham, de fato, o mesmo significado. Lavandera (1978) sugere, então, que se alargue a noção de significado e, conseqüentemente, a noção de variação, ao substituir *significado* por *comparabilidade funcional*. Esse novo conceito estava fortemente associado à intenção comunicativa do falante.

Tendo em vista a posição de Lavandera (1978), seria possível tratar as diferentes formas de tratamento como variantes de uma mesma variável? Ainda com o conceito adaptado, *comparabilidade funcional*, será que o falante que escolhe que forma de tratamento utilizar em virtude de sua relação com o interlocutor, o ambiente em que se encontram, a presença ou não de audiência, entre outros fatores, tem a mesma *intenção comunicativa* ao preferir a forma TU ou a forma O SENHOR?

Outro questionamento pode, ainda, ser posto em discussão. Se variantes são, por definição, duas formas que ocupam o mesmo contexto com o mesmo significado, cabe discutir o que quer dizer *contexto*. Se esse contexto for apenas linguístico, as formas de tratamento podem, certamente, ser

chamadas de variantes, pois todas as formas de tratamento analisadas nesta pesquisa referiam-se à segunda pessoa do singular, e estavam todas na posição de sujeito em sentenças declarativas com tempo.

Se, entretanto, o contexto socioestilístico for levado em consideração, esse conceito não se aplica, ao menos nos dados coletados nesta pesquisa. Basta pensar que, na primeira metade do século XIX, foi necessária a criação de dados artificiais para proceder às análises estatísticas multidimensionais porque não havia ocorrências da forma O SENHOR no tratamento de pai para filho, de tio para sobrinho e entre primos. Se esse tratamento *nunca* ocorre nessas circunstâncias, ele estaria, de fato, *variando* com a forma TU?

Do mesmo modo, em todos os demais períodos de 50 anos controlados nesta pesquisa, foi necessária a criação de dados artificiais porque algumas células se encontravam vazias – e outras, conseqüentemente, com índices de 100% de uso –, por exemplo, na segunda metade do século XX, não havia ocorrências de O SENHOR nas relações entre íntimos. Ou seja, essa forma competia com o tratamento VOCÊ na relação entre não íntimos, mas deixava de competir na relação entre íntimos. Além disso, todos os cruzamentos realizados, independentemente do período (cf. tabelas 3.4, 3.12, 3.15, 3.45 e 3.49), resultaram em células de 100% e em células de 0%. Se, na convergência de dois determinados fatores, uma forma de tratamento é *sempre* a preferida, não há concorrência com outra forma e, logo, não há variação.

A primeira metade do século XX é, no entanto, o período mais “crítico” no que diz respeito aos resultados relativos ao sistema de tratamento florianopolitano, e parece ser, também, o período em que ocorre maior *variação*. Isso porque a forma VOCÊ estava ainda “flutuando” no sistema e variava tanto com a forma TU, em direção à solidariedade, quanto com a forma O SENHOR, em direção ao poder. Já na segunda metade do século XX, o sistema parece estabilizado, e volta a questão se, de fato, as formas de tratamento seriam variantes de uma mesma variável.

Novamente, a resposta a essa pergunta não será oferecida nessa pesquisa. Um estudo futuro, que apresente não apenas dados empíricos, mas também uma discussão epistemológica e um envelope de variação bastante detalhado, deverá dar conta desses questionamentos. Por ora, pode-se dizer que as formas de tratamento parecem ser variantes de uma mesma variável em determinados contextos; em outros, talvez estejam em distribuição complementar.

3.6.5 Retomando os cinco problemas

Na seção 2.1, foram apresentados os cinco problemas empíricos de que uma teoria para a mudança linguística deve dar conta, formulados por WLH (2006 [1968]). Se em um estudo propõe-se fazer uma análise diacrônica das formas de tratamento, e se nessa análise verifica-se uma mudança, então neste estudo há elementos para se fazerem algumas considerações acerca das cinco questões relacionadas aos problemas empíricos.

Com relação ao problema da restrição (ou dos fatores condicionadores), pode-se dizer que as formas de tratamento são condicionadas, em especial, pelos fatores socioestilísticos. Ao longo dos quatro períodos de 50 anos analisados nesta pesquisa, observa-se, de maneira geral, que as relações caracterizadas como descendentes e simétricas (no que diz respeito à faixa etária, à classe social, às relações familiares e às relações profissionais), entre pessoas íntimas e na ausência de audiência levaram ao uso da forma de tratamento associada à dimensão da solidariedade, ou seja, no século XIX, à forma TU, e no século XX, às formas TU e VOCÊ.

Do mesmo modo, pode-se dizer, de maneira geral, que ao longo dos quatro períodos de 50 anos, as relações caracterizadas como ascendentes (no que diz respeito à faixa etária, à classe social, às relações familiares e às relações profissionais), entre pessoas não íntimas e na presença de audiência levaram à preferência pela forma associada à dimensão de poder. Para todos os períodos, essa forma foi O SENHOR – ressalte-se, contudo,

que VOCÊ estava em variação com O SENHOR na esfera V na primeira metade do século XX.

Ao se falar no problema da restrição, automaticamente está-se falando no problema do encaixamento. Ao demonstrar que fatores socioestilísticos estariam condicionando a ocorrência de determinada variante, também se está demonstrando como essa variante estaria encaixada na estrutura social. Já com relação ao encaixamento na estrutura linguística, pode-se dizer que, de alguma forma, as mudanças no sistema de tratamento estão relacionadas a um maior preenchimento do sujeito. Como já mencionado, a entrada da forma VOCÊ no paradigma pronominal introduz uma segunda pessoa com forma verbal não marcada. Associando-se a entrada da forma VOCÊ à já existente O SENHOR, torna-se necessária a expressão formal do sujeito para se evitarem ambiguidades, uma vez que existem outras formas, tanto no paradigma das formas de tratamento como no paradigma dos pronomes pessoais como um todo, que carregam consigo uma forma verbal não marcada.

Além disso, pode-se correlacionar a entrada da forma VOCÊ no paradigma das formas de tratamento e dos pronomes pessoais a uma tendência à não concordância com a forma TU. Esse não é um cálculo preciso, mas os resultados parecem indicar que, quando a forma VOCÊ entra no sistema, os números de não concordância, que, nesta pesquisa somente se deram com o pronomes TU, alcançam seus maiores índices.

Com relação ao problema da avaliação, nesta pesquisa não há muitos elementos para se dizer de que maneira as formas de tratamento são avaliadas. Pode-se imaginar, contudo, que o fato de a forma VOCÊ estar ocupando o lugar que até então era somente dominado pelo tratamento TU na esfera T da distinção T-(N)-V indique que a forma VOCÊ é bem avaliada pelos falantes de Florianópolis. Entretanto, essa não é uma conclusão muito segura; basta lembrar que os informantes de Ramos (1989) atribuíram tanto características positivas quanto negativas à forma VOCÊ (por exemplo, educado e esnobe, respectivamente).

No que diz respeito ao problema da transição, chama a atenção exatamente o momento em que a forma VOCÊ aparece

no sistema de tratamento do português de Florianópolis. Apesar de nos dados mais atuais a forma VOCÊ figurar na esfera T, assim que ela entrou no sistema seu lugar na distinção T-(N)-V não era muito preciso: ela competia tanto com o tratamento TU quanto com o tratamento O SENHOR. No gráfico 3.4, a seguir, pode-se verificar a trajetória das três formas de tratamento mais frequentes nas ocorrências analisadas nesta pesquisa.

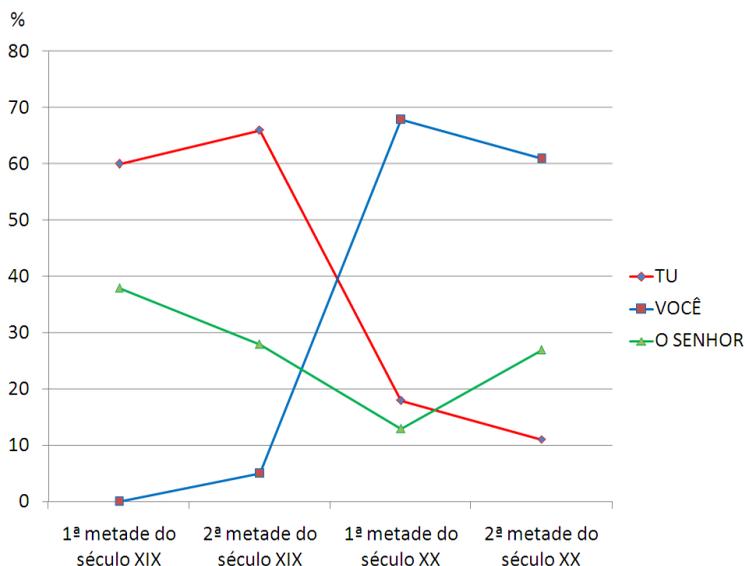


Gráfico 3.4: Percentual de uso das formas de tratamento TU, VOCÊ e O SENHOR ao longo dos quatro períodos de 50 anos dos séculos XIX e XX.

O gráfico 3.4 parece indicar um período de desequilíbrio no sistema exatamente na primeira metade do século XX. Observe-se que a entrada de VOCÊ ocorre já com índices altíssimos de uso, enquanto que tanto a forma TU quanto o tratamento O SENHOR têm seu uso reduzido. Uma análise possível seria a de que, com a forma VOCÊ operando nos dois extremos da distinção T-(N)-V, o número de dados de VOCÊ tende a ser maior do que o número de dados de TU – que figura apenas na esfera T – e de O SENHOR – que somente figura na esfera V.

Considerações com relação ao problema da implementação também podem ser traçadas partindo-se do gráfico 3.4. Algumas interpretações são possíveis com relação a esse problema. Uma delas seria a de que o sistema de tratamento do português de Florianópolis está atravessando uma mudança, que se iniciou na

virada do século XIX para o século XX e pode resultar na substituição da forma de tratamento TU pela forma de tratamento VOCÊ na esfera T da distinção T-(N)-V. Outra interpretação possível é a de que a mudança no sistema de tratamento do português de Florianópolis já esteja implementada, e que o sistema tenha se estabilizado na oposição TU/VOCÊ x O SENHOR, com restrições de contexto na variação entre TU e VOCÊ.

As possibilidades elencadas aqui tanto no que diz respeito ao problema da avaliação como ao problema da implementação são apenas *hipóteses*. Será necessário um estudo, preferivelmente com base em dados de fala, que leve em consideração o estado *atual* do sistema de tratamento de Florianópolis (uma vez que esta pesquisa se estendeu até a segunda metade do século XX, e não adentrou o século XXI). Será necessário, também, que se apliquem testes de atitude *e/* ou de avaliação subjetiva, para se verificar como, de fato, os florianopolitanos avaliam as formas de tratamento que fazem parte de seu sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procurou-se identificar, através da análise de 12 textos de peças teatrais, quais diferentes formas de tratamento fizeram parte do sistema de Florianópolis no decorrer dos séculos XIX e XX. Além disso, foram destacadas as formas de tratamento mais frequentes para serem submetidas a um procedimento estatístico que revelou que grupos de fatores, dentre os elencados nesta pesquisa, estariam condicionando essas formas. Através da correlação entre os grupos de fatores e os diferentes valores da variável dependente, associaram-se as formas mais frequentes em cada período de 50 anos às dimensões de poder e solidariedade, teorizadas por Brown e Gilman (2003 [1960]). Os resultados, em grande parte, corresponderam às hipóteses aventadas.

Na primeira metade do século XIX, foi identificado o uso das formas VOSSA EXCELÊNCIA, VOSSA SENHORIA, VOSMECÊ, FORMAS NOMINAIS, ZERO, VOCÊ, TU e O SENHOR, sendo que essas duas últimas, por terem se destacado por sua alta frequência, foram submetidas a análises multidimensionais. As ‘relações de intimidade’, a ‘faixa etária’, as ‘relações familiares’, a ‘audiência’ e as ‘relações profissionais’ foram os grupos de fatores selecionados pelo programa GoldVarb como mais significativos. Pode-se dizer, portanto, que esses eram os elementos que constituíam as dimensões de poder e solidariedade nas peças desse período. Nas relações entre personagens íntimos, nas relações de mais velhos para mais novos, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade, nas relações de pai para filho, de tio para sobrinho e entre primos, na ausência de audiência e nas relações profissionais descendentes, a forma de tratamento preferida foi TU, em oposição a O SENHOR. Por esses motivos, acredita-se que a forma de tratamento TU estivesse mais associada à dimensão de solidariedade e o tratamento O SENHOR à dimensão de poder.

Na segunda metade do século XIX, identificou-se o uso das formas VÓS, VOSSA SENHORIA, FORMAS NOMINAIS, ZERO, VANCÊ, VOCÊ, TU e O SENHOR – as duas últimas

foram, novamente, as mais frequentes. As ‘relações de intimidade’, a ‘classe social’, as ‘relações profissionais’ e a ‘faixa etária’ foram os grupos de fatores selecionados – eram esses, então, os elementos que constituíam as dimensões de poder e solidariedade nesse período. A forma de tratamento TU foi preferida, em detrimento de O SENHOR, nas relações entre personagens íntimos, entre membros da classe alta, entre membros da classe baixa, nas relações assimétricas descendentes (no que diz respeito à classe social dos interlocutores), nas relações profissionais descendentes e entre iguais, nas relações de mais velhos para mais novos e entre personagens de meia-idade. Uma extensão dessa análise associou a forma de tratamento TU à dimensão de solidariedade e a forma O SENHOR à dimensão de poder – repetindo a tendência apontada nos resultados para a primeira metade do século XIX.

Na primeira metade do século XX, três foram as formas de tratamento destacadas como mais frequentes: TU, VOCÊ e O SENHOR, sendo que ainda foram identificados dados de FORMAS NOMINAIS e ZERO. No total das três rodadas estatísticas, foram selecionados como grupos relevantes ‘ambiente’, ‘classe social’, ‘faixa etária’, ‘relações familiares’, ‘relações de intimidade’, ‘audiência’, ‘ambiente’, ‘relações profissionais’ e ‘sexo/ gênero’. Esses grupos de fatores foram entendidos, por extensão, como os elementos que constituíam as dimensões de poder e solidariedade na segunda metade do século XIX. A forma TU teve destaque nos ambientes privados e formais, nos ambientes públicos e informais, nas relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, nas relações descendentes (no que diz respeito à faixa etária), nas relações profissionais entre iguais e entre personagens que não trabalham juntos. O tratamento VOCÊ apresentou bons números em ambientes privados e formais, em ambientes públicos e informais, nas relações profissionais descendentes e entre iguais, na fala masculina, nas relações simétricas da classe alta, da classe média e nas relações descendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens), nas relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, nas relações entre personagens

sem parentesco, entre não íntimos e na presença de audiência. SENHOR, por sua vez, foi a forma preferida nas relações ascendentes (no que diz respeito à faixa etária dos personagens), nos ambientes públicos e formais e nas relações profissionais ascendentes. Por isso, acredita-se que, nesse período, a forma TU estava associada à dimensão de solidariedade, a forma O SENHOR à dimensão de poder e a forma VOCÊ fluuava entre essas duas dimensões.

Na segunda metade do século XX, foram identificados dados de ZERO, TU, VOCÊ e O SENHOR. Novamente, deu-se destaque às formas TU, VOCÊ e O SENHOR. Foram selecionadas como variáveis significativas e, conseqüentemente, foram interpretados como os elementos que constituíam as dimensões de poder e solidariedade as 'relações familiares', a 'faixa etária', o 'ambiente', o 'sexo/ gênero', as 'relações de intimidade', a 'audiência' e a 'classe social'. O pronome TU teve seu uso concentrado nas relações de pai para filho, de mais velho para mais jovem, entre jovens e entre personagens de sexo/ gênero diferente. VOCÊ foi a forma de tratamento preferida nas relações entre casal, entre personagens sem parentesco, em ambientes privados e informais, em ambientes públicos e formais, em ambientes públicos e informais, nas relações de mais velho para mais jovem, entre jovens, entre personagens de meia-idade, entre personagens de sexo/ gênero diferente, entre íntimos, na ausência de audiência, entre personagens da classe baixa e nas relações sociais descendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens da díade). Por sua vez, o tratamento O SENHOR foi mais utilizado nas relações de mais jovens para mais velhos, entre homens, entre não íntimos, na presença de audiência, entre personagens de classe média e nas relações sociais ascendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens da díade). Acredita-se, portanto, que as formas TU e VOCÊ estivessem, nesse período, mais associadas à dimensão de solidariedade, ao passo que O SENHOR estaria mais relacionado à dimensão de poder.

Esses resultados permitiram não apenas que se comparassem os diferentes períodos de 50 anos dos séculos XIX

e XX, como também que se aventassem algumas questões. Uma delas é a questão dos grupos de fatores linguísticos controlados – ‘concordância verbal’ e ‘preenchimento do sujeito’. Observou-se que as ocorrências com concordância inadequada se deram todas com a forma TU, que é a única forma, dentre aquelas que se destacaram como mais frequentes, que tem marca morfêmica verbal exclusiva. Os dados classificados como “sem concordância” eram em número baixíssimo ao longo do século XIX – a maioria desses dados, inclusive, parecia estar associada a erros de impressão. Na entrada do século XX, no entanto, o índice de dados sem concordância cresce, o que possibilita associar esse fenômeno com a entrada da forma VOCÊ no paradigma dos pronomes pessoais e das formas de tratamento. Com relação ao preenchimento do sujeito, observou-se que o maior índice de sujeitos nulos se deu com a forma TU, e que o preenchimento, de maneira geral, atingiu índices cada vez mais altos no decorrer dos dois séculos, corroborando a análise de Duarte (1995).

A passagem do século XIX para o século XX é, certamente, o período em que mais questionamentos são suscitados. É nessa virada que a forma VOCÊ “invade” o sistema de tratamento, variando com a forma TU, na esfera T, e com a forma O SENHOR, na esfera V. É nesse momento, também, que o grupo de fatores ‘ambiente’ se mostra como mais significativo nas três rodadas multidimensionais realizadas, entre VOCÊ e TU, entre VOCÊ e O SENHOR e entre TU e O SENHOR. As direções apontadas pelos resultados referentes a essa variável, no entanto, parecem não mostrar uma distribuição lógica – o que pode indicar que, na escolha dos fatores desse grupo, algum detalhamento tenha sido ignorado.

Ainda com relação à passagem do século XIX ao século XX, observou-se, no delineamento do perfil sócio-histórico de Florianópolis apresentado na seção 2.3, que nessa época se dão as maiores mudanças na sociedade florianopolitana e nas relações de poder da cidade. Com a transformação do Império em República, toma conta dos governantes e da imprensa local uma “febre” de modernização e progresso, que pressupunha um contato com

outras culturas, uma abertura de Florianópolis para outras cidades, materializada na construção da Ponte Hercílio Luz.

Outras questões foram lembradas nesta pesquisa, sem, contudo, serem exploradas plenamente. Ficará para estudos futuros a tarefa de descobrir o que há por trás da noção de neutralidade, teorizada por Cook (1994, 1997) e introduzida na subseção 2.2.1, assim como da questão da distribuição complementar que as formas de tratamento apresentam em alguns contextos socioestilísticos. Além disso, será necessário ainda que se discuta como as formas de tratamento são avaliadas pelos falantes florianopolitanos.

Espera-se que este estudo, amparado na Teoria da Variação e Mudança, tenha seus resultados somados aos resultados de outros estudos sociolinguísticos brasileiros, com a finalidade de identificar formas linguísticas utilizadas em séculos passados. Sobretudo, espera-se ter contribuído para o panorama de pesquisas realizadas com dados da cidade de Florianópolis, para que se compreendam as peculiaridades do falar florianopolitano e sua estreita relação com a história social da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. T. S. *Formas de tratamento no dialeto oral urbano de Curitiba*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

ANDRADE, M. L. C. V. O. Marcas de interação na correspondência publicada em jornais. In: RAMOS, J.; ALKIM, M. (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol 5. Belo Horizonte, 2002. p. 507 - 543.

ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

BAUGH, J. A dissection of style-shifting. In: Eckert P. and J. Rickford (eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press. 2001. p. 109-118.

BRANCHER, A. A classe letrada em Desterro: entre a história e a literatura. In: BRANCHER, A.; AREND, S. M. F. (orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis, EdUFSC, 2001. p. 269-295.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CINTRA, L. F. L. *Sobre Formas de Tratamento na Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes *tu* e *você* em Santa Catarina. In: LOPES, C.;

REBOLLO, L. (orgs.). *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.

COOK, M. Formas de tratamento no português actual – Uma perspectiva sociolingüística. In: *ACIS*, Vol. 7, nº 2, Outono de 1994. p. 47-52.

COOK, M. Uma teoria de interpretação das formas de tratamento na língua portuguesa. In: *Hispania*, Vol. 80, nº 3, Setembro de 1997. p. 451-464.

CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. ed. de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2001.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. LOPES, C. R. S. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. In: RAMOS, J. M.; ALKMIM, M. A. (orgs). *Para a história do português brasileiro* Vol. V Estudos sobre mudança lingüística e história social. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2007. p. -

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FARACO, C. A. O tratamento de *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

FLORES, M. B. R. *Povoadores da fronteira Os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil*. Florianópolis: EdUFSC, 2000.

FURLAN, O. A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis, EdUFSC, 1989 (Série Didática).

GODOY, M. A. M. *A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolingüística*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, 1999.

GUIMARÃES, A. M. M. *A ocorrência de 2ª pessoa: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. e NEVES, M. (orgs.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p.17-92.

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (orgs.) *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge, Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003 [1966].

LAGO, M. C. S. *Modos de vida e identidade* Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: EdUFSC, 1996.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre *você* e *tu* no português do Brasil: sincronia e diacronia. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro II* contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EdUFF, 2008. p. 55-71.

LOPES, C. R. S.; DUARTE, M. E. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do português*: primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p.61-76.

LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. *Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região sul*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2004.

LUCCA, N. N. G. *A variação tu/ você na fala brasiliense*. Dissertação de Mestrado, UnB, Brasília, 2005.

LUCCA, N. *O estatuto do tu no português do Brasil*. Comunicação apresentada no 5º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Belo Horizonte, 2007.

LUZ, O. B. O que é um manezinho. In: AMANTE, F. H. *Somos todos manezinhos*. Florianópolis: Papa-livro, 1998. p.43-44.

MACHADO, A. C. M. *A implementação de "você" no quadro pronominal*: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2006 .

MATTOSO CÂMARA JR., J. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975 [1972].

MENDES, E. A. M. Você, o senhor, ou o quê? In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 1, No. 1, 1998. p. 135-150.

MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. In.: *Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*. Umuarama: UNIPAR/FAFID, 1995. p. 334-338.

MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.

MODESTO, A. T. T. Reflexões sobre o uso das formas de tratamento entre santistas: aspectos sociolingüísticos e funcionais. *Estudos Lingüísticos XXXV*, p. 379-385, 2006.

MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Florianópolis, 2009. Tese de Doutorado, UFSC.

MOSIMANN, J. C. *Catarinenses Gênese e história*. Florianópolis: Edição do autor, 2010.

NECKEL, R. *A república em Santa Catarina Modernidade e exclusão (1889-1920)*. Florianópolis: EdUFSC, 2003.

OLIVEIRA, V. Disponível em:
<http://pt.scribd.com/doc/13573414/formas-de-tratamento>

PAREDES SILVA, V. L. O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português*

Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/> Acesso em 02/04/2011.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 1989.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows.* User's manual. 2001.

RUMEU, M. C. B. *Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, S. C. *Nova história de Santa Catarina.* 5 ed. rev. Florianópolis: EdUFSC, 2004.

SCHILLING-ESTES, N. Investigating Stylistic Variation. CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.) *Handbook of Language Variation and Change.* Malden, Ma.: Blackwell, 2001. p. 375-401.

SILVA, L. A. Tratamentos familiares e referenciação dos papéis sociais. In: PRETI, D. (org). *Léxico na língua oral e escrita.* São Paulo: Humanitas, 2003.

SOARES, M. E. *As formas de tratamento nas interações comunicativas: uma pesquisa sobre o português falado em fortaleza.* Dissertação de Mestrado, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1980.

SOARES, Izabel Cristina R.; LEAL, Maria da Graça Ferreira. Do *senhor ao tu*: uma conjugação em mudança. *Moara*. Revista do curso de mestrado (UFPA), Belém, n. 1, p. 27-64, mar/set 1993.

WAGNER, A. P. Uma vida em comum: africanos libertos e seus arranjos familiares em Desterro (1800-1819). In: BRANCHER, A.; AREND, S. M. F. (orgs.). *História de Santa Catarina Séculos XVI a XIX*. Florianópolis: EdUFSC, 2004. p. 149-173.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundation for a theory of language change*. Austin, University of Texas Press, 1968.

ZILLES, A. M.; FARACO, C. A. Considerações sobre o discurso reportado em “corpus” da língua oral. In: VANDRESEN, P. (org.). *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 15-45.

ANEXOS

ANEXO 1: A DISTINÇÃO T-V EM DIVERSAS LÍNGUAS.

	Segunda pessoa singular informal	Segunda pessoa singular formal	Segunda pessoa plural informal	Segunda pessoa plural formal
Afrikaans	<i>jy/jou</i>	<i>u</i>	<i>julle</i>	U
Albanês	<i>ti</i>	<i>ju</i>	<i>ju</i>	<i>Ju</i>
Alemão	<i>du</i>	<i>Sie</i>	<i>ihr</i>	<i>Sie</i>
Amárico	<i>antä</i> (m) <i>anči</i> (f)	<i>isswo</i> ou <i>irswō</i>	<i>innantä</i>	<i>isswo</i> ou <i>irswō</i>
Árabe	<i>anta</i> (para homem), <i>anti</i> (para mulher)	<i>anta / anti</i> ; em alguns dialetos <i>ħaġretak</i> (sua graça) o <i>sayyidtak</i> (sua senhoria)	<i>antum</i> (para homens), <i>antunna</i> (para mulheres)	<i>antum / antunna</i> ; em alguns dialetos <i>ħaġretikum</i> ou <i>sayyidatikum</i>
Armênia	<i>դու</i> (<i>du</i>) Dialeto leste, <i>դու՛</i> (<i>tun</i>) Dialeto leste	<i>դուք</i> (<i>duk</i>) Leste (<i>tuk</i>) Oeste	<i>դուք</i> (<i>duk</i>) Leste (<i>tuk</i>) Oeste	<i>դուք</i> (<i>duk</i>) Leste (<i>tuk</i>) Oeste
Azeri	<i>sən</i>	<i>siz</i>	<i>Siz</i>	<i>siz</i> , por vezes <i>sizlər</i>
Basco	<i>hi</i> (muito íntimo, dialeto), <i>zu</i>	<i>zu</i> , <i>berorrek</i> (muito respeitoso)	<i>Zuek</i>	<i>Zuek</i>
Bengali	তুই <i>tui</i> (muito informal) তুমি <i>tumi</i>	আপনি <i>apni</i>	তোরা <i>tora</i> (muito informal) তোমরা <i>tomra</i>	আপনারা <i>apnara</i>
Bosnio	<i>ti</i>	<i>Vi</i>	<i>Vi</i>	<i>Vi</i>
Búlgaro	<i>mu</i> (<i>ti</i>)	<i>Bue</i> (<i>Vie</i>)	<i>bue</i> (<i>vie</i>)	<i>bue</i> (<i>vie</i>)

Catalão	<i>tu</i> <i>vós</i> (antigo,literário, dialeto de Ibiza) <i>Vós</i> (com Deus)	<i>vostè</i>	<i>Vosaltres</i>	<i>vostès</i>
Cazaque	<i>ceñ</i> (<i>sen</i>)	<i>ciz</i> (<i>siz</i>)	<i>ceñdep</i> (<i>sender</i>)	<i>cizdep</i> (<i>sizder</i>)
Tcheco	<i>Ty</i>	<i>Vy</i>	<i>Vy</i>	<i>vy</i>
Coreano	<i>Neo</i>	— (direto c/ uma pessoa); <i>dangsin</i> (c/ um leitor anônimo)	<i>Neohui</i>	— (<i>yeoreobun</i>)
Croata	<i>Ti</i>	<i>Vi</i>	<i>Vi</i>	<i>vi</i>
Cungo (de Angola)	<i>A</i>	<i>i/a</i>	<i>i/a</i>	<i>i/a</i>
Curdo (Norte), Kurmanji	<i>Tu</i>	<i>hân, hingo, tu</i>	<i>hân, hingo'</i>	<i>hân, hingo</i>
Curdo (Sul), Sorani	<i>To</i>	<i>êwe, to</i>	<i>Êwe</i>	<i>êwe</i>
Dinamarquês	<i>Du</i>	<i>De</i>	<i>I</i>	<i>De</i>
Gaélico Escocês	<i>Thu</i>	<i>sibh</i>	<i>Sibh</i>	<i>sibh</i>
Eslovaco	<i>Ty</i>	<i>Vy</i>	<i>Vy</i>	<i>vy</i>
Esloveno	<i>Ti</i>	<i>vi</i>	<i>vidva</i> (dual), <i>vidve</i> o <i>vedve</i> (dual - c/ duas mulheres); <i>vi</i> (plural), <i>ve</i> (plural - só c/ mulheres)	<i>vi</i> (dual e plural)
Espanhol (Espanha, África)	<i>Tu</i>	<i>usted</i> (antigo ou literário) <i>vos, vucencia,</i>	<i>vosotros</i> (masc.) <i>vosotras</i> (fem.)	<i>ustedes</i>

		<i>usía, etc.)</i>		
Espanhol da América, partes da Andaluzia	<i>tú ou vos</i>	<i>Usted</i>	<i>ustedes (vosotros, vosotras, na poesia, em hinos...)</i>	<i>Ustedes</i>
Esperanto	<i>ci (em teoria), normalment e vi</i>	<i>Vi</i>	<i>Vi</i>	<i>Vi</i>
Estoniano	<i>Sina</i>	<i>Teie</i>	<i>Teie</i>	<i>Teie</i>
Feroês	<i>Tu</i>	<i>Tygum</i>	<i>Tít</i>	<i>Tygum</i>
Filipino	<i>ka /ikaw</i>	<i>Kayo</i>	<i>Kayo</i>	<i>Sila</i>
Finlandês	<i>Sina</i>	<i>Te</i>	<i>Te</i>	<i>Te</i>
Francês	<i>tu (sujeito)/toi/te</i>	<i>Vous</i>	<i>Vous</i>	<i>Vous</i>
Frísio (Oeste)	<i>dû/do</i>	<i>jo (Jo when addressing God)</i>	<i>jimme/Jim</i>	<i>jimme/Jim</i>
Galês	<i>ti ou chdi</i>	<i>chi ou chwi</i>	<i>chi ou chwi</i>	<i>chi ou chwi</i>
Galego	<i>tu, ti</i>	<i>Vostede</i>	<i>Vós</i>	<i>Vostedes</i>
Georgiano	<i>შენ shen</i>	<i>თქვენ tkven</i>	<i>თქვენ tkven</i>	<i>თქვენ tkven</i>
Grego	<i>εσύ (esy)</i>	<i>εσείς (eseis)</i>	<i>εσείς (eseis)</i>	<i>εσείς (eseis)</i>
Holandês	<i>jij/je (Holanda, holandês padrão) gij/ge (Flandres)</i>	<i>u U o Gij (a dios)</i>	<i>Jullie</i>	<i>U</i>
Húngaro	<i>Te</i>	<i>Ön (mais formal) ou maga</i>	<i>Ti</i>	<i>Önök (mais formal) ou maguk (menos formal)</i>
Hindi	<i>tu (muito informal) Tum</i>	<i>Aap</i>	<i>tum log</i>	<i>aap log</i>
Ido	<i>Tu</i>	<i>Vu</i>	<i>Vi</i>	<i>Vi</i>
Inglês antigo	<i>thou/thee</i>	<i>ye (irregular)</i>	<i>Ye</i>	<i>Ye</i>

Inglês moderno recente	<i>You</i>	<i>you</i>	<i>you</i>	<i>you</i>
Islandês	<i>Pú</i>	<i>þér</i>	<i>Þið</i>	<i>þér</i>
Indonésio (Tagalo)	<i>Kamu</i>	<i>Anda</i>	<i>Kalian</i>	
Interlíngua	<i>tu (te)</i>	<i>Vos</i>	<i>vos</i>	<i>vos</i>
Italiano	<i>tu (te)</i>	<i>Lei</i> (arcaico <i>Ella</i> , antigo <i>voi</i>)	<i>voi</i>	<i>voi</i> (por vezes <i>Loro</i>)
Japonês	お前 (<i>omae</i>) あんた (<i>anta</i>) 貴様 (<i>kisama</i>) 手前 (<i>temae</i>) (os dois últimos com conotação hostil)	あなた (<i>anata</i>) 君 (<i>kimi</i>) (<i>anata</i> mais respeitoso que <i>Kimi</i>)	お前ら (<i>omera</i>)	あなたたち (<i>anatatachi</i>)
Javanês	<i>kowe, awakmu</i>	<i>panjenengan, sampeyan</i>	<i>kowe kabeh</i>	<i>panjenengan sedanten</i>
Kannada	ನೀನು <i>niinnu</i>	ನೀವು <i>niivu</i>	ನೀವು <i>niivu</i>	ನೀವು <i>niivu</i>
Ladino	<i>Tu</i>	<i>vozótro</i>	<i>tu</i>	<i>vozótro</i>
Letão	<i>Tu</i>	<i>Jūs</i>	<i>jūs</i>	<i>Jūs</i>
Lituano	<i>Tu</i>	<i>jūs</i>	<i>jūs</i>	<i>jūs</i>
Lombarda	<i>Ti</i>	<i>vü</i> ; ou <i>lüü</i> (male) ou <i>lée</i> (female)	<i>viòltar</i>	<i>viòltar</i> ; ou <i>vü</i> ; ou <i>lur</i>
Mandarim	你 <i>nǐ</i>	您 <i>nín</i>	你们 你們 <i>nǐmen</i>	inexistente; a forma regular de 您们 您們 <i>nínmen</i> não é usual; se usa mais 大家 <i>dàjiā</i> “todo mundo” ou 你们大家

				你們大家).
Malaio	<i>kamu</i> (padrão), <i>engkau</i> (regional, usa-se o curto <i>kau</i> , se diz "ko", ainda mais informal), <i>hang</i> (norte, entendido em todo país), <i>awak</i> (é rude, exceto para grande intimidade)	<i>anda</i> (polido, formal amigável; usado em documentos , contexto formal, propaganda . "Anda" nunca no Malaio falado; em seu lugar <i>malaio</i> s usam o nome ou título da pessoa), <i>kamu</i> (não polido, não amigável; usado em documentos - sentido de obrigação, por força de lei. Jurídico).	<i>kau orang</i> (c/ pronúncia "k'orang" indica "todos vocês"; gíria, mais informal), <i>kau semua</i> , <i>hangpa</i> (norte), <i>kalian</i> (arcaico)	<i>anda</i> , <i>kalian</i> (arcaico)
Macedônia	<i>mu</i> (ti)	<i>Bue</i> (Vie)	<i>bue</i> (vie)	<i>bue</i> (vie)
Nepali	<i>tã</i> , <i>timi</i>	<i>tapãĩ</i>	<i>timi</i> [-harũ]	<i>tapãĩ</i> [-harũ]
Noruegues	<i>Du</i>	<i>De</i>	<i>dere</i> , "de" (Nynorsk)	<i>De</i>
Oriá	<i>tu/ tume</i>	<i>aapano</i>	<i>tunemane</i>	<i>aapanomane</i>
Persa	<i>To</i>	<i>shomã</i>	<i>shomã</i>	<i>Shomã</i>
Polonês	<i>Ty</i>	<i>pani</i> (p/ mulher) <i>pan</i> (p/ homem)	<i>wy</i>	<i>państwo</i> (geral) <i>panie</i> (p/ mulheres) <i>panowie</i> (a homens)
Português	<i>tu</i>	<i>o senhor/a</i>	<i>vocês</i>	<i>os senhores/las</i>

(Portugal)	<i>vós</i> (uso regional - norte)	<i>senhora</i> (mais formal) <i>você</i> <i>vós</i> (arcaico ou literário)	<i>vós</i> (arcaico, literário ou regional)	<i>senhoras</i>
Português (Brasil)	<i>você</i> (em alguns locais <i>tu</i>)	<i>o senhor/ a senhora</i> <i>vós</i> (arcaico ou literário)	<i>vocês</i> <i>vós</i> (arcaico ou literário)	<i>os senhores/ as senhoras</i>
Quirguiz	<i>сен (sen)</i>	<i>сиз (siz)</i>	<i>силер (siler)</i>	<i>сиздер (sizder)</i>
Romeno	<i>Tu</i>	<i>dumneata / dumneavoa stră</i>	<i>voi</i>	<i>dumneavoastră</i>
Russo	<i>ты (ty)</i>	<i>Вы (Vy)</i>	<i>вы (vy)</i>	<i>вы (vy)</i>
Sérvio	<i>mu (ti)</i>	<i>BBu (Vi)</i>	<i>vu (vi)</i>	<i>vu (vi)</i>
Somali	<i>Adhi</i>	<i>adhiga</i>	<i>idhinka</i>	<i>Idhinka</i>
Sórbio (Baixo)	<i>Ty</i>	<i>Wy</i>	<i>wej (dual), wy (plural)</i>	<i>Wy</i>
Sueco	<i>Du</i>	<i>ni</i> ou <i>Ni</i>	<i>ni</i>	<i>ni</i> ou <i>Ni</i>
Tagalog	<i>ikáw</i> <i>ka</i> (sempre posposto)	<i>kayó</i>	<i>kayó</i>	<i>Kayó</i>
Tadjique	<i>my (tu)</i>	<i>Шумо (Shumo)</i>	<i>шумо (shumo)</i>	<i>шумо (shumo)</i> ou <i>шумоён (shumoyon)</i> (so mente no Tadjique)
Tâmil	நீ (nee)	நீங்கள் (neengal)	நீங்கள் (neengal)	நீங்கள் (neengal)
Telugu	<i>Nuvvu</i>	<i>meeru</i>	<i>meer-andaru</i>	<i>meer-andaru</i>
Turco	<i>Sem</i>	<i>siz</i>	<i>siz</i>	<i>siz, sizler</i>
Ucraniano	<i>mu (ty)</i>	<i>vu (vy) / Bu (Vy)</i> (corresp. oficial)	<i>vu (vy)</i>	<i>vu (vy)</i>
Urdu	<i>Êæ tū</i> (informal) <i>Êã Tum</i>	<i>Â āp</i>	<i>Êã áæ tum log</i>	<i>Â áæ āp log</i>
Uigur	<i>سەن sän</i>	<i>سەز siz</i> or <i>سەلى sili</i>	<i>سەلەر silär</i>	<i>سەزلىر sizlär</i>
Ubykh	<i>wægh^wa</i>	<i>s^ʎægh^waalh</i>	<i>s^ʎægh^waalha</i>	<i>s^ʎægh^waalha</i>

		<i>a</i>		
Yídiche	<i>du</i>	<i>ir</i>	<i>ir</i>	<i>Ir</i>

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Distin%C3%A7%C3%A3o_t-v

* O quadro retirado do site Wikipédia não é considerado uma evidência *científica* do uso diferenciado dos pronomes de tratamento através das línguas; trata-se, apenas, de uma ilustração de um fenômeno linguístico que é perceptível a ponto de receber um verbete em uma enciclopédia virtual.

ANEXO 2: BREVE SINOPSE DAS PEÇAS DE TEATRO UTILIZADAS COMO AMOSTRA.

Peças de teatro da primeira metade do século XIX

Raimundo (Álvaro Augusto de Carvalho)

Trata-se da história de Raimundo, um rapaz que foi adotado e passou da extrema pobreza para uma situação confortável, ao se tornar capitão de fragata, mas não o suficiente para ser considerado um bom pretendente para Maria, filha de fidalgos. O enredo gira em torno do amor “impossível” de Raimundo e Maria.

Brinquedos de Cupido (Antero Reis Dutra)

Na casa de Marcellino moram sua família e agregados. Bibiano, um convidado, e Alfredo, filho de Marcellino, são apaixonados por Adelaide e disputam seu amor. Entretanto, descobre-se que Adelaide é, de fato, filha de José d’Oliveira, melhor amigo de Marcellino, e que ela, Bibiano e Alfredo são irmãos. Resta, então, a Ludovino, melhor amigo de Alfredo, casar-se com Adelaide.

Quem desdenha quer comprar (José Cândido Lacerda Coutinho)

A mãe de Matilde quer que a filha se case com Avelar, fazendeiro rico e educado. Matilde, porém, é apaixonada por Salustiano, um rapaz mentiroso, contador de “causos”. A visita de Eugênia, prima de Matilde, muda os rumos da história. Ela e Avelar armam um plano para fazer Matilde perceber seus reais sentimentos.

Peças de teatro da segunda metade do século XIX

Os ciúmes do capitão (Artur Livramento)

Os ciúmes que o capitão Silvério tem de Turfbia, sua esposa, o fazem imaginar coisas e interpretar a fala dos demais personagens sempre com um sentido diferente – sempre entendendo que está sendo traído. A situação se complica quando seu filho, o gago André, se apaixona por Petronilha e pede que sua mãe fale com seu pai para permitir o casamento. Silvério, como sempre, entende errado o pedido e acaba brigando com Mathias, seu vizinho chorão e pai de Petronilha, e com Valentim, um empregado trapalhão.

A engeitada (Joaquim Antonio de São Tiago)

Paulo é forçado a abandonar sua filha, Izaura, por conta de uma armação de seu irmão, apresentado como Conde. Izaura é criada por um camponês e tem sempre por perto um fiel amigo de Paulo, José. Quando Izaura se apaixona por Alberto, Paulo se sente pressionado a voltar a encontrar a filha, já que Alberto é, na verdade, filho de seu irmão, o Conde.

A filha do operário (Ildefonso Juvenal)

Fernando é um jovem que vive uma vida dupla. Filho de um Comendador, precisa estudar Direito para satisfazer os desejos de sua família. Ao mesmo tempo, é apaixonado por Terezinha, filha de um operário, e para conseguir o consentimento de seu sogro para se casar, precisa aprender um ofício e trabalhar numa cooperativa.

Peças de teatro da primeira metade do século XX

A morte de Damião (Ody Fraga)

Dono de grandes empresas, Damião chama os presidentes dessas empresas para anunciar que vai morrer e que está dividindo seus bens.

O dia do Javali (Mário Julio Amorim)

Por engano, a Morte – um funcionário público vítima de um sistema altamente burocrático – acaba vindo buscar Vítor no lugar de um ladrão. A confusão começa quando o ladrão entra na casa de Vítor e ele já está morto. Aos poucos, a Morte percebe o engano que cometeu.

Stradivarius (Augusto Nilton de Sousa)

Um funcionário público conhecido por *Curió* herdou de seu pai uma relíquia, um violino Stradivarius. Dois repórteres, um homem e uma mulher, tentam convencer Curió a dar uma entrevista e a vender o violino. Quando Curió fica rico, casa-se com a repórter, mas logo gasta tudo o que recebeu.

Peças de teatro da segunda metade do século XX

O dia em que os porcos comerão sal (Ademir Rosa)

Três delinquentes são presos numa delegacia. O soldado responsável por eles acaba prendendo o delegado. Os três delinquentes e o soldado envolvem-se, por engano, numa revolução de proporções internacionais.

Vivo numa Ilha (Márlis Silveira da Silva)

Peri, filho de uma lavadeira, se apaixona por Conceição, filha do dono da venda. O dono da venda não aceita que sua filha namore um rapaz de classe baixa. Peri e Conceição fogem, e o dono da venda manda policiais atrás deles. A fuga dos dois termina em uma tragédia.

Flores de inverno (Antonio Cunha)

Eugênio, tempos depois da separação, corre atrás de Valentina. Sem saber que já estava na cidade certa, passa a noite na rua com Klaus, grande amigo de Valentina, sem que ambos saibam um que é o outro. Ao chegar à casa de Valentina, Eugênio tem uma triste surpresa: Valentina havia cometido suicídio com a arma que encomendou a Klaus.